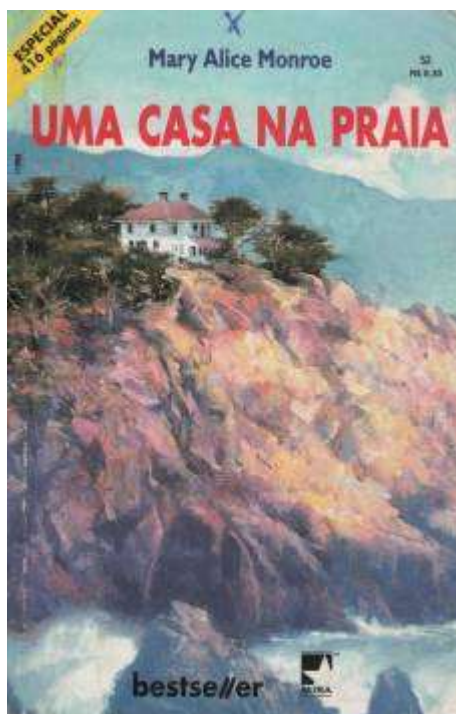


ADORO ROMANCES EM E-BOOKS APRESENTA!

UMA CASA NA PRAIA

The Beach House

MARY ALICE MONROE



Ela estava de volta, para encarar de frente as tormentas do passado!

Caretta Rutledge pensou que se havia livrado para sempre das suas raízes sulistas e rompido definitivamente os laços com sua problemática familiar. Mas um inesperado pedido de sua mãe, que chegou justamente no momento em que sua organizada vida saía do controle, fez Caretta voltar ao cenário encantador de tantos verões da sua infância e juventude. O ritmo de vida da ilha fez com que ela reavaliasse suas decisões e mudasse suas atitudes, fazendo-a tornar-se uma fiel das tartarugas e levantando-a a renovar velhas amizades havia muito consideradas perdidas. No entanto, foi o reatamento com sua mãe que lhe ensinou as mais preciosas lições de vida: o amor verdadeiro envolve sacrifícios, a família é para sempre e os erros do passado podem ser perdoados.



PRÓLOGO

Era hora do crepúsculo e um sol vermelho, brilhante, descia preguiçosamente no horizonte, onde o céu se encontra com o mar, na costa da Carolina do Sul. Lovie Rutledge achava-se em pé no alto de uma duna, sozinha, olhando as duas crianças com cabelos cor de areia que gritavam e corriam, brincando com as ondas de pegador, brincadeira velha como o tempo. Um meio sorriso fazia os cantos de seus lábios tremerem suavemente. O menino não teria mais do que quatro anos, no entanto arremetia agressivamente contra a água o bastão, que segurava adiante do corpo, firme como uma espada. Em seguida, virando-se rapidamente, corria para a praia perseguido por uma onda. O pobrezinho mais era atingido do que atingia. Mas a menina... Teria sete ou oito anos? Ali estava uma perita em brincar de pegador. Dançava na ponta dos pés, chegando atrevidamente perto da onda espumosa, instintivamente sabendo o momento certo de recuar, arrelhando a água com suas altas risadas.

Tão parecida com sua Cara, pensou Lovie, lembrando-se de sua filha mais nova. Então, começou a rir ao ver uma onda derrubar o menino, que se levantou cuspidando água. Era como seu filho, Palmer. Não muito longe, a jovem mãe das crianças andava, com o corpo inclinado, recolhendo os baldes, pás e forminhas espalhados, para colocá-los numa sacola de náilon perfurado, depois pegou as toalhas, sacudiu-as para livrá-las da areia e guardou-as, rápido, para ir embora.

Pare o que está fazendo e preste atenção em seus filhos!

Lovie teve vontade de dizer à jovem mãe. *Depressa, deixe isso de lado e vire a cabeça. Vê o abandono com que seus filhos riem? Só os muito jovens conseguem rir desse jeito. Veja como eles estão dando indícios de como são. Guarde esses momentos como um tesouro, procure saboreá-los bem porque irão terminar tão depressa quanto o pôr-do-sol. E, então, antes que você perceba, estará como eu... Será uma mulher velha sozinha e querendo trocar qualquer coisa e tudo pela oportunidade de passar pelo menos uma só tarde como esta com seus filhos, pelo menos mais uma vez...*

Cruzou os braços ao peito e abraçou a si mesma, suspirando.

— Lovie — murmurou para si, sacudindo a cabeça —, pare com isso.

E claro que não iria dizer aquilo à jovem mãe. Seria uma atitude grosseira e descabida. A mãe estava apressada, a cabeça ocupada com tudo que ainda tinha a fazer. Não compreenderia o aviso de Lovie até seus filhos estarem crescidos e irem embora. Um dia ela se lembraria daquela tarde, do crepúsculo, das silhuetas de seus filhinhos dançando na rebentação e, então... Sim, *então* desejaria ter parado tudo que fazia para segurar as mãos gorduchas dos pequenos e brincar de pegador com eles.

Lovie continuou observando a cena desenvolver-se da maneira esperada. As toalhas já estavam sacudidas e dobradas, enfiadas numa bolsa, as crianças foram chamadas e, enquanto o céu escurecia, a mãe levou seus cansados guerreiros, em fila, duna acima e em seguida desceram, saindo do campo de visão.

O silêncio reinou mais uma vez na tão familiar faixa de praia. Outro dia terminava. Na franja da rebentação um maçarico da praia deslizava ao mesmo tempo que pescava, saltitando a seu modo sobre as pernas retas. Atrás de Lovie o

capim alto balançava à brisa do anoitecer. Ela entrecerrou os olhos, agudamente sintonizada com a música noturna. Haveria apenas poucas outras noites tranquilas como aquela. Era meados de maio e a temporada turística logo cairia em cheio sobre as praias da Carolina do Sul.

Logo, também, suas amadas tartarugas do mar chegariam.

Ficou olhando para o nada enquanto, ao seu redor, céu e mar escureciam. Ao longe, em algum lugar distante das dunas que se movimentavam com o vento, sabia que a caretta estava esperando pelo seu momento. Esperando até que um poderoso instinto lhe dissesse que era a hora certa para se aventurar na praia. Todo verão, durante mais anos do que conseguia se lembrar, Lovie fazia tudo ao seu alcance para ajudar as caretas na época da desova. Naquele verão o grupo de mães-tartaruga incluiria ex-filhotes que ela ajudara a alcançar o mar vinte anos atrás. Sorriu ao pensar nisso.

Lovie caminhou até bem perto da rebentação, junto ao lugar onde as ondas se esvaíam depois de molhar-lhe os pés. Quando era criança... Oh! Tantos anos atrás!... Ela também ria e brincava de pega-pega com as ondas. Do mesmo modo que seus filhos e netos tinham brincado. Agora, ela e o mar eram velhos amigos e naquela noite não tinha vindo para brincar. Ao contrário, tinha vindo pedir consolo ao velho amigo. Ficou imóvel, sentindo cada leve toque ao redor dos tornozelos como uma carícia, ouvindo o suave murmúrio das ondas como sussurros de um amante. *Aqui... Aqui...*

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ver aquela mãe e seus filhos trouxera de volta imagens que eram, ao mesmo tempo, felizes e dolorosas. Os anos se haviam passado tão rapidamente, escoando como a areia desliza entre os dedos. Ela ergueu o queixo e enxugou com a mão uma lágrima que descera pela face. O vasto e profundo azul-escuro do céu parecia estender-se até o infinito. Aquele não era momento de chorar, advertiu a si mesma. Estava velha o suficiente para saber que a vida, assim como o mar, nem sempre jogava limpo. No entanto, acreditara que se jogasse de acordo com as regras, se fosse perseverante, um dia iria ter tempo bastante para...

Fazer o quê? Perguntou a si mesma, agitada. Ainda continuava sem saber exatamente o que faltava em seu relacionamento com os filhos. Com sua filha, principalmente. Quando pequenos, Cara e Palmer brincavam diante de seus atentos olhos, nessa mesma praia. Naquele época eram bem próximos e passavam momentos maravilhosos juntos. Mas agora os filhos tinham crescido e ela sentia cada centímetro da distância que havia entre eles, distância essa que aumentava mais com os anos.

Voltou-se e saiu caminhando pela areia na direção de três lotes que haviam ficado vagos naquele valioso trecho de praia. Subiu a pequena duna.

Por trás do terreno podia ver sua casa de praia empoleirada numa distante duna que era como uma minúscula ilha quase que oculta por uma fileira de loureiros. Sua antes vibrante cor amarela tinha faixas escuras por efeito do sol e combinava com o amarelo de gala das prímulas rupestres que cresciam sobre as dunas. Todos os ângulos, cantos e amplos painéis de vidro do chalé eram importantes para ela. O Chalé das Prímulas era mais do que uma casa de praia. Era uma pedra de toque. Um lugar de sol e felicidade para ela e seus filhos.

Lovie continuou andando na direção oeste. A luz do dia extinguiu-se e a noite tornava-se cada vez mais escura e silenciosa, a não ser pelo leve murmúrio da aveia do mar e o gentil marulho das ondas morrendo na praia. Como fantasmas do passado se erguessem entre as alucinatórias tonalidades do crepúsculo, ela suspirou profundamente, juntando as mãos como que para uma prece. Estava quase com setenta anos. Não havia mais tempo para arrependimentos ou erros, não havia mais tempo para sonhos ou para pensar em como poderia ter sido. Precisava planejar. A casa da praia e todos os segredos que ela guardava tinham de ir para mãos firmes. Muitos sacrifícios haviam sido feitos durante anos para agora deixar esses segredos a descoberto. Muitas reputações poderiam ressentir-se.

Só havia uma esperança para ela.

— Senhor — rezou as palavras arranhando-lhe a garganta. — Não estou aqui para me queixar. Sabe isso melhor do que eu, depois de todo esse tempo. Mas a Bíblia diz que o Senhor jamais fecha uma porta sem abrir uma janela. Por isso, rogo-Lhe que abra a janela. O Senhor sabe como as coisas estão entre Cara e mim. Provavelmente será preciso um milagre para que se faça a paz. Mas como o Senhor pode fazer milagres, tenho esperança. Por favor, Senhor, é tudo que peço. Não exijo mais tempo. Irei embora de boa vontade se souber que as coisas estarão em seus lugares antes de eu ir. — Deu um triste sorriso. — Terei que ir, de boa vontade ou não... sei disso também. — O sorriso se desfez quando seu rosto crispou-se de dor. — Por favor, Senhor, atenda a esta pequena suplicante. Não por mim, mas por Cara. Permita que eu brinque com minha filha mais uma vez antes de morrer. Traga minha Cara para casa.

CONSIDERE A TARTARUGA

Considere a tartaruga. Com certeza você já se preocupou e desesperou-se com o mundo, já pensou no fim da vida e em todas as coisas que parecem ameaçadas de destruição, mas a natureza continuou serena e teimosamente avançando a passo de tartaruga. A jovem tartaruga passa a infância dentro de sua carapaça. Adquire experiência e aprende o que é o mundo além daquela parede. Enquanto ela descansa, sem cuidados, no interior de sua casa esquemas audaciosos são postos em prática pelos homens e fracassam. Impérios franceses erguem-se ou caem, mas a tartaruga vai se desenvolvendo com essa mesma rapidez. O que é o verão? Tempo do ovo da tartaruga eclodir. E nasce a tartaruga pronta para viver o tempo da duração de vinte dinastias francesas. Uma tartaruga conhece vários Napoleões.

Ela não tem pressa, não se preocupa. Afinal, o grande mundo não existe tanto para ela quanto para você?

— Henry David Thoreau

Journal

28 de Agosto de 1856.

Depois de ter vivido no mar por vinte anos ou mais, a fêmea da careta volta à praia em que nasceu para nidificar.

Viaja centenas de quilômetros pelo Atlântico, com sua carapaça marrom-avermelhada, que chega a pesar cento e trinta e seis quilos, e o ovário com

centenas de ovos férteis.

CAPÍTULO I

Na imaginação, Cara havia iniciado aquela longa viagem de volta para casa uma porção de vezes no decorrer de todos aqueles anos, mas sempre havia algum projeto, algum compromisso, algum obstáculo emocional que ela mesma arranjava para não ir.

Aturdida e exausta, percorria o último trecho mais extenso desde que começara a dirigir-se para o sul, através das intermináveis e antigas planícies de plantação de algodão conhecidas como planícies litorâneas. Fazia mais de vinte anos desde a última vez que dirigira pela estreita rodovia da Carolina do Sul que se encaminhava para o mar. Durante a infância e adolescência sempre considerara esse lugar o primeiro a se dirigir. O primeiro, mesmo, que vinha antes de qualquer outro lugar do mundo.

Passou por florestas e acres de fazendas à venda, por enormes armazéns de teto plano e tabuletas desbotadas pelo sol que indicavam atalhos para amendoins cozidos, pessegueiros carregados de frutos, exposições de carros antigos e fogos de artifício. Era fim de maio. A primavera já estava cedendo lugar para o verão. Moitas de milho alinhavam-se dos lados da estrada, e além dos pinheirais Cara sabia que as flores cor de coral dos feijoeiros explodiam em chamas e lírios do brejo decoravam a várzea como se a baixada fosse uma estufa selvagem.

O pensamento de que as tartarugas-do-mar estariam voltando para casa a fim de nidificar tomou-lhe conta da mente. Ela riu alto diante da ironia.

Se alguém lhe dissesse, um ano atrás, que no mês de maio seguinte estaria se dirigindo para Charleston a fim de fazer uma longa visita à sua mãe, Cara teria inclinado a cabeça para trás e soltado aquela risada gutural tão dela. Teria dito que era impossível, com o sorriso desaparecendo do rosto e um relâmpago perpassando pelos olhos. Em primeiro lugar, seus compromissos não permitiriam. Cada minuto dos seus dias estavam duplamente reservados. No máximo, em caso de emergência, poderia voar para lá a fim de ficar um dia e voltar na noite seguinte, como fizera para assistir ao funeral do pai. Em segundo lugar, não havia outro lugar na Terra que ela menos desejasse ver do que Charleston. E nenhuma pessoa, menos do que sua mãe. O atual estado de trégua bem-educada funcionara muito bem para ambas durante os últimos anos do exílio que Cara mesma se havia imposto.

Mas, como sempre, o senso de oportunidade de sua mãe fora impecável. Onde mais alguém poderia ir, senão para casa quando não havia outro lugar à sua espera?

Seus dedos apertaram o volante com mais força. Como fora possível sua vida tão organizada sair fora de controle daquele modo? O que havia acontecido para encontrar-se de novo naquela maldita faixa de estrada que ia dar em sua casa, depois de vinte e dois anos de vida independente, depois de uma carreira de sucesso, depois de completa e máxima auto-suficiência?

Fora a carta da mãe que a perturbara. No dia anterior recebera as flores que

Lovie lhe mandava sempre no dia do seu aniversário. No momento em que, com má vontade, abrira a caixa, o perfume das gardêneas tomara conta do apartamento. No mesmo instante ela se vira de volta ao jardim murado de sua mãe, em Charleston, onde uma antiga mag-nólia exibia grossas folhas de um verde-escuro e as brancas, fortemente perfumadas gardêneas competiam com o perfume de uma trepadeira de jasmim. Abrira a carta da mãe e lera as palavras escritas em bonita letra floreada.

Feliz aniversário, querida Caretta! Jamais sinto o perfume de gardêneas sem me lembrar de você.

As coisas ficaram numa situação instável desde que seu pai morreu. Agora chegou a minha vez, digamos assim, de pôr a casa em ordem. Venha para cá, Cara, pelo menos por algum tempo. Não para a casa da Rua Tradd. Venha para a casa da praia. Sempre passamos dias maravilhosos aqui, não é?

Por favor, não diga que está muito ocupada ou que não pode sair daí. Lembra-se de que costumávamos dizer "Aproveite o seu dia de aniversário"? Será que não pode dar a si mesma um pouco de tempo de presente e passar alguns dias com sua velha mãe? Por favor, venha para casa, Cara querida. Seu pai morreu e temos que pôr uma porção de anos em dia.

Amor, Mamãe.

Talvez houvesse sido o perfume das gardêneas a lhe dar a profunda sensação de quanto estava solitária ou simplesmente o fato de alguém lembrar-se do seu aniversário. Ou, quem sabe, havia sido a desolação por acabar de perder o emprego. O fato é que pela primeira vez, depois de ter saído de casa aos dezoito anos, Cara sentira uma desesperada saudade de sua mãe.

Queria ir para casa. Para a casa em Lowcountry, onde certa vez havia sido feliz.

Cara passou pelos rios Ashley e Wando, fez uma curva final na rodovia e dirigiu-se para a nova e graciosa alça de estrada, arqueada e suspensa, que ligava o continente à pequena ilha fronteiriça denominada Ilha das Palmas. O panorama estendia-se diante dela revelando uma surpreendente vista com infinitos céu e mar azuis, que iam se tornando cada vez mais verdes quanto mais longe estavam, até chegar aonde o olhar alcançava. Sentiu-se descontrair diante de todo aquele espaço aberto.

A agitação e as buzinas das estradas repletas de tráfego pareciam um mundo distante que deixara para trás. Adiante, cortando um enorme e azul espaço entre a ondulante vegetação, estava a cintilante Hidrovia Interlitorânea e, paralelo a ela, o pequeno rio Hamlin ladeado de pontões, uns ao lado dos outros, a maior parte com barcos atracados. Caretta chegou ao ponto mais alto da ponte.

De súbito, bem à sua frente, como um formidável, porém manso monstro, surgiu a vasta, luminosa extensão azul que era o oceano Atlântico. Sob sua calma superfície havia algo vivo palpitante e poderoso. A respiração dela interrompeu-se, o corpo estremeceu e naquele instante mágico Cara teve certeza de que a água salgada do mar ainda corria rápida, em suas veias.

Estava de volta à Ilha das Palmas. Até mesmo o nome era suave ao ser pronunciado e evocava imagens de palmeiras balouçando ao vento, de tardes

tranqüilas e ensolaradas embaladas pelo murmúrio das ondas. Havia séculos a Ilha das Palmas era o refúgio dos moradores de Charleston e Colúmbia quando o verão se tornava quente demais. Então, pegavam a balsa para ir acampar nas florestas de pinheiros ou carvalhos e para dançar diante do pavilhão onde tocavam bandas famosas. Anos mais tarde haviam sido construídas pontes e estradas, então a cada temporada a população das ilhas aumentava tanto quanto o calor. Desde que se conhecia por gente, Cara passara verão após verão na Ilha das Palmas com a mãe e o irmão mais velho, Palmer. Uma de suas lembranças mais felizes era a dos três vivendo ali sem ligar para o relógio, deixando que a luminosidade do generoso sol da Carolina orientasse seus dias.

Ouvira contar que em 1989 o furacão Hugo virará a ilha de cabeça para baixo, mas nunca imaginara a extensão das modificações que o tempo poderia fazer numa paisagem. A cidadezinha antigamente era um lugar sossegado, sonolento, com uma venda de secos e molhados estabelecida entre pequenos restaurantes ilhéus do tipo cartão-postal. A Avenida do Mar era pouco mais do que uma modesta fileira de chalés alinhados diante de uma larga faixa de dunas que se movimentavam lentamente ao longo do oceano.

No entanto, há coisas que jamais mudam, pensou ela diante de um bando de pelicanos que voavam olhando atentamente para o mar, como um esquadrão de bombardeiros em patrulha. Abriu a janela e respirou profundamente o ar balsâmico da ilha. A neblina estava se desfazendo e a cada leve rajada da brisa era como se uma página do livro de sua vida virasse de trás para a frente, voltando aos dias em que era jovem e pedalava por aquela estrada na sua bicicleta, sentindo o vento empurrando seu cabelo, era como se houvesse serpentinas atrás dela. Dirigiu mais duas quadras para o sul, olhando tudo. Perdeu a respiração quando o viu.

O Chalé das Prímulas. De um delicado amarelo como o das prímulas que o emolduravam, o chalé de praia dos anos 1930 ficava mais adiante na estrada, no alto de uma suave duna.

Em contraste com todas as meticulosamente rebuscadas novas mansões, a casa de sua mãe parecia uma simples lembrança do passado brilhando na luz mortíça do crepúsculo entre ondas de capim alto, das flores púrpuras dos flo-xes e das flores amarelas das prímulas que lhe haviam emprestado o nome. Se bem que um tanto gasta pelo vento a velha casa com o telhado de duas águas e a enorme, acolhedora varanda parecia indígena, nascida entre as palmeiras. Fazia vinte anos que ela vira aquela casa pela última vez. Tantos anos desde que empreendera o que a levara da menina até a mulher de meia-idade! Estacionou no meio-fio e ocorreu-lhe que enquanto estava ocupada com sua vida em Chicago, esquecida da ilha, aquela encantadora e pequena casa ali estava, esperando pacientemente por ela.

Engrenou a marcha e movimentou o carro lentamente para dar a volta no quarteirão, chegar à parte de trás do chalé, percorrer a entrada para carros coberta de cascalho, sempre tomando cuidado para que as rodas não saíssem um milímetro sequer do cascalho e atingissem a areia. Teve que conter um ataque de riso ao ver o velho e amarelo brilhante VW conversível parado diante do alpendre. Mamãe ainda dirigia o Besouro de Ouro? O velho conversível era como uma bandeira. Todo mundo sabia que se o Besouro de Ouro estivesse diante do alpendre Olívia

Rutledge estava em casa, pronta para receber visitas.

Indo para o local de estacionar, Cara ainda podia sentir fervendo-lhe nas veias os quilômetros que percorrera. Olhou pelo pára-brisa para o que sempre havia sido "o lar" e se perguntou se agora ela também era uma visita no Chalé das Prímulas. Será que os laços de sangue ainda lhe davam o direito de chamá-lo de seu lar? Será que horas arrancando ervas daninha dos canteiros das flores e fechar milhares de vezes as janelas por causa das tempestades ou passar anos brincando no alpendre do chalé contavam alguma coisa? Suspirou e puxou o freio de mão. Provavelmente não.

Aliás, lembrava-se agora, num impulso de rebeldia juvenil, de ter dito aos gritos para a mãe que nada queria a ter a ver com ela, com seu maldito pai ou qualquer coisa que se relacionasse com eles.

No entanto, a conexão a arrastara até ali e a fazia sair do confinamento do automóvel para a fresca brisa da praia que lhe trazia o pesado perfume das madressilvas. Ficou parada, com um pé na areia o outro ainda no carro, ouvindo o rumor da ressaca às suas costas, vindo lá de trás, do mundo que ela deixara.

A essa altura uma impetuosa onda de lembranças a assaltou e ela olhou, ansiosa, para os poucos metros que ainda a separavam da porta da casa de sua mãe. Queria entrar, mas anos de ódio a enraizavam no lugar em que se encontrava. Encostou-se no carro, entregando-se à tentativa de descobrir o que poderia dizer para quebrar o gelo e conservar, ao mesmo tempo, um mínimo de auto-estima. Ficaria por uma semana, garantiu a si mesma, reunindo coragem. Talvez dez dias. Mais do que isso, a mãe a deixaria louca e as duas voltariam a discussões e palavras duras, seguidas por pesados silêncios. *Oh meu Deus*, pensou esfregando a fronte *será que cometi um erro vindo aqui?*

Ao seu redor o céu ia assumindo tons de púrpura e de azuis, os pássaros entoavam seus últimos cantos antes de voltar ao ninho, um cão latiu em algum lugar distante. Então, vindo do outro lado da casa, ouviu uma melodiosa voz feminina cantarolando.

Cara foi até o canto da casa e espiou. Vindo da praia, ela viu uma pequena mulher com um enorme, esvoaçante chapéu de palha, uma saia comprida de tecido jeans desbotado o tênis de um vermelho brilhante. Trechos da música que ela cantarolava eram levados pela brisa, por isso não a reconhecia. Num braço ela trazia pendurado um balde de plástico vermelho, sinal de que pertencia ao grupo Damas das Tartarugas da ilha. O coração de Cara disparou, mas ela manteve-se em silêncio, olhando. Daquela distância poderia facilmente confundir a mulher com uma mocinha. Parecia tão despreocupada e indiferente a tudo a não ser por admirar o campo de flores silvestres pelo qual passava. Parou por um instante, inclinou-se e colheu uma flor. Então, recomeçando a cantarolar, continuou subindo a duna na direção do Chalé das Prímulas.

O milhão de coisas que Cara pensara dizer, as centenas de poses que imaginara assumir evaporaram-se tão depressa quanto a espuma das ondas que se desfaziam na praia.

— Mamãe! — gritou.

A mãe estacou e ergueu a cabeça, olhando na sua direção. Os olhos azuis

cintilaram sob a larga aba do chapéu e a boca entreabriu-se num genuíno sorriso de felicidade. Largando o balde, ela abriu os braços numa alegre acolhida.

— Caretta!

Cara franziu o nariz ao ouvir o nome que detestava, mas percorreu a distância rapidamente, seguindo a trilha da sua infância e jogando-se nos braços da mãe. Mais alta uma cabeça, ela dobrou os joelhos e sentiu-se como sempre se sentira na proximidade de Olívia Rutledge: um desastrado elefante junto de uma boneca de porcelana. No entanto, quando os braços da mãe a rodearam e apertaram com força, foi invadida por uma sensação de felicidade infantil.

— Tive tanta saudade de você! — disse a mãe, suavemente, junto ao seu rosto. — Mas agora está em casa de novo, por fim.

Cara retribuiu o abraço, porém os muitos anos de silêncio bloqueavam as palavras. Soltou-se e, recuando dois passos, ficou surpresa ao ver o quanto sua mãe estava diferente. Olívia Rutledge se tornara uma velha. Sob o jovial chapelão de palha a pele estava pálida e parecia pendurada nas proeminentes maçãs do rosto. O brilho dos olhos azuis havia esmaecido e se bem que ela sempre houvesse sido pequena e esguia, agora estava assustadoramente magra.

Como mamãe envelheceu tanto em tão pouco tempo? Pensou Cara. Apenas há um ano e meio, por ocasião do funeral de seu pai, Olívia ainda mantinha uma qualidade atemporal de beleza e elegância.

Aos sessenta e nove anos ninguém é jovem, claro, porém Cara não podia pensar em sua mãe como *uma velha*, pois era como uma daquelas felizes mulheres nascidas com o corpo esguio de menina e rosto tão cheio de frescor e naturalmente bonito quanto às flores silvestres que adorava. O pai de Cara costumava dizer que se casara com ela porque era tão adorável quanto parecia. E isso era verdade. Todos amavam Olívia Rutledge, a "Lovie" para os que a conheciam bem. Mas sua filha sabia o preço que aquele sorriso constante custara à sua mãe no decorrer dos anos.

— Como vai? — perguntou Cara, examinando-lhe o rosto. — Você está bem?

— Oh! Sim, estou bem — respondeu ela, afastando o tom de preocupação de Cara com um aceno de mão. — Nada há que se possa fazer para deter os estragos do tempo nas ruínas de Roma. Bem que tentei... — Seus olhos brilhavam fitando a filha. — Mas olhe só para você! Está maravilhosa!

Cara olhou para baixo, para sua amassada blusa branca e jeans escuros que só chegava até pouco abaixo da cintura. Nesse dia, acordara antes de amanhecer, lavara o rosto com água fria e vestira-se às pressas, sem perder tempo com maquiagem e deixando os cabelos negros descerem soltos até pouco abaixo dos ombros.

— Estou nada. Minhas roupas são como trapos e estou cheirando a comida de beira de estrada.

— Para mim está maravilhosa. Não posso mudar isso. Veio, mesmo, filha! Eu quase desmaiei quando você telefonou dizendo que viria. Graças a Deus.

— Mamãe, Deus nada tem a ver com isso. Você me escreveu um carta pedindo que viesse e eu vim.

— Isso é o que você pensa... Sou velha o bastante para saber mais. Porém não vamos discutir agora. — Olívia tornou a abraçar a filha, com suavidade. — Rezei para que você voltasse e minhas preces foram atendidas.

Começaram a andar lentamente para casa, conversando. De repente, Lovie voltou-se e encarou a filha, séria.

— Por que me olha desse jeito?

— Desse jeito, como?

— Como se estivesse em estado de choque.

— Não sei, mãe... Você me parece diferente... tão... feliz.

— Claro que estou feliz! Por que não estaria? Cara sacudiu os ombros.

— Não sei... Acho que pela sua carta achei que estaria se sentindo solitária. Talvez um tanto deprimida. Não faz assim tanto tempo que papai morreu...

A expressão de Lovie modificou-se e, como sempre, a filha não conseguiu identificar a emoção oculta atrás do sorriso.

— Eu não queria que minha carta parecesse triste... Esperançosa, talvez.

— Sente saudade dele?

Olívia acariciou o rosto de Cara.

— Senti saudade de você. Principalmente quando vinha para cá. Passamos dias muito felizes nesta ilha, não?

Cara fez que sim, tocada pela emoção que havia na voz da mãe.

— Passamos, sim. Você e eu. Palmer também.

Ela evitou citar o pai. Ele raramente ia à casa da praia, preferindo ficar na cidade ou viajar. E se bem que o fato nunca houvesse sido discutido por eles, era tacitamente entendido que em todos os verões esse era o melhor arranjo.

— Oh! sim — concordou Lovie com um risadinha. — Palmer também.

— Como está o selvagem e maluco do meu irmão?

— Nem tão selvagem e nem tão maluco. Está mais para coitadinho...

As sobancelhas de Cara ergueram-se.

— Bem, essa resposta não combina com você. Pelo que me lembro, você e papai mantinham rédeas curtas quando Palmer percorria os perigosos caminhos e ondas da juventude. Eu pensava muito a respeito... quando superava o choque de vê-los criticar o herdeiro real.

Lovie apenas riu.

— Quanto tempo você vai ficar?

— Uma semana.

— Só isso? Cara, meu bem, você vive sempre tão ocupada! Por favor, fique um pouco mais.

Cara viu-se obrigada a reconsiderar. Na verdade, não tinha prazo para voltar e sua mãe parecia tão ansiosa... Além disso, seria gostoso relaxar um pouco.

— Talvez possa ficar mais uns dias. Por isso é que é bom dirigir: nada de passagens com dias e horas marcadas. — Fez uma pausa. — Tudo bem se eu ficar, mesmo?

— Tudo mais do que bem, perfeito. — Lovie deu umas palmadinhas no braço da filha e levou-a pela trilha, em direção à casa. — Vamos entrar. Você deve estar exausta com a longa viagem. Está com fome? Não tenho nada pronto, mas posso preparar algo.

— Não se preocupe. Eu nada fiz a não ser dirigir por quatorze horas...

— A que horas saiu de Chicago?

— Antes das cinco — respondeu Cara, abafando um bocejo.

— Por que forçar-se desse jeito, querida? Você poderia ter vindo em dois dias, até em três, parando em alguns lugares durante o caminho. As montanhas são lindas nesta época do ano.

— E... Mas você me conhece. Quando pego uma estrada gosto de chegar aonde estou indo.

— Isso mesmo, você é assim — anuiu a mãe, com um brilho divertido nos olhos. — Sempre foi.

Olhando para o chalé enquanto subia os degraus para o alpendre, Cara notou os sinais de sua longa vida. Ele estava pior do que pensara. O alpendre dos fundos precisava de reparos, o mato ameaçava invadi-lo, a veneziana de uma das janelas havia desaparecido e em muitos lugares a tinta achava-se descascada, deixando a madeira à mostra.

— Parece que nossa casa está precisando de um trato.

— Esta pobre e velha casa... Chuva, sol e vento a têm maltratado muito. E um tal de se expandir com o calor intenso, depois contrair-se com o frio...

— É muita coisa para você fazer sozinha. Palmer não a ajuda a manter a casa em ordem?

— Palmer? Bem, ele tenta, mas a nossa casa da cidade o mantém ocupado o tempo todo com a enorme lista de tarefas. Além disso, tem que cuidar do trabalho... E da família. — As sobrancelhas dela uniram-se e os lábios se apertaram sinal de que estava segurando o que ia dizer. — Ele tem as suas preocupações e eu me viro muito bem sozinha. Oh! veja as minhas prímulas — exclamou, indicando o amplo canteiro. — Não estão lindas este ano? — Fechou os olhos e aspirou profundamente o ar. — Dá para você sentir o leve odor de limão delas?

Cara não sabia se a mãe mudara propositalmente de assunto ou apenas se distraíra. Mas podia sentir os quilômetros que percorrera naquele dia no peso da bolsa de viagem pendurada em seu ombro e a última coisa que queria era permanecer ali, de pé na envolvente escuridão que se adensava e entre o perfume das flores.

— Estou mesmo acabada, mãe, e preciso de algo bem gelado, molhado e alcoólico, se você tiver.

— Que tal um gim tônica? Cara quase ronronou.

Passaram pelo alpendre em mau estado, decorado com móveis de vime, uma velha bolsa de praia cheia de objetos praiheiros e utensílios enferrujados de jardinagem. Lovie parou, com a mão apoiada na parede enquanto sacudia a areia dos tênis. Cara reparou com um sobressalto que havia uma faixa branca no dedo anular da mãe, onde um anel de ouro e com diamante Tiffany permanecera durante anos.

— Mamãe, onde está seu anel de noivado?

Sem jeito, Lovie olhou para a mão e em seguida começou a bater a areia da saia.

— Oh! Aquela enorme coisa velha? Guardei o anel depois que o seu pai morreu, porque o usava apenas para agradá-lo. Jamais gostei de usá-lo. Incomodava-me tanto, principalmente aqui na praia. Um dia eu o darei a Cooper, para que ele dê à sua noiva.

Cooper era o filhinho de Palmer e, de acordo com as normas, sua mãe estava apenas querendo passar o orgulho da família Rutledge para seu único neto, herdeiro do nome.

— Bata os pés, querida... Eu jamais gostei que a casa ficasse cheia de areia. Cara assim fez.

— O que estava fazendo na praia até tão tarde, mãe?

— Sabe, já temos dois ninhos de tartaruga!

Os olhos de Cara brilharam tanto de divertimento quanto de resignação.

— Pensei que vocês fossem atrás de ninhos pela manhã.

— E isso mesmo, mas eu queria ver se tudo estava em ordem. Você me conhece. Fico toda agitada quando a estação começa. — O rosto dela espelhou aflição. — Não mudei um dos ninhos e não tenho certeza de ter feito bem. Costumo mudá-los e esse está muito perto da linha máxima da maré alta. — Estalou a língua e sacudiu a cabeça. — O Departamento de Recursos Naturais tem sido muito exigente e não admite que se mudem os ninhos a não ser que seja absolutamente necessário. Oh! Não sei...

— Ela estava realmente preocupada. — Se a maré subir mais a ninhada vai se perder. Talvez eu devesse mudá-lo.

— Mamãe, você já tomou a decisão. Está feito. Esqueça... No trabalho, Cara via-se obrigada a tomar mil decisões

por dia e jamais compreendera como uma pessoa podia ficar indecisa. Mas sabia que não era apenas a indecisão de Lovie que a irritava. Eram as tartarugas. De maio a outubro, todos os anos desde que conseguia lembrar-se, a vida de sua mãe girava em torno das caretas. E, por isso, ela se esquecia quase completamente dela e do seu irmão.

— Eu sei, você tem razão. Não posso mais mexer nos ninhos como bem entendo e estou nervosa. — O rosto dela tornou-se sombrio antes de voltar-se para

a porta. — Entre, vou preparar o seu gim tônica.

Mais um passo e Cara entrou na casa, em seguida, sentiu-se como se flutuasse para trás no tempo. O chalé da sua mãe era um dos poucos originais remanescentes na ilha. Estava bastante desgastado, era pequeno, mas confortáveis Paredes e soalho de madeira aqueciam os pequenos cômodos que Lovie mantinha imaculados. A inclinação dela por conforto e beleza evidenciava-se nos velhos e gastos tapetes orientais, nas paredes pintadas de cor marfim e adornadas com fotos da família, nos quadros com paisagens da ilha leitos por artistas locais, muitos deles velhos amigos. Desparelhados, velhos sofás, poltronas e cadeiras agrupavam-se em esparsos mas simpáticos arranjos diante da janela que oferecia uma espetacular vista do oceano.

As peças tradicionais e antigas, heranças da família, estavam na casa em Charleston, longe da ameaça de furacões, crianças e visitas de maio. Apenas as peças "não tão boas" Unham sido levadas para a casa da praia. Os amigos de (lara sempre queriam ir brincar na casa dela porque sua mãe jamais dizia "Tirem os pés de cima do sofá!", "Cuidado!", "Não mexa nisso!" Havia sempre chá, gelado e doce, na geladeira, e bolos, biscoitos, no armário. A vida na praia era muito diferente da vida na cidade. De muitas maneiras.

Saindo da sala de estar, ela entrou atrás da mãe num pequeno corredor que ia dar nos quartos. Os que ficavam mais no fundo mais ao fundo eram um dela e o outro de

Palmer. Enquanto andava sentia a pressão das lembranças espreitando das paredes mofadas e dos cantos escuros.

— Seu quarto está pronto — disse Lovie, abrindo a porta. Uma rajada do vento do mar entrou pela janela e espalhou-se no corredor.

— Quer que eu feche a janela? — acrescentou sua mãe.

— Não, assim está ótimo. Gosto da janela aberta.

Como era bom Lovie não gostar de ar condicionado, pensou, inalando com prazer o ar úmido e adocicado que parecia chegar até os ossos, fazendo enorme bem. Estavam uma diante da outra.

— Já coloquei toalhas limpas no banheiro — disse Lovie, com um gesto rápido.

— Está bem, mãe.

— Pode usar o que precisar, lá já tem sabonete e xampu, além de uma escova para dentes nova.

— Eu trouxe a minha, mas obrigada.

— A água quente custa a chegar...

— Eu me lembro.

— Bem, então...

Lovie juntou as mãos numa atitude de ansiedade. Houve um momento de desconforto, como se fossem duas estranhas.

— Vou deixá-la descansar — continuou.

— É ótimo.

Mas sua mãe ficou parada no umbral, com uma das mãos na porta e tanta aflição no rosto que Cara precisou desviar o olhar diante da ardente intensidade.

— Não se apresse — acrescentou Lovie, saindo por fim.

Fechou a porta atrás de si e Cara deu um profundo suspiro de alívio, em seguida soltou a bolsa de viagem no chão, que fez um ruído abafado. Tudo bem no primeiro tempo pensou ela, considerando-se os pontos de atrito que haviam evitado. Sentia-se exausta da longa viagem e a tensão do encontro com a mãe provocara um inquietante latejar nas fronteiras. Esfregando a nuca, observou lentamente o velho quarto. Impressionante, ele continuava do jeito que o deixara havia vinte anos. A antiga cama de casal de ferro coberta com uma colcha de vibrante rosa choque ocupava a maior parte do espaço. Cortinas de algodão listado rosa e branco esvoaçavam na única janela ao lado da pesada penteadeira de pinheiro com mármore rosa. Uma porta estreita ao lado da janela dava para o alpendre.

Era o quarto de uma menina, confortável apesar de simples. Seus pôsteres de estrelas do rock haviam sido substituídos por quadros com palmeiras, porém todos seus velhos livros ainda estavam ali. Passou os dedos sobre os títulos que haviam preenchido seus verões durante anos: *O Destino de Nancy*, *Um Planeta que Gira Muito Rápido*, *Hobbit*, *Os (i)mos do Wuthering*, *Zen e a Arte da Manutenção da Motocicleta*. Palavras que haviam ajudado a formar sua mente juvenil. Que livros ela precisava para ajudá-la a enfrentar a nova fase da sua vida?

Viu a própria imagem no espelho e imobilizou-se, surpreendida pelo reflexo. Era um momento irreal, fragmentado pelo tempo. De volta ao antigo quarto, esperava ver a garota magrinha, com os cabelos divididos ao meio e presos atrás das orelhas com barbante, que certa vez fitara-se naquele espelho com os olhos cheios de lágrimas. Aquela pobre, lamentável menina.

Pelos padrões sulinos de beleza, Cara não era considerada uma maravilha, como sua mãe. Suas extremidades eram todas grandes demais. Com um metro e setenta e quatro, era muito alta, o corpo magro em exagero e o peito muito chato. Seus pés eram enormes e os lábios cheios demais para o rosto miúdo. E seu colorido era todo errado. Acusava a Deus por tantos erros, por ter-lhe dado a altura, olhos e cabelos negros do pai, ao passo que Palmer tinha a ossatura delicada, olhos azuis e cabelos loiros da mãe.

No entanto, Lovie adorava os resultados dos genes escuros herdados pela filha e costumava chamá-la de sua pequena andorinha-do-mar por causa dos olhos e cabelos muito negros e brilhantes.

E às vezes, brincando, chamava-a de gaivota-de-cabeça-escura, outra ave marinha de cabeça negra e canto alto, vibrante.

Cara aproximou-se mais do espelho, ergueu a mão e passou-a pelo rosto, sentindo a pele macia. Apelidos à parte, o Sul dos anos 1960 e 70 não era uma região agradável para uma garota sem graça e magrela crescer. Mas acontece que o pequeno patinho feio tornou-se um lindo Cisne Negro. A antes apagada Cara amadurecera, tornando-se o que seus colegas agora definiam como "irresistivelmente atraente" e sua antes esnobada inteligência se transformara em "a fascinante confiança de uma mulher de negócios".

Nessa noite, entretanto, essas descrições pareciam ultrapassadas. Ela já não era criança e nem jovem. No reflexo ao espelho percebia uma nova fragilidade em sua pele, finas linhas nos cantos dos olhos e da boca, os primeiros fios de cabelos brancos nas têmporas. Pensou, com tristeza, que já não era fascinante e nem confiante. Ao contrário, parecia tão gasta e insegura quanto a velha casa da praia.

Vou me deitar e descansar um pouco, disse a si mesma, afastando-se do espelho e tirando as roupas. Deixou-as no chão, formando uma pilha. Apenas de sutiã, calcinha e camiseta, deitou-se de costas sobre as cobertas, sentindo o colchão macio. Bocejou. *Apenas o bastante para meus olhos descansarem*.

A velha colcha crespa e a brisa do mar, úmida e balsâmica, acariciavam-lhe a pele nua. Sua mente foi-se apagando com lentidão, as pálpebras tornaram-se pesadas e ela sentiu que se esvaía aos poucos. A vida que levava até poucas horas atrás parecia-lhe tão distante quanto agora se encontrava de Chicago. A medida que seu cérebro se nublava, o silêncio tornava-se mais profundo. Lá fora, pela janela, ouvia o movimento eterno e rítmico do oceano, embalando seu sono como o gentil movimento de braços maternos.

Sua mente flutuou indefesa, como uma tábua na turbulência dos acontecimentos dos últimos dias que a haviam levado a fazer aquela viagem. Tudo começara na terça-feira pela manhã, quando o telefone da sua sala tocara e ela fora convidada, sem qualquer aviso, para ir à sala do senhor David Alexander. Dave era o vice-presidente executivo do bloco do corta-cabeças. Todo mundo sabia que um convite para ir à sala dele era o equivalente a um convite para um longo passeio de carro com o pessoal da Máfia.

Por que eles simplesmente não lhe davam um tiro, pensava ela enquanto subia de elevador para o trigésimo andar. Era uma trabalhadora compulsiva que se dedicava apenas ao trabalho e estava por ser afastada do maior interesse da sua vida. E verdade que perdera uma importante conta, mas aquilo acontecia muito no campo da publicidade. Tinha uma folha de serviço invejável e já estava trabalhando para pegar outra grande conta. Enquanto caminhava pelos corredores, tinha noção do inusitado e tenso silêncio que reinava nos cubículos cinzentos e salas maiores, rompido apenas por um toque ocasional de telefone seguido por um soluço abafado. Uma fileira de arquivos vazios estendia-se, encostada à parede e, o que era ainda mais assustador, guardas armados postavam-se às portas dos elevadores. Ela engolira com dificuldade e caminhara com pernas rígidas pelo verdadeiro labirinto de corredores e salas. Afinal de contas, não eram boatos, mas sim verdades. Cabeças estavam rolando em grande escala.

Ao chegar ao escritório do senhor Alexander sentira o corpo molhado de fino suor. Mal sentara-se na beira da poltrona, recusara o oferecimento de café e água. Afinal, não houvera qualquer surpresa. Ele a informara com sua fina voz nasal de que sentia muito, porém como funcionária executiva ela deveria arcar com o peso da perda de uma conta importante. Enquanto ouvia a arenga dele a respeito do generoso pacote de demissão da empresa, Cara cruzara as pernas, descansara as mãos no colo e, aturdida pelo choque, ficara olhando para além da vidraça da ampla janela. Quando a humilhante sessão terminara erguera-se, agradecera polidamente ao senhor Alexander por ter-lhe roubado tanto tempo, dissera que viria pegar suas coisas pessoais outro dia e saíra do edifício... acompanhada por um guarda armado.

Fora direto para casa e fechara-se em seu pequeno quitinete que dava vista para o lago. Aquele espaço acanhado representava cada centavo que conseguira

economizar nos últimos vinte anos. Dera preferência a ele, por ocasião da compra, por causa da proximidade com a água, o último vestígio da saudade que tinha de casa naquele exílio. No entanto, sua casa não se revelara um porto seguro para quem voltava ferido por pedradas e flechadas. Não era uma casa que vivera séculos ou que abrigara membros da família. Aquelas paredes não guardavam lembranças de risos ou de momentos preciosos. Com seu estilo minimalista, as frias cores gelo e cinza-azulado das paredes, as cortinas, tapetes e a escassez de toques pessoais, ali não havia o menor vestígio de sua personalidade ou interesse. Era um apartamento para o qual ela ia todas as noites, simplesmente para dormir. Era o local onde guardava suas posses sem significado, como que encerradas em uma caixa-forte de banco. E isso era tudo que tinha no mundo. Era assustador acordar à beira dos quarenta anos para descobrir que não tinha amigos, interesses nem investimentos em nada que não se relacionasse com trabalho. Havia adiado demais, não colocara as coisas nos devidos lugares enquanto ainda era tempo. Definira a si mesma de acordo com seu trabalho e agora, de repente, tudo havia desaparecido e estava de volta à casa da sua mãe, na cama em que dormira quando criança e tudo continuava tão incerto aos trinta e oito anos como era quando tinha dezoito.

Cara abraçou-se a si mesma e estremeceu, sentindo aquele tipo de frio amargo, que atinge até a medula. Aquele tipo de frio do qual tinha tanto medo.

Algun tempo depois, não tinha certeza se sonhara ou se de fato sentira a mão da mãe tocar-lhe a fronte e, depois retirar-lhe os cabelos do rosto, Lovie lhe dera um suave beijo na testa. *A fêmea da careta volta ao local em que nasceu para nidificar. É uma lembrança atávica ou o gene que impõe esse comportamento?*

Cheiros ou sons? Talvez campos magnéticos?

Ninguém sabe com certeza.

CAPÍTULO II

A lua da Carolina do Sul é capaz de ninar alguém fazendo-o dormir, porém o sol litorâneo é forte e penetrante como o toque de um clarim. Cara entreabriu um só olho a fim de suportar a luz do sol que entrava pela janela aberta. Precisou de alguns momentos para localizar onde estava e registrar o contraste entre o clamor de buzinas de carro com o infundável e agradável canto de pássaros. A longa viagem, a perda do emprego... Indo voltou-lhe à mente como um relâmpago eneguedor. Temendo, colocou o travesseiro sobre a cabeça justamente no momento em que o telefone começou a tocar.

Quando ficou evidente que ninguém iria atendê-lo, jogou o travesseiro de lado, puxou a camiseta para baixo, até cobrir a calcinha, levantou-se e arrastou-se como um caranguejo até o pequeno hall de entrada onde, sobre uma pequena mesa de armar, ficava o único telefone da casa.

— Alô... — atendeu com voz rouca. Houve uma pausa.

— Olívia?

A voz da mulher, do outro lado da linha, soara incerta.

— Não, aqui não é Lovie — explicou Cara, abafando um bocejo. — E a filha dela.

— Oh! — Outra pausa. — Eu não sabia que Lovie tinha uma filha.

Cara esfregou os olhos e esperou.

— Posso falar com sua mãe? — acrescentou a mulher. Ninguém lhe fazia esta pergunta havia vinte anos. Cara piscou sonolenta, depois deu uma olhada na sala de estar. A casa estava quieta como um camundongo.

— Ela não está.

— Mas... Encontrei rastros de tartarugas!

Levando em conta o pânico na voz, ela imaginou que a mulher deveria ser uma das novatas do grupo Damas das Tartarugas da ilha.

— Que ótimo — respondeu. — Obrigada. Direi a ela as; que Lovie voltar.

— Espere! Não quer saber onde encontrei os rastros? Estou no acesso à praia da Sexta Avenida. O que devo fazer? Fico esperando aqui?

Cara suspirou e acordou um pouco mais.

— Na verdade, não tenho a menor idéia do que a senhor deve fazer e sem tomar café não posso nem sequer aventurar-me a adivinhar.

Naquele momento veio do alpendre o rumor de alguém subindo os degraus. *Graças a Deus, aí vem o reforço!* Pensou;

— Um momento — disse à mulher ao telefone. — Acho que ela está chegando.

Esticou o fio do telefone para espiar. A porta da frente abriu se, mas em vez de sua mãe viu uma jovem prestes a entra na casa com ar perfeitamente à vontade. Fartos cabelos loiro caíram-lhe sobre os olhos quando ela entrou na sala, carregando várias sacolas de plástico repletas de compras. Com u resmungo a jovem fechou a porta com um chute.

Era muito atraente. Em geral, grávidas não o são. Usava um vestido com flores em tons pastel, feito de um tecido barato de fibra sintética que parecia maior na frente, onde se alargava sobre o ventre intumescido. Só então ela ergue a cabeça, num gesto rápido que jogou o cabelo para trás, os olhos das duas se encontraram.

Cara recuou depressa a cabeça e puxou a camiseta par baixo. Em contraste, a moça não demonstrou surpresa por encontrá-la na casa, foi para a cozinha, sem sequer dizer "oi" e começou a abrir e fechar armários como se fosse dona do pedaço.

— Desculpe — disse Cara, com autoridade —, quem você?

— Sua mãe não lhe falou a meu respeito? — respondeu a moça, lá da cozinha, com um forte sotaque rural sulino.

Só então Cara se deu conta de que adormecera sem comer nada e sem dar boa-noite à mãe. Não tinham tido chance de conversar sobre acontecimentos, vizinhos ou uma moça que iria para lá de manhã. Imaginou que se tratasse de uma vizinha ou alguém contratado para ajudar nas compras e cuidar da casa.

Do telefone veio a voz estridente:

— Alô! Alô! Tem alguém aí?

Em vez de responder, Cara gritou para a moça na cozinha:

— Estou ao telefone com uma desvairada às voltas com tartarugas. Você sabe onde minha mãe está?

— Deixe que eu falo com ela.

A voz da recém-chegada soou mais perto e em seguida ela estava diante de Cara, que constatou que, mais do que jovem, era uma adolescente. O rosto bonito da mocinha lembrava o de uma boneca sexy com faces cheias e lábios polpudos. Sua extrema juventude a surpreendeu e Cara olhou para o ventre volumoso. Instantaneamente uma das mãos da jovem ergueu-se e deslizou pela curva arredondada. Ao erguer o rosto de novo, viu que os olhos de um cinza pálido da moça se tornavam gelados. Delineados por rímelas negras, espelhavam um desafio tão intenso e deram uma aparência tão dura à jovem que Cara sentiu-se desconfortável. Com uma das sobrancelhas erguidas, o que tornava sua expressão quase maliciosa, a moça retribuiu percorrendo-a com o olhar, friamente, de alto a baixo. Por um instante nenhuma das duas falou, contentando-se em medir uma à outra.

A voz da mulher ao telefone irrompeu entre elas:

— Alô! Alô!

A jovem estendeu a mão, com a palma para cima, e movimentou os dedos, num pedido ou ordem. Cara estreitou os olhos e deu-lhe o telefone. A moça deliberadamente voltou-lhe as costas, em atitude de pouco caso, e começou a falar com a mulher, confirmando o endereço e dando instruções com a segurança de quem já fizera isso inúmeras vezes antes.

Mas que sujeitinha metida! Pensou Cara, ofendida. Porém, a exaustão pôde mais.

— Deixa pra lá — resmungou, dirigindo-se para o corredor.

Pelo menos a menina, fosse ela quem fosse, sabia o que fazer com aquele telefonema idiota.

Ao passar pelo quarto do irmão, a porta estava aberta. Olhando para dentro, viu parte da cama desarrumada e uma camisola cor-de-rosa cheia de babados.

O mistério parecia esclarecido. A moça é uma hóspede, decidiu. Tratava-se, pois, de reunião particular com Lovie e uma mãe-menina que não estava em seus planos. O chalé era grande o bastante para duas mulheres, mas com três ficava superpovoado. Isso devia ser bastante claro também para a recalcitrante mãe adolescente que demonstrou-se aborrecida com a presença dela ali. Se Cara soubesse que havia hóspede no chalé...

Já no seu quarto, pegou do chão o travesseiro que havia caído, recolocou-o na cama, para em seguida socá-lo, revoltada. Afinal, o que estava esperando? Sua mãe sempre colocara os outros antes dela: seu irmão, seu pai e hóspedes que pareciam brotar continuamente na casa de Charleston.

Mas na casa da praia sempre havia sido diferente. Ela esperara que lá...

Franziu os lábios com despeito e chamou-se de boba. Desde adolescente

aprendera a tomar cuidado e jamais esperar coisa alguma. Na crua luminosidade da manhã o quarto já não parecia tão encantador. A cor da colcha estava desbotada em alguns lugares pelo sol e as paredes agora mostravam-se amareladas. Se bem que uma suave brisa agitasse as puídas cortinas, sem ar condicionado o calor e a umidade seriam brutais ao meio-dia. Cara começou a se arrepender por ter vindo.

E já se anunciava a enxaqueca causada por tantos dias de nervosismo e pouco sono. Deitada de costas, socou o travesseiro mais algumas vezes, pois os pensamentos perturbadores foram apagados por profundo e pesado sonho.

Toy Sooner achava-se na cozinha, de pé junto à pia, lavando a cafeteira e mudando o peso do corpo de um pé para outro, tal era sua agitação. Colocou cuidadosamente seis colheres de sopa de pó de café no filtro de papel, despejou água no recipiente, tapou a cafeteira e ligou a máquina. Sabia que Lovie gostava de tomar uma caneca de café fresco toda vez que chegava em casa depois da ronda das tartarugas. Toy havia ido ao supermercado Vermelho e Branco comprar uma caixa de sonhos de creme. Não tinha muito a fazer para demonstrar à senhora Lovie o quanto era agradecida e a ouvira dizer mil vezes que nada tinha a agradecer. E isto fazia Toy querer, mais do que nunca, agradecer-lhe.

Não estava acostumada com pessoas que lhe faziam um favor sem querer nada em troca. Morar naquele chalé parecia-lhe um sonho tornado realidade. Eram a casa e o lugar mais lindos em que já morara e tinha um quarto apenas para si. O melhor de tudo é que ali não havia ninguém brigando ou implicando com ela o tempo todo. Antes de ir morar no chalé jamais soubera que as horas de comer podiam ser maravilhosas, numa mesa com toalha e guardanapos limpos, garfo, faca e colher... Em todas as refeições!

E as duas faziam refeições regulares. Não abriam uma lata de sopa ou um saco de papel com comida do McDonalds, mas tinham almoços e jantares de verdade, com verduras, legumes e tudo. Lovie conversava com ela como se fosse alguém que merecia falar também, além de ouvir. Não a tratava como se fosse uma garota imprestável, ingrata e burra o bastante para se deixar engravidar, como seus pais diziam. Kl es haviam ficado diante da porta do trailer, naquele dia «•m que ela tentara entrar em casa, e lhe tinham dito:

— Se você é adulta o bastante para andar por aí se esfregando com Darryl, é também adulta o bastante para cuidar do filho dele.

Que espécie de pais eram os seus? Não haviam sequer tentado ajudá-la quando dissera que Darryl tinha batido nela.

— Você fez sua cama, agora deite-se nela.

Fora tudo que eles lhe haviam dito. Isso e que ela devia ir para a igreja e rezar muito para que Deus a perdoasse por ter pecado.

Mas Lovie lhe dissera uma porção de vezes, que amar uno é pecado. *Não amar* é que era o pior dos pecados, afirmara ela. A senhora Lovie era a pessoa mais santa que já encontrara e Toy acreditava em tudo que ela dizia, pois tinha um jeito de fazê-la sentir-se bem consigo mesma em vez de se sentir como se fosse nada... Ou, pior do que nada, como algo que devia ser jogado fora. Era assim que sua mãe a fizera sentir-se.

Por isso ficara tão mal ao pensar que a filha da senhora Lovie não sabia dar valor à mulher que era sua mãe. *Gostaria de vê-la passar um dia com a minha mãe*

para ver como ela iria sentir-se! Pensou Toy ressentida.

Quando soubera que Caretta Rutledge ia voltar para casa Toy tivera certeza de que era má notícia para ela. Primeiro de tudo, a senhora Lovie lhe dissera que a filha era uma importante executiva de Chicago. Imagine! Toy conhecia o tipo. Não era justo que algumas garotas tivessem nascido no lado certo da cidade e ido às melhores escolas. Ou que vestissem roupas caras e morassem em casas de luxo. Era como se as moças como Cara tivessem a certeza íntima de que eram melhores do que as outras. Elas nada tinham a provar.

Era assim que os ricos permaneciam ricos, achava Toy. Eram como sócios de um mesmo clube com um código secreto que apenas eles conheciam e que gente como ela jamais iria conhecer. Como se fizesse questão disso!... Pelo jeito que Cara olhara para seu ventre crescido tivera absoluta certeza de que fora reprovada. Toy tinha profunda experiência de ser olhada de cima para baixo, mas era duro sentir-se rejeitada naquela casa onde afinal tinha sido tão feliz.

Limpou as manchas de café com uma esponja. Adorava tudo naquela casa e sentia-se feliz em mantê-la limpa e arrumada. Desde que se conhecia por gente vivia num caos, com roupas e jornais jogados por todo lado, raramente a roupa sendo lavada e a casa, limpa. Não se lembrava de alguma vez ter tido toalhas impecáveis dobradas num armário ou flores na mesa. Morar ali era como estar num outro mundo. Ao abrir o guarda-louça, ainda agora, sentia um arrepio de prazer ao ver o jogo completo de porcelana.

Odiava ter de ir embora. Lovie queria que Cara ficasse o verão todo, mas Toy achava que ela não agüentaria ficar tanto tempo. Pelo bem de Lovie, ela não queria atrapalhar o entendimento entre mãe e filha.

Não sabia por que, mas compreendia que passar o tempo que fosse com a filha era muito importante para ela e Toy faria qualquer coisa pela senhora Lovie Rutledge.

O cheiro de café fresco pairava na cozinha. Toy acabava de colocar os sonhos num prato quando ouviu passos na varanda e correu para receber Lovie à porta.

— Ei, dona Lovie! — cumprimentou, tirando o balde vermelho do braço dela.
— Eu estava começando a pensar que n senhora ia ficar fora a manhã inteira!

— E assim tão tarde? — perguntou Lovie, parando para recuperar a respiração.

As sobrancelhas de Toy ergueram-se ao notar que ela estava muito cansada.

— Por que não senta um pouco? Eu lhe trago um copo com água e uma caneca de café fresquinho.

— Essa é uma ótima idéia! — aprovou Lovie. Ofegante, deixou-se cair na cadeira junto à pequena mesa

de madeira na varanda, perto da porta da cozinha.

Imediatamente Toy voltou com uma bandeja, que colorou na mesinha. Olhando atenta o rosto pálido de Lovie, perguntou:

— Encontrou algo, hoje?

A expressão da mulher iluminou-se.

— Nosso terceiro ninho! Emmi e eu fizemos a prova do escoamento e deu tudo certo. Você precisava ter visto a cara de Emmi! Cento e cinquenta e quatro ovos! Não é maravilhoso? Infelizmente a mãe pôs os ovos no meio da praia, onde todo mundo passa. Naquela parte muito larga e plana, na Décima sétima Avenida.

— Ela não foi muito esperta...

— Tenho certeza que a pobre tartaruga não sabia que é um caminho da praia. Então, tivemos que mudar o ninho. As dunas são bastante altas entre a Décima sexta Avenida e a Décima sétima; Emmi e eu fomos dar uma olhada e encontramos um bom lugar. Afinal, esta é uma excelente manhã.

— Mas muito longa para a senhora — disse a jovem, séria.

— Oh! Estou bem. Verdade. Com a respiração um pouco pesada, porém não demais.

— Dor?

— Nenhuma.

— E a senhora recebeu o recado daquela voluntária da Sexta Avenida? — perguntou Toy, entregando um copinho com pílulas para Lovie.

— Recebi, sim, obrigada. — Olhou os remédios e torceu o nariz.

— Fio me deu o recado.

— Vamos, dona Lovie, sabe que tem que tomá-los. Olhe, eu lhe trouxe sonhos com creme para ajudar a engolir. "Uma colher de açúcar ajuda o remédio a descer", como diz uma canção. Agora, vamos nada de fazer fita!

Lovie fez uma careta para o montinho de pílulas e comprimidos, mas Toy ficou junto a ela, braços resolutamente cruzados ao peito, esperando.

Detestava bancar a insistente, mas o médico não estava brincando quando a chamara de lado e dissera que era sua obrigação ter certeza de que Lovie tomava todos os remédios. Tentou continuar a conversa sobre tartarugas, a fim de distraí-la enquanto engolia.

— E como é? A voluntária da Sexta Avenida encontrou mesmo um ninho?

Depois de engolir alguns comprimidos com dificuldade, Lovie pôs o copo de lado e sacudiu a cabeça.

— Alarme falso. A tartaruga subiu um bocado a praia, depois andou de um lado para outro e voltou para o mar. Procuramos com todo cuidado, mas não encontramos ninho algum. Desconfio que se trata da mesma mãe que pôs os ovos embaixo demais no dia 17; o tipo de rastro que as duas deixaram é o mesmo.

Lovie calou-se e olhou os remédios remanescentes com ar desgostoso.

— Vamos — incentivou Toy —, faltam poucos agora. Ficou olhando, atenta, enquanto Lovie respirava fundo e engolia os últimos dois remédios com um arrepio de repulsa.

— Pronto! — animou-se a jovem. — Acabou.

— Coisinhas horrorosas! Não sei por que ainda as tomo.

— Não diga isso. Sabe muito bem por quê. Queremos que fique conosco ainda por muito tempo.

A expressão de Lovie suavizou-se, depois olhou para Toy, sem ocultar a tristeza.

— Pelo menos durante este verão...

— Oh! Muito mais do que isso! Já estou até pensando no seu presente de Natal. Mas o verão é o melhor, mesmo. A senhora fica tão feliz quando as tartarugas voltam!

— Ainda mais agora que a minha Caretta voltou.

O sorriso de Toy apagou-se. Lovie inclinou a cabeça de Indo e olhou a amiga inquisidoramente.

— Vocês já se encontraram?

Os pés da cadeira arrastaram-se sobre as tábuas de pinho da varanda quando Toy a levou para perto da cadeira de Lovie. Sentou-se de pernas abertas, deixando espaço para o ventre crescido.

— Mais ou menos. Ela atendia um telefonema sobre rastros de tartaruga e cheguei com as compras enquanto isso. Creio que surpreendemos uma à outra.

— Cara adormeceu ontem no fim da tarde. Pensei que pudéssemos nos reunir as três quando você voltasse do cinema. Mas ela dormiu até hoje e não tive chance de falar-lhe a seu respeito.

— Foi o que imaginei. Ela me olhou como... Bem, digamos que não ficou muito contente em me ver.

— Cara às vezes pode ser assustadora. Toy deu de ombros.

— Juro, dona Lovie, não acredito que seja sua filha. Jamais vi duas mulheres tão diferentes!

Lovie riu, depois disse, com certa tristeza:

— Tenho certeza que nisso ela concorda com você. Depois de apertar os lábios, a jovem começou a roer uma unha.

— Sabe? Eu estava pensando...

Talvez seja melhor eu ir para outro lugar durante a semana que Cara vai ficar aqui. Seria bom vocês duas passarem algum tempo sozinhas.

— Para onde você iria?

— Posso voltar para a casa de Darryl por uns dias.

— De jeito nenhum!

O tom ríspido de Lovie fez com que Toy a olhasse. Ela endireitara o corpo e seus olhos brilhavam.

— Seria apenas por uma semana, dona Lovie. Sei que ele quer que eu volte.

— Não admito nem sequer que se fale na possibilidade de você voltar para aquele homem.

— Ele me ama.

As duas ficaram sentadas uma diante da outra, em silêncio, até que Lovie pegou a mão de Toy.

— Quando a convidei para vir morar aqui queria que você sentisse que esta é a sua casa. Creio que temos nos dado muito bem, não acha?

— Depois que Toy anuiu, ela continuou: — O que a fez pensar que tem que sair daqui porque chegou uma hóspede?

— Não se trata de um hóspede qualquer. Cara é sua filha:

— E você também tornou-se uma filha para mim.

Toy abaixou a cabeça e observou a pequena mão que cobria a sua. A pele era pálida, quase translúcida, com veias azuis que sobressaíam por cima dos ossos e faziam pensar na delicada patinha de um pardal. Havia tanto amor naquele gesto que os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Diga-me — murmurou Lovie —, você vai tentar ficar? Acha que é capaz de fazer isso por mim?

Toy assentiu rápida, embaraçada por estar chorando. Com olhos ainda embaçados pelo sono, Cara fitou o relógio, e viu que era quase meio-dia. Estava zozona e com impressão de que poderia dormir mais doze horas. Mas não podia ficar o dia inteiro na cama, podia? Pensou que sim, que poderia se quisesse. E esse pensamento foi inquietador. Parecia ter a boca cheia de algodão e uma leve dor ainda pulsava em sua cabeça. Saltou da cama, vestiu uma bermuda e foi pelo corredor em direção à cozinha.

Sentia-se deslocada no chalé de verão onde passara a infância, como se não pertencesse àquele lugar. A casa da praia parecia-lhe diferente. A mãe fizera uma reforma, remanejando os pequenos quartos, de modo a criar uma ampla sala de estar que ia da varanda da frente à dos fundos. A esquerda ficava o pequeno corredor que dava nos dois quartos das crianças que partilhavam um banheiro. A direita ficava o quarto principal, o banheiro e a cozinha. A desajeitada e velha cozinha de que se lembrava agora era uma graciosa cozinha moderna.

A única coisa que reconheceu foi o armário. Através dos vidros das portas viu o jogo, quase completo ainda, de porcelana chinesa que passara de geração a geração. Escolheu uma xícara azul e branca Meissen, reconfortada por ter algo familiar nas mãos. O café ainda estava quente na garrafa térmica e alguém deixara um prato com sonhos na mesa.

Andando devagar, levou a xícara e o prato para a varanda, sentou-se numa enorme cadeira de balanço de frente para o mar. Bem diante dela, depois do lote vazio de dunas suaves com vegetação retorcida, o oceano ondulava placidamente, distante e nada convidativo.

— Bem, aqui está você!

Virando a cabeça Cara viu a mãe que acabara de surgir no canto da casa. Esportiva, de short caqui e discreta camiseta com uma tartaruga no peito, ela trazia também na cabeça um boné de beisebol que tinha uma palmeira e a lua crescente. Respondeu preguiçosamente ao aceno.

Lovie aproximou-se, segurou no corrimão e começou a subir com dificuldade

os degraus que davam na varanda.

Alarmada, Cara correu a ajudá-la.

— Você está bem, mãe?

— Coisas da idade — comentou Lovie, triste. — Apenas isso.

— Quando foi a última vez que consultou seu médico?

— Você sabe que o doutor Pittman e eu somos intimamente ligados. Tanto que cada vez que eu espiro ele me telefona para dizer "Saúde!".

— Sério mamãe. Não me lembro de tê-la visto com a respiração tão ruim.

Lovie parou num degrau e voltou-se para olhar a filha.

— Cara, meu bem — disse, em tom de leve reprimenda, você não vem me ver há muito tempo, por isso suas lembranças não são recentes. Ultimamente eu tenho tido muita falta de ar.

Sem jeito, Cara não respondeu e subiu com a mãe até a varanda, onde Lovie soltou o braço da filha e respirou fundo.

— Viu? Está tudo bem, não há pelo que se preocupar. Sou como as tartarugas, lentas, mas firmes. E você, como vai?

Cara reparou nas gotículas de suor acima do lábio superior da mãe, porém não fez comentários.

— Sinto muito por ontem. Eu não pretendia deixá-la sozinha na nossa primeira noite juntas, mas a cama parecia tão convidativa e aquela brisa entrando pela janela... Deitei-me com a intenção de descansar alguns minutos e quando vi já era hoje de manhã.

— Não tem importância. Eu sabia que você estava exausta pela longa viagem e temos muito tempo pela frente. Fez a coisa certa, filha. Acordou bem, descansada?

— Não, infelizmente, não. Ainda me sinto molenga. Acho que entrei numa competição idiota comigo mesma.

— E agora tem que entrar no ritmo da ilha. Muitos de meus hóspedes do norte parecem precisar de alguns dias para se habituar. Dê tempo a si mesma. Por que não vai à praia amanhã e se junta às Damas das Tartarugas? Caminhar ao vento e ao sol vai fazer-lhe bem.

— Houve tempo em que eu gostava de banho de sol. Não gosto mais. Li tudo que escreveram sobre câncer de pele e rugas. Gosto de admirar o sol estando do lado de dentro de um abrigo... Obrigada. Além disso, você esqueceu que não tenho nada a ver com tartarugas?

Lovie fez um gesto de "deixa pra lá".

— Então, vamos entrar. Lembra-se de Emmaline Baker? Ele vai vir a qualquer momento, quer muito ver você.

— Emmi está por aqui?

Cara teve uma visão de como estaria sua melhor amiga agora.

— Ela costuma vir para cá com os filhos, em todos os verões. Sempre

pergunta por você.

— Vou gostar muito de vê-la, mas não hoje. Quem sabe, outro dia.

A idéia de um bate-papo fosse com quem fosse não agradava Cara.

A mãe deu-lhe um longo olhar de lado, depois caminhou pela varanda e sentou-se na cadeira de balanço com a costumeira elegância.

— Sente-se, filha. Vamos conversar um pouco.

Cara foi para junto da mãe, que tirou o boné e abanou-se com ele. Observando-a, ela reprimiu um estremecimento. Antes os cabelos da mãe eram fartos e pareciam fios de ouro, agora estavam totalmente brancos e tão ralos que se via o couro cabeludo rosado. Perturbada, ela passou a língua pelos lábios antes de falar.

— Quer que eu vá buscar água?

- Não. Já vou para a cozinha tratar do almoço. Você deve estar faminta.

- Não mude nada na sua vida enquanto eu estiver aqui disse Cara, pegando a xícara e indo sentar-se ao lado de Lovie. — Jamais faço refeições regulares.

- Por isso está tão magra. E pálida. Ela riu.

- Eu estava pensando a mesma coisa de você.

- Mesmo? — Os olhos azuis de Lovie tornaram-se maio — Quem se importa comigo? Sou uma velha, mas você ida está no começo da vida!

Olhou o rosto de Cara, depois os cabelos castanhos, despenteados, que chegavam até os ombros e estavam muito bem cortados. Ela usava a mesma camiseta amarrotada com que chegara solta por cima de uma bermuda masculina que >unha parte das longas e esguias pernas.

- Você sempre descobre os melhores cabeleireiros — contou. — Mas parece cansada e estressada. Dá para ver nos seus olhos. Estão inchados e vermelhos.

- Obrigada pelo elogio! — resmungou Cara, tomando um gole de café.

Levou a mão à testa onde sentia a pressão dolorosa crescendo.

- Você está doente? Anda dando por aqui uma gripe de verão antecipada.

- Não, é só a minha enxaqueca.

— Ah... Você ainda sofre de enxaqueca?

- Infelizmente.

- Hummm... É o estresse. Quando você era garota a enxaqueca aparecia sempre que ia fazer exames na escola, lembra-se? Ou quando...

Lovie calou-se de repente.

- Quando papai explodiu a cabeça — terminou Cara por ela

A mãe forçou um sorriso e seguiu-se um silêncio constrangedor.

- Ah! Esqueci de dizer que lhe telefonaram quando você não estava.

— Cara pegou um sonho. — Uma senhora encontrou rastros...

- A que horas ela ligou?

— Há algumas horas. Aquela menina falou com ela.

— Ah, sim, a senhora que pensou ter achado um ninho. — Então Lovie perguntou, intencionalmente: — *Aquela* menina? Você quer dizer Toy Sooner?

Cara nem sequer tentou evitar que seu rosto demonstrasse o que pensava.

— Toy? É esse o nome dela? — Deu uma mordida num sonho e açúcar cristalizado caiu-lhe no peito. — Chiamos como gatas bravas uma para a outra por alguns minutos,, então me retirei antes que qualquer mal fosse feito. — Pegou a xícara e tomou um gole de café. — Quem é ela, aliás? E não é jovem demais para estar grávida?

Lovie observou o rosto da filha com a mesma expressão que assumia quando Cara era pequena e falava com a boca cheia.

— Sim, ela é jovem, muito jovem, coitadinha. Mas essas coisas acontecem, sabe? Até mesmo em Charleston.

Cara revirou os olhos e limpou os lábios com um guardanapo.

— Mamãe, não estou escandalizada, apenas estou curiosa sobre o que ela faz aqui. Principalmente agora.

— Quer dizer, durante sua visita?

— Francamente, sim. Não venho muito aqui. Uma vez a cada vinte anos? — Mordeu mais um pedaço do sonho e mastigou. Engoliu depressa, com certa dificuldade e, com ressentimento, acrescentou:

— Seu bilhete me fez pensar que você queria passar algum tempo comigo. Como fui boba, achando que seríamos apenas nós duas.

— Cara, meu bem, não comece com ironias. Eu a convidei para ficar aqui comigo, sim.

— Estou vendo. E convidou também essa Toy para...

— Eu não a convidei, ela não é uma hóspede. Ela mora aqui, Cara. Não podia pô-la na rua só porque você vinha me fazer uma visita.

— Ela mora com você? Desde quando? A temporada ainda vai começar.

— Vim morar aqui em janeiro e Toy veio em março.

— Janeiro? Você nunca vem para cá nessa época do ano. Por que saiu da sua casa para vir ficar aqui ainda no inverno? Você e Palmer brigaram?

— Não. Palmer e eu não brigamos. Por que acha isso?

Mas eu não podia, quer dizer, não queria ficar aqui sozinha, com a minha idade. Quando comentei isso com Fio ela me apresentou Toy

— Como a filha parecesse surpresa, Lovie acrescentou: — Lembra-se de Florence Prescott, a nossa vizinha, não?

— Claro que me lembro. A mulher superotimista de berrante cabelo vermelho.

— Sim, só que agora o cabelo dela é branco. O que você não deve lembrar é que ela trabalhou durante anos como assistente social em Summerville. Passava a semana em um apartamento lá e sempre que podia, em fins de semana, feriados, férias, vinha pára a velha casa da família. O tempo foi passando e a mãe de Fio se

tornando cada vez mais velhinha e frágil, até que ela decidiu que era tempo de se aposentar e veio morar aqui, trazendo a mãe consigo. Nossa, ou acho que isso já faz dez anos ou mais. Meu Deus, como o tempo voa! Elas sempre foram excelentes amigas. Foi uma sorte tê-las como vizinhas.

— Mãe, o que isso tem a ver com Toy?

— Eu ia chegar lá. Fio continuou trabalhando como voluntária no Abrigo para Mulheres e um dia em que conversávamos eu falei dos meus planos de morar aqui na ilha, mas que precisaria de uma dama de companhia. Ela ficou toda animada... Você sabe como Fio é... e me falou de uma moça que seria perfeita.

— Você a encontrou no abrigo?

— Você fala como se ela fosse um cachorro vadio que encontrei na rua — zangou-se Lovie. — Sim, ela estava no abrigo, coitadinha. É para isso que ele existe, graças a Deus. As mulheres precisam de um lugar para ir quando sua integridade é ameaçada.

— Entendo, entendo... Mas você está querendo ensinar o Padre-Nosso ao vigário. Eu fazia doações todos os meses para um abrigo de mulheres em Chicago.

A mãe assentiu.

— Vai concordar comigo quando eu lhe contar a história de Toy, filha. Ela e eu conversamos a respeito e concordamos em que seria melhor eu dizer-lhe tudo. Toy ficou grávida de seu esperto namorado e deixou-o quando ele bateu nela.

— Bateu nela?

— Espancou-a, para ser mais exata. O bebê não sofreu nada, porém Toy ficou com medo que isso viesse a acontecer e largou-o.

— E era o que devia fazer, mesmo. Ela subiu muito no meu conceito por isso. Porém, assim mesmo acho que é jovem demais para morar com um namorado e ficar grávida dele. E os pais dela?

— E uma gente horrível que não a quer de volta. Puseram-na na rua, chamaram-na de vagabunda e de outras coisas piores, dizendo-lhe que se virasse sozinha. Você pode imaginar alguém capaz de fazer isso com a própria filha?

Cara podia imaginar, sim, e sentiu uma súbita simpatia pela moça. Sabia que aquela era uma situação terrível. As ruas de uma cidade podem ser muito frias e cruéis para com uma jovem inexperiente.

— Quantos anos ela tem? Dezesseis, dezessete?

— Tem quase dezoito e é adorável. Parece mais criança. Um nó formou-se na garganta de Cara.

— Eu saí de casa com dezoito anos... Lovie teve um sobressalto:

— Foi diferente, Cara. Você quis ir embora. Seu pai e eu fomos contra, mas você sempre foi teimosa e muito segura de si. Toy não é assim.

E insegura... uma mãe criança.

Cara fechou os olhos, sentindo uma dor no peito. Não conseguia encarar a

mãe, nem acreditar no que ela dizia depois do que lhe haviam feito quando estava com a mesma idade. Como sua mãe pudera se esquecer de que ela também fora posta fora de casa? Será que Lovie simplesmente decidira esquecer-se?

— Toy não tinha para onde ir — tentou explicar a mãe. *Nem eu, quando saí daqui. E, por acaso, você se importou com isso?*

— Então, você simplesmente a acolheu — disse Cara, abrindo os olhos.

— Pareceu-me a solução perfeita. Eu precisava de uma dama de companhia e Toy precisava de uma casa.

— A vida é sua — Cara ergueu as mãos, num gesto de fim de discussão.

— Você está de novo me pondo de lado, filha.

— Não — respondeu ela, parecendo tranqüila, porém sufocando a raiva que fervia em seu íntimo. — Não estou interferindo, isso é diferente.

Um silêncio familiar e doloroso estabeleceu-se entre as duas, durante o qual a enxaqueca de Cara aumentou e sua mãe ficou olhando para o mar.

— Tenho certeza de que se você der uma chance a Toy irá gostar dela. No começo ela parece dura, mas é como as tartarugas: por baixo da carapaça rija há uma criatura que precisa ser protegida e amada.

— Lovie tornou a pôr a mão sobre a da filha. — Será que vai fazer um esforço para ser amiga de Toy? Por mim?

Cara reclinou-se na cadeira e não olhou diretamente para Lovie. Sua raiva se acalmara, porém a dor permanecia, enquanto o coração perguntava, com voz de criança: *Por que você defende Toy e a mim não'? Eu, a sua própria filha...* Era-lhe impossível conter o ciúme que sentia por ver que a mãe gostava tanto de uma moça estranha. No decorrer de anos as duas haviam se mantido bem-educadas e distantes, no relacionamento a longa distância. E agora, com a mãe sentada a menos de meio metro dela, o espaço que as separava parecia-lhe imenso e vazio.

Cara fez um aceno vago com a mão.

— Está bem, mamãe. Vou tentar.

Por fim, a careta chega a águas conhecidas e espera, nas dunas junto à praia, que a lua nasça sobre o Atlântico. Sua casa é o mar, no entanto o instinto ordena-lhe que deixe tudo que conhece e enfrente os perigos desconhecidos da praia para fazer o ninho. Será que ali é seguro ou deve mergulhar de novo no mar e procurar outra praia?

CAPÍTULO III

A dor de cabeça incipiente tornara-se uma enxaqueca arrasadora que obrigara Cara a voltar para a cama. Lovie fizera compressas frias na testa da filha e dissera-lhe para não pensar, para relaxar todos os músculos. Cara assentira, mas pensara que dizer-lhe para não pensar era o mesmo que dizer-lhe para não respirar. Não tinha emprego, rendimentos e nem planos para o amanhã. Seu cérebro iria trabalhar como louco nas semanas seguintes.

Revirou-se na cama e, por fim, tirou a compressa da testa. Uma profunda desesperança apoderou-se dela. Cobriu o rosto com as mãos e libertou as lágrimas que vinha contendo havia dias.

Algun tempo depois seus olhos tornaram-se secos e ardiam. Sentiu então a estranha indiferença que vem quando a gente já chorou todas as lágrimas. Virou a cabeça e ficou olhando pela janela o loureiro-rosa agitado pelo vento, lá fora. O tempo agora passara a ter pouco significado para ela. As nuvens haviam chegado rápidas, do continente e o céu azul se tornara cinzento. Ouviu o grave apito de um cargueiro que atravessava a baía, rumo ao mar alto.

Teve a impressão de ser uma dessas embarcações aprisionada por um nevoeiro denso como uma sopa de ervilhas, incapaz de ver o que tinha pela frente.

Cara estava apenas com dezoito anos quando deixara Charleston e fora para o norte. Não se importava para onde ia desde que não fosse para o sul. Tinha as expectativas e a determinação de uma jovem mulher, principalmente a de uma antiga família de Charleston. Queria entrar na faculdade da sua escolha, encontrar o homem ideal e casar-se, depois ir morar em algum lugar do sul. Planejava cuidadosamente sua vida inteira.

Mas apesar de ter feito planos, acabara deixando sua casa num mar de lágrimas e voara para Chicago. Aquela cidade barulhenta junto ao lago Michigan combinava mais com sua sincera e rebelde maneira de ser do que a delicada, organizada e culta cidade de Charleston. Por isso ficara lá, trocando água salgada por água doce, o alegre sotaque do sul pelo metálico som nasal do meio oeste, determinada a conseguir seu lugar no mundo utilizando o cérebro e capacidade, não os encantos femininos.

Entregara-se totalmente à sua finalidade. Durante o dia trabalhava como secretária numa empresa e à noite, enquanto suas colegas iam para bares e festas em busca de namorados, ela ia à faculdade. E orgulhara-se de se formar depois de fazer o curso universitário noturno durante sete longos anos. Recebera os títulos de bacharelado e mestrado em Organização de Empresas, sem ter recebido dos pais sequer um centavo como ajuda. Era o seu jeito de ser. Acreditava que se trabalhasse duro de verdade ganharia a corrida.

E entrara no páreo, só que na verdade a corrida era uma maratona. Levava quinze anos subindo obstinadamente a quase infundável escadaria que a levava de simples secretária a agente de conta, numa famosa agência publicitária. Sua vida fora cheia e ocupada, adoçada por pequenos luxos que se orgulhava de poder proporcionar a si mesma. Não ficara rica, mas vivia bem, ia a teatros, tomava bons vinhos, fazia investimentos e comprava as roupas e acessórios indispensáveis à mulher que ocupava sua posição.

E de quando em quando havia homens... Nada definitivo, porém ela jamais quisera algo duradouro. Ficara com Richard Shelby por quatro anos, mais tempo do que com qualquer outro. Ele era um advogado com a mesma determinação, segurança e capacidade de vencer que ela. Com ele, fora o mais perto que Cara chegara de um relacionamento sério. Pergantara-se, na época, se aquilo era amor. Eles não falavam a esse respeito, pois não era seu estilo, mas tinham certeza de que se entendiam.

Em tudo e por tudo sua vida corria a contento.

Então, inexplicavelmente, aquela vida se acabara. Ela fora despedida e descobrira que não tinha um amigo sequer fora do trabalho. Deixara Chicago sem dar sequer um simples adeus a Richard e parecia-lhe que isso não fazia qualquer diferença.

Mas ainda não pensara no fato.

O que mais a assustara fora descobrir que não pudera controlar o que acontecera. Era uma mulher que gostava de controlar tudo, que planejava todas as contingências. Mas não vira o que estava por acontecer. Trabalhara, trabalhara e trabalhara seguindo a planejada trajetória, de repente bum!

Agora, estava como que entorpecida, esvaziada de tudo menos do medo. Será que seus companheiros de trabalho iriam rir se a vissem naquele estado? A forte e determinada senhorita Rutledge encolhida como um feto na casa de sua mãe.

Puxou a colcha até o pescoço, virou o rosto, enterrando-o no travesseiro. As plumas de que era feito cheiravam a mar. Apertando-o com força, olhou de novo além da janela. Uma rajada de vento que trazia o odor suave da chuva balançou as cortinas.

Um banho de chuva seria delicioso! Pensou sonolenta e fechou os olhos de novo.

Acordou com som de algo batendo em madeira. Abriu os olhos e ficou surpresa ao ver que o quarto estava escuro. A luz que vinha do corredor viu sua mãe junto à janela — uma pequena e esguia figura agasalhada com uma leve malha de lã meia-estação e avental amarrado à cintura. Lovie batia com a mão na janela corrediça, tentando fechá-la antes que chegasse a tempestade que se anunciava. Um vento raivoso sacudia as cortinas e as primeiras grossas gotas de chuva começavam a cair. Por fim a janela fechou-se tornando o quarto seguro.

— Que horas são? — perguntou Cara, com voz rouca e erguendo as sobrancelhas.

A dor pulsou em sua cabeça fazendo-a cair de novo sobre o travesseiro, com um gemido.

— Desculpe ter acordado você — disse a mãe, fechando as cortinas, mas vem aí uma chuva digna do Dilúvio Universal. — Voltou-se e observou Cara com olhos de mãe. Aproximou-se, hesitante.

— Como está a enxaqueca?

— Não tão ruim quanto hoje de manhã.

— Mas ainda está aí?

— Hum-hum — murmurou ela. — Quanto tempo eu dormi? Que horas são? — repetiu e passou a língua pelos lábios secos.

— Quase quatro horas. A tempestade ficou vem não vem, como se brincasse com a gente. Mas acabou caindo pesada sobre o continente e vem vindo aí. Isso é bom, porque estamos precisando de chuva.

Lovie inclinou-se e afastou uma mecha de cabelos da testa da filha, depois colocou a mão para ver se tinha febre. Sua mão era tão leve e macia que as pálpebras de Cara tornaram a fechar-se.

— E você pode dormir — continuou, retirando a mão —, mas antes não quer comer alguma coisa? Fiz uma canja...

— Bem que eu achei que sentia um cheiro maravilhoso.

— Cara sorriu, cansada mas agradecida. — Será que pode me trazer também um copo com água?

— Claro. Volto já.

Cara tentou sentar-se na cama, impondo-se à pulsação dolorosa nas têmporas, mas não pôde manter os olhos abertos porque ficava nauseada. Do outro lado da janela o vento assobiava e os pingos batiam contra os vidros da janela. Os trovões soavam tão forte e tão perto que podia sentir-lhes as vibrações. Mas eles começaram a se distanciar, o que indicava que logo a tempestade estaria sobre o mar. Ela levantou-se e caminhou, com pernas trêmulas, até o banheiro para lavar o rosto com água fria. Quando voltou encontrou a mãe já em seu quarto com uma bandeja que continha o prato com canja, o copo com água e um vaso com flores.

— Cá estamos! Uma boa canja de galinha, fatias de pão, água gelada e, o melhor de tudo, uma aspirina.

Cara movimentava-se devagar, pois cada movimento brusco fazia a dor reverberar na cabeça inteira. Enfiou-se sob a colcha e recostou-se na pilha de travesseiros que a mãe ajeitara para ela.

— Sinto-me como uma paciente num hospital.

— Mas está em casa, querida. Tem sempre essas dores de cabeça?

— De vez em quando. Elas atacam quando trabalho até muito tarde, durmo demais... Essas coisas. Às vezes chocolate as faz melhorar, outras café forte. Ultimamente tenho tido mais enxaquecas.

— Pode ser genético — comentou a mãe, pondo a bandeja no colo de Cara. Enquanto desdobrava o guardanapo, acrescentou: — Sua avó Beulah tinha dores de cabeça tão terríveis que ficava trancada dias em seu quarto, com as venezianas totalmente fechadas. Nós, crianças, tínhamos que ir brincar lá fora e recebíamos ordens estritas de só andar na ponta dos pés ao redor da casa e sem sapatos lá dentro, para não fazer barulho no soalho.

Cara saboreou o gosto delicioso da canja à primeira colherada.

— Oh! Deus, eu tinha me esquecido como canja é boa! O peito de Lovie pareceu expandir-se.

— Acho que isto também é genético — continuou Cara, , mergulhando de novo a colher na canja. — Tenho certeza de que em algum cantinho escondido da minha mente existe a habilidade de fazer uma canja como esta. E refogados... Molho vinagrete... Ragu de milho com molho de carne... — Tomou outra colherada. — Mas acho que essa tal habilidade está bem escondida demais — acrescentou, com um brilho maroto no olhar ao pegar uma nova colherada de canja.

— Ora, filha! Isso nada tem a ver com genética. Depende de treino puro e simples, como eu fiz a partir do dia em que você tinha idade bastante para me ajudar na cozinha. Eu não mereceria os louros de mãe se não passasse adiante as receitas da minha família.

Cara fixou os olhos no prato.

— O que foi meu bem? — preocupou-se Lovie. — Parece que você ficou perturbada. Não quer falar sobre isto?

— É não quero... — Cara conteve-se, percebendo que parecia impertinente.

Não era verdade. Tratava-se apenas da reação que tinha a tudo e todos que tentassem interferir na sua vida particular. Até mesmo sua mãe. Talvez principalmente sua mãe.

Tentando diminuir o vazio que se formara entre elas, continuou:

— Ainda não.

Lovie soltou os dedos que entrelaçara e movimentou-se para a porta.

— É só me chamar quando quiser.

— Mamãe — chamou Cara.

Lovie voltou-se, mas parou com a mão na maçaneta.

— Obrigada... Pela canja.

— Não precisa agradecer. Sou sua mãe. É a minha obrigação e o meu prazer.

— Eu sei, mas obrigada... por tudo.

Lovie enxugou as mãos no avental e fez que sim com a cabeça mas gratidão cintilava em seus olhos.

— Coma tudo, viu? Daqui a pouco virei pegar a bandeja. Cara recostou-se nos travesseiros e suspirou. Como eram difíceis os primeiros passos!

O tempo chuvoso prolongou-se até o Dia da Memória, dedicado a todos os soldados mortos em ação. Os desfiles foram cancelados e os piqueniques transferidos para dentro das casas. Lovie podia imaginar a agitação nos hotéis e casas de veraneio na ilha inteira. Quanto a si mesma, estava contente com a chuva, pois precisavam desesperadamente dela. Os estipes das palmeiras estavam ficando marrons, de tão ressecados. Além disso um céu escuro, nublado, era bom de vez em quando e a dispunha mais para as tarefas dentro de casa que vivia adiando. Como, por exemplo, organizar os álbuns de fotografia.

Fazia anos vinha pretendendo arrumar as velhas fotos da família em álbuns, mas nunca aparecia tempo para isso. Assim, a maioria das fotos ia parar em caixas, bem protegidas é claro, mas em absoluta desordem. Agora que se mudara para a casa da praia poderia colocar esse projeto como prioridade máxima e preencher mais álbuns em quatro meses do que preencheria nos últimos quarenta anos.

Naquela tarde chuvosa Lovie estava tão entretida com as fotografias que não ouviu a porta da cozinha abrir-se.

— Você ainda está mexendo com fotos velhas? — perguntou Florence Prescott ao mesmo tempo que avançava casa a dentro.

Lovie ergueu a cabeça e sorriu para a amiga e vizinha.

— Ainda? Querida, tenho tantas fotos para organizar que uma vida não vai ser o bastante. Pelo menos, não o resto da minha vida.

O sorriso de Fio apagou-se e seus olhos azuis tornaram-se sérios.

— Por quê? O que está sentindo? Houve alguma mudança?

— Não e espero que não haja.

— Bom, você falou de um jeito tão lúgubre! É ótimo, eu acho, que tudo continue como está.

Fio atravessou a sala e sentou-se no sofá, ao lado da amiga. Ela tinha peso mediano, mas sua constituição era a de um corredor: magra, musculosa, morena e começando a dar leves sinais de flacidez aos sessenta e cinco anos. Apenas os cabelos fartos, brancos, atestavam que tinha o dobro da idade que aparentava ter. Quando ela falava, era com a mesma energia que empregava ao participar das corridas locais.

— Bem, então! Onde está todo mundo? Esta casa está muito quieta! Cadê Toy?

— Ela foi ao supermercado. Disse que queria comprar algo para fazer sobremesa. Não sei se para me engordar ou porque os hormônios dela estão à toda.

Fio riu.

— Provavelmente as duas hipóteses. Sabe de uma coisa? Ainda não vi aquela sua filha renegada. Ela veio, mesmo, ou você me enganou?

— Vá dar uma olhada no quarto dela, se não acredita em mim. Mas prefiro que não o faça. Cara está dormindo.

— De novo? E só o que ela faz dormir? Está doente?

— Com enxaqueca... Tem que ficar os primeiros dias no escuro, pobrezinha. Mas eu lhe dei um prato da minha canja de galinha e ela melhorou muito.

— Vou tomar nota dessa receita nos meus remédios caseiros. Então, por que ainda está dormindo?

— Já fiz essa pergunta a mim mesma. Pode ser que ela apenas esteja exausta. Trabalha muito e sempre se queixa de que o trabalho está acabando com ela. Sabe que Cara viajou para Nova York e Los Angeles várias vezes em um mês? Eu não consigo entender como é possível viver desse jeito. Para um lado e para outro, para um lado e para outro, às vezes num só dia! Para ela é bom, eu acho, mas sou caseira demais para um esquema desses.

Lovie franziu os lábios e olhou na direção do quarto da filha. Lembrou-se da tristeza que percebera nos olhos dela... Ou seria apenas defesa?

— Tenho a sensação de que alguma coisa está errada — prosseguiu.

— E como se ela estivesse doente por dentro, mas não quisesse me contar.

— Essa é a nossa Caretta. Eu ficaria surpresa se ela lhe dissesse alguma coisa.

— Por que diz isso?

— Há quantos anos Cara foi embora? Vinte? Em todos esses anos quantas vezes lhe pediu algum conselho? Ou veio visitá-la para ficarem de mãos dadas ou, sei lá, verem essas velhas fotos juntas? — Os olhos de Fio brilharam. — Não me lembro de uma só vez...

Voltando a atenção para as fotos, Lovie tentou esconder a dor que o comentário lhe causara.

— Ela é muito ocupada e tem sua própria vida-justificou.

— Eu acho que é porque assim torna-se mais fácil. Vocês duas brigam muito.

— Não brigamos!

— Talvez não briguem aos gritos ou algo parecido. São bem-educadas demais para isso — alfinetou Fio. — Mas sempre existiu uma discussão tácita entre as duas. Acho que é o jeito de vocês. Se me perguntassem... Sei que não vão perguntar, mas dou minha opinião assim mesmo... Vocês duas bem que poderiam travar uma luta livre categoria feminina. Assim poriam tudo para fora.

— Que idéia! — Lovie não podia acreditar que sua melhor amiga não entendesse nada do que estava acontecendo. — Você nos conhece há tempo bastante para nos compreender melhor. Simplesmente, Cara ficou muito tempo longe e é natural que tenha havido uma distância emocional também. Aliás, ela sempre foi uma solitária perfeitamente capaz de cuidar de si mesma.

— Ser capaz de tomar conta de si mesma e ficar a sós consigo são duas coisas diferentes.

Aquele raciocínio atingiu Lovie.

— O que está dizendo, Fio?

— Bem, diga-me: ela tem amigos?

— Não sei, apesar de ter perguntado muitas vezes. Cara fica irritada quando puxo esse assunto. Ela mencionou um tal de Richard Selby, um colega de trabalho, com quem andou saindo. Minhas orelhas se espetam quando ela fala o nome de um homem duas vezes. Mas acho que se houvesse algo especial, ela já teria telefonado para ele. O fato é que não telefonou para ninguém. — Lovie lembrou-se da expressão distante que surpreendera no rosto da filha enquanto olhava pela janela. — Acha que ela se sente só?

— Como posso saber? Creio que é possível. Quero dizer, ela pode ser uma supermulher no trabalho, mas é apenas uma mulher quando chega em casa à noite.

Perturbada, Lovie largou as fotografias no colo.

— Mas eu já lhe disse que ela leva uma vida cheia, ocupadíssima. Está sempre indo a algum lugar e fazendo alguma coisa. Cara adora teatro, sabe? Ela assiste a todas as peças e espetáculos.

Ao ouvir aquilo os olhos azuis de Fio pareceram lançar chispas.

— Você deve saber melhor do que ninguém o quanto uma vida pode ser vazia.

Lovie conteve a respiração, sem ter o que responder. Era como se o seu

mundo, até há pouco tranqüilo e organizado, tivesse virado de pernas para o ar.

— Desculpe — murmurou Fio. — Sabe como sou, eu primeiro falo e depois penso. Você não seria a primeira a zangar-se comigo por isso. Vá em frente.

Com um sorriso abatido, Lovie sacudiu a cabeça.

— Isso é o que eu mais gosto em você, Fio. Porém me pergunto se tem razão no que diz de Cara.

Pegou uma fotografia da pilha que estava em seu colo, que mostrava Cara quando tinha treze anos, cabelos negros compridos, braços e pernas finos. Estava acomodada como um gato nos galhos de um velho carvalho e lia um livro.

— Veja... — disse Fio, com afeição —, ela já era arisca e brava naquele tempo.

Lovie riu e passou um dedo pela imagem da garota.

— Lembro-me de quando tirei esta foto. Esse antigo carvalho era o lugar preferido dela. Subia nele para ler, pensar ou, apenas, ficar sozinha. Para esconder-se, eu acho. E uma menina engraçada. Parecia estar sempre carregando mundo nos ombros.

— As adolescentes em geral sentem-se assim. Estão no limite entre a criança e a mulher, o que as torna inseguras ((insatisfeitas).

— Talvez. Fomos muito unidas quando Cara era pequena, mas depois ela se distanciou de mim. Muitas vezes tive impressão de que me empurrava para longe.

— Isso também é normal numa garota com treze anos.

— Seja o que for, é algo muito doloroso para uma mãe. - Lovie suspirou. — E ela continua me empurrando para longe. Mas não é nada comparado com o que fez ao pai. Ela pode ter me afastado, mas rebelou-se francamente contra ele. Agredia-o sempre que podia e eu ficava horrorizada com isso. Você conhece o gênio dela... Acho que Cara gostava de torturá-lo.

— Sim? Pois fazia muito bem!

— Fio!

— O quê? Sabe muito bem o que sinto em relação a Stratton. Que Deus guarde sua alma, mas gosto de pensar que o velho cretino está ardendo no inferno.

A testa de Lovie enrugou-se, porém ela nada disse. Se dissesse qualquer coisa em defesa de Stratton, Fio ficaria uma fúria. Ela jamais o suportara e a antipatia era mútua. Mas aquilo pertencia ao passado, no que se referia a Lovie.

— Eu queria retratar Cara na árvore e consegui — disse, tornando a prestar atenção na foto. — O furacão Hugo arrancou este carvalho do solo, como fez com tantos outros. Sem piedade. — Pôs a foto de lado.

— Vou mostrar a ela mais tarde. Acho que não sabe que sua árvore desapareceu.

— Quando o fizer, por que não lhe pergunta do que se lembra daquele tempo? E um bom modo de começar a esclarecer as coisas entre vocês.

— Oh! Fio, aqueles dias passaram há muito tempo. Por que despertar

lembranças ruins? Esta é a primeira vez que 'ela vem me visitar e quero que tudo corra direito, de modo positivo. E, quem sabe? Você pode até ter razão e tudo talvez tenha sido apenas a angústia da adolescência. E melhor deixar as coisas como estão.

— E lá vai você de novo limpar a cena escondendo tudo que é desagradável ou feio! — Fio olhou para as próprias unhas e acrescentou: — Por falar nisso, contou a Cara sobre... Bem... — ergueu os olhos — sobre você?

— Sobre mim? Santo Deus, não. Ela acabou de chegar.

— Ela poderia estar aqui há anos! Conheço você muito bem, Olívia Rutledge. Vai ficar calada e esconder mais essa S tristeza.

— Não, não vou fazer isso. Tenho consulta marcada daqui a uns dias. Já esperei tanto para contar-lhe que posso esperar um pouco mais.

— Vai contar a ela?

— Claro que vou!

Os olhos de Fio fitaram os da amiga mais uma vez como para descobrir se deveria ou não acreditar nela. Aparentemente satisfeita com o que viu nos olhos de Lovie, suspirou profundamente, colocou as mãos sobre as coxas e ergueu-se.

— Tenho que ir ver como Miranda está. Ela pegou um resfriado, mas na sua idade tudo preocupa. Oh! Quase ia me esquecendo do motivo pelo qual vim aqui. Apareceu um cadáver hoje de manhã na Ilha Sullivan.

— Uma careta? Fio assentiu.

— Muito jovem, coitadinha. Sua carapaça foi cortada pela hélice de unimotor. Provavelmente aconteceu na baía. É a sexta tartaruga encontrada morta nesta temporada. Detesto quando as mortas excedem os números de ninhos. Com a chegada do tempo de pesca do camarão a coisa vai piorar.

— Espero que não. Ainda é cedo. Nossas meninas estão vindo para as dunas e apenas começaram a nidificar. Dê-lhes tempo. Pode ser um começo lento, mas vai se incrementar durante a temporada e será ótimo. — Lovie olhou para a fotografia de Cara e sorriu o rosto iluminado pela esperança. — Posso sentir isso.

A careta recebeu seu nome da classificação zoológica Caretta caretta. É uma tartaruga marinha com poderosa boca em forma de bico e ouvidos cobertos por pele. Tem olfato apurado e instinto profundo voltado para a sobrevivência — um dos motivos que mantêm a espécie viva desde tempos pré-históricos.

CAPÍTULO IV

Depois de passar uma semana em casa, de pijama, Cara decidiu que já descansara o bastante. Naquele dia ia começar de fato a visita. Esperou no quarto até ouvir a porta da frente fechar-se e os passos de Toy e Lovie perderem-se na distância. Havia sido uma crie de manhãs terríveis com o telefone tocando, eram as voluntárias das tartarugas fazendo seus relatórios. Em seguida vinha a movimentação agitada de Lovie e Toy, que jogavam seus apetrechos dentro do balde vermelho e saíam no Besouro de Ouro em busca do local nas praias onde ti-

nham sido encontrados rastros de tartarugas.

A barra estava limpa, como ela e Palmer costumavam dizer quando o pai saía para o trabalho. Tomou um banho de chuveiro razoável na pouca água que passava pelo crivo entupido por limo e ferrugem, mas o sabonete francês de lavanda que a mãe deixara na saboneteira fez-lhe muito bem havia uma enorme toalha de banho felpuda e uma deliciosa loção com perfume de gardênia para completar seu banho. De volta ao quarto, viu que a mãe desfizera sua mala. Encontrou as roupas arrumadas no armário que tinha sachês perfumados nos cabides.

Sorriu e sacudiu a cabeça, murmurando:

— Mamãe...

A mãe é que sempre arrumara seu bagunçado quarto durante a infância e adolescência. Também agora o quarto eslava limpo, a bandeja e roupas de cama usadas removidas e Cara sabia que aquele era o jeito de sua mãe contrabalançar as atitudes impetuosas da rebelde filha. Um dia, Lovie descobrira escondido no fundo da gaveta de sutiãs de Cara um pacote de camisinhas dentro de um saco de papel pardo. Fora uma verdadeira explosão quando ela chegara da praia, naquela tarde.

Lovie tentara tanto repreender a filha quanto justificar-se por ter ido mexer em suas gavetas.

Cara permaneceu por algum tempo imóvel, com a mão na porta do guarda-roupa, e lembrou-se de que a mãe nunca contara ao pai sobre as camisinhas.

Bem-arrumados no armário repleto estavam às elegantes calças compridas, blusas de seda e o único vestido preto sexy. Seu guarda-roupa em Chicago abrigava terninhos e costumes de lã leve, blusas, echarpes e lenços de seda, botas de couro fino e sapatos apropriados para quem trabalha na cidade. Não tinha uma só peça para uma ida casual à praia. A vida que levava por lá nada tivera de casual.

Vestiu um conjunto de calças e blusa, com tirinhas nos ombros, de seda verde-hortelã, calçou sandálias de tiras estreitas de couro enfeitadas com *strass* que ficariam muito bem na Avenida Michigan. Olhando-se no espelho para corpo inteiro fixado atrás da porta do quarto viu uma alta, esguia mulher de cabelos negros muito bem vestida, mas que nada tinha a ver com aquela ilha. Então, como precisava de apoio, acrescentou máscara nos olhos, um toque de sombra nas pálpebras e perfume atrás das orelhas. Com uma fivela, prendeu atrás da cabeça o cabelo negro ainda molhado do banho.

Quando foi para a sala de estar a neblina já não encobria o mar e o sol entrava pelas janelas. Animou-se diante da perspectiva de um bonito dia e sentou-se por momentos, respirando profundamente o ar fresco e salgado.

Concluiu que era um bom sinal o seu estômago estar roncando e foi para a pequena cozinha, limpa e iluminada pelo sol. Preparou um rápido café da manhã depois andou pela sala, olhando pelas janelas, passando os dedos nas revistas que estavam em cima da mesinha de centro. Pouco depois começou a sentir a velha e conhecida inquietação. Não estava acostumada a ter tanto tempo livre, nada tinha a fazer e a ansiedade em ocupar-se com alguma coisa a dominar.

Ponderou consigo mesma que precisara de um bom descanso, mas já descansara e estava na hora de se mexer para conseguir outro emprego. Era só fazer alguns telefonemas e marcar alguns encontros. Afinal, tinha muitos conhecidos

no mundo da publicidade e uma sólida reputação profissional.

O único senão era que estava sem computador e sem o telefone celular. Como pudera ser imprevidente a ponto de tê-los deixado em Chicago? Tinha vindo embora como louca determinada a romper todos os laços. Mas em vez de sentir-se livre, sentia-se totalmente isolada sem o seu e-mail. Era uma viciada em internet. Sem o computador ficava nervosa e inquieta. Era como se estivesse abandonada numa ilha deserta.

Enquanto andava de um lado para outro da sala seu olhar notou sobre a lareira umas fotografias que antes não estavam. A mãe devia tê-las colocado ali naquele dia. Curiosa, aproximou-se para olhar.

Pegou primeiro a foto em que aparecia. Numa delicada moldura prateada, lá estava ela, adolescente, em cima de uma árvore lendo um livro.

Teve como que um aperto no peito e olhou pela janela dos fundos em busca do velho carvalho que tinha sido seu melhor amigo durante anos. Ele não estava no quintal.

— Pobre velha árvore... — murmurou, sofrendo com a perda.

Um turbilhão de lembranças a envolveu e ela, instintivamente, recolocou a foto sobre a lareira.

A foto maior, também com moldura prateada, fora tirada na varanda da casa de Charleston. Palmer, de rosto redondo e corado, comum blazer azul-marinho e brilhantes botões dourados, estava sentado com um braço passado pela fina cintura de Júlia, que sentava-se ereta junto dele, com um vestido de linho gelo e todos os fios de cabelo no lugar. Palmer vivia fazendo piadas a respeito de como fora casar-se com uma moça tão igual à mãe, porém Cara jamais rira delas. Sempre achara que a origem dessas piadas tinha raíes na verdade. De cada lado deles estavam seus filhos, Linnea e Cooper.

Pegou outra foto, com moldura de porcelana florida que mostrava a sobrinha, fotografada na escola. Linnea era muito bonita, uma interessante combinação dos pais. Fazendo cálculos, chegou à conclusão de que a garota devia estar com nove anos agora. Seu sorriso era o de Palmer, cálido e que a fazia entrecerrar os olhos num jeito encantador que um dia faria os rapazes dançarem na palma de sua mão. Porém em tudo mais parecia-se com a mãe e a avó: de complexão óssea delicada, com brilhantes olhos azuis, cabelos que era finíssimos fios de ouro e pele de porcelana. Palmer ia penar com a rapaziada dando em cima dela, o que seria apenas uma justiça depois das muitas malandragens que ele aprontara na adolescência e juventude.

Já Cooper era todo o avô, com o queixo bem definido num ângulo de rebeldia, a testa alta com a linha dos cabelos idêntica à dos Rutledge e a promessa do que um dia seria o orgulhoso e reto nariz. Seu sorriso não passava de uma momice feita para a câmara, como que dizendo "Já que sou obrigado..." Cara tentou lembrar-se de quantos anos ele tinha e envergonhou-se ao descobrir que não sabia. Era uma triste constatação de como andava seu relacionamento com o irmão. Pelas faces rechonchudas e o sorriso incerto, vacilante, parecia não ter mais do que cinco anos. No entanto, havia algo em seus olhos, castanhos-escuros como os dela e os de seu pai, que a atraíu. Era a vulnerabilidade oculta pela rebeldia, que ela conhecia tão

bem.

Recolocou a foto em seu lugar sobre a lareira sentindo-se muito distante dessas crianças e triste por isso. Não tinha filhos, não tanto por escolha, mas sim por circunstâncias e os dois eram seus sobrinhos. Sempre lhes mandava presentes no Natal e no aniversário, recebendo em troca bilhetes bem-educados, porém impessoais, de agradecimento. Era esse o nível do relacionamento deles. Imaginou se a reconheceriam se passassem a seu lado na rua.

Tomando uma rápida decisão, foi para o telefone e discou o número da residência de Palmer. Era o mesmo que discava sempre que queria ligar para casa, quando criança. A campainha soou quatro vezes antes que uma voz áspera atendesse.

— Palmer? — perguntou.

Achava que não o encontraria em casa àquela hora da manhã e esperara falar com Júlia.

— Mamãe? — disse a voz, depois de uma pausa. Cara riu.

— Não, sou eu, Cara. Como vai?

— Cara? Bem, eu... Mas que surpresa! Como é que você vai?

— Muito bem. Na verdade, estou aqui.

— Não brinca! Que bom! Quanto tempo vai ficar?

— Não muito.

— Viagem de negócios ou férias?

— Férias, de certo modo.

— É mesmo? Salvou-se uma alma do purgatório!

Seu irmão parecia mesmo surpreendido e alegre. Deu uma risada suave, um som masculino e baixo próprio dos homens do sul.

— Não comece a pegar no meu pé, Palmer! — riu Cara, também.

— Estou na casa da praia. Mamãe pediu-me que viesse e como tenho alguns dias livres, vim.

— Você já a viu? — Ele fez uma pausa, como se pensasse. - Quero dizer, viu a dama de companhia de mamãe?

Pelo jeito de Palmer falar, Cara soube no mesmo instante que ele não aprovava Toy Sooner. Ela suspirou, lembrando-se do que prometera à mãe.

— Vi, sim. Por pouco tempo. Ela não me procura muito e desde que cheguei uma enxaqueca violenta me pôs fora de loco. Eu só conseguia abrir a boca para gemer. Mas agora estou muito melhor. Ouça Palmer, vi fotos de Linnea, do Cooper e fiquei espantada pelo quanto que cresceram. Aliás, liguei para dizer que gostaria de ir visitá-los enquanto estou por aqui.

O modo de falar arrastado de Palmer era tão contagioso que ela não pôde evitar que os anos todos que falara daquele modo a influenciassem, notou que estava falando com o sotaque sulino que a acompanhara desde que se conhecia por gente.

— Claro, meu bem! Vamos adorar. Júlia vai fazer um jantar especial para você. Quando virá?

Cara percebeu que sorria.

— Quando quer que eu vá?

— Bem, aí é que está. Tenho que ir para Charlotte hoje à tarde, resolver uns negócios e isso vai levar a semana toda. Listou fazendo minha mala agora. Sábado estaria bem? Vai ficar até lá? Será daqui a três dias e...

Ela deixou passar a provocação. Olhou além da janela e viu o céu azul, luminoso. Passara a primeira semana a gemendo ou chorando na cama, com as cortinas do quart fechadas. Aquilo não podia ser chamado de férias. Porém mais importante, ainda não descobrira o que tinha ido fazer na casa da praia e gostaria de rever os sobrinhos.

— Pode contar comigo, irmãozão!

— Ótimo! — disse ele e Cara percebeu alegria em sua voz arrastada.

— Vamos esperar ansiosos. E traga aquela desertora de volta à casa, viu? Diga-lhe que os netos estão com saudade. Mamãe veio aqui poucas vezes depois que mudou para aí.

Ela é como o Bernardo - eremita, aquele crustáceo que se enfia na concha dos outros e se esconde de todos. Sabe? Estou preocupado com ela.

— Então, venha para a ilha. Não é tão longe assim.

— Talvez possamos ir neste verão, assim que as crianças entrarem em férias. Iremos até aí para uma longa visita.

— Mamãe vai adorar — anuiu Cara. Depois, pensou e Toy: — Mas agora isto aqui está superpovoado...

— Mas eu não costumo ficar aí no chalé — respondeu ele com a mesma voz e jeito do pai quando estava preocupado. — Tenho uma casa de praia na Ilha Sullivan, perto do farol. O problema é que a ilha fica tão cheia de gente no verão que quase nem se pode ir à praia.

Cara percebeu orgulho na voz do irmão e pensou que achava um excelente negócio ter comprado uma casa de veraneio na Ilha Sullivan. Da última vez que haviam conversado, ele lhe dissera que estava juntando dinheiro para comprar uma casa na cidade, pois não podiam continuar morando muito bem na casa da mãe. Então, ela teve uma sensação esquisita quando uma idéia começou a nascer.

— Por que não chegam aqui por volta das quatro, Cara? Poderemos dar umas voltas de lancha pela baía, passeio que você não faz há muito tempo. Podemos tomar um aperitivo admirando o pôr-do-sol, como nos velhos tempos. Garanto que vai ser bom.

— Tenho certeza que sim, Palmer. Quer que eu leve alguma coisa?

— Bom, já que perguntou... Lembra-se daquela barra que vende camarões, depois do ribeirão Shem? A Clud's?

— Não, mas eu a descubro.

— Como é que pôde esquecer isso? Claro que se lembra! Eles vendiam o

camarão mais fresco da ilha, diretamente do barco pesqueiro. Você tem que ir pela Rua Coleman até o posto de gasolina, virar à esquerda para a cidade velha, ir de carro até onde der depois seguir a pé até o pontão. Dois quilos e meio está bem, eu pago quando você chegar aqui. Só vou estar de volta de Charlotte na sexta-feira, e durante esse tempo Júlia e as crianças vão visitar a mãe dela. Mas todos estaremos aqui na sexta. Estou pensando também em fazer picadinho de rã.

Cara perguntou-se se Palmer lembrava-se que esse era seu prato preferido e se queria prepará-lo para ela.

— Não posso recusar uma oferta dessas!

— Então, está combinado. Dê um beijo na mamãe e até sexta.

Despediram-se com a familiaridade de quem havia conversado no dia anterior. Era assim com a família, concluiu Cara, olhando para o velho telefone com um sorriso. Podiam ficar separados por anos, mas depois de poucas palavras a antiga ligação se restabelecia.

Desligou o telefone, mas continuou com a mão em cima dele. A casa estava quieta, de onde concluiu estar sozinha. Resolveu fazer outra ligação. Santo Deus, aquela velharia pesava uma tonelada comparada com seu telefone celular. Discou o número de sua casa e verificou se havia mensagens na secretária eletrônica.

Havia as esperadas ligações de simpatia dos colegas, alguns dos quais também tinham sido despedidos, outros ela não sabia.

Anotou os telefones deles. Richard telefonara várias vezes, perguntando por que ela não atendia o celular. A cada telefonema a voz dele soava mais preocupada e pedia que lhe telefonasse.

Richard. De repente sentiu profunda saudade dele e lembrou-se de seus traços marcados, do cabelo castanho-escuro com alguns fios começando a ficar grisalhos. Tinham partilhado triunfos e derrotas. Todos na agência sabiam do relacionamento deles e o aprovavam tacitamente. Na verdade, quando não trabalhavam juntos num projeto publicitário, conversavam a respeito do projeto pessoal de cada um. Estavam sempre alegres, divertiam-se e diziam que o que havia entre eles era melhor do que amor.

Cara percebeu pânico nos recados de Richard e sentiu-se culpada por não tê-lo procurado. Nem sequer lhe havia deixado um recado dizendo que ia sair da cidade. Enxaqueca ou não, devia ter se comunicado com ele. Será que Richard estava arrasado por ela ter sido despedida? Fora uma pena ele ter viajado para Nova York justo no momento da maior crise em suas carreiras, quando mais precisavam um do outro.

Consultou o relógio. Dez e quinze da manhã, uma hora a menos do que em Chicago. Ele ainda devia estar dormindo. Estava ansiosa por telefonar-lhe, porém achou melhor liga para Adele Tillwell primeiro. Se não conseguisse falar com ela agora poderia fazê-lo na hora do almoço, quando as ligações para a agência de empregos diminuía. Foi até o quarto, pegou sua agenda, papel e caneta, voltou para a pequena mesa de madeira, que improvisou como escrivaninha, e mais uma vez censurou-se por ter esquecido o telefone celular. Pegou uma cadeira, sentou-se e discou o número para a gerente de uma agência de empregos para quem telefonara inúmeras vezes, só que procurando alguém para trabalhar na sua empresa.

Felizmente, Adele atendeu. Depois dos cumprimentos iniciais falaram rapidamente do que interessava. Cara contou a situação em que se encontrava e Adele não se surpreendeu o que demonstrava que já sabia que fora demitida. Fizeram algumas piadas a respeito, riram, trocaram mexericos e esgotada a conversa social falaram sobre as possibilidades no mercado de emprego e consideraram qual deveria ser o próximo movimento.

— Vou fazer o que puder, mas arranjar emprego não está fácil

— concluiu Adele. — Principalmente para a sua posição. Graças ao seu ex-patrão, o mercado está repleto de candidatos.

Cara sentiu que ameaçava entrar em pânico.

— Mas tenho uma reputação sólida, meu currículo é impressionante e...

— E, eu sei. Você é ótima, sem dúvida... Havia algo de incerteza no tom de Adele.

— Vamos — pressionou Cara —, vá em frente.

— Vai aparecer alguma coisa, mas é preciso esperar.

Querendo saber quanto tempo poderia viver sem receber ordenado, Cara fez uma simples conta. Seu fundo de garantia e demais acertos haviam sido generosos, mas...

— Não posso esperar muito, com o risco de ter que me desfazer do carro e do apartamento.

— Não posso garantir nada, Cara. Pode levar dias para aparecer um emprego, até mesmo meses.

— Eu detesto não poder controlar a situação!

Adele riu e a tensão de Cara cedeu. A agente era muito boa na profissão.

— Até que não está assim tão fora de controle. O que posso fazer é ficar atenta e trabalhar duro para você. Sabe que é o que vou fazer, pois é a minha cliente preferida e lhe devo muito. Você me ajudou demais quando precisei.

— Não me deve nada, Adele. Obrigada. Conversaram mais alguns minutos sobre empresas onde

Cara poderia trabalhar.

— Está bem — concluiu Adele —, mande-me a lista de empresas por fax.

— Não posso. Onde estou ainda reina a Idade Média. Se você visse o telefone no qual estou falando...

— Por e-mail, então.

— Não tenho computador.

— Não? Onde diabo você está, na Sibéria?

— Não — Cara riu. — Na casa da praia da minha mãe. Vim para cá num tal estado de confusão que me esqueci de tudo. Mas não faz mal. Não ficarei aqui por muito tempo. Vou dar um jeito de lhe mandar a lista: ainda existe correio, sabia?

— Que interessante! Quando vai voltar para Chicago?

— Acho que na semana próxima.

— Vou ver o que consigo até lá. Oh! tive uma idéia! Você poderia ligar para Richard Selby, talvez ele possa ajudá-la.

Richard?

— Hum... Pois é. Obrigada mais uma vez e até logo. Desligou devagar. Ficou olhando por um minuto para a mão sobre o telefone, pensando no que Adele havia dito. A mensagem era clara: Richard se encontrava em boa posição. Será que ele não havia sido despedido também? Um milhão de perguntas passaram-lhe pela cabeça, então discou o número da casa de Richard. Em geral não esperava que ele estivesse em casa de manhã, mas tanta coisa andava acontecendo!

Depois do quinto toque a secretária eletrônica atendeu e a voz dele soou calma e clara, mas ela desligou sem deixar recado. Seu coração batia tão forte que ecoava nos ouvidos.

Será que Richard continua trabalhando na agência?

Droga! A última coisa que pensava fazer era ligar para lá. Arrepiou-se só em pensar nas desajeitadas condolências e explicações embaraçosas. Mas teria que fazer isso se quisesse saber. Agora. Respirou fundo, pegou o telefone e discou o número direto de Richard, pensando se ainda seria esse o número dele.

— Bom dia. Escritório de Richard Selby.

Cara perdeu a respiração e levou alguns segundos para se controlar.

— Bom dia, Trish. Aqui é Cara Rutledge.

— Como vai? Estávamos pensando onde a senhora teria se escondido.

Ela sentiu a ferroadada do comentário e seu rosto pegou fogo.

— Eu não sabia que estava escondida — replicou fria.

— Oh... — desconcertou-se a secretária. Quando voltou a falar seu tom se tornara mais profissional. — E que o Sr. Selby tentou falar com a senhora várias vezes e está preocupado.

— Está, mesmo? Não precisava. Minha mãe me chamou e deixei a cidade imediatamente para vir vê-la. Um problema familiar urgente...

Queria que se comentasse que havia uma emergência em sua família, em vez de que Cara Rutledge tinha ido esconder-se no mato.

— Espero que sua mãe esteja bem.

— Agora está tudo bem, obrigada. — Esperou um segundo e falou o mais naturalmente que pôde: — Suponho que o Sr. Selby continue trabalhando aí na agência?

Trish riu. Sua risada era quase estridente e demonstrava espanto.

— Claro que continua. Na verdade, foi até promovido! Não sabia? Agora ele é Advogado Vice-Presidente Sênior.

O coração de Cara bateu mais forte com uma suspeita que levantava dúvidas em sua mente. Não era difícil criar uma cena diabólica. Richard trabalhava no Departamento Jurídico. Sabia das demissões quando eram decididas. Fora promovido. Isso apenas queria dizer que ele estava sabendo que o nome dela se

achava na lista e, sabendo disso, viajara enquanto o trabalho sujo era feito. Deixara que ela fosse para a guilhotina de olhos vendados.

Que grande covarde! Pensou, enrolando o fio do telefone nos dedos. *E no meu aniversário...*

— Srta. Rutledge?

— Que boa notícia — comentou Cara, indiferente. — Imagino que vocês estejam ocupadíssimos mudando de sala.

— Õh! Não, já terminamos a mudança. A notícia da promoção só foi divulgada nesta semana, mas já sabíamos antes e tivemos tempo bastante para arrumar tudo. O Sr. Selby não queria que a notícia fosse dada antes das demissões, sabe? Oh... — A secretária fez uma pausa, incerta, lembrando-se de que Cara havia sido uma das pessoas despedidas. — Desculpe, Srta. Rutledge, mas é claro que a senhora entende...

Havia nervosismo na pergunta implícita.

— Entendo, sim — disse Cara. Estava precisando de ar livre.

— Neste momento ele está em reunião, mas sei que quer falar com a senhora. Como eu disse, telefonou-lhe muitas vezes. Vou dizer-lhe que a senhora viajou. Há um número de telefone que eu possa dar a ele?

Cara hesitou a traição de Richard doendo no coração.

— Não — respondeu calmamente. — Vou viajar... Por favor, diga-lhe que ligarei mais tarde. Para a casa dele — acrescentou antes de desligar, querendo dar a ilusão de que tudo continuava bem.

Uma horrível ilusão, eis o que tudo havia sido. Aquela intimidade toda a confidencia, as horas que tinham passado juntos por quatro anos não tinham significado algum! Cara sentiu a fúria crescer no peito. Sua mão moveu-se para o telefone como se lutasse com o impulso de ligar para a casa dele e deixar um recado ofensivo na secretária eletrônica, aquela máquina infernal.

Fechou a mão com força e deixou-a cair junto ao corpo. O inferno ia virar gelo no dia em que ela ligasse de novo para aquele mau-caráter. Por mais magoada e ofendida que estivesse, não era idiota o bastante para agir de modo a servir de comentários de Richard com qualquer pessoa, entre um drinque e muito riso. Ele merecia ser cumprimentado pela perfeição com que desempenhara seu papel.

Cara apertou os olhos como se assim conseguisse suportar melhor a dor. Como ele pudera fazer aquilo? Nunca pensara que Richard poderia ser cruel, pelo menos não com ela. Claro, não eram casados, mas pensava que formassem um par. Lembrou-se das muitas e felizes ocasiões que haviam passado juntos. Havia tantas boas lembranças, tantas intimidades partilhadas!

Ficou ali, sentada na cadeira dura, olhando para o ma lá fora.

Então, riu.

Começou com uma breve risada, repassada de ironia consigo mesma e se transformou numa convulsiva sucessão d gargalhadas. Como aquilo tudo lhe parecia patético! Era o máximo da ingenuidade. Que horóscopo poderia ter previsto aquelas catástrofes na sua vida? Estava perto dos quarenta anos, perdera o emprego e acabava de descobrir que o namorado a enganara. Se tivesse um cachorro, com

certeza ele seria atropelado por um carro. O que aconteceria a seguir?

Meu Deus, pensou quando o acesso de riso terminou, tenho que sair daqui de dentro ou vou ficar louca!

Ergueu-se da cadeira quase de um salto, aflita para ficar o mais longe possível daquele telefone, da casa da praia, de tudo. Lá fora o sol da manhã ia alto e punha um resplendor ofuscante no oceano.

Pegou um dos muitos chapéus de palha da mãe, que estavam num cesto junto à porta, e saiu. Apesar de sentir o calor do sol da primavera nos ombros foi caminhando pela estreita trilha no terreno vago do outro lado da rua. Era difícil encontrar um espaço vazio tão grande nos valiosos terrenos à beira-mar. Pouquíssimos lotes continuavam vagos na ilha inteira e aquele era um terreno de três lotes. Era uma sorte sua mãe morar diante dele, pois tinha um panorama aberto para a praia e o mar.

A trilha atravessava um declive arenoso e dava a volta numa alta duna. Mais uma vez ela emocionou-se diante da repentina e surpreendente visão da infinita extensão de água; azul. Ouviu o forte quebrar das ondas entremeado com gritos das gaivotas. Mais adiante, na névoa luminosa, percebeu o vulto de um navio cargueiro e, a certa distância dele, uma linha de pelicanos boiando na água. Era incrível como não conseguia pensar em seus problemas e nem em nas soluções enquanto olhava o mar. Era como se houvesse apertado o botão "delete" do seu cérebro e o monitor tivesse ficado limpo. A brisa a cumprimentava com leve carícia, incentivando-a a descer pela duna até a praia.

Daquele lado da ilha, bem longe de hotéis e restaurantes, havia poucos turistas. No entanto, num certo trecho da praia banhistas tomavam sol estendidos sobre toalhas coloridas ou permaneciam sentados sob guarda-sóis enfiados na areia.

Cara começou a andar na direção deles, só que se dirigindo para o longo pontão do cais que ficava a uns três quilômetros. Sabia que lá havia bons bares onde tomar uma bebida e descansar. Enquanto andava, percebeu que seu conjunto de seda chamava a atenção de jovens de biquínis e mães que tomavam conta dos filhos que espadanavam água de poças aquecidas na praia. Sorriu ao passar num pequeno espaço triangular junto a uma duna rodeada por estacas de madeira unidas por uma fita larga de plástico cor de laranja e uma berrante placa com o aviso de "Mantenha Distância". Tratava-se de um ninho de tartaruga-do-mar e era assim que sua mãe o assinalava.

Seus ombros começavam a arder quando chegou ao cais e à pequena região comercial da ilha denominada avenida Beira-Mar. Jovens musculosos e morenos jogavam voleibol diante de uma pequena multidão que torcia, entusiasmada. Com uma sede intensa, caminhou pelo deque de madeira à beira-mar que levava à Cabana Banana. Mesas sob guarda-sóis vermelhos espalhavam-se fora do bar-restaurant, porém ela estava acalorada e ansiosa pelo frescor de uma sala com ar condicionado. Entrou e foi envolvida pelo ar fresco, piscou ofuscada pela passagem da luz do sol para a penumbra da sala com painéis de madeira.

Sentou-se a uma mesinha junto à parede, ao lado de um anúncio de cerveja em luz de néon. Não se importava de estar sozinha. Seu trabalho exigira incontáveis

viagens e estava acostumada a comer sozinha em restaurantes, fossem da cidade, hotéis ou aeroportos. Só que numa viagem de negócios sua mente se focava no trabalho e o costume ou terninho, mais a maleta 007, a tornava invisível. Ali, olhava bobamente para as paredes e sua roupa berrava "turista!" no meio de pessoas de short, camiseta e maio, com ou sem saída de banho.

Uma jovem garçonete apareceu, empunhando lápis e bloco. Ela também exibia o fabuloso bronzado que Cara tinha pressa em conseguir. Pediu uma Coca Diet e uma salada de camarões Cajun. O pedido chegou logo e ela começou a desmantelar a salada do tamanho de um pequeno planeta. Enquanto manejava o garfo entre as verduras sentiu que alguém a observava. Rápida, voltou a cabeça e deu com um par de olhos da cor do céu que deixara lá fora.

A centelha de atração percorreu-a dos pés à cabeça. O rapaz estava sentado junto ao balcão, com os cotovelos apoiados nele e a fitava intensamente, a cabeça voltada sobre ombros largos que esticavam o tecido azul desbotado da camiseta. Os fartos cabelos eram de um loiro escuro, despenteados pelo vento; usava barba curta e longas rugas marcavam a pele morena no canto dos olhos. Dele emanava um poder de atração maduro demais para um jovem.

Três amigos o acompanhavam cada qual um genuíno exemplo de bom rapaz tomando uma cerveja no bar preferido. O ruivo barbudo à direita dele murmurou algo ao seu ouvido, seguindo-se uma curta risada e um rápido olhar do loiro alto em sua direção. Um olhar que a percorreu inteira, depois um leve sorriso ergueu-lhe os cantos da boca como que provocado por uma piada particular. Em seguida seus olhos se voltaram para o jogo de beisebol na tevê acima do balcão.

O rosto de Cara ardeu, indicando-lhe que estava vermelha. Com os olhos da mente viu as sandálias com as cintilantes pedras de *strass* que poderiam ser fabulosas na cidade, mas que ali eram, mesmo, uma piada.

— A conta, por favor! — pediu, acenando para a garçonete.

A moça atendeu no ato e foi escrevendo em seu bloquinho enquanto se aproximava. Cara tirou o cartão de crédito da bolsa antes que a jovem chegasse à mesa. A conta foi imediatamente paga e ela saiu quase correndo do restaurante, passando pelo balcão de cabeça erguida.

Lá fora o sol enceguedor imediatamente se fez sentir em seus ombros delicados, porém ela estava furiosa e não prestou atenção. A raiva lhe fez bem, era a primeira emoção verdadeira depois de vários dias. Melhor, ainda, agora tinha uma missão. Olhou para ambos os lados da rua e viu grafites malucos nas paredes brancas de edifícios, sorveterias e pizzarias, uma loja de artigos para surfe e uma miniatura de um hotel de conhecida cadeia que era uma pequena butique à entrada da qual um papagaio africano assobiava e chamava, com sua alta e áspera voz esganiçada. Cara sorriu e, decidida, atravessou a rua.

— Bom trabalho — disse ao papagaio, ao entrar na loja. A balconista, muito jovem, percorreu Cara com um olhar experiente. Pelo modo que a vendedora aproximou-se para atendê-la, ela teve certeza que em sua testa estava escrito "Preciso de Ajuda".

— Em que posso ajudá-la?

— Quero um guarda-roupa completo — respondeu Cara.

E passou a movimentar-se agilmente entre balcões e prateleira. Pegou dois shorts, quatro camisetas, um abrigo leve perfeito para noites na praia, dois biquínis, duas saídas de praia de tecido esponja, um vestido comprido de algodão negro com o decote enfeitado por flores havaianas e uma toalha azul de praia sem a qual não poderia passar. Foi para a cabina de prova e pouco depois saiu vestindo o short caqui e a camiseta branca. A vendedora riu enquanto retirava os preços e colocava as peças numa grande sacola, juntamente com o inútil conjunto de seda.

— Mais alguma coisa?

— Sandálias — respondeu Cara, com ênfase, olhando as agora desprezadas que tinha nos pés. — Preciso de sandálias confortáveis, para longas caminhadas na praia e que possam ser molhadas. Planejo andar muito.

— Poderia levar um par como a minha — sugeriu a moça, erguendo o pé.

Cara observou a sandália desajeitada, forte, com grossa sola de borracha e concluiu que jamais teria escolhido uma daquelas.

— Tamanho trinta e sete — assentiu.

Tirou as sandálias com *strass* e jogou-a no recipiente par lixo.

— Não quer levar este? — indagou a balconista, mostrando um camisão com um logotipo púrpura da Ilha das Palmas

Cara riu e fez que sim. Nesse momento viu um boné d beisebol azul-marinho com o logotipo da Carolina do Sul, silhueta de uma palmeira e a lua em quarto crescente, comprou-o também.

Tirou o chapéu de palha e enfiou-o na sacola já repleta, ajeitando o boné na cabeça. Enquanto saía da loja viu-se refletida num espelho de corpo inteiro. O pescoço os braços estavam vermelhos, queimados pelo sol, e as longas pernas, brancas como barriga de peixe.

— Não dá para negar que sou turista — disse Cara e ri feliz de ver no espelho o simpático e animado sorriso que tanto admirava em sua mãe. — Mas pelo menos estou vestida de acordo.

Se bem que a mãe tartaruga esteja cansada e faminta, seu trabalho está apenas começando. Ela terá que nidificar cerca de quatro vezes durante esta temporada, descansando duas semanas entre cada postura.

CAPÍTULO V

Lovie sentou-se na cama de exame e abotoou a blusa com dedos trêmulos. As sessões de radioterapia roubavam-lhe toda energia. Se, pelo menos, fosse eficiente contra o câncer, pensou. Mas câncer não era uma doença que admitia muitos *se, pelo menos*. O câncer era o que era e a verdade simples e pura resumia-se em que o tratamento não estava adiantando muito. Apenas continuava a fazê-lo na esperança de prolongar sua vida por mais alguns meses. Depois de uma vida cheia e ativa, não queria passar os últimos dias como inválida.

As mãos continuavam num botão do meio enquanto pensava se era ou não o

momento de contar aos filhos sobre sua doença. Quando o tumor maligno fora descoberto, em dezembro último, ficara chocada. Aturdida pelo medo. O câncer já estava grande e não podia ser operado, o prognóstico era sombrio. Pesara cuidadosamente as possíveis atitudes, um hábito que já vinha de longos anos e que adotara para poupar aborrecimentos a Caretta e Palmer. Assim, não dissera nada.

Para começar, Palmer iria criar uma grande confusão. Era muito apegado a ela e tomaria uma porção de providências inúteis, querendo procurar os médicos mais considerados para que a mãe tivesse o melhor tratamento possível. Iria exigir que Júlia cuidasse dela e Lovie sabia que a nora não tinha jeito para tratar de doentes. Era uma excelente moça, mas muito aflita e preocupada, por isso com certeza passaria a manter-se à margem como se a doença estivesse afetando sua própria vida e não a da sogra. O caos resultante seria péssimo para as crianças. Sem falar que Palmer, se soubesse, jamais teria permitido que ela fosse embora de Charleston para morar na casa da praia.

E Cara... Lovie terminou de abotoar a blusa e deixou as mãos cair sobre o colo. Não sabia como a filha iria receber a notícia. Talvez pedisse licença no trabalho e voasse para casa a fim de tomar conta do tratamento com sua maneira eficiente. Ou simplesmente mandaria flores.

Lovie ouvira muitas histórias de outros pacientes com câncer. Histórias comoventes de crianças que não podiam visitar os pais doentes ou de velhos amigos que nem sequer pegavam num telefone para conversar, de irmãos e irmãs que fingiam que o câncer não era real ou que simplesmente desapareceria se fosse ignorado. Será que o câncer era contagioso?

Estariam tão absortos em si mesmos que não permitiam que os inconvenientes da doença influíssem em suas vidas? Ou ficavam tão assustados com a idéia da morte que preferiam olhar para outro lado? Não era de admirar que tantas pessoas com doenças terminais se sentissem tão sós.

Ela estremeceu, sentada na mesa de exame e fitando a parede de ladrilhos verdes. O frio da sala passava direto da pele para seus ossos. Estava muito cansada, sentia-se como que se dissolvendo e a radiação sempre a deixava nauseada. Tudo que queria era voltar para a casa da praia, sentar-se na cadeira de balanço preferida, na varanda, e ouvir o re-confortante marulho das ondas.

Uma brusca batida à porta a fez voltar a cabeça em tempo de vê-la abrir-se e entrar o Dr. Pittman, chefe do Departamento de Radioterapia, com o longo avental branco agitando-se atrás dele. Parecia estar sempre com pressa e quando falava disparava as palavras que atingiam o alvo com a perfeição humanamente possível. Ela achava isso enervante e o atribuía a duas coisas: o médico era tão inteligente e agitado que a boca tinha que se apressar para acompanhar o cérebro, ele provinha de alguma região do Norte, onde se falava depressa, talvez Harvard ou Yale. Diziam que era o melhor, mas Lovie achava-o muito jovem para ser tão perito assim.

— Bom dia, Sra. Rutledge — trovejou o médico, ainda olhando para o relatório na prancheta.

Lovie murmurou um cumprimento bem-educado e ajeitou a blusa no pescoço.

Toy acompanhava tudo em silêncio, com os olhos cheios de ansiedade. Que Deus a abençoasse, pensou Lovie. A garota estivera numa roda-viva nos últimos meses, levando-a para a radioterapia e infindáveis consultas médicas, às vezes

esperando durante horas sem um pio de reclamação. Ter alguém que dirigisse e a levasse aonde precisava ir era importante, mas isso era o menor dos dedicados esforços de Toy. Ela fazia a maior parte das compras, cuidava da casa e até mesmo levava Lovie à igreja aos domingos. E, melhor do que tudo conversava com ela. Quando chegavam em casa de volta da terapia e Lovie sentia-se mais morta do que viva, era um prazer sentar-se e ouvir Toy falar, tão cheia de vida, a respeito de tudo que lhe passava pela jovem cabeça.

Não sabia o que seria dela sem aquela moça. Toy Sooner era mais do que uma dama de companhia, era uma dádiva de Deus.

Estendeu a mão para a jovem e Toy apressou-se a pegá-la, apertando-a para dar-lhe coragem e conforto. No entanto, seu rosto estava pálido de fadiga, o que evidenciava as pequenas sardas no nariz. Ela não parecia adulta o bastante para ter um filho.

— O Senhor disse que se deve cuidar dos doentes — disse Lovie, acariciando a mão calosa de Toy —, mas hoje foi demais.

— Que nada! — retrucou a moça, afastando a preocupação com um gesto.

— Você será recompensada no Paraíso — sorriu Lovie. Depois, séria: — Não pensei que fosse demorar tanto.

— Eu só fiquei sentada lá fora, vendo tevê e lendo.

Aliás, doutor, o hospital bem que podia comprar revistas novas. A mais nova é de no mínimo um mês atrás. Isso é chato...

O médico assentiu com ar ausente enquanto continuava a ler o relatório.

— Está cansada? — perguntou Toy, olhando atenta o rosto de Lovie.

— Parece exausta. Vamos parar no caminho para tomarmos suco de laranja ou algo parecido?

— Para mim, não precisa. Meu estômago está se revirando ainda. Mas você pode tomar, vai ser bom para o bebê.

— Eu gostaria que a senhora comesse mais... — disse médico.

— Continua perdendo peso.

— Vou tentar — respondeu Lovie, em tom animado, mai para agradar ao médico.

Pessoalmente, ela não via importância nisso ia morrer mesmo. Mas não expressou o pensamento para não alarmar Toy, que parecia disposta a mantê-la viva para sempre.

— Algo a tem incomodado ultimamente? — perguntou médico, fitando-a por cima da prancheta com seus olhos escuros. — Alguma dor?

Oh! sim, havia muita coisa que a incomodava, penso Lovie, mas o médico sabia que não podia curá-la e pareci ter perdido o interesse no caso dela. Demonstrava pressa em terminar a consulta e sair.

— Estou controlando a dor bastante bem com os remédio que me receitou, obrigada.

— Telefone-me quando os remédios não estiverem mais fazendo efeito, está

bem?

O doutor olhou para Toy em busca de confirmação. Ela assentiu, sem grande entusiasmo. Ele abaixou a prancheta e disse, sacudindo a cabeça com fartos cabelos:

— Então, é isso. Devo dizer-lhe que estou aborrecido porque a senhora cancelou o tratamento. Gostaria que continuasse, pelo menos durante o verão, Sra. Rutledge.

Lovie fechou os olhos e suspirou.

— A senhora vai parar o tratamento?

— os olhos de Toy; arredondaram-se de alarme.

— Sim, querida — respondeu ela. Voltou-se para o médico: — Se eu continuar a radioterapia durante o verão, com o senhor aconselha, ficarei curada?

— Não — respondeu ele, cauteloso. — Radiação jamais cura. Mas já falamos nisso, não é Sra. Rutledge?

Ele parecia temer que ela mudasse de idéia.

— Já, sim — confirmou Lovie, com firmeza. — Compreendi perfeitamente o que o senhor me disse e compreendi também que não vou durar muito mais do que o verão. Certo?

O médico forçou um sorriso e Lovie sentiu Toy apertar-lhe a mão nervosamente.

— Então me diga doutor, se o senhor fosse viver apenas mais um verão, iria perder tempo fazendo radioterapia?

— Eu faria se ela me ajudasse a viver parte do outono.

— Mas, dona Lovie, a senhora não sabe se vai morrer, mesmo!

Não pode parar o tratamento!

Toy estava ficando nervosa e Lovie sabia que não pararia de falar se não a detivesse.

— Escute-me, querida. Eu já pensei muito e tomei a decisão.

— Fez uma breve pausa e prosseguiu, porém em tom suave: — O tempo é precioso demais para passá-lo sonhando. Quero saborear cada momento que o bom Deus me der e não posso fazer isso se estiver sempre enjoada e exausta. Por que eu teria que passar o pouco tempo que me resta esperando a morte? Não farei isso enquanto houver vida em mim. Tenho certeza, doutor. Chega de radiação.

Toy ficou calada, mas com um brilho de lágrimas contidas nos olhos.

O médico assentiu muito sério.

— Está bem. — Guardou o bloco de receitas num bolso do longo avental. — Apesar de não nos vermos mais no hospital, Sra. Rutledge, quero continuar tendo notícias de como está. E, é claro, manterei contato com o seu médico, para o caso de haver alguma mudança. Mas existem pontos relativos aos cuidados que a senhora deve receber que exigem imediata discussão com seus familiares. Não sabemos o tempo exato em que um câncer se espalha, mas felizmente os últimos tratamentos descobertos o mantêm estacionário por bom tempo. Chegará o

momento em que a senhora irá precisar de mais assistência do que a oferecida pela Srta. Sooner. Será preciso organizar um sistema de apoio ou a senhora deverá ser internada num hospital.

— Não! Dona Lovie não vai precisar sair de casa — interferiu Toy.

— Eu vou cuidar dela.

O Dr. Pittman olhou-a com bondade.

— Quando seu filho vai nascer?

— Em setembro.

— Vai ser a época em que a Sra. Rutledge precisará de maior ajuda. Os cuidados com ela poderão ser exigentes demais. Como irá conseguir atender às prementes necessidades dela com o peso adicional das preocupações e cuidados com um bebê?

Lovie é que respondeu:

— Tenho filhos adultos, como já lhe disse, e há organizações que podem me oferecer o apoio que eu precisar. Não quero sair da minha casa.

— Vou lhe dar o nome de uma assistente social especializada em ajudar famílias a tomarem sérias decisões. Claro que em cada caso há muitas e diferentes considerações. Poderá também conversar a respeito com seu orientador espiritual.

— O médico entregou um papel a Lovie.

— Eu gostaria de fazer muito mais pela senhora. Desejo-lhe muita sorte. Não deixe de me dar notícias.

Depois que o Dr. Pittman saiu, Lovie sacudiu os ombros com um suspiro de alívio. Não teria mais que lidar com médicos durante o verão.

— Eu gostaria que a senhora tivesse me contado que pretendia parar a radioterapia.

Havia mágoa na voz de Toy.

— Acabei de resolver.

— Terá que falar com Cara, agora. Sobre estar doente, eu quero dizer.

— Não e a proíbo de contar a ela, entendeu?

— Mas...

— Toy, vou ser bem clara. Não quero que Cara saiba. Ainda não.

— Não entendo por que a protege tanto! — explodiu Toy num repente. — Parece que ela é uma supermulher, não? Então, poderá agüentar essa barra.

— Não faço isto para protegê-la. Justamente por ela ser uma supermulher, como você disse. Se eu lhe disser agora só iremos conversar o tempo todo sobre minha doença e o tratamento. Para começar, tenho impressão que Cara neste momento não é ela mesma. Há coisas bem mais importantes sobre as quais quero conversar com ela e não tenho tempo. Se eu ficar muito mal, sim, contarei tudo. Eu saberei quando o momento chegar. Você tem que confiar em mim e me prometer que não vai dizer a ela.

— Está bem, prometo — concordou a jovem, relutante. — Mas não acho isso

certo! Se eu estivesse no lugar de Cara iria querer saber. A senhora devia dizer-lhe.

— Mesmo? Você contou à sua mãe quando soube que estava grávida?

— Isso é diferente — Toy respondeu depressa.

— É? Ou você teve medo que ela não se importasse, de um jeito ou de outro? Toy, meu anjo, eu sei como é. Talvez eu também esteja com medo. — Lovie pôs a mão sobre a da moça. — Devemos fazer apenas coisas com as quais podemos conviver.

Toy assentiu, comprimindo os lábios. Lovie acrescentou:

— Olhe, estou muito, muito cansada e quero ir para casa. Não se fala mais nisso por hoje. Afinal temos o verão inteiro para pensar a respeito. E que verão! Cara está de novo em casa e você não vai demorar a ter seu filho! São duas coisas muito lindas. Então, vamos fazer com que esse verão mereça ser lembrado.

As habitantes do Chalé das Prímulas estavam animadas com o convite de Palmer, aliás, numa animação tão grande que as surpreendia. A perspectiva de ir jantar na casa dele as despertara da letargia que pairava na casa. Parte do divertimento diário delas consistia em ir à praia e comentar as pessoas que se vestiam de maneira vistosa. Quando Cara entrou na sala, Lovie parou de atar o grande lenço de seda rosa que tinha sobre os ombros e combinava com seu vestido de linho.

— Não vai se vestir para jantar?

Cara olhou para as calças de abrigo azul-marinho, com uma lista branca de cada lado das pernas, que vestia. Achava-as elegantes.

— Pensei que pudesse me vestir assim.

Lovie manteve-se calada por um momento, perguntando a seguir:

— Para um jantar?

— Mamãe, nós vamos passear de lancha!

— Mas parece que você vai a uma academia de ginástica! É capaz de ser tão elegante e tem todas aquelas roupas lindas! Por que não usa algo de cor mais viva? Saltos altos e um pouquinho de batom sempre fazem uma mulher sentir-se bem consigo mesma. As sulistas sabem disto.

Cara respirou fundo.

— Caso não tenha notado, mãe, passei os últimos vinte anos em Chicago.

— Caretta Rutledge, você nasceu sulista e não deve esquecer-se disso. Quando foi embora de Charleston pode ter posto milhares de quilômetros entre você e sua família, ter perdido o sotaque e conquistado uma série de títulos, mas aonde isso a leva? De *onde* você é? Querida, jamais poderá percorrer quilômetros suficientes ou viver bastante para perder sua origem. Porque a origem a gente carrega no sangue, para sempre.

— Sei. Parece que vim aqui para ouvir sermões da mag-nólia de aço...

Por um instante brilhou um lampejo de compreensão nos olhos de Lovie.

— Preocupo-me muito com você, Caretta. É uma mulher forte, reconheço, mas a força sem flexibilidade não é boa coisa. Quando chega setembro, vêm com

ele aqueles ventos fortes do lado do mar e as árvores altas, fortes, quebram-se e caem. Este é o segredo da mulher sulista: força, flexibilidade e beleza. Nunca somos inflexíveis.

Com os olhos fechados, Cara contou até dez.

— Se eu me vestir para jantar você me deixa em paz? Lovie sorriu e ajeitou o lenço.

— Vista-se apenas se quiser, filha.

Cara trocou as calças de abrigo e a camiseta por um vestido havaiano de algodão estampado e deixou os cabelos soltos. Argolas de ouro nas orelhas e pulseiras coloridas eram seus únicos adornos. E, para agradar a mãe, passou um batom quase natural.

— Você está linda, exótica! — aprovou Lovie quando ela surgiu de novo do quarto.

Mesmo contra a vontade, Cara tinha de admitir que com o vestido leve sentia-se muito mais à vontade e em sintonia com o clima da ilha.

Toy vestia uma saia preta, longa, e um top de jérsei com flores sobre fundo preto, que se ajustava logo acima da cintura. Mantinha-se calada e retraída, fazendo Cara pensar numa marionete japonesa mantida na parte mais escura do palco. A jovem ficara nervosa com a idéia de participar do jantar formal e dera uma porção de desculpas para não comparecer. Mas Lovie havia sido irredutível: Toy iria ou ela também não iria. Quando Cara abria a boca para objetar, recebera um olhar frio que a avisou de que a mãe estava a par dos sentimentos de Palmer a respeito da sua dama de companhia e que pouco ligava para isso. Lembrando-se da promessa, ela mordera a língua e deixara um alegre recado na secretária eletrônica do irmão para que pusessem mais um lugar à mesa.

O tempo colaborou para animar as três. Céu lindo, baixa umidade no ar e uma suave, acariciante, brisa acompanhou-os no curto trajeto de carro até Charleston. Era uma deliciosa tarde de sábado e ninguém se surpreendeu ao encontrar a Ponte Ben Sawyer erguida para permitir o intenso tráfego de barcos de fim de semana. Colocaram-se na fila de carros à espera para atravessar e apreciaram as músicas antigas, mas muito boas, que vinham do automóvel parado à frente.

— Ei, essa música cita seu nome! — comentou Toy do assento traseiro. — Está ouvindo? Caretta, Caretta...

— cantou junto.

— É "Cometa, cometa" — replicou Cara, secamente. — É muito mais inteligente dar a uma moça o nome de um astro do que o nome de uma espécie de tartaruga.

— Sim... Quer dizer, eu me confundi... — E, apoiando-se no encosto do banco, Toy brincou: — Essa música é de antes do meu tempo.

— Do meu também — assegurou Cara, tentando conter o riso.

— Você deveria estar contente e orgulhosa por chamar-se como essas nobres tartarugas-do-mar — comentou Lovie.

— Estou contente, sim, mas é por você não ter posto em mim a denominação latina inteira: *Caretta caretta*.

- Bem que eu quis, mas seu pai não deixou. Não ria, estou falando sério!
- Quer dizer que o segundo nome dela seria Caretta, também?

A risada de Toy lembrava o repicar de um sino de prata o Cara sacudiu a cabeça resignada com o fato de que, daí por diante, a jovem iria chamá-la de Caretta Caretta, só para mexer com ela.

Cara acompanhou o ritmo da música com os dedos no volante, pensando em como seu humor se tornara ótimo, quando um dia atrás estava tão ruim e tenso. Ela e Toy mantinham uma polida, porém deliberada, distância uma da outra como dois pugilistas medindo as forças. A cada dia que passava, porém, Cara não podia deixar de ver como a moça se dedicava à sua mãe e à casa, de modo que o respeito por ela só fazia crescer.

Inclinou a cabeça para ouvir a conversa rápida entre Toy e sua mãe, que se voltara para o assento de trás. Falavam a respeito de marinada com óleo, gergelim e alho. Era evidente a grande afeição entre as duas. Sempre que estavam juntas conversavam sem parar, parecendo duas gralhas. Cara ficou olhando em frente, através das lentes dos óculos escuros, com uma pontinha de ciúme. Jamais fora assim descontraída com Lovie. Se bem que ambas tentassem arduamente, havia um profundo abismo entre elas que não lhes permitia conversas tranqüilas e risos.

A Ponte Ben Sawyer começou a fechar-se lentamente e pouco depois estavam do outro lado do braço de mar, percorrendo a várzea em direção a Mount Pleasant.

— Temos que parar para comprar camarões — lembrou-se, olhando atentos os nomes das ruas para não perder o bulevar Coleman.

— Tem idéia onde se vende o camarão que Palmer quer, mamãe?

A mãe riu, alegre.

— É junto ao ribeirão Shem. Vire à esquerda na próxima esquina. Não acredito que você não se lembre, vivia indo lá com seu pai!

— Memória seletiva — brincou ela e saiu da via principal.

Momentos depois estava perdida no labirinto de ruas estreitas de um bairro antigo com enormes salgueiros-chorões e casas pequenas, encantadoras. Manteve-se à direita, como Palmer instruíra, passou por uma fileira de enormes casas construídas nas margens do pequeno rio, então encontrou-se num beco sem saída com uma velha tabuleta de madeira que dizia "Isclas de Camarões do Clud e Utensílios de Pesca".

Era um nome enorme para nada mais do que um barraco de madeira construído na beira do ribeirão e com barcos pesqueiros ancorados atrás. Vários homens corpulentos, robustos, tiravam camarões de uma rede enorme, falando aos gritos uns com outros, rindo, parecendo alheios às três mulheres de saltos altos e vestidos elegantes junto ao balcão de madeira compensada.

Cara deu a volta no balcão e foi até o fundo para ver se conseguia chamar alguém que as atendesse. A tarde estava luminosa e para o lado que olhasse a paisagem era como um cartão-postal mostrando a parte velha da cidade de Charleston. Pairava no ar o cheiro pungente de camarões, sal e maresia, assim como o marulho das ondas, o barulho dos barcos batendo no pontão de madeira e o grito rouco das gaivotas. Ela andou mais um pouco para ter uma visão melhor da

longa fileira de cordas grossas, de ambos os lados, que faziam o pontão lembrar uma gigantesca centopéia. Inclinado sobre o costado de uma traineira havia um marinheiro de ombros largos, com calças jeans desbotadas, camiseta vermelha e botas de borracha de um amarelo ofuscante. A barba curta sobressaía-se no rosto moreno e os cabelos de um castanho-claro, quase loiro, cobriam-lhe a parte superior do rosto naquela posição inclinada. Cara estava por virar-se quando ele ergueu a cabeça e a viu.

Droga era o homem do bar! Ela soube que ele também estava se lembrando porque um segundo depois o reconhecimento brilhou nos olhos dele e o rapaz sorriu.

Era um sorriso maroto, alegre, e ela voltou-lhe as costas mm a impressão de que as gaivotas, gritando, riam dela.

— Que sorte a minha! — resmungou, voltando para a barraca.

Sua mãe e Toy já tinham pedido os camarões.

— Tudo certo? — perguntou, pegando a carteira e ansiosa por ir embora.

— Seu cartão de crédito não vale aqui — brincou a mãe. Cara pegou algumas notas e colocou-as no balcão, porém

Lovie, com agonizante calma, contou suas moedas até chegar a quantia exata. Cara deu um olhar nervoso para trás. Com o canto dos olhos viu o homem saltar do barco e caminhar pelo pontão na direção da barraca. Tirou mais um dólar da carteira.

— Pode ficar com o troco.

Então, enfiando o braço no da mãe, fez uma retirada rápida com Toy trotando atrás delas.

— Não entendo por que essa pressa toda! — reclamou Lovie afivelando o cinto de segurança enquanto Cara já dirigia carro para fora do estacionamento forrado de pedregulhos.

— Não devemos fazer Palmer esperar.

— Esperar? Pelo amor de Deus! Não é bem-educado chegar na hora marcada em ponto. Agora, diminua a velocidade Cara, e mostre que tem boas maneiras!

Ela havia combinado encontrar-se com o irmão diretamente na marina de Charleston a fim de aproveitarem tarde para um passeio no mar. Depois seguiriam cada qual com seu carro, para a mansão dos Rutledge.

Palmer Rutledge achava-se na popa de sua lancha Boston, uma das mãos firme no timão e a outra segurando a garrafa de cerveja, com a qual gesticulava amplamente, indicando as casas novas e caríssimas que se erguiam ao longo da Avenida Beira-Mar. Lovie e Toy achavam-se sentadas sobre um banco almofadado, embaixo da cobertura de lona branca. Cara escolhera ficar também na popa, ao sol. O passeio era muito agradável e Palmer parava em todos os pontos interessantes. Cara recostava-se, descontraída, na cadeira de lona, segurando o boné com uma das mãos e assentindo sorridente, de vez em quando.

Na orla havia muito mais casas do que ela se lembra e muitos barcos navegavam por ali. Quando era jovem, e e os amigos podiam mergulhar do cais e

atravessar o braço de mar a nado até o meio, onde havia uma pequena elevação de terra na qual recuperavam o fôlego antes de voltar. Hoje em dia fazer isso seria tão perigoso quanto atravessar o cruzamento da avenida principal. As lanchas maiores faziam a deles balançar quando passavam, mas todos se cumprimentavam com mil acenos e sorrisos.

Mais do que a beleza das casas e dos mangues, ela adorava apreciar a visão do irmão em seu próprio elemento. Palmer era um rapaz das praias, que amava cada centímetro da ilha e cada gota de água que fazia daquele lugar o mais especial da terra de Deus.

Sempre fora irrequieto. A mãe o chamava de Palmer, Pantera, porque em seus olhos havia sempre uma luz faminta. Porém agora ele estava mais velho, mais ponderado e pusera de lado as sungas tipo Tarzan e as faces arredondadas atestavam certo grau de satisfação com a vida e a inclinação por sanduíches e churrascos.

— Tia Caretta, quer um refrigerante?

Cara voltou-se para ver Linnea de pé, com as pernas abertas para tentar desesperadamente manter o equilíbrio, servindo coca-cola gelada como uma verdadeira anfitriã.

— Oh! Sim, obrigada, querida. — Pegou o copo. — Você é a anfitriã mais adorável que já vi. E está trabalhando muito bem. Palmer, viu como sua filha é maravilhosa? Não derramou uma gota sequer. Parece uma bailarina neste balanço todo.

— Mais parece um marinheiro bêbado! — gritou ele de volta.

— *Papai!*

— Brincadeira, meu bem. Sabe que eu acho você a maior!

— Mamãe pediu que eu cuidasse de tudo até ela voltar para casa e fazer o jantar — contou a menina, honestamente, para a tia.

— Aceita mais alguma coisa?

— Só um beijo.

A menininha atendeu, inclinando-se para dar-lhe um beijo na face, depois retornou ao trabalho.

— Vovó Lovie, quer um refrigerante?

Linnea movimentava-se no barco segurando-se nos encostos dos assentos, em joelhos, em qualquer coisa que pudesse agarrar para equilibrar-se. A pequena tentava corajosamente desempenhar direito o seu papel.

Cooper estava interessado apenas em dirigir a lancha. Sua pequena, porém firme figura permanecia em pé ao lado do pai, os olhos negros fixos em todos os movimentos que ele fazia mexendo no painel e no timão. Infelizmente Palmer estava ocupado demais em conversar com os adultos para prestar atenção no menino.

— Papai, posso segurar no timão? *Por favor?* — pediu ele, pela décima vez.

— Cooper, vá ficar perto da vovó um pouco — mandou Palmer, livrando-se do

garoto.

O rostinho de Cooper tornou-se sombrio, mas ele obedeceu e conseguiu sentar-se entre Lovie e Toy. Cara ficou olhando o pequeno, que permaneceu sentado apenas por alguns minutos. Então, riu ao ver que ele se levantava e ia de novo para junto da roda do leme e ficava mirando o pai, fascinado e com os olhos implorantes. Era ao mesmo tempo divertido e triste para Cara ver aquilo e lembrar-se de que Palmer fazia a mesma coisa com seu pai que, como ele agora, mandava o filho embora.

Palmer, Palmer, avisou intimamente, cuidado com o que está fazendo...

O sol vermelho descia no horizonte quando voltaram para Charleston, o mar adquirira um tom azul profundo com toques dourados. Já se deslocando com menos velocidade, Palmer reduziu ainda mais a marcha quando entraram na baía

— Veja, tia Cara, lá está o forte Sumter! — Linnea apontou para uma pequena ilha no meio da entrada do Atlântico para a Baía de Charleston.

A tia assentiu, sorrindo, apesar de ter visto aquele pontinho histórico milhões de vezes.

Linnea aproximou-se, numa tentativa de estabelecer conversa.

— Tia Cara, sabe que o primeiro tiro da Guerra entre Estados foi disparado desse forte?

Cara abriu a boca, como se estivesse surpreendida demais para encontrar o que dizer.

Palmer soltou uma sonora gargalhada e comentou:

— Ela pensa que você é uma ianque. Bem feito por estar morando no norte há tanto tempo!

Lovie apenas sorriu e balançou a cabeça como se dissesse "eu não disse?".

— Meu amorzinho — continuou Palmer, rindo —, se sua tia Cara é uma ianque eu também sou.

Linnea fitou o pai, toda confusa.

— Mas, papai, ela mora em Chicago!

— É verdade, meu bem, mas nasceu e cresceu aqui em Charleston, como você.

Linnea voltou-se para observar a tia, a admiração nos olhos azuis misturada com a indecisão de se deveria desprezar Cara ou lamentá-la por ter perdido a cabeça e ido embora dali.

Cara sabia que se tornara uma excêntrica na família, uma vez que os sulistas de sangue quente jamais poderiam entender o frio e triste exílio em que vivia. Era alguém que vinha para sua terra apenas quando a obrigação exigia, usando roupas diferentes e que preferia ficar num hotel em vez de na casa de parentes. Sentia a distância mais agudamente em relação às crianças que agora a observavam com

olhares controlados.

— Não se preocupe, querida — pediu Cara à sobrinha, com um sorriso forçado. — Você não tem culpa por não saber. Eu fui embora antes da *Guerra Civil*.

Ela exagerou o sotaque nortista na frase, confirmando-se como uma ianque, só para mexer com o irmão.

— Você está apenas provocando a si mesma, maninha... Revidou ele, percebendo a intenção.

Mesmo não conseguindo ver os olhos de Palmer por trás das lentes escuras, sabia que brilhavam quando acrescentou:

— Eu continuo sendo seu velho irmão, o queridinho da nossa mãe e seu superior em todos os sentidos.

Cara agüentou firme o troco, sabendo que aquela era apenas uma pequena amostra do que estava por vir. Era este o seu modo de trazer à luz temas dolorosos e sempre funcionava. Linnea aproximou-se mais dela como se os laços familiares se tivessem apertado, e sentou-se no seu colo, tanto por curiosidade quanto por afeto. Cara sentiu o esguio corpinho encostar-se no seu quando o irmão acelerou na direção da península de Charleston e teve um impulso de afeto pela sobrinha. Era uma nova experiência, sorriu afetuosamente e ficou gratificada quando Linnea retribuiu o sorriso.

Todos no barco calaram-se enquanto se aproximavam da cidade. Cara ergueu o queixo e orgulhou-se das casas históricas ao longo da Battery, que davam tanta distinção à cidade. Viam o alto muro de pedras da barragem como algo bonito e agradável com tantas pessoas lindas e bem-nascidas apoiadas nas barras de ferro. Não importava quantas vezes olhassem aquele panorama, tanto turistas quanto locais jamais deixavam de sentir profunda emoção ao ver a cidade que contava centenas de anos. Charleston mostrava-se mais encantadora aos que vinham por mar, pensou Cara, ainda sorrindo.

O potente motor diminuiu ainda mais a velocidade quando o barco entrou na marina de Charleston. O cheiro de gasolina misturou-se à maresia e o estômago de Cara de uma reviravolta quando a lancha balançou.

— Estamos quase em casa — disse Linnea. Então, indica praia e, com orgulho infantil, acrescentou: — Nossa casa fica bem ali atrás.

Cara ergueu a cabeça para olhar acima dos altos mostrou para a Rua da Baía e as fileiras de casas imponentes. *Minha casa?* Perguntou-se e respirou fundo enquanto o pensamento percorria as poucas quadras de tijolos, madeira e ferro até a casa em que crescera. Olhou para a mãe surpreendeu-se ao ver que ela a fitava com um suave, ma conhecedor, meio sorriso nos lábios.

Sob o manto da noite a careta chega à praia. Lentamente arrasta seu corpo, como um tanque de guerra, até um local seco e alto. Apenas a careta fêmea vai para a areia nidificar. O macho, tendo cumprido a missão de fecundá-la, talvez nunca mais nade para uma praia outra vez.

CAPÍTULO VI

A casa de sua mãe era de um bonito estilo grego, localizada em uma das estreitas ruas, sombreadas por palmeiras e carvalhos, da "Plena Região Sul", o dourado perímetro de quadras onde a riqueza ainda reinava esplendorosa. *Encantadora* era a palavra que a maioria das pessoas usava para descrever as diferentes arquiteturas das históricas casas de cores pastel, igrejas e jardins com suas elaboradas grades de ferro batido. Olívia e Stratton Hutledge tinham comprado a casa no início dos anos 1960, pouco depois do nascimento de Cara, por uma fração de seu verdadeiro valor e essa fora a única casa em que ela morara até ir embora. Sua mãe se apaixonara à primeira vista pela mansão elegante, mas que estava em péssimas condições. Possuí-la havia sido uma aventura. Lovie encontrara incontáveis artefatos no quintal quando tinham cavado o local para a piscina e durante anos ela, incansável, reconduzira a mansão, com sua graciosa *piazza* de três pavimentos, aos dias de glória. Era seu maior orgulho que em todos os outonos, ano após ano, a casa fosse incluída na publicação anual "< casa e Jardim", da Sociedade de Preservação.

Depois de parar no meio-fio, Cara ficou olhando a casa da sua infância e juventude rodeada por carvalhos majestosos, e soube que uma casa linda nem sempre é feliz. Saiu do carro e foi envolvida pela neblina que se formara junto à baía. Fechou a porta e caminhou devagar pela alameda em curva para o portão da frente. Enquanto andava sentia <> impulso quase irresistível de girar nos calcanhares e correr. Dentro da enorme casa havia lembranças que ela preferia não revisitar. Nada mórbido ou incestuoso, nada que pudesse provocar escandalosas manchetes nos jornais. O seu era um tipo de trauma calmo e insidioso. Palmer e ela tinham sofrido uma série de insultos e tristes incidentes que se agitavam, densos e mofados, ao redor dela como a neblina o fazia nesse fim de tarde.

Seu peito apertou-se. Respirou fundo e ficou imóvel, de pé junto da mãe e de Toy, esperando que alguém viesse atender à campainha. Dentro da casa soaram risadas de crianças e barulho de pés correndo na escada. Um instante depois Júlia abriu a porta da frente e abraçou cada uma com ternura.

— Até que enfim! Pensamos que vocês tivessem se perdido. Como demoraram para vir da marina aqui!

— É que eu quis dar uma volta pelo meu velho bairro — explicou Cara.

— Entrem e sejam bem-vindas. As crianças estavam numa agitação tremenda esperando por vocês.

Júlia, pequenina e esguia, usava um vestido estampado com flores azuis que combinavam com seus olhos.

Cara não a via fazia anos e achou que a cunhada substituíra seu jeito empertigado da juventude por madura elegância que a tornava encantadora. No entanto, por trás do sorriso brilhante de Júlia percebeu uma dureza, uma inflexibilidade antes inexistente e que se evidenciava também pelas minúsculas, quase invisíveis, rugas ao redor dos olhos que indicavam tensão. Um corte moderno, curto, dos bonitos cabelos loiros, antes longos, deixava à vista os grandes brincos de topázio e diamantes que tinha nas orelhas. A maquiagem fora aplicada com perícia. Cara tinha certeza de que se passasse pela cunhada numa loja a notaria pela classe

e beleza.

Parecia-lhe um tanto pretensioso que Júlia recebesse Lovie como uma visita em sua própria casa, mas disse a si mesma que era natural nas mulheres sulistas fazer tudo para as pessoas sentirem-se bem-vindas no local em que moravam. Em contraste, Toy parecia empacada, arrastando os pés ao andar e mal murmurando uma “boa-tarde” em voz baixa. No entanto, Cara a essa altura já a conhecia bastante para saber que tal atitude era apenas reflexo de insegurança.

Júlia não se aborreceu. Rindo de algo que Lovie dissera,

Uívou-as para a varanda dos fundos. Enquanto caminhava, para entregou-se ao devaneio. A casa tinha a aparência e o clima de todas as residências históricas de Charleston, com suas paredes muito altas, grandes quantidades de ornamentos em madeira, elaboradas lareiras e soalhos de longas tábuas enceradas. Contudo, notou uma diferença que estava menos nas modificações físicas do que no astral da mansão. O papel de parede sem graça do qual se lembrava havia sido substituído por cores brilhantes e vivas: vermelho-framboesa na sala de jantar, verde-claro na sala de estar, amarelo suave na biblioteca. Os pesados brocados e veludos que cobriam as janelas haviam dado lugar a sedas esplêndidas que pareciam flutuar do teto ao soalho. As cores brilhantes realçavam os móveis antigos que pertenciam à família de Cara havia gerações.

— Você está com jeito de quem espera ver um fantasma de materializar — disse Palmer, indo ao encontro da irmã o oferecendo-lhe um gim tônica.

Ele mudara as roupas de navegar por uma calça esporte o camisa pólo de seda.

Cara virou-se e sorriu ao vê-lo. Aceitou a bebida com prazer.

— Você quer dizer, o papai?

O olhar de Palmer foi para o enorme retrato de Stratton Rutledge que, no primeiro patamar da escadaria, dominava a sala.

— Ele ainda está por aqui, flutuando. Eu nunca consegui escapar do filho da puta.

— Podia ter escapado.

Palmer sacudiu a cabeça, forçou um sorriso, mas seus olhos pareciam os de um homem assombrado.

— Agora eu dirijo a empresa. Moro nesta casa. Sou o portador do nome da família. O que mais posso fazer? Cumpro meu destino.

Ela fitou o irmão diretamente nos olhos:

— Nós mesmos fazemos nosso destino.

— Se você acredita mesmo nisso, querida, tenho algumas extensões de brejo que gostaria de lhe vender.

Palmer ergueu o copo para tomar um gole de Bourbon e seus olhos brilharam acima da borda. Naquele momento Cara tornou a sentir a velha ligação que tinham quando crianças.

— É bom tê-la aqui em casa outra vez, Cara. Continua tão bonita... E tão alta quanto antes — cutucou ele.

Com um metro e oitenta, Cara era quase da altura do irmão. O crescimento sempre fora um ponto de mágoa entre os dois, porque durante a infância e a juventude ela se mantivera mais alta do que ele. Então, Palmer dera uma esticado e se tornara mais alto, porém apenas cinco centímetros.

— Nisso eu também ultrapassei você — acrescentou ele

— Parece que me ultrapassou também nas medidas d cintura.

Ele deu umas palmadinhas na levíssima proeminência d seu ventre e assentiu, com jovial orgulho.

— Pois é, moça. O casamento faz isso com um homem Ah, mas você não entende dessas coisas!

Cara se manteve inatingível.

— Consegui escapar até agora.

— Mulher, onde arranja essas suas idéias malucas? Tenho certeza de que aqui no sul não é. Se tivesse ficado conosco estaria com um marido e correndo atrás de crianças neste momento. Tome cuidado!

— Se você soubesse o terceiro grau a que mamãe já *me* submeteu... Fui massacrada.

Ele deu um sorriso de compreensão e sacudiu seu copo misturando o Bourbon ao gelo.

— Quanto tempo vai ficar desta vez?

— Não sei ainda. Mamãe quer que eu fique bastante, mas para dizer a verdade, já estou me sentindo inquieta. Aqui não há nada para mim.

— Cara, Cara... — Palmer balançou a cabeça. — Você não pode estar querendo mesmo deixar este paraíso e voltai para aquela cidade fria. Nunca a entendi! — Ele inclinou-se para ela, interessado. — Você disse que mamãe lhe mandou um bilhete?

Ela fez que sim e tomou um gole da sua bebida, tornando-se mais séria.

— E verdade. Nosso estado usual de trégua civilizada funcionou durante anos, mas percebo que as coisas mudaram desde que papai morreu. Prefiro pensar que ela sentiu saudade de mim. Mas acho que na verdade quer apenas que a ajude a pôr tudo em ordem, agora que ele se foi.

O rosto de Palmer endureceu quase imperceptivelmente, o, porém o bastante para ela saber que tocara num ponto sensível.

— Pôr em ordem, o quê?

— Ainda não sei. Imagino quanta coisa deve estar amontoadá no sótão e que mamãe pretende separar em partes iguais, agora que está morando na casa da praia. Talvez esteja até querendo vender esta casa. Por acaso ela falou nisso?

Desta vez a expressão dele tornou-se sombria e apareceu em seus olhos uma indagação que ela não pôde ignorar, mas não entendeu.

— Não — respondeu Palmer, devagar. — Não falou.

— Pensei que...

— Então, gostou? — perguntou ele, interrompendo-a indicando a sala.

Cara foi tomada de surpresa pela abrupta mudança de assunto, mas aceitou-a, concluindo que Palmer ficara aborrecido por não ter sido consultado.

— Ficou tudo tão diferente... — observou acompanhando-o para os fundos da casa. — Parece muito... Não sei... Mais jovem. Bonito, aliás. O decorador foi brilhante.

O rosto do irmão iluminou-se.

— Júlia é que fez tudo e ficaria feliz se você lhe dissesse que gostou. Ela caprichou até nos menores detalhes. E não me importo de confessar a você que fiquei vesgo quando ver os tecidos que ela comprou para as cortinas, colchas, almofadas... Sei lá como vocês chamam aquilo tudo! E as franjas? Garanto que nunca vi tanta franja na minha vida!

— Vou cumprimentá-la, sim, pois fez um trabalho lindíssimo. — Depois, fitando sua bebida, ela perguntou: — Mamãe não se importou com as mudanças?

O irmão fitou-a com ar esquisito.

— Importar-se? Acho que não. Por que iria se importar?

— Não sei. Mamãe morou tanto tempo nesta casa...

— Não, não, ela até gostou das mudanças — garantiu ele, mm exagerada confiança — e Júlia gosta de mudar a casa de vez, em quando. Acredito, portanto, que todo mundo esteja feliz. Mas não acredito que essa decoração tradicional seja seu estilo, ouvi dizer que você prefere o estilo moderno, maninha.

Cara observou o gracioso aposento em que estavam e perguntou a si mesma se aquilo seria verdade.

— Talvez... — respondeu aí seus olhos encontraram o do irmão e ela sorriu sem jeito. — E prerrogativa das mulheres mudar o modo de pensar.

— Bem, espero que não tenha mudado o modo de pensar a respeito do picadinho de rã... Por falar nisso, há uma panela com o seu nome lá na cozinha e eu ia me esquecendo. Já deve estar quase pronto.

— Chamou: — Júlia!

Ela enfiou a cabeça pelo vão de uma porta:

— Que é meu bem?

— Veja alguma coisa para minha irmã beliscar enquanto eu cuido do picadinho de rã. Vai estar pronto para servir daqui a pouco.

— Voltou-se para Cara com um sorriso-Feito especialmente para você.

Mais uma vez ela ficou contente por ele ter se lembrado de seu prato predileto e foi para a cozinha ajudar Júlia a servir o aperitivo.

Reuniram-se na sala de jantar vermelha, com altas velas brancas acesas ao seu redor e o elaborado lustre de cristal brilhando como uma lua lá em cima. Conversaram sobre os velhos tempos. Quer dizer, pelo menos Palmer falou muito e Cara ouviu, olhando o irmão sentado à cabeceira da longa mesa retangular de mogno. Ele recordou as peripécias dos melhores momentos que tinham vivido juntos ali na cidade e na casa da praia. Herdara o dom do pai de contar histórias. Essa era

uma habilidade ensinada aos pequenos nortista e aprimorava-se com a idade. Mas apenas alguns apresentavam verdadeiro talento para escolher os detalhes, para construir frases atraentes, para descrever coisas e pessoas com tal precisão que quem ouvia parecia estar vendo o que descreviam. Palmer era muito habilidoso em fazer as lembranças reviverem e, assim, levou a irmã e a mãe ao passado com ele. De vez em quando as duas faziam comentários.

No começo Toy fez cara de que estava aborrecida, mas também acabou sendo levada pela magia das narrativas de Palmer. Cara de vez em quando observava-a e ela mantinha os olhos arregalados, como as crianças, devorando as histórias como os camarões, a lingüiça e o milho. Chegou a relaxar o bastante para sorrir de vez em quando e até deixar escapar uma gargalhada.

A medida que a noite avançava, no entanto, e mais vinho era consumido, o rosto de Palmer tornava-se vermelho e as histórias, de coloridas e alegres, começavam a se tornar amargas. Ele fora para o lado escuro das recordações e o ambiente foi se tornando desconfortavelmente tenso. Quando ele empurrou a cadeira para trás e se levantou os suspiros de alívio das mulheres foram quase audíveis.

— Acho que podemos abrir outra garrafa, não? — perguntou Palmer, com a voz mais arrastada ainda, erguendo

is garrafas vazias que estavam sobre a mesa. — Esperem aqui que eu volto já.

Assim que ele saiu da sala, Lovie trocou um olhar com Júlia, que se pôs em pé imediatamente.

— Vamos, crianças. Dêem um beijo de boa-noite na vovó e na tia Cara. Depressa, como coelhinhos!

Houve o rumor de beijos estalados, de ternas declarações de amor e Júlia pediu licença para ir deitar os filhos. Toy percebeu a situação e também se levantou.

— Estou cansada, dona Lovie. Será que posso ir me deitar no sofá da sala de estar, com os pés para cima?

Lovie sentiu-se grata.

— Pode, sim. É uma boa idéia. Assista à tevê, se quiser. Mas não se preocupe, iremos embora logo.

Assim que Toy saiu da sala, Palmer entrou trazendo uma garrafa de vinho.

— Filho, acho que está na hora de irmos — disse Lovie, pondo seu guardanapo em cima da mesa. — Foi um dia maravilhoso, nem sei como agradecer.

Palmer estacou.

— Não, não vão embora — discordou ele, com um pedido petulante na voz. Colocou a garrafa na mesa e começou a abri-la. — Ainda é cedo e vemos você tão pouco, mamãe. — Só então notou que havia algo diferente na sala. Olhou ao redor: — Onde estão as crianças?

— Júlia foi deitá-las — respondeu sua mãe.

Ele ficou carrancudo e seus olhos brilharam de raiva.

— Por que aquela boba teve tanta pressa em mandar os pequenos dormir? — Deu alguns passos, esticou o pescoço na direção da escada e gritou: — Júlia! Chocada, Cara ficou olhando o irmão.

— O quê?

A voz que soou lá em cima pareceu a todos alegre demais.

— Que diabo você está fazendo? — tornou a berrar ele.

— Estou deitando as crianças. Já é tarde.

— Não grite, Palmer — pediu Lovie, com voz calma. — Você parece um peixeiro gritando desse jeito. Deixe-a deitar as crianças.

— Hoje elas podem ir dormir mais tarde. Quero que passem mais tempo com você.

O corpo todo de Cara enrijeceu ao perceber o tão familiar jeito de um homem tornado agressivo por excesso de vinho.

— Os pequenos tiveram um dia muito agitado, estavam com os olhos fechando de cansaço. Estão numa idade em que precisam dormir bastante. E eu, como sou velha, também preciso. Além disso, não moro assim tão longe. Você pode levar meus netos para me visitar quando quiser.

Palmer balançou a cabeça, franzindo a testa.

— Não é a mesma coisa que ter você morando aqui. Eles precisam da influência da avó. Júlia é uma moça fina e tudo, mas, digamos a verdade, não teve o seu berço, mãe.

Os olhos de Cara estreitaram-se ao ouvir Palmer diminuir a esposa daquele jeito diante da sogra e da cunhada.

— Por que foi embora desta casa, mãe? — A voz dele era quase um sussurro. — Ela sempre será tão sua quanto minha.

— Que generosidade a sua dizer isso! — desabafou Cara.

— Mas é a verdade! — defendeu-se ele. — Eu não queria que mamãe fosse embora.

Ele serviu vinho no copo de Cara, algumas gotas respingaram na toalha, e depois, com um gesto de enfado, acrescentou:

— Mas ela insistiu.

— E verdade — concordou Lovie, em tom conciliador, colocando a mão sobre seu copo. — Sei que queria mesmo que eu ficasse filho, e isso me lisonjeia. Mas, honestamente, eu não poderia estar mais feliz do que estou. Sempre adorei minha pequena casa da praia.

— E sempre adorou esta casa! — retrucou Palmer, servindo-se de vinho.

Mãe e filha trocaram um olhar preocupado.

— Mas já que falou nisso — disse ele, mexendo-se descontente na cadeira —, vamos resolver logo esse caso.

Palmer endireitou o corpo, apoiou os cotovelos na mesa e, erguendo os olhos para Lovie, disse em tom sério:

— Muito bem, é algo muito simples. Mamãe, eu quero que você volte a morar conosco. Não gosto que fique longe de nós, naquela ilha. Quero que fique aqui, onde posso tomar conta de você.

— Estou muito contente lá.

— Naquele chalé velho? Para começar, é o lugar ideal para uma bela fogueira. Além disso, mal se mantém em pé. Diabo!

Se ventar um pouco mais forte aquele chalé se desgruda dos alicerces.

— Aquele chalé agüentou mais furacões do que consigo contar

— defendeu-se Lovie.

Palmer ergueu uma das mãos.

— Subsistência é uma coisa. Contratar essa moça quando poderia estar morando aqui com a gente é outra. Mas isso não é nada comparado com os impostos que hoje pagamos pelo chalé. O valor daquele pedaço de terra subiu ao céu feito um foguete durante os últimos anos.

— Os olhos azuis brilharam quando ele se inclinou para a frente e acrescentou em ênfase: — Aquele chalé inútil encontra-se no meio de um terreno valioso, perto da praia e com vista para o mar. Não há muitos lotes assim na ilha hoje em dia e você sabe que isso é verdade. Os novos impostos fazem meu sangue ferver, de tão altos!

Agitada, Lovie inclinou-se também para o filho.

— Mas, Palmer, você não aplicou dinheiro para cobrir os impostos? Eu lhe disse que fizesse isso em novembro, antes de me mudar daqui.

— E fiz, mas o aumento foi maior do que eu esperava. Seu dinheiro está todo investido, mamãe, e com a Bolsa do jeito que está a quantia disponível diminuiu muito. Não tem nenhuma menor lógica continuarmos mais tempo com aquele chalé.

— Não preciso de tanto tempo assim.

— Não é esse o ponto, mãe. E não teime como sempre, ouça-me. Fiz vários levantamentos e sei com certeza que apesar do aspecto paupérrimo daquele chalé ele vale pelo menos setecentos ou oitocentos mil dólares. Talvez até mais. Veja, daqueles três lotes perto do nosso, os dois do lado foram doados para a Proteção da Orla Costeira como área de parque para sempre.

As sobrancelhas da Cara ergueram-se. Ela não sabia disso. Se fosse verdade, esse fato aumentaria muito o valor do terreno de sua mãe.

— É assim que vejo a coisa — continuou Palmer —, se eu puder comprar o lote que fica em frente ao seu, teremos dois lotes de frente para a praia. Posso construir duas casas de modo que uma não atrapalhe a vista do mar da outra. Elas seriam sem preço, poderiam alcançar milhões.

— Minha casa não tem preço para mim — observou Lovie, calma.

— Claro, mamãe, eu sei que você adora aquele chalé, mas devemos malhar o ferro enquanto está quente. Quero dizer, comprar aquele lote antes que alguém o faça.

— Você sabe de quem é o terceiro lote? — perguntou Cara. Palmer sacudiu a

cabeça.

— Não, mas ponho meu pessoal em campo para descobrir. Encontrar o dono é apenas uma questão de tempo.

— Ou, então, você acha que devo vender o chalé? — insistiu Lovie.

Algo no tom de voz da mãe alertou Cara, parecia haver a dureza do ferro na pergunta. Fitou o rosto de Lovie. Estava sério e pálido. O de Palmer, em contraste, apresentava-se vermelho, quase roxo como uma beterraba, e seus olhos brilhavam vivos como os de um cão de caça.

— Creio que devemos conversar a respeito, ver quais são as opções.

Lovie voltou-se para Cara.

— Você quer que eu venda?

Ela não esperava por essa pergunta.

— Não sou eu que devo decidir.

— Por que perguntou a *ela*? — interferiu Palmer, zangado. Cara reagiu:

— Porque, como membro da família, tenho direito pelo menos a dar minha opinião.

— Direito? Pois sim! Depois de vinte anos de ausência acha que tem qualquer direito?

— Cara — chamou a mãe de um modo que fez a atenção da filha voltar a ela, você quer que eu venda?

Cara apertou os lábios, pensando. Uma das suas melhores habilidades profissionais era conseguir abstrair-se de uma equação e pensar com objetividade. Quando respondeu, sua voz soou calma e decisiva.

— Se o que Palmer diz é verdade e aqueles outros dois lotes agora pertencem a um parque, o seu terreno é o mesmo que ter ouro no banco, mamãe, em termos de segurança. Dinheiro na mão não é tão seguro, não pode ser. Se bem lembro — ela olhou para o irmão, o seu dinheiro já está investido. Portanto — voltou-se de novo para Lovie, acho que deve fazer o que a tornar mais feliz. A terra é sua mamãe. A vida também é sua. Aproveite-a.

O rosto de Lovie descontraiu-se, tornando-se de novo suave, seus olhos expressaram alívio e, talvez, esperança.

— E você, Cara — perguntou Palmer —, não tem qualquer interesse na casa da praia?

Era uma pergunta maldosa e Cara lamentou ouvi-la. Olhou para a mãe. Lovie achava-se inclinada para frente, atenta no que ela ia responder.

— Não — foi a honesta resposta de Cara. — A casa é da mamãe e espero que ela viva lá com felicidade, por muitos anos.

Palmer recostou-se na cadeira e cruzou os dedos sobre a barriga.

— É mesmo? Bem, eu acho estranho você voltar agora, depois de todos esses anos, com um súbito interesse por esta casa e pela casa da praia.

Era a bebida que estava falando e Cara não engoliu a isca.

— Já lhe disse Palmer, que vim porque mamãe me chamou. Se estiver com medo de que eu tenha idéias mercenárias, sossegue. Estou bem de vida. Não sou rica, mas levo uma vida confortável. E sempre fui capaz de me arranjar sozinha, rumo você sabe. — Foi à vez dela de recostar-se em sua cadeira e dizer, sorrindo: — Ganhei meu dinheiro à moda antiga: trabalhando. Não preciso nada da mamãe.

— Meu bem — replicou Palmer, mais lentamente ainda, eu é que ganhei meu dinheiro do modo antigo: herdei-o.

Ele riu e conseguiu diluir um pouco a tensão, porém ela continuava ali, à espreita. Voltou-se de novo para a mãe, parecendo sincero.

— Mamãe, seja razoável. Pondo de lado a questão financeira, temos que ser realistas sobre a sua saúde. Por melhor que esteja, você já não é moça. Não é seguro que more sozinha. Júlia, as crianças e eu estamos aqui na cidade. Sen. médicos estão aqui na cidade. Se houver algum tipo de emergência você está longe demais para receber a devida ajuda. Que tipo de filho eu seria deixando-a sozinha à esta altura da sua vida?

— Agradeço muito a sua preocupação — respondeu Lovie, secamente, mas não estou sozinha.

As Damas das Tartarugas cuidam de mim e tenho Toy que me ajuda todos os dias.

Lovie pareceu arrepender-se por ter citado o nome da moça porque se calou de imediato. Palmer apegou-se naquele ponto.

— Esse é outro problema! O que sabemos dessa moça? Ela pode muito bem ser uma ladra...

— Oh! Pelo amor de Deus! — Lovie levou as mãos à cabeça.

— Mesmo que ela não esteja interessada na sua prataria, que espécie de ajuda pode dar uma moça grávida, volumosa a ponto de quase não poder andar? De que modo ela pode cuidar de você? Não tem idade sequer para cuidar de si mesma. Quero dizer... Diabo! — Palmer bateu a mão na mesa — Não sei se quero meus filhos perto de gente como ela. E não a quero na minha casa. Quem sabe de onde ela veio? Que exemplo ela vai dar para Linnea?

Cara olhou por cima do ombro, com medo que Toy tivesse ouvido. Mas tinha mesmo que ouvir, com Palmer gritando daquele jeito. Esperou que a mãe defendesse Toy, mas a voltar-se viu-a de ombros caídos e compreendeu que nada iria acontecer e ficou desapontada. Como não pôde se conter e explodiu num tom de voz que pararia o trânsito de Chicago.

— Chega Palmer! Você não conhece essa moça, mas condena só por ela estar grávida? Será que não é o rol falando do esfarrapado? Lembro-me de algo que aconteceu anos atrás...

O rosto dele ficou com manchas vermelhas, mas teve a decência de se manter calado.

— Ah, você também se lembra! — forçou ela, sem falar no escândalo.

Sabia que o irmão estava se lembrando da garota da faculdade que levava para o pavilhão de caça do pai sempre que podia. O caso terminara do modo previsível: dinheiro trocando de mãos e Palmer saíra da encrenca sem problema. O

que talvez não tivesse acontecido com a garota. Cara não conseguia lembrar-se do nome dela e poderia apostar que Palmer também não. *Certas coisas jamais mudam*, pensou com um suspiro. *É sempre a mulher que leva a pior*.

Houve um silêncio desagradável durante o qual Palmer largou o copo e Cara respirou fundo. Quanto a ela, a noite estava terminada.

— Creio que passemos pela alameda da memória por tempo demais para uma noite — disse. — Mamãe resolveu morar no chalé e escolheu essa jovem como companheira. Pelo que sei, posso afirmar que Toy é uma moça decente, trabalhadora, e cuida muito bem de nossa mãe. Está fazendo direito o seu trabalho, como pude ver nos últimos dias.

— Virou-se para Lovie. — Desculpe mamãe, se tenho parecido uma lesma ultimamente, mas este delicioso jantar e a minha reação parece que me fizeram voltar à vida. Estou me lembrando exatamente de quem sou e por que saí desta casa. Palmer, se me perdoa a franqueza, preciso lhe dizer que você He tornou um brutalizado porco chauvinista como papai era. Mal o reconheço.

Palmer ficou assombrado no primeiro instante, depois sua expressão endureceu. Quando ele falou, a voz soou gelada e contida apesar do encantador sorriso.

— Sinto que sua opinião a meu respeito tenha descido muito, mas o fato, minha irmã, é que você esteve fora de cena por muito tempo, levando por sua conta seu próprio estilo de vida, cuidando apenas dos seus interesses. Coube a mim tomar conta da nossa mãe.

— Você a está tratando como uma criança! — explodiu Cara.

— Não é marido dela, é filho! Trate-a com respeito.

O dinheiro é *dela*, afinal de contas. Mamãe é perfeitamente capaz de cuidar das próprias finanças. Acho que você adora o controle que exerce sobre ela, como papai fazia.

A expressão de Palmer gelou por um momento e, a despeito da verdade do que dissera, Cara sentiu pena momentânea dele, lembrando-se do menino que seu irmão havia sido. Então, viu que seu rosto se descontraiu num sorriso formal.

— Tenho sido apenas um filho dedicado. Pergunte a ela Cara procurou o olhar da mãe.

— Vocês sabem que não tenho cabeça para criar imagens... — disse ela, com voz distante e parecendo estar encolhida dentro de si mesma.

— Você me comparou com papai? — perguntou Palmer, voltando ao ponto nevrálgico. — Muito bem, assim sou. A maçã não pode cair longe da macieira, não é o que dizem? Mas diga você o que quiser, o fato é que enquanto vivia folgada em Chicago eu estava aqui, lidando com o alcoolismo do nosso pai e com sua amaldiçoada crueldade. Depois que ele morreu, Júlia teve que pintar e limpar a casa toda para livrá-la do cheiro de bourbon e charuto. Eu estava aqui com a mamãe, cuidando dela, e nós dois sabemos que não estamos falando de dinheiro.

— Os olhos dele cintilaram quando entrou num estado de agitação.

— Ele deixou a empresa para mim, não para você. Deixou a propriedade para mim, não para você. Por quê? Não foi porque gostava mais de mim, todos nós

sabemos disso... — acrescentou com amargura.

— Foi porque você virou as costas para ele e empurrou-lhe isso garganta abaixo. Papai jamais a perdoou.

Os dois se encararam em teimoso silêncio.

— E eu jamais o perdoei pelo modo que nos tratou — disse Cara por fim. — Pelo modo que ele tratou você, mamãe.

Lovie abaixou os olhos.

Cara não conseguia agüentar ver a mãe de novo encolhida daquele jeito. Era uma coisa que sentia dolorosamente na própria carne. Aquela meiga criatura sentada à cabeceira da mesa era a mãe ao lado da qual crescera, mas a mulher da casa da praia era outra completamente diferente. Quando pensava na mãe vinham-lhe à cabeça as palavras *indecisão* e *subserviência*. Durante as conversas da família nos jantares naquela mesma longa e polida mesa, Olívia Rutledge em geral ficava sentada, quieta e ouvindo, ou movendo-se da cozinha à sala, em silêncio, para servir a mesa. Ela só participava das conversas quando lhe era dirigida alguma pergunta, o que em geral acontecia quando alguém não se lembrava de alguma coisa. E jamais respondera se queixara ou contradissera o marido, por mais cruel a injustiça que sofresse. Entre Cara e o pai as conversas eram sobre tiroteios e vitórias. Com Lovie e, em menor grau, com Palmer era sobre escapar das balas. Todos ali achavam que era tão forte! O que jamais haviam entendido era que ela se mantinha recolhida para conseguir sobreviver, também.

Encarou o irmão, as brasas de uma antiga fúria reacendendo-se em seu peito.

— Vamos deixar o passado em paz — propôs.

— Infelizmente o passado tem repercussões no presente — insistiu Palmer, agora completamente sóbrio. — Deixe-me colocá-la a par do que aconteceu aqui enquanto você estava longe.

— Palmer... — tentou interferir Lovie.

— Agora, mamãe, ficou claro para mim que a nossa Caretta não tem idéia de como são as coisas. Não deve haver segredos. Ela tem direito de saber.

— Saber, o quê? — perguntou Cara. — Todos nós sabíamos muito antes do papai morrer que ele ia deixar a empresa para você. Fosse você primogênito ou não, neste caso era o correto. Eu não a queria e você a merecia. Trabalhou duramente nela. Fiquei feliz por você.

Palmer fez um breve gesto de assentimento.

— Mas não foi apenas a empresa que ele deixou para mim, o que você teria sabido se não tivesse ido embora antes da leitura do testamento.

— Então, conte-me agora, Palmer.

— Você precisa saber que ele me deixou a parte do leão de sua riqueza.

Cara olhou para Lovie em busca de confirmação. Sentia-se revoltada por essa humilhação final que o pai fizera à sua mãe.

— Você não recebeu nem mesmo a metade, mamãe? Mas foi com o seu dinheiro que a empresa começou!

Palmer é que respondeu:

— Quando papai morreu, estava tudo no nome dele, até mesmo esta casa.

— Não!

Essa negativa saiu como se fosse sua respiração. Cara ficou em silêncio e olhou de novo para a mãe, sem compreender nada. Lovie permaneceu sentada, olhando para as mãos. Como pudera ser tão fraca a ponto de deixar que o marido lhe tirasse tudo? De repente, os comentários que Palmer fizera sobre a casa adquiriram sentido. Ela voltou os olhos para o irmão e disse com voz presa:

— Você tirou a casa da mamãe? O furor estampou-se no rosto de Palmer.

— Diabo, não! O que pensa que sou? Claro que não tire o filho da puta de tudo para mim a fim de espezinhá-la. Tentei devolver...

— Voltou-se para a mãe: — Não foi?

Lovie assentiu e lágrimas subiram-lhe aos olhos. — Não entendo

— murmurou Cara.

— Ele... — começou Palmer.

— Deixe-me explicar — pediu-lhe Lovie. A voz dela soava baixa, mas clara e firme. — Eu não quis a casa de volta, dei-a a Palmer com tudo que tinha dentro. — Fitou os olhos da filha. — Você jamais iria querê-la, Cara. Deixou isso claro como cristal no decorrer dos anos. Palmer queria. Ele a queria para Júlia e as crianças. Eles cuidaram da casa, gostam dela e a merecem. E têm sido felizes aqui.

Isso era tudo que eu queria: que a felicidade voltasse a morar nesta casa, que houvesse risos de uma família, de crianças dentro dela.

— Os olhos azuis, mais pálidos pela idade e a doença, passearam pela sala com uma expressão doce-amarga. — Por algum motivo próprio, seu pai foi quem tomou esta decisão, mas no fim a decisão foi minha. Não de Stratton. Não de Palmer. Minha e apenas minha.

Cara fitou intensamente os olhos da mãe. O choque doía mais e mais fundo do que ela poderia ter imaginado. Não que Palmer tivesse herdado a casa. Ouvira a explicação da mãe, achara que tinha sentido e mais, que era justa. Mas doía-lhe o fato de não a terem levado em conta. No íntimo, reconhecia que era a culpada, pois era honesta o bastante para saber o que estava fazendo ao ir embora. Claro, era muito jovem e teimosa quando partira. Quem não teimava aos dezoito anos? Mas ter sido ignorada... Sabia que estava tendo uma reação emocional, mas não conseguia evitá-la. Quando o pai morrera sentia-se segura profissionalmente e forte o bastante para manter-se longe de tudo. Mas agora pisava num terreno instável. Fazia menos de duas semanas havia sido despedida do emprego e traída pelo namorado. Voltara para casa em busca de consolo e descobria que a família a descartara tranquilamente.

Os olhos de sua mãe estavam repletos de tristeza.

— Se houver nesta casa alguma coisa que você queira, um móvel, um quadro, qualquer coisa...

— Isso mesmo, Cara — apoiou Palmer. — É só você dizer.

Olhou para ele, incapaz de responder ao oferecimento dessa reflexão tardia

que representava sua importância na família. Cara sentiu-se morrendo por dentro, o que reconheceu como seu velho e conhecido mecanismo de defesa. Parecia que de novo uma parede de aço se interpunha entre ela e sua família, a mesma parede que a salvara de ser atingida tantas vezes no passado. A primeira vez que a parede aparecera fora naquela mesma mesa, vinte anos antes. Ela estava com dezoito e informara ao pai que ia estudar na universidade de Boston. O pai achava-se sentado no lugar que Palmer ocupava agora, bêbado como sempre, o olhar perturbado. A mãe estava na cabeceira oposta, onde também se encontrava nesta noite. Como sempre, mantinha os olhos fixos no prato. Palmer ficara gelado na mesa, ao lado dela, implorando-lhe com o olhar que ficasse quieta, que não insistisse em teimar.

— Quem você pensa que é, menina? — rugira Stratton. — Você vai fazer o que eu mandar. E se colocar um pé que seja fora desta cidade... Desta casa... Vai se ver comigo, ouviu? Não vai para o norte e acabou-se. Não vou tolerar arrogância, muito menos de uma adolescente que não sabe se comportar como a dama que deveria ser por nascimento. Você é um estorvo para sua mãe e para mim. Ei! Aonde pensa que vai? Volte aqui! Caretta Rutledge! Se sair desta casa não terá nem um dólar, nem um móvel, nem mesmo um aceno de cabeça meus quando passar por mim pela rua! Ouviu?

O instinto agiu naquele momento como agira vinte anos antes e ela

soube que, por mais que admirasse, amasse e desejasse as antigüidades da família, se aceitasse uma palha sequer ela ficaria amarrada ao seu tornozelo como uma pedra imensa e a levaria para o fundo. Então, como na noite distante, preferiu a liberdade.

— Obrigada, mas não — respondeu com voz contida. Tudo foi dado a você e à Júlia. Não quero nada. Obrigada por me haver explicado a situação.

O que queria agora era não se humilhar mais. A opressão que sempre sentira naquela casa a esmagava de novo. Teve medo de perder o controle e soltar uma amarga gargalhada ou de cair num doloroso pranto.

Interrompeu o pesado silêncio erguendo-se e murmurado os usuais termos de despedida, de agradecimento pela boa recepção. Chamaram Toy, Júlia veio juntar-se a eles flanqueada por Lovie e Palmer, Cara andou às cegas pela casa. A porta, o irmão aproximou-se para beijar-lhe o rosto

Antes que a porta se fechasse ela ouviu o rumor de uma súbita rajada de vento que soou como o uivo de um fantasma

Se o local não se mostrar indicado ou se encontrar uma raiz ou uma rocha ou, ainda, se perceber a presença de intrusos, a careta voltará para o mar sem ter posto seus ovos. Esta situação denomina-se "ninho falso".

CAPÍTULO VII

Voltaram para casa em silêncio. Talvez porque já se houvessem dito coisas demais ou talvez por não ter sido dito o suficiente. De qualquer modo, ninguém sentia vontade de falar enquanto rodavam pela estrada, passavam pelas pontes sobre os rios, sobre o mangue o sobre o braço de mar entre a Ilha Sullivan e a Ilha

das Palmas. As nuvens estavam baixas e densas, as luzes de poucas casas perfuravam o negror aveludado da noite.

Lovie estava no banco de trás com Toy e via a silhueta do rosto da filha contra a branda luminosidade do painel. Os ombros de Cara mantinham-se firmes, para trás, e suas mãos seguravam o volante com força. Lovie conhecia bem essa pose. Quando criança, toda vez que Cara ficava perturbada tornava-se calada e rígida, quase que inalcançável. Palmer chorava e esperneava, mas se alguém perguntasse a Cara como estava ela simplesmente desviava o olhar e respondia "bem".

Ao chegarem ao chalé, Cara abriu a porta para a mãe e dirigiu-se rapidamente para os fundos, a fim de evitar conversa. Quando Lovie entrou, ela já voltava da cozinha com um copo com água na mão. Com um rápido "boa-noite" e um aceno de mão entrou no quarto e fechou a porta.

— Bem, acho que vou me deitar também — disse Toy, fria e distante.

— Você está bem? — indagou Lovie.

— Só um pouco cansada — respondeu a moça, mas evitou-lhe o olhar.

Lovie ficou olhando Toy afastar-se e notou a oscilação dos quadris aumentados pelo crescimento do bebê.

— Boa noite então, meu bem.

Toy apenas assentiu e foi para o seu quarto.

Devagar, Lovie entrou na cozinha e pôs no fogo uma chaleira com água para fazer chá. Pegou duas canecas, colocou algumas colheres de chá no bule e enxugou as mãos no pano de prato. Encostou-se no balcão e abaixou a cabeça com um profundo suspiro. Seu coração estava oprimido. Aqueles silêncios entre Cara e ela não eram bons. Já tinha havido silêncio demais entre as duas durante todos aqueles anos. Pelo menos, se a verdade houvesse sido dita... Não podia mais admitir a própria fraqueza. Fio tinha razão, precisava falar com a filha e não tinha muito tempo.

Resoluta, caminhou sobre o tapete de sisal até a porta do quarto de Cara e bateu uma vez.

— Caretta?

Não houve resposta.

— Cara?

Ouviu o som de um sapato caindo, então a porta abriu-se. Cara apareceu com uma calça de pijama de seda azul-pálido e um top de algodão branco. O rosto estava sem nenhuma pintura e os cabelos brilhavam por terem sido escovados. Atrás dela, sobre a cama, Lovie viu uma mala aberta e já cheia pela metade. Cara passou as mãos pelos cabelos, depois deixou-as cair dos lados do corpo com um suspiro de exasperação.

— O que é, mamãe?

— Achei que devíamos conversar.

— Agora? — Cara calou-se, olhou para o teto, então sacudiu a cabeça. — Não posso, estou muito cansada. — Mas ao ver o desaponto no rosto da mãe

acrescentou, com suavidade: — Você também deve estar. Parece exausta.

— E estou mesmo. Mas não vou conseguir dormir se não conversarmos.

— Conversar nunca foi o nosso forte.

— Não, não foi.

— Por que agora, esta noite?

O olhar de Lovie dirigiu-se para a mala.

— Acho que é óbvio. Aliás, antes tarde do que nunca

— Talvez já seja tarde demais.

— Nunca é tarde se ainda tivermos um sopro de vida para falar. Venha. Vou fazer um chá.

Elas levaram as canecas com o chá quase fervendo para a sala de estar. Lovie acendeu dois pequenos abajures que criaram tênues poças de luz e tornaram o ambiente mais acolhedor. Cara foi para o sofá e enroscou-se como uma gata numa das extremidades, as pernas sob o corpo. Seus bonitos olhos negros estavam atentos e cautelosos. Lovie sentou-se na poltrona diante dela. Soltando-se sobre as almofadas, de repente sentiu o peso da fadiga e bocejou.

— Não quer deixar para amanhã? São quase onze horas - advertiu Cara.

— Não, não. Só estou me ajeitando.

— Você devia ter me contado

— disse Cara, assim que a mãe se acomodou.

Ninguém como ela, pensou Lovie, para ser direta e dar voz ao que se agitava na mente de ambas.

— Eu sei... Ia contar. Não pensei que fosse vir à tona hoje.

— Palmer penso que vim para reclamar minha parte da herança...

— Ele é um bom rapaz e não sei o que eu teria feito sem ele nos últimos anos, mas é um tanto egoísta. Por insegurança, eu acho. Em parte sou culpada disso. Dei-lhe tudo que podia porque Stratton... Bem, você sabe como seu pai era. Se era duro com você, que era uma menina, imagine com o filho!

— Mamãe, eu entendo isso, mas ele era severo demais. Por que você admitia isso? Quero dizer... — Cara abriu os braços, exasperada, havia algo errado com papai. Mas Palmer é seu filho; você não quer ser independente? Não quer saber onde seu dinheiro está?

— O que menos me importa é onde meu dinheiro está — declarou Lovie, levemente surpresa. — Jamais me importei. Por que me importaria? Dinheiro só traz confusão e dor de cabeça. Seu pai sempre cuidou das finanças e pagou as coisas, enquanto estava vivo. Depois que ele se foi, Palmer continuou a fazer isso para mim.

— E veja o que ganhou com toda essa confiança.

— Palmer é um bom rapaz. Esteve aqui, comigo, todos esses anos enquanto você estava longe. Não estou censurando-a por sua escolha, mas defendendo Palmer.

— O querido, queridíssimo Palmer.

— Cara...

— Isso sempre foi um problema, não? Você ficando do lado de Palmer e contra mim.

— Eu não fico do lado de ninguém — disse Lovie, cansada.

— Fica sim! Fica, mas não percebe. Fez isso a vida toda, deixando-me quase louca. Fica aí, sentada, e deixa que eles passem por cima de você. Não agüento mais ficar de lado, vendo-a submeter-se aos homens da sua vida. Por que não consegue ser mais forte?

— Como você? Porque não sou assim. Nesse ponto você se parece mais com seu pai.

Cara estremeceu como se tivesse sido esbofeteada.

— *Eu não sou* como ele!

Lovie piscou diante da veemência da resposta da filha.

— A comparação a incomoda muito? Sempre pensei que você preferia ser comparada com ele do que comigo. Que queria ser poderosa e não fraca.

— Não gosto de ser comparada com ninguém e muito menos com ele.

— Bem... — suspirou a mãe. — Muito, muito bem. Melhor para você. Não fiz a comparação por ironia, apenas fui honesta. Eu gostaria de ter sido forte como você quando tinha a sua idade.

— Poderia ter sido.

Em silêncio, Lovie fechou os olhos.

— Desculpe mamãe — disse Cara depois de um instante, com a voz começando a se alterar pela emoção. — Eu sei como ele era. Sei que você o amava.

Apenas jamais entendi como jamais se revoltou contra o abuso de autoridade dele durante todos aqueles anos.

— Você não pode entender — respondeu a mãe, com voz embargada.

— Por que não? Já não sou criança. Você o amava isso eu sei...

— Cara passou a mão pela testa e fechou os olhos com força para segurar as lágrimas — mas eu odiava o filho da puta.

A respiração de Lovie entrecortou-se, mas ela conseguiu falar normalmente.

— Eu também.

Cara soltou os braços dos lados do corpo e ergueu a cabeça. Nenhuma delas falou enquanto se olhavam os pensamentos indo por caminhos diferentes. Perturbada pela surpresa, Cara foi até a janela e ficou olhando para fora.

Lovie observava calada o perfil da filha. Com o nariz reto e orgulhoso, maçãs do rosto altas e lábios cheios pareciam-se muito com o pai que afirmava odiar.

— Cara, será que podemos conversar sobre alguns dos nossos mal-entendidos?

Cara enxugou os olhos e voltou-se para encarar a mãe. Doía em Lovie vê-la

chorar. Podia contar às vezes que vira lágrimas nos olhos da filha.

— Eu vim para cá esperando isso. Tive alguma ilusão boba de laços entre mãe e filha... Pode acreditar nisso? — O forçado sorriso desapareceu e ela acrescentou cansadamente: — Vou para Chicago amanhã.

O sotaque de Cara voltara a ser do norte.

— Já? — entristeceu-se Lovie.

— Está mais do que claro que você não precisa da minha ajuda. Vim correndo e deixei tudo em desordem na minha casa. Não há por que ficar aqui sentada por mais tempo.

— Oh! Cara, você se magoou!

— Não. Estou bem. Preciso apenas reordenar minhas idéias. Lovie deu um suspiro.

— Você acha que foi posta de lado. Que nós só nos importávamos com Palmer e com você, não.

— Mamãe, por favor...

— Perguntou-me o que eu quis dizer quando escrevi que precisava pôr a casa em ordem. É o seguinte...

Ela tomou alguns goles de chá, sentiu-se confortada e pôs a caneca na mesa. Sentia-se segura no pequeno chalé e ali era mais capaz de ouvir a própria mente do que na casa de Charleston.

— Depois que seu pai morreu — começou — resolvi me mudar aqui para a casa da praia. Não foi uma decisão impulsiva. Foi uma promessa que fiz a mim mesma há muito tempo. Uma espécie de presente que eu mantinha num cantinho da minha cabeça, num bonito embrulho, e pensava nele nos tempos difíceis.

Cara fitou os olhos azuis, muito claros, da mãe e pensou no que seriam aqueles *tempos difíceis*.

— Por que esperou tanto?

— Tive meus motivos, mas foi o que planejei. Por que pensa que modernizei a cozinha, anos atrás?

— Pensei que fosse para alugar o chalé.

— Foi o que eu disse a Stratton. Eu sabia que ele aprovaria se achasse que se tratava de um investimento. — Lovie sorriu, com ar conspirador. — Investimento, na verdade, só que para mim. Eu queria morar sozinha e a casa da praia é a mais adequada para a minha idade. Sem todas aquelas espalhafatosas antigüidades. Aqui estou livre de todas as...

Ela suspirou de novo, procurando pela palavra.

— Confusões? — ajudou Cara.

— Distrações. Isto você sempre entendeu, eu acho. Jamais se deixou envolver por inúmeros detalhes de uma vez. Eu a admiro também por isso.

Cara surpreendeu-se com o inesperado elogio. A expressão de sua mãe

alterou-se enquanto ela se entregava a pensamentos.

— Passei quarenta anos naquela casa enorme — disse por fim, lentamente — e deixe-me dizer-lhe que essas encantadoras casas antigas não são nada fáceis de se manter. A gente se torna escrava delas. Há sempre um problema de pintura, de eletricidade, de encanamento ou de estuque a resolver. Posso jurar, um especialista em tetos de estuque vale seu peso em ouro na nossa cidade. Mulheres que conheci durante anos foram para o túmulo sem livrar-se desse jugo. Passei um tempo enorme da minha vida preocupando-me e polindo antigüidades, acionando cortinas para protegê-las do sol. E o Senhor sabe que eu teria preferido fazer outras coisas.

— Pensei que você adorava aquela casa.

— Adorei, sim, por algum tempo. Estou falando de algo mais que a casa. Lá eu tinha um papel social a desempenhar como esposa do seu pai, mãe de você e de Palmer, membro ativo da igreja, da escola, estar a par dos negócios. Era uma exigência sem-fim do meu tempo. Convites e retribuições, reuniões políticas, eventos culturais, telefonemas uns atrás dos outros, encontros com alguém por isto ou por aquilo, preparo das refeições, arrumar a cozinha depois delas, médicos, dentistas, cuidar do jardim, fazer compras. Deveria haver um botão para se podar ou regar plantas quando fosse necessário. E dirigir. Meu Deus, dirigir! Passei anos ao volante de um carro e depois aflita quando você e Palmer começaram a dirigir. Aí, como um insulto final, preocupar-me com o meu desempenho e o de Stratton ao volante à medida que envelhecíamos. A vida de uma mulher tem muitas exigências porque ela é o eixo ao redor do qual vários pequenos planetas giram. Eu fiz tudo isso, sim, e houve incontáveis momentos maravilhosos. Mas parte da minha vida morreu quando Stratton se foi.

A voz dela manteve-se firme à esta altura. Lovie permitiu que seus olhos percorressem com lentidão a sua casa. Respirou profundamente e quando falou o fez com sinceridade.

— Se cometi algum erro, Cara, é porque não tinha tempo para mim mesma, nem um dia sequer. Não tinha um momento de tranquilidade para pensar, orar, para recuperar-me, enfim. Estava sempre ocupada demais.

Naquela casa enorme cada minuto era tão exigente que eu me sentia secar por dentro. Penso que poderia ter culpado pessoas e acontecimentos por isso, mas no íntimo eu sabia que tudo aquilo acontecia por minha responsabilidade e de ninguém mais. — O rosto dela iluminou-se. — Mas havia meus verões aqui. Este chalé, este lugar me salvaram. Eu os adoro. Sempre adorei. Aqui me sinto mais feliz, mais livre. Como se o verão vivesse dentro de mim o ano inteiro.

Cara inclinou-se para frente, espiando por aquela janela aberta a personalidade da mãe que jamais tinha visto até então.

— Era assim que sempre me senti aqui, também.

— Mesmo? Sempre achei que isso acontecia que você compreendia a importância do Chalé das Prímulas para nós duas e a nossa família.

— Hummm — fez Cara, não querendo se envolver em sentimentos familiares tão intensos. — É bom conversar assim com você. Não fizemos isso o quanto deveríamos.

— Então, fique.

— Não posso mamãe. Já não sou mais criança. Não tenho verões inteiros para mim.

— Ainda é a *minha* pequenina.

— Esta não é uma boa ocasião para eu tirar férias. Tenho muita coisa a fazer. Não posso explicar agora... Quem sabe no ano que vem dará.

— O ano que vem, não, Cara. Neste ano.

Cara estendeu as pernas, ergueu-se e foi até a mãe, segurando-lhe a mão.

— Sinto muito, mamãe, mas não posso. Vou fazer as malas e sair de madrugada.

— Tem que ir tão cedo?

— Preciso voltar logo.

— Se você ficasse mais alguns dias, poderíamos...

— Deixei minha casa, minhas contas... Se eu sair amanhã bem cedinho estarei em casa em um dia.

— Sei... Pretende voltar logo para cá?

— Vou tentar.

Lovie soltou a mão da filha. Sabia que isso não ia acontecer. Sentiu-se muito velha e angustiada.

— Vá deitar-se, meu bem — murmurou. — Vou terminar meu chá.

Ventava muito naquela noite, mas era bom. O vento levava as nuvens que haviam apagado o céu como se fossem enormes borrachas. Agora as estrelas brilhavam no firma-mento límpido e fazia a gente entender porque durante gerações muitas pessoas as haviam comparado com diamantes.

Depois de sair para a varanda Lovie ergueu a cabeça e viu que a constelação da Ursa Maior estava tão nítida que o pequeno Cooper poderia brincar com ela de ligar pontos. Mesmo assim, com toda aquela suave claridade, a caminhada sobre o terreno irregular era perigosa e Lovie foi pegar sua lanterna especial, com suave luz vermelha, que não perturbava as tartarugas, jogou uma velha malha nos ombros e foi para a praia.

Era tarde, passava da meia-noite, achava-se profundamente perturbada e dominada pelo cansaço, mas precisava andar. Como era velha não podia andar o tanto que gostaria. Como estava cansada, naquela noite iria apenas descansar um pouco perto da praia, porém caminhar na areia era a única coisa que acalmava sua alma agora que Russell tinha ido embora.

Querido Russell... Como sentia falta dele e de seus carinhosos conselhos! Ele havia sido seu mais querido amigo, seu amor, e se estivesse vivo lhe contaria a confusão que criara com Cara e pediria conselho. Seu pensamento era só para Russell enquanto caminhava atrás do sutil fecho de luz que serpenteava à sua frente. Foi andando pela trilha estreita, colocando um pé adiante do outro, tomando cuidado com o mato que podia enredar-lhe os pés e fazê-la ficar caída no chão a

noite toda, com um fêmur quebrado. Então, Palmer iria sentir-se coberto de razão!

Subiu a pequena duna que se erguia à beira da praia e se encontrava com ela lá em cima. Deixou-se cair sobre os joelhos aquecidos pelo exercício. Era terrível envelhecer. Antes corria pela trilha até o mar para um longo e vigoroso mergulho até que sentisse necessidade de subir à superfície para respirar. Colocou a *mão* no peito e riu. Meu Deus, isso parecia ter acontecido havia tanto tempo!

Tirou os tênis e enfiou profundamente os dedos na areia fria, em seguida fez o mesmo com os demais dedos. Aquele era seu local preferido. Naquele pedaço de terra podia ficar sentada por um longo período de tempo sentindo-se perto de tudo que gostava: o mar, a areia, aquela terra. E tudo isso lhe era caro também porque a aproximava de Russell.

Deitou-se de costas e, fechando os olhos, imaginou os braços dele ao redor do seu corpo. Quanto mais velha ficava, mais fácil sentir a presença dele. Era uma brincadeira que fazia mais vezes ultimamente. Não via mal algum nisso. Se estava agindo como uma mulher senil, o que tinha de mais? Ia morrer antes de se tornar completamente gagá. Até lá, havia muita coisa boa para aproveitar.

Na sua imaginação, ela e Russell estavam de novo deitados na velha manta xadrez preta e vermelha que Lovie sempre levava quando ia encontrar-se com ele naquela duna. Naquele tempo o cabelo de Russell era tão louro que parecia branco em contraste com sua cor bronzeada conseguida por muitas horas no campo de pesquisa ao sol. Lembrava-se como suas mãos eram ao mesmo tempo calosas e suave quando a tocavam. Sua própria pele era macia e elástica naqueles dias e ela usava os longos e bastos cabelos preso numa trança durante o dia. Mas à noite, Russell desmanchava lentamente a grossa trança e espalhava seus cabelos sobre a manta para admirá-los. Ele dizia que eram co fios de ouro ao luar.

Nessa época ela estava com trinta e nove anos, ele co quarenta e um. Lovie agarrava-se a Russell sabendo q teriam apenas aquele verão para recordar, pois tinha marido e ele, esposa. Tinham famílias e uma posição social. Compromissos que não podiam... Não iriam... Quebrar não i porta o quanto estivessem tentados a fazê-lo.

Desde o come ambos sabiam que o amor entre eles terminaria com a chegada do outono.

Aquele pedacinho de terra na parte deserta da ilha havia sido o oásis deles. Naquele tempo, casa nenhuma dava para o seu paraíso. Nele não havia luz alguma a não ser a da lua Ao redor dos amantes as palmeiras murmuravam. Acima deles as estrelas espiavam e piscavam-lhes com simpatia Se fechasse os olhos com força Lovie podia imaginar que ele estava a seu lado. Deu mais liberdade à imaginação e ouviu a voz de Russell, com o delicado acento sulino tão doce aos seus ouvidos.

— Russell, estou confusa — disse, em voz alta. — Ouviu Palmer dizer quanto vale esta terra agora? Eu não tinha idéia de que iria se tornar tão valiosa. Você sabe o conforto que este pedaço de terra foi para mim durante tantos anos de solidão e falta de afeto. Aqui sinto-me perto de você e não queria me separar deste lugar por nada deste mundo. Mas estou morrendo. Logo deixarei este mundo. O que devo fazer com esta terra? Preciso resolver. Ouviu Palmer dizer quanta gente quer comprá-la? Devo responder a ele que a terra é minha? Certamente meu filho acabaria por vendê-la, sem dar a mínima para isso. Vendê-la será o mesmo que partir meu coração, mas quer dizer muito dinheiro. Imagine tudo que eu poderia

fazer com esse dinheiro!

O que você faria?

— Oh se eu ainda fosse jovem, viajaria! Há tanto que ver no mundo e bem que eu gostaria de ter visto. Porém já estou velha e doente demais para sair viajando. Não ligo para roupas. Dei todas as minhas jóias. Neste ponto da minha vida considero todos os bens verdadeiros trastes, como diz Cara. Coisas sem sentido. Menos do que isso, até. São estorvos. Mas me sinto responsável. Trata-se de muito dinheiro, o que poderia significar algo para meus filhos.

Você já deu a cada um deles um pedaço da propriedade.

— Esse dinheiro é muito mais do que meus filhos já tiveram. Além disso, há meus netos. Esse dinheiro poderá ajudá-los muito quando crescerem. Ajudar nos estudos deles, servir para comprar uma casa, essas coisas. Eu gostaria de ser lembrada com amor. E, claro, há Toy. Preciso, mesmo, ajudar Toy. Mas o que posso fazer? Se deixar a terra para meus netos as pessoas começarão a imaginar de onde ela terá vindo. Poderão fazer perguntas que eventualmente serão respondidas. Eu me sacrifiquei durante muito tempo para no fim perder minha dignidade e a nossa privacidade.

Privacidade ou segredo?

— Há alguma diferença?

Privacidade é algo que mantemos pelo bem de nós mesmos e dos outros. O segredo mantemos para nos separarmos dos outros, até mesmo dos que amamos.

— Mas apenas quero proteger minha família! *E acabou separando-a.*

— Diga-me, meu amor, o que devo fazer? *Você sabe o que deve fazer.*

— Sei. Você sempre quis deixar esta terra para a Proteção. Eu também, mas não tenho certeza de que seja a coisa mais correta. Preciso de alguém em quem confie para me ajudar.

Cara?

— Cara vai embora.

Mas ainda não foi. Você pode falar com ela. Sabe que quer fazê-lo.

— Não há tempo. Ela vai embora amanhã. Teria que acontecer um milagre.

Milagres acontecem todos os dias.

— Aonde você vai? Por favor, não me deixe. *Jamais a deixarei.*

— Russell!

Ela ergueu-se a meio e procurou por ele. Ergueu a mim e a areia foi caindo por entre seus dedos até acabar.

Estava sozinha de novo e sabia que não devia desejar que ele voltasse. Desolada, apoiou os cotovelos nos joelhos e ajeitou a malha nos ombros. O luar punha um brilho prateado sobre a praia e a última rajada de vento havia agido como vassoura sobre a areia deixando-a plana como um pavimento. A maré estava descendo. Dava para ela ver a espuma branca das ondas que se quebravam preguiçosa.

Com um sobressalto, prestou mais atenção na linha da água. Tivera

impressão de notar um movimento lá. As ondas sucediam-se, deixando nos seus rastros plâncton luminescente, conchas e algas marinhas. Lovie permaneceu imóvel, sem se atrever a fazer sequer um movimento, o coração sobressaltando-se de ansiedade ao ver surgir do mar o grande vulto escuro, como o de uma criatura pré-histórica.

Sim, era uma careta!

Já fora da água a tartaruga ergueu a cabeça, arqueando o pescoço, como se farejasse o ar. Então, abaixou o bico e enfiou-o na areia. Lovie pôde apenas imaginar que ela estivesse seguindo uma antiga informação arquivada pelo instinto que a guiaria. Esperou, com a respiração presa, que a tartaruga tomasse sua decisão. Por fim, com um lento, arrastado impulso a careta começou a atravessar a praia na direção de Lovie. A cada poucos passos o animal parava, cansado pelo efeito da gravidade em seus mais de cento e trinta quilos. Passo a passo a tartaruga insistia em sua penosa jornada, arrastando-se para frente e parando de vez em quando para recuperar o fôlego.

Levaria tempo para a careta fazer o caminho da praia à duna e Lovie teve uma inspiração. Muito devagar se pôs de bruços e rastejou até o lado oposto da duna. Depois começou a descê-la sem acender a lanterna por medo de assustar a tartaruga. Correu pela trilha o mais rápido que pôde na direção da casa da praia.

Desta vez não bateu à porta do quarto de Cara. Entro passou por cima da mala aos pés da cama, segurou o ombro da filha e sacudiu-o com suavidade.

— Cara. Cara, acorde.

Cara deu um salto, a respiração acelerando-se e os olhos abrindo-se com expressão alarmada.

— Sou eu, meu bem. Acorde. Há algo que eu quero que veja. Ande logo.

— O que é? — perguntou Cara, olhando ao redor.

— Lá fora, vamos. Vista o jeans. Uma tartaruga saiu do mar e você não vai querer perder isto!

— Oh! Mamãe...

Lovie insistiu, estimulou, fazendo a sonolenta Cara vestir o jeans, uma camiseta e sandálias. Com o coração batendo forte no peito, levou a filha para a noite fresca e levemente úmida. Uma atrás da outra, seguiram pela trilha que levava a praia. Os olhos de Lovie estavam acostumados com o escuro e ela andava depressa. Quando chegaram à duna, pôs um dedo sobre os lábios pedindo silêncio e as duas rastejaram pela encosta para chegar à praia.

A maré descera mais um pouco e a areia molhada estava marcada por um longo rastro de tartaruga que ia desde a beira da água até a duna. No silêncio Lovie pôde ouvir a careta cavucando. Seguindo o rastro, encontrou-a. Era um exemplar magnífico. Areia era jogada para o ar e espalhada como confete.

Cara abafou uma exclamação atrás da mãe, que a guiou para um lugar oculto por pequena elevação. A tartaruga trabalhava sem parar para cavar a câmara dos ovos, usando uma das nadadeiras traseiras para tirar a areia e a outra para afastar a areia tirada, no que parecia um antigo ritual. Assim permaneceu por mais de uma

hora. Então, parou e reinou profundo silêncio. Sinalizando com a mão, Lovie levou Cara para mais perto, pois diziam que quando a mãe tartaruga começava a pôr ovos entrava como num transe e nada a faria parar até que a postura estivesse terminada.

Era uma noite perfeita, com pouco vento e uma lua enorme que iluminava o local como um teatro. Lovie sentiu a emoção que sempre sentia ao ver aquela cena. Ninguém sabia a que horas ou de onde uma careta viria para a praia. Até mesmo com vigilância, era questão de sorte assistir a uma postura.

Lovie fez uma pequena prece agradecendo aquele pequeno milagre e observou o rosto da filha. Estava imóvel e atento como quando ela era criança, o que fez a mãe sorrir. Seguiu a decisão certa, pensou. Sabia que sua filha sempre iria lembrar-se da noite em que tinham partilhado aquele atávico ritual da reprodução da careta, a tartaruga da qual recebera o nome.

Ficaram sentadas, ombro a ombro, por mais uma hora e Lovie sentiu que aquele silêncio as unia, em vez de separar. De quando em quando Cara virava a cabeça para trocar um olhar com ela, seus olhos brilhando como a lua lá em cima. A careta havia posto, um a um, cem ovos coriáceos no buraco na areia. E enquanto ela punha grandes lágrimas desciam-lhe dos olhos.

Lágrima de mãe pensou Lovie consigo mesma. Lágrimas do dever, do amor e da dedicação. Lágrimas de resignação e de aceitação. E, também, lágrimas de abandono, pois a tartaruga deixaria o ninho depois da postura para nunca mais voltar.

Não chore mãe, dizia Lovie em silêncio para a tartaruga. *Todas as mães não abandonam os filhos em algum momento?* Logo ela própria abandonaria os dela, para nunca mais voltar.

O que sabiam os cientistas, que definiam aquelas lágrimas como mecanismo de limpeza dos olhos? Quando uma mulher vê aquelas lágrimas compreende imediatamente que a tartaruga chora por seus filhos.

Pois era uma mãe que sabia quantos predadores esperavam por eles, das correntezas rápidas que os levariam para fora do caminho, das perigosas e deslumbrantes luzes, das redes complicadas que podiam apanhá-los e dos muitos e muitos anos de natação solitária. A careta chora porque não pode proteger os filhos do destino.

Lovie ergueu a mão para enxugar as lágrimas que lhe desciam pelas faces, sentindo poderosa afinidade com o bonito animal à sua frente. Eram como boas amigas, já que choravam juntas.

Então, Cara apertou-lhe a mão e tudo deixou de parecer tão triste. A natureza era assim. Como dizia a Bíblia, não havia nada de novo sob o sol. Havia o tempo de nascer, de dar à luz e de morrer.

A tartaruga terminou de por os ovos e começou a cobri-los de areia com as nadadeiras de trás. Depois virou-se e remexeu violentamente a areia para camuflar e esconder seu tesouro. As duas recuaram e esperaram que a careta terminasse de esconder seu ninho e começasse a rastejar de volta no mar.

Lovie e Cara formaram sua guarda de honra, caminhando silenciosamente atrás dela. Cada movimento parecia um esforço colossal e a carapaça fazia barulho

quando se arrastava na areia. O animal parava freqüentemente para respirar e erguer a cabeça como se farejasse o mar. Quanto mais perto chegava da água mais vigorosa parecia tornar-se. A nova energia e excitação da tartaruga eram contagiantes.

Quando o animal chegou à água salgada, Lovie pôde sentir o alívio dela. Uma onda limpou-a da areia e a carapaça de um marrom-avermelhado brilhou como fabulosa armadura ao luar.

—Você está de volta ao seu lar! — gritou Cara para a tartaruga.

Agora a lua estava alta sobre o oceano, criando uma longa e larga faixa de prata que parecia a estrada que levaria a careta para casa. Mãe e filha haviam acompanhado a tartaruga ao longo da praia, logo atrás, sentindo cada passo agoniado que ela dava, mas agora não podiam continuar.

Lovie ficou olhando a tartaruga entrar no mar. Assim que começou a boiar, suas fortes nadadeiras começaram a mover-se e naquele miraculoso instante o grande animal perdeu seu peso terrestre e transformou-se de laborioso e desajeitado animal numa criatura de infinita graça e beleza ergueu a cabeça mais uma vez, corno que dizendo adeus, mergulhou e desapareceu.

Sem perceber, Lovie foi entrando no mar, sentindo uma inexplicável urgência de ir atrás da careta. Adiante de si adivinhava o imenso e profundo desconhecido. Lá embaixo, sob a superfície, havia um vasto outro mundo cheio de beleza e mistério. Fascinada, ela queria seguir a tartaruga pela estrada prateada de luar.

— Mamãe? Volte. Está indo longe demais.

Lovie piscou e olhou para baixo. A água ultrapassava seus joelhos e a saia flutuava ao seu redor.

— Eu nem percebi! Estava olhando para ela. Já foi embora...

— Tome, pegue a minha mão.

— Ela não era linda?

— Maravilhosamente linda. Jamais pensei que pudesse ser tão mágico.

Lovie saiu da água e parou ao lado da filha.

— É não? Já vi várias vezes, mas sempre me parece ser a primeira.

— Eu imagino como deve ser lá dentro... — murmurou Cara, pensativa, de pé onde as ondas morriam, os braços ao redor de si mesma e os olhos perdidos no mar. — Olhe para ele. E tão vasto. Entrar nele daquele jeito... Não dá para imaginar.

— Eu imagino que deve ser como a morte. Você quer ir com ela, está curiosa, mas para fazê-lo terá que atravessar a frágil e elusiva barreira que separa os dois mundos. Uma pequena morte é tudo que se precisa. Um passo, uma última respiração e a gente flutua.

— Bem, eu ainda não estou pronta para esse tipo de viagem, muito obrigada. Voltar para casa parece-me o bastante por esta noite.

Cara voltou-se e deu alguns passos subindo a praia.

— Cara...

Ela parou e voltou-se.

— Eu logo irei fazer essa viagem.

O rosto de Cara congelou-se pela surpresa.

— O quê?

— Estou com câncer. Sei que parece dramático, mas não conheço modo mais simples de dizê-lo. Então, é isso.

No aturdido silêncio miríades de emoções espelharam-se no rosto de Cara.

— Não! — revoltou-se ela, por fim. Deu um passo adiante e parou, sacudindo a cabeça em confusão. — Câncer? Que tipo de câncer?

— No pulmão.

— Mas você não fuma. Deixou de fumar há muitos anos.

— Eu sei e disse a mesma coisa quando fui informada. Mas o mal já estava feito. Fiz uma série de sessões de radioterapia...

Ela ouviu quando a filha parou de respirar.

— Mas não há cura. Ainda tenho um pouco de tempo.

— Quanto tempo, você sabe?

— Algum... Até dezembro.

— A coisa está tão ruim?

— Creio que sim. Em poucas palavras, estou morrendo. Chocada, Cara manteve silêncio.

Lovie pegou-lhe a mão.

— Meu bem, você ficou pálida...

Cara ergueu a outra mão e colocou-a na cabeça da mãe, segurando-lhe os cabelos.

— Morrendo. Morrendo? Por que não me chamou? Eu teria vindo imediatamente para casa!

— Não queria que você viesse apenas porque eu estava doente.

— Doente? Você disse que está morrendo.

— E estou.

— Espere. Espere aí... — disse Cara num tom que Lovie reconheceu.

Era o modo que sua filha falava quando queria dominar as próprias emoções e mostrar-se eficiente.

— Como sabe que está morrendo, mãe? Que médicos procurou?

Há novos tratamentos, hospitais a que poderemos ir. Conheço um oncologista...

— Pare minha filha. Não há nada que se possa fazer... .A não ser eu pôr a casa em ordem. E isso que estou tentando fazer, se bem que só consegui armar uma grande confusão. Sinto pelo que aconteceu na casa de Palmer esta noite. Eu devia ter lhe contado, mas simplesmente queria que tivéssemos algum tempo tranquilos juntos para falar no que vai ser depois que eu morrer. Acho a confusão

que arrei uma (remenda perda de tempo e me resta tão pouco! Oh! Cara, você não vê? É como aquela tartaruga entrando no mar. Por fim ela ficou livre de todo o seu peso terrestre. E o que desejo. Mas sei que preciso pôr tudo em ordem antes de ir. Quero passar o tempo que me resta aprendendo a conhecer você.

Cara imobilizou-se e lágrimas começaram a aflorar-lhe aos olhos.

— Foi por isso que quis que eu voltasse para casa?

— Sim.

— Oh! Mamãe... — Cara deixou-se cair de joelhos na areia e cobriu o rosto com as mãos. — Eu sinto como se o chão tivesse saído debaixo dos meus pés. É tudo tão irreal... Ainda ontem eu sentia pena de mim mesma. Imaginava o que mais os deuses poderiam fazer contra mim. Mas nunca pensei que seria algo assim. Não agora. Ainda não.

— Não chore — pediu Lovie, ajoelhando-se ao lado da filha, com lágrimas também descendo-lhe pelas faces. — Não foi tão maravilhoso esta noite? Acho que partilhamos algo muito especial.

Assentando, Cara limpou as lágrimas com as mãos.

— Partilhamos, sim... Partilhamos.

— Eu gostaria que Palmer também estivesse aqui.

— Palmer já sabe?

— Ninguém sabe, a não ser Florence e Toy. Elas vêm me ajudando durante esses meses de tratamento. Mas agora terminei as radiações e espero... Peço para ter mais este verão.

— Este verão? Apenas isso?

— E o bastante, Cara. Sei que vou lhe pedir algo terrivelmente egoísta, mas, por favor, fique comigo... Apenas este verão. Compreendo que é difícil para você largar seu trabalho por tanto tempo, mas se achar que pode fazê-lo...

Cara tentou controlar a respiração enquanto olhava para as estrelas. Todos os fatos das últimas semanas que lhe pareciam malucos uniram-se para indicar-lhe a resposta. Pegou a mão da mãe e apertou-a com suavidade, fazendo-n sorrir esperançosa.

— Claro que vou ficar o tempo que precisar de mim. Vou cuidar de você. Não vou deixá-la, prometo.

— E o seu trabalho?

— Não se preocupe com isso, mamãe. Também tenho muitas coisas a explicar.

A tartaruga usa as nadadeiras de trás para executar um elaborado ritual de escavação, retirando uma boa quantidade de areia até fazer um ninho quadrado, com vinte centímetros de lados por cinquenta e cinco de profundidade.

CAPITULO VIII

Toy acordou cedo. Não poderia dormir mais, nem se quisesse. O bebê crescia depressa agora e pressionava-lhe a bexiga, obrigando-a a urinar o tempo todo. Muita coisa havia se modificado em seu corpo. Seu ventre realmente já era bem visível e os seios estavam enormes. Darryl teria gostado dessa parte, pensou. Então, seu sorriso apagou-se.

Na noite anterior ficara sentada sozinha na sala de estar enquanto os outros haviam permanecido na sala falando, falando. Detestara estar naquela casa, detestara ter que esmerar e depois fingir que nada ouvira. Pois bem, ouvira muita coisa. Cada palavra que aquele cara de porco presunçoso do Palmer dissera a seu respeito. E ouvira também o que n a o havia sido dito.

Fora Cara quem a defendera. Cara, que surpreendera a união com tal atitude. Ela própria, Toy, também ficara admirada. A rainha de gelo... Quem diria?

Passara a noite inteira agulhada pelo pensamento de que devia voltar para Darryl. Sonhara com ele, também. Com seu bonito sorriso, com seu jeito protetor em relação a ela, parecia estar sempre tomando conta dela.

Darryl jamais teria permitido que alguém dissesse o que Palmer Rutledge dissera a seu respeito. Mas esse não era o único motivo que a levava a pensar em voltar para ele. Seu coração doía profundamente por Lovie nada ter feito para fazer o filho calar-se. Ele dissera coisas muito ofensivas que não eram verdade. Será que dona Lovie achava que era ladra, só por ser pobre? Era isso que muitos ricos pensavam: que os pobres não conheciam a diferença entre o certo e o errado. Ela jamais teria roubado dona Lovie! Imagine! A impressão que Toy tinha era que Palmer é que *estava tentando* roubar a própria mãe, tirando dela algo que não lhe pertencia por simples e pura cobiça. Para ela, isso era a coisa pior que alguém poderia fazer, fosse rico ou pobre. E Palmer não deveria querer mais nada. Se alguém lhe desse uma casa como a dele, Toy estaria feita pelo resto da vida.

Não que alguém pudesse fazê-lo e mais: gente como ela não morava em casas como aquela. E, depois, não a queria, mesmo. Tudo que de fato queria era um pequeno lugar ensolarado, limpo, que pudesse cuidar do modo que dona Lovie a ensinara, onde pudesse pendurar graciosas cortinas na janela, usar bonitas toalhas na mesa e fazer comidas gostosas. Faria aquele lugar muito feliz para o bebê, Darryl e ela. Era boa em tornar as pessoas felizes e sabia que ele a queria de volta com o filho, que apenas precisara de um tempo para se habituar ao choque de saber que ela estava grávida. Tudo acontecera por causa do choque. Darryl jamais teria batido nela ou dito aquelas coisas terríveis, se não fosse o choque. Era um homem bom e ela sabia que a amava. Amaria o filho, também, assim que o visse. Toy tinha certeza disso.

Pensou nessas coisas enquanto lavava o rosto e punha um vestido estilo bem solto. Estalou os lábios ao ver que ele já estava apertado na cintura.

Indo pelo corredor, tentava fechar o zíper nas costas sem obter êxito. Então, parou e cheirou o ar. Era cheiro de café que sentia?

Cara ergueu o rosto e sorriu quando Toy entrou na cozinha

— Bom dia!

A jovem estava tão surpresa que não soube o que dissei' Era a primeira vez que via Caretta Rutledge levantar-se antes das onze horas e, ainda por cima, na cozinha fazendo café e torradas. Teve que se esforçar para não esfregar os olhos.

— Aceita um café, Toy?

— Hein? Humm... Sim, obrigada.

Dirigiu-se ao guarda-louça, porém Cara adiantou-se e pegou uma xícara e pires dos muitos desparelhados.

— Pode ser nesta? A de porcelana Meissen sempre foi « minha preferida...

— Eu prefiro essa com flores cor-de-rosa.

— Limoges. Você tem bom gosto. E a preferida da mamãe, também.

Toy gostou do cumprimento, mas continuou meio aturdida.

As torradas saltaram na torradeira e, com a rapidez de uma cozinheira perita, Cara passou manteiga nelas e colocou-as em dois pratinhos; duas para ela, duas para Toy. Em seguida pôs na mesa um vidro de geléia, queijos Cheddar e Jarlsburg fatiados.

— Não sou uma grande cozinheira, mas acho que nos arranharemos com isto. Quer mais alguma coisa? Cereais? Ovos? Uma futura mamãe precisa alimentar-se bem.

— Depois eu posso comer mais. Por enquanto está ótimo. A jovem sentia-se incerta do que viria a seguir. Cara estava elegante com o short caqui, parecendo uma daquelas modelos da revista *Cidade e Campo*. Querendo ficar bem arrumada, Toy torceu-se de novo na tentativa de fechar o zíper nas costas.

— Deixe que eu faço isso para você. — Cara foi para trás dela e rapidamente fechou o zíper. — Eu ia dizer-lhe que encolhesse a barriga, mas acho que não seria bom. Detesto dizer isto, querida, mas não vai poder usar esse vestido por muito tempo mais. O que me diz de irmos até o Center Towne comprar umas roupas de grávida?

— Não precisa, estou bem — respondeu Toy, depressa. Vou dar um jeito nos vestidos que tenho. Onde esta dona Lovie? Em geral ela é a primeira a levantar.

— Está cansada hoje e fico contente por mamãe estar dormindo.

Cara aproximou-se da mesa e fez um gesto para Toy chegar-se também. Sentaram-se uma ao lado da outra, Toy um tanto sem jeito, mas Cara perfeitamente à vontade passou uma grossa camada de geléia de morango numa de suas torradas e mordeu-a com gosto. Toy ficou observando cada movimento de Cara, encantada na sua elegância natural. Ajeitou-se na cadeira e imitou-a a passar geléia em sua torrada.

Você não adivinha o que vimos ontem à noite — disse Cara, com os olhos cintilando.

Como Toy fizesse que não com a cabeça, acrescentou entusiasmada:

— Uma tartaruga!

Assistimos a tudo: a escavação do ninho, a postura dos ovos. Aí, a acompanhamos até o mar. Como era linda!

Toy mordeu a torrada e comentou, mastigando:

— Pensei que você não gostasse de tartarugas. Cara limpou os lábios com o guardanapo e sorriu:

— Agora gosto. Como não gostar depois da maravilha que vi?

— Aconteceu esta noite? Onde eu estava?

— Dormindo. Espero que não se zangue por não a termos chamado. Mamãe me acordou e saímos correndo. Acho que ela queria ficar sozinha comigo. — Pôs a torrada no prato, limpou os dedos e deu toda atenção a Toy, agora com o rosto muito sério. — Mamãe me contou do câncer.

Toy largou a própria torrada e ficou olhando para Cara.

— Conversamos sobre uma porção de coisas ontem à noite, coisas sobre as quais deveríamos ter falado há muito tempo. Mamãe me contou como você vem se dedicando a ela há meses, que a levava ao médico e ao hospital para o tratamento, onde ficava esperando durante horas. Não deve ter sido fácil.

— Não é nada comparado com o que ela faz por mim. Cara emocionou-se ao ouvir aquilo.

— Você fez muito e agradeço, não consigo dizer-lhe quanto. Mas agora tudo vai mudar. Resolvi ficar aqui durante o verão e ajudar. Não se preocupe que não vou fazê-la perder o trabalho, só vou torná-lo mais fácil. Imagino que posso fazer o que for preciso lá fora, posso também dirigir e fazer compras quando você estiver cansada. Não posso cozinhar porque sou uma lástima na cozinha, por isso é melhor você continuar fazendo essa parte se não quiser morrer de fome. Mamãe pode lhe dizer que não sou exatamente uma dona de casa... Francamente, não tenho habilidade para nada que é doméstico. Por isso, creia, precisamos muito de você e queria que soubesse disso.

Toy permaneceu silenciosa, pensando no que tinha ouvido. Cara parecia tão confiante. Tão eficiente. Mas naquela manhã estava muito diferente de quando havia chegado

Agora ela achava que a sofisticada moça era capaz de amar a mãe.

— Estou contente por dona Lovie ter contado para você. Eu queria muito que ela fizesse isso. Estávamos guardando um segredo pesado demais e agora acabou. Acho que ela quis protegê-la.

— Mamãe tem mania de fazer isso. Ela guarda as coisas tristes e ruins dentro de si e faz de conta que tudo é uma beleza. Agora, chegou minha vez de protegê-la. — E Cara acrescentou, com um sorriso: — Não, não de você!

— De Palmer?

As sobancelhas de Cara ergueram-se.

— Talvez. Ele ainda não sabe do câncer. Estou preocupada com o modo que poderá reagir.

— Acha que vai levá-la de volta à cidade?

— Não, se eu puder impedir. Mas vai tentar e confesso que isso me preocupa. Ela se submete a Palmer como se submetia ao meu pai e fico louca com isso! — Suspirou e olhou para sua caneca de café.

— Cresci vendo minha mãe dominada pelo meu pai e acho que esse é o motivo que fez a independência tornar-se tão importante para mim. Uma mulher não deve esperar que um homem tome conta dela.

— Por que não? Eu espero.

— Não o faça. Se esperar que um homem a carregue nas costas e resolva todos os problemas por você vai ficar decepcionada. Eu acho que é muito melhor a gente depender de si mesma.

— Isso é bom para você, mas acho que sou mais como a dona Lovie. Sabe meio antiquada... Não sonho com uma incrível carreira profissional. Quero apenas me casar e ter uma família feliz. Isso é tudo que eu sempre quis. E tenho certeza de que um dia o meu Darryl irá tomar conta de mim e do nosso filho.

Cara não replicou. Ficou ouvindo daquele seu jeito que fez Toy ter impressão de que cada uma de suas palavras era ouvida, mastigada, engolida e digerida. Desacostumada de tanta atenção, ficou nervosa. Ergueu-se e foi levar seu prato <> xícara para a pia. Trazendo de volta a cafeteira serviu mais um pouco de café para Cara, colocou-a em cima da mesa e tornou a sentar-se.

— Há outra coisa que quero dizer-lhe... — começou hesitante — sobre ontem à noite.

— Sim? O que é?

— Ouvi o que o seu irmão disse de mim. A testa de Cara franziu-se.

— Sinto que tenha ouvido. Foi uma coisa vil.

— Sim, foi. — Toy olhou para as unhas e sacudiu os ombros. — Mas já estou acostumada. Uma porção de gente gosta de julgar adolescentes grávidas. Achrom que há algo muito errado conosco, com a nossa moral. Entende? Mas também ouvi o que você respondeu a ele. — Ergueu os olhos, — Obrigada.

Cara recostou-se na cadeira e sorriu.

— Não há de quê. Na verdade, Palmer não é mau. Apenas precisa de uma liçãozinha de vez em quando para manter-se honesto. Júlia precisa aprender a fazer isso.

— É... Também acho que ela precisa erguer a cabeça.

— Como?

— Você sabe, ele manda nela demais.

Depois de tomar um gole de café, Cara assentiu.

— Tal pai, tal filho.

— Quer dizer que seu pai tratava assim a dona Lovie?

— Isso mesmo. Pior, até. — O rosto de Cara tornou-se sombrio e ela apertou a caneca entre as mãos. — Muito pior.

Foi a vez de Toy recostar-se na cadeira. Nunca pensara que essas coisas aconteciam com as mulheres ao sul de Broad.

— Não acredito. Quem iria tratar a dona Lovie desse jeito? Ela é uma dama perfeita. Tão meiga e doce...

— Muitas das mulheres tratadas assim são meigas. Mas as putas convencidas e espertas como eu não admitem isso.

Toy riu, sentindo-se mais à vontade. Vivera sobressaltada desde que Cara

havia chegado.

— Você não é uma puta convencida. — Ao ver que Cara a olhava com dúvida, Toy riu e acrescentou: — Pelo menos, não é mais.

Até aquela manhã a jovem raramente tinha visto Cara sorrir. Agora ela sorria e ria a todo momento, mesmo que sem jeito.

— Brincadeira de lado — disse Cara —, não acho que uma mulher que se recusa a ser dominada e maltratada seja uma puta convencida. Apenas respeita a si mesma.

— Está dizendo que seu pai batia na dona Lovie? O rosto de Cara sombreou-se de novo.

— Estou dizendo que não há desculpa para um homem bater numa mulher. Em nenhuma, ponto final. Mas as surras de palavras e o modo de tratar podem ser piores do que o espancamento. Mais insidiosos, causam cicatrizes invisíveis. Palavras podem matar. E não pense, nem por um instante, que ele disparava esses projéteis de palavras por acaso. Havia uma zona de guerra crescendo a cada dia. Todos nós éramos atingidos de alguma forma. — O olhar dela tornara-se distante e Toy percebeu que estava se lembrando de detalhes. — A diferença é que eu escapei. Mamãe ficou, juro, não sei como ela agüentou aquilo por tantos anos.

— Ela devia amar muito o seu pai.

A voz de Toy soou frágil demais até aos seus ouvidos. ('ara ficou olhando para ela por longo tempo, os olhos negros emitindo mensagens que a jovem não conseguia entender. Por fim falou:

— Isso só torna as coisas piores, não acha?

Toy abaixou a cabeça, de novo muito interessada nas unhas, enquanto observou:

— Você não pode fazer nada quando ama demais.

— Sempre se pode fazer alguma coisa. Sempre se tem escolha.

As faces de Toy tornaram-se rosadas por causa do ímpeto de raiva que sentiu. Quando ouvia afirmativa como aquela tinha impressão de que havia algo errado com ela. Seus amigos viviam perguntando por que admitia que Darryl a provocasse o tempo todo ou lhe dissesse palavras ofensivas e cruéis em público. Perguntavam-lhe por que não terminava tudo com ele. Mas ela não podia e isso a fazia sentir-se uma idiota. Sabia que eles só estavam tentando ajudá-la, como Cara naquele momento, mas apenas davam-lhe a sensação de que não valia nada.

— É fácil para você falar. Como pode saber o que é estar no meu lugar? Sei que também tem problemas, mas é rica estudou em boas escolas. Teve chances que uma pessoa como eu não tem. Você tem saídas. As pessoas dizem de mim coisas piores do que Palmer disse e eu tenho que ouvir, pois nada mais posso fazer. Você pensa que sabe tudo porque é inteligente, fez faculdade e tem um emprego importante... Mas não sabe.

Cara respondeu com rude franqueza:

— Não é preciso ter grande inteligência ou dinheiro para perceber que um

homem não ama uma mulher quando a humilha ou bate nela. Isso não é amor, é o que se chama abuso. E o homem querendo ter poder e controle sobre uma mulher.

Toy ergueu o queixo.

— Darryl não é assim! Ele é bom para mim. Só aconteceu uma vez e se arrependeu.

— Todos eles se arrependem depois, mas fazem de novo. Toy sentiu-se acuada e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não! — gritou num impulso. — Não fale dele desse jeito! Ele nada tem a ver com o seu pai. Eu o amo. Vamos ter nossa família. Aliás, eu pensava telefonar para ele hoje.

Ela ergueu-se desajeitadamente e saiu para a varanda.

Ao vê-la fugir, Cara culpou-se por ter despertado o instinto de defesa na jovem quando tudo que queria era fazê-la ficar de sobreaviso. Na agência de publicidade, conhecera uma porção de mulheres que iam trabalhar com marcas de pancadas no rosto; isso afetava o trabalho delas e muitas vezes tivera que envolver-se e aconselhá-las a reagir ou iriam acabar perdendo o emprego. A coisa mais difícil era convencer essas mulheres de que não mereciam tanta violência.

Cara cocou a cabeça e deu um grande suspiro. Se bem que ainda fosse muito cedo, sentiu necessidade de uma bebida estimulante. Levantou-se para ir atrás de Toy.

Quando se dirigia para a varanda o telefone tocou. Querendo evitar que o toque insistente acordasse a mãe, atendeu o telefone sem deixar de olhar para Toy, que estava em pé lá fora, olhando para o mar, com os braços largados ao longo do corpo.

— Alô?

— Lovie?

Ela rolou os olhos.

— Não. É Cara, a filha dela.

— Meu santo Deus, Cara! Sou eu! Emmi.

As engrenagens do cérebro de Cara puseram-se em ação, quase podia ouvi-las ranger.

— Emmaline Baker?

— Quantas Emmi conhece na Ilha das Palmas? Soube que tinha chegado, mas você não me ligou. Que tipo de amiga é essa?

— Desculpe, estive doente e aqui está tudo meio bagunçado.

— Sim, claro, está bem — resmungou a amiga. — Não faz mal. O que pretende fazer hoje? Eu adoraria vê-la.

Cara teve uma visão de Emmaline Baker na última vez que a vira, havia muito tempo... Vinte anos? Ela era magricela, de ossatura grande e uma grande boca sorridente. Costumavam chamá-la de a prima comprida de Carly Simons. O cabelo era o que mais Cara gostava nela. Longo, crespo e de um maravilhoso ruivo que a fazia parecer-se com um de seus selvagens ancestrais escoceses. A língua e o

gênio de Emmi combinavam com o cabelo. E era inteligente, também tinham estudado em escolas diferentes — Cara no Colégio Ashley e Emmi no Cristo Nosso Rei — e quando iam para a ilha, todos os anos no começo do verão, comparavam seus boletins. Na maior parte das vezes os dois se equiparavam. Se bem que fossem grandes amigas havia competição entre elas, sempre no bom sentido. Saber que em junho teria que com parar suas notas com as de Emmi Baker a fazia manter o nariz enfiado nos cadernos e livros durante o ano escolar.

Como estaria Emmi agora? Continuaría impetuosa como sempre ou a idade a suavizara?

— Ouvi dizer que agora você é uma Dama das Tartarugas... — brincou Cara.

— Pois é... Sua mãe me físgou, por fim. Mas levou trinta anos para conseguir. — As duas riram. — Lembra-se de nano ela nos fazia andar as manhãs inteiras nas praias em la isca de rastros?

— Não sei qual de nós duas mais odiava isso, você ou eu.

— E por isso que estou telefonando, aliás. Descobri rastros hoje pela manhã, bem em frente à sua casa.

— Nós sabemos. Vimos a mãe tartaruga pôr ovos ontem a noite. Mamãe colocou umas conchas para marcar o local.

— Verdade? Grande! Falam muito em sorte de principiante. Estou fazendo esse trabalho há dois anos e nunca vi uma postura. Essas tartarugas são espertas! Lovie vai colocar as estacas e a fita ao redor dele? Parece que o ninho está em ótimo lugar.

— Não, mamãe não está se sentindo muito bem hoje. Quer saber de uma coisa? Eu vou cuidar disso e você pode me ensinar. Assim nos encontramos.

— Já é tempo, mesmo. Pensei que você estivesse me evitando nestas duas últimas semanas, mas disse a mim mesma que minha velha amiga Cara não faria isso. — Houve uma pausa, então Emmi acrescentou, com menos arrogância e mais sinceridade:

— Faz tanto tempo, querida!

— Se faz! Tudo bem estarei pronta e sairei num minuto

— Aposto que chego primeiro!

E Emmi desligou antes que Cara dissesse qualquer coisa. Era uma brincadeira que faziam quando crianças. Cara desligou com um nó na garganta. Emmi Baker. Em toda sua vida aquela era a única pessoa que significava, mais que amiga, uma irmã a quem podia contar tudo e não se preocupar com o que pudesse pensar. Alguém com quem nem precisava terminar as frases para ser compreendida, alguém a quem podia dizer tudo com um olhar, alguém que estaria sempre do seu lado. Assim era Emmaline Baker. Mal podia esperar para vê-la.

Foi até a varanda e enfiou as mãos nos bolsos ao se aproximar de Toy.

— Oi... — disse, com suavidade. Toy voltou-se de frente para ela.

— No telefone, era alguém que você conhece?

— Emmi Baker. Crescemos juntas...

A jovem assentiu, compreendendo o valor daquela afirmativa. Parecia perturbada e a distância que mantinha nau era por indiferença, mas sim por tristeza.

— Toy, o que eu disse... Acho que fui um tanto catedrática. Desculpe se a magoei. Tem razão. Não conheço o seu namorado. Falei sobre o que aconteceu com minha mãe para você saber que não é a única. Essas coisas acontecem com uma porção de mulheres, não importa se são ricas ou pobres, inteligentes ou não. Não estamos querendo julgá-la, quero mos apenas cuidar de você. É só isso.

Toy ergueu um dos ombros, num gesto de concordância

— Tudo bem. Sei que não falou por mal.

— Está, mesmo, pensando em voltar para ele?

— Um dia vou voltar. — Então, olhando por cima do ombro, Toy acrescentou:
— Tem certeza de querer que eu fique aqui, entre os pés de vocês, o verão inteiro?

Cara compreendeu que era a sua chance. Uma palavra dela e Toy iria embora, aí teria a mãe e o chalé só para ela. Era tentador. Olhou para a moça — seu ventre protuberante, os cabelos curtos e olhos delineados com khol. Toy não era diferente dela quando tinha aquela idade. Aos dezoito ambas eram párias, maltratadas por um homem e sem ter para onde ir. Só que Cara tivera a auto-estima e a determinação teimosa a ampará-la, ao passo que Toy... Tudo que a garota tinha era o filho e o frágil sonho de formar uma família.

— Tenho absoluta certeza — respondeu. — Ouça — continuou em tom encorajador — Emmi está vindo para encontrar-se comigo no ninho da tartaruga. Disse algo sobre marcar o local. Quer ir comigo? Não sei o que preciso levar...

— Tenho que ficar aqui, para o caso de dona Lovie acordar. Mas tudo que precisa está naquele balde vermelho, ao lado da porta. Emmi sabe como fazer.

— Tem certeza? Poderemos deixar um bilhete para mamãe, dizendo onde estamos.

— Estou cansada...

Os olhos de Toy denotavam sua total rendição.

— Está bem — concordou Cara. — Quer saber? Deixe que eu cuido do almoço quando chegar. Descanse. — Olhou o relógio. — Estarei de volta daqui a uma hora, uma hora e pouco. Quero ir à praia.

Correu para dentro, voltou com boné e óculos escuros, então pegou o balde vermelho. Olhou para ele, rindo.

— Não posso acreditar que estou me metendo a cuidar de ninhos de tartaruga!

Ele atendeu ao telefone depois do quinto toque.

— Alô.

— Alô... Darryl?

Houve um momento de silêncio.

— Quem é?

— Sou eu.

-Toy?

— Claro. Pensei em dar uma ligada para saber como vai você.

Desta vez a pausa foi longa, durante a qual Darryl ficou torcendo o fio do telefone.

— Simpático ligar para mim — ironizou ele. — Depois, menos agressivo, perguntou: — Onde diabo você está?

— Sentiu saudade de mim? Outra longa pausa.

— Faz muito tempo, garota. Ela mordeu os lábios.

— Então, como vai?

— Vou bem. Ela podia sentir que ele estava zangado. Isso seria bom ou ruim? Perguntou-se.

— Eu estou ótima, o bebê também... Você ficaria chocada se me visse agora. Fiquei tão grande!

— Então, decidi não fazer nada.

Não era uma pergunta e dava para perceber a raiva dele mesmo pelo telefone.

— Eu disse que ia ficar com o bebê. E o nosso filho, Darryl

— Eu não tenho filho algum. Já lhe disse isso.

— Você sabe que tem que é seu filho. Eu não estive com mais ninguém a não ser você e...

— Ei! — interrompeu Darryl, impaciente. — O corpo é seu, a vida é sua.

A dor foi tanta que ela ficou sem respiração.

— Tenho que desligar — disse, por fim.

— Espere aí! — gritou ele, num ímpeto. — Toy? Como se agonizasse, lentamente, a jovem trouxe o fone de volta ao ouvido.

— Estou aqui.

— O que você fez não foi direito, largando-me daquele modo. Voltei para casa e você tinha sumido. Que merda, Toy! Por que fez isso?

— Também não foi direito você jogar todas as minhas coisas na rua. Denise me contou. Não tive chance sequer de pegar o que era meu.

— Fiquei louco de raiva e tive motivo. Havia algo bom entre nós e você estragou tudo.

— Eu não queria estragar! Mas você foi longe demais, fiquei com medo.

— Tem medo de mim? — a voz dele elevou-se.

— Não, exatamente. Fiquei com medo por causa do bebê.

— Viu o que eu disse? Esse bebê já está se interpondo entre nós. Falei que isso ia acontecer e estava certo. Não precisávamos dessa merda agora. Você é

jovem demais. Eu sou jovem demais.

— Engravidei e não podemos mudar isso. E não adianta falar de novo, Darryl! Não vou me livrar do nosso filho.

Ele deu uma tragada no cigarro, Toy pôde ouvir quando voltou longamente a fumaça.

— Então, é isso...

— E... Eu penso assim — confirmou ela, baixinho.

— Toy, garota, pense mais é no que está fazendo. Fiquei quase louco de saudade de você nos últimos meses. Não há motivo para me deixar, sabe que me arrependi. É que me deu uma coisa... Onde você está?

— Eu... Eu não posso dizer.

— Como, não pode dizer? O que acha que vou fazer? Ela percebeu a raiva fervendo em Darryl e imediatamente tentou acalmá-lo.

— Você não vai fazer nada, é o que eu acho. Mas se eu vir você sou capaz de querer voltar.

A voz dele suavizou-se, sedutora.

— E o que haveria de errado nisso? Toy cedeu um pouco.

— Nada. Mas não agora. Quero ficar aqui enquanto estiver grávida. Depois que o bebê nascer vou ser de novo como era antes, entende? Aí, poderemos ficar juntos.

— É quem sabe dá certo...

— Sei que você vai amar nosso filho no momento em que o vir — disse ela, num impulso do coração.

— Vou cuidar dele, não precisará se preocupar com nada.

— Ora... Eu já disse: não estou preparado para ser pai de ninguém.

— Mas, Darryl, *você já é* pai de alguém. — Uma voz de mulher chamou por Darryl e Toy apertou mais o telefone. — Quem o chamou?

— Uma garota.

Ele nem sequer procurou uma desculpa.

— O que ela está fazendo aí?

— O que acha? Você não está aqui, lembre-se disso. E foi quem preferiu assim.

— Seu porco nojento!

Tomada por um acesso de fúria ela bateu o telefone. Sua respiração se alterara e sentia pequenas cólicas no ventre. Respirou fundo e passou a mão em círculos sobre o abdome volumoso. Tudo estava sendo pior do que imaginara.

Encostou-se na parede e cobriu os olhos com as mãos. Que confusão! Sabia que Darryl estava zangado, mas esperava que tivesse sentido saudade dela e quisesse que ficassem juntos de novo. Que bobagem! Como ele tinha coragem de já estar com outra mulher? E provavelmente não era a primeira depois que ela o

deixara. Como pudera ser idiota 卐 ponto de pensar que ele ainda a amava? Era o que ganhara por ter se envolvido com um jogador.

Um instante depois o telefone tocou.

— Alô.

— Eu só quero que saiba que sei onde você está.

— Darryl, não pode telefonar para cá! Também não pode vir aqui, entendeu?

— Você não vai me dizer o que posso ou não fazer. Você é minha, não se esqueça disso. Irei aí quando quiser e quando eu for você virá para casa comigo. Aqui é o seu lugar.

— Se me aceitar de volta, terá que aceitar nosso filho também e...

Mas ele bateu o telefone antes que ela terminasse de falar. O coração de Toy saltava no peito quando desligou com suavidade. Ele sempre queria ter a última palavra e em geral o conseguia, de um modo ou de outro.

Ela ficou olhando para o telefone, mordendo o lábio inferior. Não tinha mais raiva. Agora só sentia medo.

Cada vez que pensava em Emmi, Cara pensava também no dia em que haviam aprendido sobre beijo diante da varanda da casa da amiga. Era verão, depois de se formarem na sétima série. Tom Peterson, Emmi e ela estavam sentados na agradável sombra e brincavam de girar a garrafa. Não se lembrava de quem sugerira a brincadeira — talvez

Emmi — mas lembrava-se bem da feroz, tácita, competição entre elas para obter o primeiro beijo de Tom. As duas tinham uma paixão pelo rapaz, mesmo ele sendo mais baixo mais magro e apenas um ano mais velho do que elas. Mas tinha olhos sonhadores e um sorriso que mostrava seus dentes muito brancos e fazia as duas mergulharem em poços de desejo prépubescente.

Não que entendessem muito de desejo aos treze anos, mas sabiam que era uma vitória beijar Tom Peterson primeiro. Estavam na areia, num círculo formado pelos três, ela de joelhos, sentada sobre os calcanhares, Emmi e Tom sentados no estilo índio. Tom fora o primeiro a girar a garrafa. O dia estava quente e Cara sentira gotículas de suor formando-se sobre o lábio superior e na testa. Enxugara-as com um brusco movimento da mão, porém mantivera os olhos firmes na garrafa de coca-cola que girava, girava. Ela prendera a respiração, fechara as mãos em punho e as apoiara no chão, aos lados do corpo. Relanceara os olhos por Tom. Ele olhava para Emmi. Com os maravilhosos cabelos ruivos presos num rabo-de-cavalo no alto da cabeça e amarrados com uma fita amarela, Emmi parecia dez vezes mais linda. Cara apertara ainda mais os punhos, desejando ter deixado que a mãe trançasse seus longos cabelos atrás da cabeça, como queria. Mas ela reclamara, dizendo que aquele penteado grudava demais os cabelos na cabeça e teimosamente insistira que ficassem soltos.

Por fim a garrafa começara a diminuir a velocidade e parará apontando para Cara. Ela se inclinara para frente, triunfante. Então se detivera subitamente tímida. Tom ficara muito vermelho e Emmi, estranhamente calada, de olhos baixos, olhando para círculos que desenhava na areia. Tom olhara para Cara, enxugara os lábios com a mão e então, como um condenado, inclinara-se para ela. Cara engolira com dificuldade e também se inclinara alguns centímetros para frente, consciente do

olhar de Emmi fixo neles. Então, ali, por cima de uma garrafa de coca que depois ela achara que fora profética de algum modo, fechara os olhos e recebera seu primeiro beijo. Desde então nunca mais sentira o arrepio que a percorrera nesse dia, dos pés à cabeça.

Se bem que houvesse demorado anos para chegar aos primeiros beijos de verdade, naquele momento ela soubera que beijar ocupava o primeiro lugar de sua lista de preferências. Quanto a Tom, na girada seguinte da garrafa ele beijara Emmi e continuara a beijá-la desde então. Ambos tinham ido para a Escola Bishop Inglesa e se haviam tornado na morados. Mas durante os verões continuavam a reunir-se como os Três Mosqueteiros. O objetivo máximo deles era bronzear-se, ir ao cinema à noite e evitar serem apanhados para trabalhar com tartarugas durante o dia. Emmi e Tom tinham ido para a Faculdade da Carolina do Sul e se casado depois da formatura dele. Cara havia sido dama de honra da noiva.

Então, haviam perdido contato como muitas vezes acontece com amigos depois de se tornarem adultos e trilharem caminhos diferentes. No entanto, se bem que não se houvessem falado e nem escrito durante anos, Cara soubera por cartões de Natal ou por sua mãe que Emmi e Tom se haviam mudado para Atlanta, onde ele era um executivo da empresa da Coca-Cola. Tinham dois filhos, dois meninos. Ao contrário de outras amizades que havia feito e perdido no decorrer dos anos, Cara ainda sentia-se ligada a Emmi por intangíveis laços fortes e seguros.

Ao chegar à praia viu uma mulher sentada no toco de uma árvore enterrando uma estaca na areia. Era tão arredondada quanto o toco sobre o qual sentava-se. Cabelos do um incrível vermelho enroscavam-se na aba do chapéu que ela usava. Cara aproximou-se. Antes que chegasse perto a mulher virou a cabeça e seu rosto iluminou-se.

— Cara!

— Emmi!

Rindo alegremente ambas percorreram a distância que as separava e se abraçaram. Os anos decorridos anularam-se e as duas sentiram-se de novo com treze anos, amigas para sempre. Quando se separaram, fitaram-se intensamente o Cara viu lágrimas brilhando nos olhos da amiga.

— Você não mudou nada, sua bandida! — disse Emmi, com sua grande boca abrindo-se num sorriso.

Nela, o sorriso era mais do que uma expressão facial, era uma afirmativa.

— Nem você.

— Ora, deixe disso, mentirosa.

Emmi ganhara peso proporcionalmente, de modo que não parecia gorda e sim grande. Estava morena, sardas pintalgavam-lhe o nariz e as faces, dando-lhe um ar juvenil. Ainda tinha aquela maravilhosa exuberância de antes e em seus olhos verdes espelhavam-se boas-vindas.

Continuaram rindo e abraçando-se por mais alguns momentos.

— E tão maravilhoso ver você de novo — disse Cara, emocionada.

— Quanto tempo faz?

— Deus, *anos*. Muito tempo.

— E horrível.

— Eu sei. Mas o tempo não passou depressa? — Depois de rirem, Emmi acrescentou: — Então, ainda não se casou?

— Pois é... O que posso dizer? Você me roubou Tom e depois disso...

Cara sacudiu os ombros. Emmi riu, mas em seus olhos havia uma tristeza que Cara percebeu.

— Como vai o Tom? Veio também? Gostaria de vê-lo.

— Onde é que ele está mesmo? Deixe-me ver... — Emmi pôs a mão sobre os lábios, pensando. — Estava na América do Sul a última vez que nos falamos. Ainda trabalha na Coca-Cola e está dirigindo a abertura de nova filial no Peru. Ele vai e vem muito. Mais vai do que vem. Fiquei cansada de esperar sentada em casa e vim para cá. Fizemos mais ou menos um acordo de não nos vermos o verão inteiro... — Emmi chutou areia para o ar — mais ou menos como seu pai e sua mãe faziam.

Cara piscou. Lovie ia para a casa da praia a fim de escapar do jugo de Stratton, mas Emmi não sabia disso. Apesar de terem crescido juntas, Cara jamais lhe confiara seus problemas de família. Uma das coisas que a mãe lhe ensinara era jamais lavar roupa suja em público.

— Desde que os meninos nasceram vimos para cá todos os anos, em julho, e nos feriados do Dia das Graças e do Natal. Eles adoram a ilha e, claro, Tom e eu também. No ano passado meus pais mudaram-se para a Flórida e me «leram a casa da praia. Assim, aqui estou.

— E seus filhos? Aposto que são surfistas bronzeados e que partem uma porção de corações a cada semana.

— Sim e não. De vez em quando eles vêm para cá passar o fim de semana. James, o mais velho, é um estudante obsessivo-compulsivo.

Ganhou bolsa de estudos na Duke e se recusa a perder tempo vindo para a ilha durante o verão então fica no campus, estudando. John tem seus amigos e trabalho. Ele ainda pega umas ondas quando vem me visitar, o que não acontece com muita frequência: prefere ficar em Atlanta. Na idade dele, a última coisa que um rapa quer é perder tempo com a mãe.

— Então, você fica sozinha durante o verão? — indagou Cara.

— Sim, senhora, e adoro cada minuto que passo aqui. Sou livre como um pássaro! Ihuhuuuu!

Cara riu ao ver Emmi erguer os braços e batê-los, com asas, do mesmo jeito que as gaivotas no céu.

— Continua maluca como sempre, Emmi!

A amiga ergueu as mãos, tirou o chapéu, para afofar os cabelos, e Cara sentiu uma leve amargura ao ver a cabeleira que admirava cortada à altura do queixo e já com fios brancos esparsos.

— Não. Infelizmente já não sou maluca, porém estou tentando recolocar um pouco de doidice na minha vida. Mas não vamos entrar por esse caminho agora, meu bem. Conte-me de você! Eu sempre soube que iria dar alguma coisa, Caretta

Rutledge! Ouvi dizer que é uma grande, poderosa executiva em Chicago.

Cara suspirou e sentou-se no longo tronco de palmeira que o mar jogara na praia. Deu umas palmadinhas no lugar a seu lado e Emmi foi acomodar-se lá. Ficaram ali, ombro a ombro, as longas pernas esticadas diante de si, como quando eram crianças. As pernas de Cara eram magras e pálidas ao lado das pernas bronzeadas e cheias de Emmi.

— *Fui* é o tempo certo do verbo — respondeu Cara e girou um dos calcanhares na areia, fazendo um buraco. — Ganhei bilhete azul antes de vir para cá. Fui trabalhar um dia, pensando num novo cliente que estava trabalhando, uma hora depois havia sido despedida e era escoltada por seguranças armados até a saída do prédio. E uma experiência que você jamais gostaria de ter, eu juro.

— Como é? — chocou-se Emmi. — Você andou roubando lápis ou levou uma Uzi para sua sala?

Cara riu.

— Tomara! Digamos que chegara a hora de uma faxina de primavera e eu era uma daquelas maçarocas de poeira supérfluas. Um enorme e caríssimo floco de poeira que foi jogado no lixo sem hesitação.

— Sinto muito, Cara.

— Isso acontece muito mais do que você pensa no mundo dos negócios. Mas — ela acrescentou com mágoa —, nunca se pensa que vai acontecer com a gente.

— E como vai você? Quero dizer, está bem ou é um desses desempregados que vão para albergues gratuitos à noite e ficam jogados na rua de dia? Sempre dissemos que ajudaríamos uma à outra se fosse preciso e minha porta está aberta. — Emmi fez uma pausa. — E por isso que você veio para cá?

Cara sacudiu a cabeça.

— Estou bem — disse com um amplo sorriso. — Pelo menos por enquanto.

Trabalhei nessa agência de publicidade por muito tempo e o fundo de garantia, as férias e a bonificação foram muito generosos. Estou longe de precisar ir para albergues, mas quero que saiba que tenho um excelente currículo e rico portfólio. Creio que posso viver sem trabalhar, e muito bem, durante o verão. Uma excelente diretora de agência de empregos está procurando um lugar para mim e tenho certeza de que vai encontrar alguma coisa. Espero que não venha a precisar da ajuda que está me oferecendo.

— De qualquer modo, estou às ordens. Somos irmãs de sangue, lembra-se?

— Sim! E você, lembra-se de como éramos felizes quando crianças e estávamos aqui? Éramos maluquinhas o bastante naquele tempo para misturarmos nosso sangue.

— Faríamos isso de novo.

— Você acha? — Cara fez outro buraco na areia com o calcanhar e quando falou seu tom se tornara filosófico. — Sabe que terem me despedido foi providencial? Cheguei a esta conclusão hoje de manhã, quando acordei. Se isso tivesse acontecido com mamãe no ano passado eu não poderia ficar aqui durante o fim da primavera e o verão. Mas agora nosso.

— Espere aí, dê um retrocesso. Fiquei perdida. *O que* aconteceu com a sua mãe?

— Mamãe está com câncer.

Emmi endireitou o corpo e pareceu chocada.

— A dona Lovie? Oh! Não...

— Acabei de saber, também. E câncer no pulmão. Pelo que sei, já entrou em metástase e nada podem fazer.

A garganta de Cara apertou-se e ela teve que parar de falar.

— Oh! Não, não, não! Ela não! Mas que merda! Cara assentiu.

— Mamãe me pediu que passe o verão aqui e concordei. E isso que eu queria dizer: agora que fui despedida tenho tempo. Se fosse no ano passado eu não teria o verão inteiro livre.

— Bem, poderia ter...

— Não, se não quisesse perder o emprego. Mas isso agora não importa. O que é perder o emprego perto de perder a mãe?

Emmi sacudiu a cabeça, triste.

— Sinto tanto, Cara! Meu coração está doendo. A ilha inteira vai ficar de coração partido, também. Todas as pessoas que costumam passar parte do ano aqui a conhecem como a Dama das Tartarugas. Todos nós vimos tartaruguinhas nascer graças a ela.

— Lembra-se de que mamãe costumava hastear uma bandeira quando os ovos de uma ninhada estavam para eclodir?

Com um sorriso triste, Emmi assentiu.

— Ela costumava também ajudá-los a eclodir, se entende o que quero dizer. Hoje em dia há ordens estritas proibindo isso.

Cara não conhecia ou não se importava com regulamentos. Tudo que sabia era que sua mãe não estaria ali no verão do próximo ano, quando as tartarugas voltassem para a postura.

— É impossível imaginar que ela está mesmo morrendo.

E difícil de aceitar. Quando a olho, digo a mim mesma "Sim, mamãe está doente", mas não posso conceber a vida dela chegando ao fim. É esquisito, porém de algum modo o verão me parece muito longo. No entanto, quando penso que vai ser o último verão dela, parece-me assustadoramente curto.

— Imagino como dona Lovie deve se sentir, Cara...

— Isso é que impressiona Emmi. Ela não parece ter medo.

— O que ela poderia fazer e...

Emmi foi interrompida pelo cumprimento animado de uma mulher que se aproximava pela praia. Ergueu a mão e acenou de volta.

— Olá! — E disse para Cara. — E Florence. Lembra-se de Florence Prescott, não?

— Claro que sim.

Cara ficou olhando a mulher se aproximar. Fio tinha sido como uma tia na infância e adolescência dela. Agora, também parecia sem idade com os cabelos de um branco deslumbrante em contraste com a pele morena. Usava uma camiseta verde com a figura de uma careta no peito, com a frase Grupo das Tartarugas embaixo.

Fio sacudiu a cabeça ao chegar mais perto e gritou:

— Tão viva quanto eu estou, essa é mesmo Caretta RuMcdge em carne e osso! Como vai, minha querida?

Cara levantou-se e foi abraçar a mulher com o mesmo carinho que sentia nos anos em que Fio entrava na cozinha ile sua casa para tomar o café da manhã.

— Vou bem e você está gloriosa! Como é bom vê-la de novo!

— Você também está maravilhosa — comentou Fio, tirando os óculos escuros e examinando Cara com olhos que lembravam dois faróis azuis — para quem esteve no umbral da morte! Lovie me disse que ficou de cama desde que chegou.

— Foi, mas agora estou melhor.

— A ilha cura tudo. Você deveria vir mais vezes para cá. Cara percebeu a suave repreensão sob o sorriso e assentiu:

— Vou ficar até o fim do verão, Fio.

A expressão da senhora mudou rapidamente. Ela tornou-se séria e seus olhos expressaram compreensão.

— Quer dizer que por fim ela lhe contou? Apertando os lábios, Cara fez que sim.

— Ótimo. Fico feliz. Era importante para ela lhe dizer tanto quanto para você ouvir. Lovie precisa de você agora, Cara. Ela sentiu muito a sua falta.

A voz de Fio soava cheia de convicção e Cara mudou o peso do corpo de um pé para outro. Jamais pensara que a mãe precisava dela e muito menos que sentia sua falta.

— Vai ser duro para todos nós — continuou Fio, mas não podemos fraquejar. Temos que manter o otimismo,

— Eu estava pensando — interferiu Emmi, temos que dar um jeito para substituir Lovie se ela não puder cumprir com o compromisso assumido com as tartarugas neste verão.

— Vocês não vão conseguir impedi-la de cumpri-lo — afirmou Fio com aquele seu jeito que não admitia réplica. — As tartarugas são a vida dela.

— Não, não são — discordou Cara. — Ela precisa pensar em outras coisas neste verão e poderá não cumprir suas tarefas. As tartarugas já tiveram minha mãe para elas por bastante tempo.

Fio observou Cara, depois falou vagarosamente:

— Você jamais entendeu sua mãe e as tartarugas. E desconfio que há parte das histórias delas que jamais compreenderá. Mas confie em mim, Caretta, se você

a impedir de lidar com suas tartarugas matará sua mãe mais depressa do que o câncer. Ela vem fazendo isso por tanto tempo quanto você está viva e significa a vida, o mundo para ela.

Não apenas as tartarugas, mas também a freqüente renovação que trazem para ela. É uma conexão especial com Deus, com a Terra, com a melhor parte dela mesma. Ela encontrou esse pequeno pedaço de paz... e você sabe do que estou falando.

Cara não disse nada.

— Você sabe o quanto ela se preocupa com as tartarugas j durante a temporada, todos os anos. Lovie vive para isso. Achar e marcar os ninhos, acordar de madrugada para encontrar os rastros ou ficar sentada ao lado de um ninho até que os ovos eclodam. Ela anota tudo, escreve relatórios com todos os detalhes, dá aulas, ensina as crianças, adverte os turistas e sabe-se lá o que mais! É como uma mãe preocupada com cada um daqueles ovos.

— E além de tudo isso — prosseguiu Fio depois de uma pausa, as pessoas que têm uma finalidade vivem mais tempo, envelhecem mais devagar, mantêm-se lúcidas e são muito mais agradáveis. — Deu um rápido sorriso e seus olhos brilharam. — Mesmo que sejam um tanto francas demais... Tire as tartarugas de Lovie e o que lhe restará? Apenas a doença. É isso. Ficaria parada, como uma planta com n raiz seca, esperando a morte. Vi isso acontecer muitas vezes e sempre meu sangue ferveu. Digo que ela precisa fazer parte do grupo mais do que nunca. Olívia Rutledge é o Grupo das Tartarugas.

Emmi concordou cheia de convicção.

Cara, que tinha permanecido silenciosa durante a corajosa defesa de Florence, passou a mão pelo cabelo.

— O que recomenda que eu faça?

Fio percebeu respeito no jeito dela e respirou fundo. Mastigando a extremidade de uma haste dos óculos escuros observou Cara atentamente.

— Você tem que se envolver.

— Com o Grupo das Tartarugas? Eu?

— Isso mesmo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não concordo. Obrigada pelo convite, mas não sou do tipo Grupo das Tartarugas.

Fio sacudiu os ombros.

— Não acredito que exista um *tipo*.

— Claro que existe. O tipo maternal.

A senhora esmiuçou Cara com o olhar.

— Está querendo dizer que não é do tipo maternal? Cara sustentou o olhar de Florence.

— Sim, é isso que quero dizer. Fio soltou uma gargalhada.

— Uma pinóia que não é! Você ainda não sabe. Não há nada como um ninho

com ovos de tartaruga eclodindo para despertar esse instinto. Tudo bem. Aqui está a minha sugestão. Apenas ouça. Nós duas sabemos que sua mãe quer ficar com você o mais tempo que puder neste verão. Este seria um projeto perfeito para vocês compartilharem. Ela já não consegue fazer tudo que é preciso, claro, e você poderia assumir a maior parte da atividade física, como levantar cedo, verificar a existência ou não de ninhos indicados pelas pessoas do grupo, verificar os ninhos à noite. Lovie pode fazer os mapas, escrever os relatórios, dar aulas e vir à praia quando tiver disposição para isso. Assim, ninguém a estará impedindo de cumprir seus deveres.

Uma expressão aflita estampou-se no rosto de Cara.

— E eu assumiria uma porção de tarefas. Fio, você sabe que jamais me passou pela cabeça ser uma dama das tartarugas.

— Ora, vamos — brincou Florence, cutucando as costelas dela.

— Sua mãe foi uma porção de vezes à minha casa o acabou me envolvendo no último verão. E, devo confessar, eu relutava em me levantar cedo todas as manhãs, principalmente quando os meninos já tinham ido embora e não precisava fazer o café da manhã. Mas, conhece a sua mãe.. Quando percebi já estava andando pela praia todas as ma nhãs, sentindo-me muito bem, e não via a hora do sol se pôr para me sentar perto dos ninhos com minhas companheiras, à noite. Fazer parte do grupo foi gratificante e tornou esta ilha meu lar de novo. Agora pouco você disse que o verão parece muito longo. Isto vai dar-lhe a proporção exata. Melhor de tudo, você terá isto para partilhar com sua mãe...

Fio fez uma pausa, depois terminou com simplicidade:

— e ela agora precisa de você.

Cara compreendeu que o último argumento era de fato vencedor. Sua cabeça girava, tentando encontrar solução alternativo. Mas não havia nenhuma. Sentia-se atraída para aquela decisão como um pedaço de madeira flutuando maré.

— Você me ajudaria Fio? — disse, por fim. — Eu n tenho a menor idéia do que fazer.

— Claro. Todas nós ajudaremos. Não se preocupe Caretta, você tem a seu lado a melhor mestra.

Os olhos de Emmi tornaram-se mais brilhantes de novo e ela abraçou a amiga.

— Estou tão contente por você ter voltado para casa! Bem-vinda, querida.

A careta põe seus ovos coriáceos, do tamanho de uma bola de pingue-pongue, na cavidade que é o ninho. Deposita dois, três ou mesmo quatro de cada vez. Costuma haver cerca de oitenta a cento e cinquenta ovos em cada ninho.

CAPÍTULO IX

No litoral da Carolina do Sul o verão não começa no equinócio. O verão começa depois do Memorial Day¹ quando as escolas abrem suas comportas derramando nas praias crianças e jovens entre gritos de triunfo, toalhas coloridas tremulando ao vento como bandeiras e pranchas de surfe em riste para o mar. As

casas de praia à beira-mar são alugadas até setembro, quando as escolas recolhem de novo os alunos. Até então, o movimento mi Avenida da Praia é contínuo.

Para Cara o verão começou com seu primeiro dia no Grupo das Tartarugas. Logo depois de sua "introdução" houve um telefonema avisando sobre rastros de tartaruga na Avenida 22. Quando Lovie ficou sabendo da novidade abriu um enorme sorriso.

— Pegue o balde vermelho! — disse, jogando as cobertas de lado.

Com o balde a postos, saíram no Besouro de Ouro em busca do ninho. Era uma manhã nublada e introspectiva, mm um vento fresco e úmido. Cara dirigia ainda saboreando M sensação de andar livremente depois de anos do automático anda-e-pára dos engarrafamentos de tráfego. Seguiram ao longo da Avenida das Palmeiras com a animação de duas adolescentes em férias. Olhando para sua direita, Cara via Lovie sorrindo e segurando o chapéu, com fios de cabelos agora cor de ouro branco acariciando-lhe as pequenas e e.s guias mãos.

Às vezes ela parece tão jovem! Pensou.

Estacionou junto ao meio-fio, pôs o chapéu e pulou do carro para ajudar a mãe a sair. Carregando os apetrechos seguiram pela trilha estreita e tortuosa que levava à praia. As casas ficavam tão perto que Cara sentia o cheiro de Cali e bacon que vinha das cozinhas. Adiante dela, Lovie subiu a duna com a agilidade de um cabrito montanhês, mas de vez em quando parava para tossir. A tosse era profunda i molhada. Cara lembrou-se de que já a ouvira diversas vezes em casa. Ficou alarmada.

— Você está bem, mãe? — perguntou. — Será que pegou um resfriado?

— Não, não. E por causa do ar seco e da areia.

— Não sei... Você deveria se cuidar mais. Talvez não devesse ter vindo.

— Bobagem, estou ótima. O médico disse que exercício é bom para mim. Vamos, temos que encontrar os rastros. -Clareou a garganta e com voz divertida, perguntou: — Você ainda se lembra de como é o rastro das tartarugas, não?

— Lembro mamãe — respondeu Cara, cantarolando (sacudindo o balde.

Nunca iria se esquecer da sua primeira e desastrosa vez de busca de rastros de tartarugas. No dia anterior correm da praia até em casa, a ponto de perder o fôlego, para dizer a Lovie que encontrara rastros. Lovie ligara para Fio e Em mi. Então, todas haviam ido para a praia designada, carro gando a tralha toda, apenas para rir a ponto de derramai lágrimas quando descobriram que os rastros de Cara eram apenas marcas deixadas pelo trator de limpeza da praia.

Envergonhada, Cara determinou-se a nunca mais se eu ganhar.

Quando chegaram à praia ela divisou de imediato os ras tros que a tartaruga deixara, profundos, na areia úmida. Caminharam pela linha da maré alta até uma pequena do pressão. Não muito distante havia um buraco enorme, feito por alguém, provavelmente o remanescente de um castelo de areia levado pelas ondas.

— Tolos — resmungou Lovie, ao chegarem perto, um castelo é uma coisa, um buraco grande e fundo, outra. Não sabem que a tartaruga tem que passar pela praia? Poderia ficar aprisionada num poço desses.

— Tenho certeza que nem se lembraram das tartarugas quando construíram

o fosso do castelo... — observou Cara, indo para perto do ninho. — Nem todo mundo é louco por tartarugas, como você.

— Mas devia ser. A caretta é dona desta praia muito tempo antes de nós. — Pegou uma longa estaca em forma de T e entregou-a solenemente a Cara. — Esta é a minha sonda. Agora é sua. É uma espécie de bastão de honra do Grupo das Tartarugas, portanto cuide dele. Pouquíssimas pessoas são aprovadas para testar ninhos e vou ensiná-la como se faz. Preste atenção.

Desenhou linhas na areia dividindo em quatro partes o espaço mais ou menos circular de areia remexida. Então, começando em um dos quartos, ensinou Cara como segurar o bastão de modo a sentir-lhe o peso antes de enfiá-lo cuidadosamente na areia. Seu pequeno e esguio corpo movia-se com elegância, centímetro a centímetro, para cima e para baixo, deslizando através da pequena área como uma bailarina fazendo *pliés* na praia.

— É importante não enfiar a sonda depressa como se fosse uma broca porque se ela estiver na direção da câmara dos ovos penetrará a areia com a facilidade que uma faca aquecida penetra a manteiga e poderá quebrar um ovo. Tem que empurrá-la com delicadeza e devagar, assim...

Lovie sondou várias vezes, com deliberada lentidão e cuidado. Quando terminou, sua respiração estava curta.

— Agora experimente — disse à filha.

Cara pegou o bastão sentindo-se muito mais nervosa do que imaginara.

— Afinal as aulas de bale que você me fez ter quando criança vão servir para alguma coisa — brincou.

— Conhecimento nunca é demais — rebateu a mãe. Cara centrou o bastão entre as pernas, dobrou os joelhos, equilibrou-se e começou. Cada vez que enfiava a sonda na areia tinha certeza de que ia quebrar um ovo.

— Mais devagar — corrigiu Lovie. — Não há pressa. Por que você sempre está com pressa, Caretta?

Respirando fundo, Cara tentou de novo.

— As pessoas parecem estar sempre apressadas — continuou Lovie, ofegante, sentando-se na areia. — Correr, correr, correr. Para onde estão correndo? A vida não é uma espécie de corrida. Cedo ou tarde, cruzaremos todos a mesma linha de chegada. Ficaremos tristes ao enxergar a linha de chegada e de repente iremos desejar ter andando devagar, em vez de correr.

— Talvez seja por isso que chamam esse fato de a corrida da humanidade, mamãe.

Lovie riu.

— Bem, a verdade é que todos fazemos parte dela, mas nenhum dos vencedores dessa corrida ganha prêmios. Por isso, vá devagar, filha. Ande serenamente, a passo de tartaruga. Faça movimentos lentos. E a melhor coisa. Cuidado agora. O ninho sempre pega a gente de surpresa. Como a vida...

Cara controlou os movimentos, pensando nos exercícios de tai chi que fizera durante algum tempo. Diminuiu o próprio ritmo deixando que o bastão descesse até sentir a resistência da areia compacta, então o retirava lentamente. Em seguida

passava para outro lugar, depois para outro, um atrás do outro, até fazer mais de doze furos que marcavam meia circunferência da beirada do ninho.

Quando estava quase completando o círculo, quando menos esperava, a sonda penetrou de repente, tão de repente que se não a segurasse ela iria até o fundo. Cara sentiu uma alegria sublime e olhou para a mãe para confirmação.

Lovie sorriu o orgulho brilhando nos olhos.

— Parabéns, achou exatamente o local do ninho! *Agora* você faz parte, mesmo, do Grupo das Tartarugas. — Ergueu-se, tossiu, deu umas pancadinhas no peito e disse, com voz rouca: — Muito bem, arregace as mangas. — Chegou mais perto com o balde vermelho e ajoelhou-se na areia.

— Este ninho está muito abaixo da linha da maré alta e quando a água subir irá destruir os ovos. Temos que mudá-lo. Então, vamos ver o que encontramos.

Lovie começou a cavucar a areia com as mãos procurando pelos ovos cuidadosamente, apenas com a ponta dos dedos. Cara olhava atenta e por fim os ovos apareceram. Ela riu alto, deliciada como se tivessem encontrado um tesouro. Com o maior cuidado, Lovie pegou um ovo e, segurando-o como se fosse de cristal, entregou-o a Cara, que o manteve na palma da mão e fechou-a.

— E igualzinho a uma bola de pingue-pongue, só que macio... Parece de pelica.

— Só se pode mudar os ovos de ninho nas primeiras vinte e quatro horas, mas não podemos batê-los, apertá-los ou revirá-los, depois desse tempo não se pode mais mexer neles até que o embrião rompa a casca do ovo.

Pegou o ovo de volta e colocou-o, com o lado certo para cima, sobre a areia úmida que forrava o fundo do balde vermelho. Um por um, fizeram o mesmo com todos os ovos que li avia no ninho e em seguida os levaram para um local anteriormente escolhido, acima da linha da maré alta, onde estaria a salvo da água salgada. Cara agachou-se junto ao lugar determinado por Lovie e começou a cavar um buraco na areia com a profundidade de um braço, em seguida deu na cova o formato de garrafa que observara no ninho verdadeiro. A mãe ficou sentada ao lado e supervisionou cada passo, com expressão preocupada no rosto. Uma vez terminado o ninho, Cara colocou, com reverência, cento e quatro ovos no ninho, com o lado certo para cima.

— Quer saber de uma coisa? — perguntou, olhando para a mãe ao mesmo tempo em que procurava mais ovos no balde.

Lovie olhou para a filha. Nesse momento o sol rompeu as nuvens e iluminou o rosto de Cara, que sorriu.

— O quê?

— Isto é divertido! Quem diria?

E ela ajeitou o último ovo no ninho, já então séria e concentrada. Lovie lembrou-se de quando a filha era criança e tinha a mesma expressão ao fazer castelos de areia com Palmer.

Obrigada, meu Deus, pensou fervorosamente. *Obrigada pela oportunidade de brincar de novo com minha filha.*

O amanhecer causava um verdadeiro furor de excitação do outro lado da janela do quarto de Cara. Os pássaros emitiam seus chilreios e grasnidos, que eram mais eficientes do que um despertador.

— Está bem! Está bem! — resmungou ela, sentando-se devagar.

Bocejou e arrastou-se para fora da cama. Ainda bem que os pássaros a haviam acordado. Tinha que patrulhar sua parte de praia em busca de rastros de tartarugas. Em silêncio, vestiu um short, uma camiseta do Grupo das Tartarugas e calçou os tênis. A casa estava quieta. Lovie e Toy ainda dormiam. Saiu para o ar fresco da manhã, espreguiçou-se, respirou fundo e encaminhou-se para a praia.

A areia mostrava-se lisa e firme, a superfície clara marcada por pequenos buracos de siris, marcas de patas de pássaros e pedaços de conchas. Enquanto ela corria no pedaço de praia que lhe fora confiado, seu olhar varria desde a linha da água até o horizonte. O sol atravessava nuvens azuladas colocando nelas espetaculares pinceladas de luz cor-de-rosa. Cara animou-se e aumentou o ritmo da corrida. Fazia quase uma semana que percorria aquele trecho correndo, todos os dias. No começo ficava sem fôlego e resmungava que fazia aquilo apenas por Lovie. Mas no fim da semana já sabia que aquela corrida matinal era feita para si mesma. A cada dia que passava a nuvem de depressão se dissipava um pouco mais, esqueceu-se do computador, do e-mail e de outras coisas. Sentia-se cada vez melhor e mais bem-disposta.

A cada dia Lovie lhe dava uma nova aula. Cara aprendera muito na semana anterior. Havia rastros a seguir, ovos para contar e o importante trabalho de mudar ninhos. Aprendeu como rodear o local do ninho definitivo com estacas de madeira e fita plástica cor de laranja, com avisos para protegê-lo de bicicletas ou pés distraídos.

Uma hora depois Cara terminou a patrulha. Poucas pessoas andavam pela praia, passeando ou recolhendo conchas. Naquele dia não havia rastros, mas vários siris corriam para seus buracos, pálidos como pequenos fantasmas, quando ela passava. Assim que chegasse em casa o telefone deveria começar a tocar, as outras voluntárias fariam seus relatórios e ela sairia de novo para verificar possíveis novos ninhos, lira essa a rotina das suas manhãs.

E era algo surpreendentemente gratificante. Sua vida virará de cabeça para baixo em menos de um mês, fazendo-a reavaliar muitas das coisas que até então considerara fundamentais em sua vida.

Crescera achando que a mãe nada tinha para ensinar-lhe, no entanto, no espaço de poucas semanas descobrira que, ao contrário, tinha muita coisa importante para transmitir.

Antes de entrar na casa da praia parou para tirar os tênis, quando ouviu a mãe cantarolando lá dentro compreendeu que, pela primeira vez na sua vida, as tartarugas não eram mais uma barreira entre Lovie e ela, mas sim um laço de união.

Passava das cinco de uma fresca tarde dos meados de pinho e o Bar Dunleavy's estava animado. Uma porção de moradores locais dividia com os turistas as mesinhas de fora, sob guarda-sóis. Homens e mulheres passavam na calçada puxados por seus cachorros, o que fazia Cara lembrar-se de crianças puxando seus carrinhos. Ela e Emmi tinham conseguido uma mesinha de canto antes que um homem e seu gigantesco cão labrador a alcançassem. A disputa estava terminada,

mas o labrador esticava a trela tentando farejar um poodle que estava no colo do dono, em outra mesa. Pediram duas cervejas e uma porção de lula à dorê. Em pouco tempo a música e os risos que enchiam o bar circulavam em suas veias.

Cara tinha se esquecido de como Emmi era engraçada e rumo era gostoso rir alto sem se preocupar com quem estava sentado na mesa ao lado. Começava a se acostumar com isso de novo, depois de um longo período de relacionamentos lisidos com o trabalho. Com aqueles homens e mulheres — por mais divertidos e hilários que fossem — ela estava sempre "ligada". Mantinha constantemente uma resposta inteligente pronta na ponta da língua e era excelente em dar informações pessoais apenas o bastante para parecer agradável, guardando para si as coisas mais importantes.

Mas com Emmi não precisava policiar comentários ou adivinhar as informações sonegadas. Elas partilhavam histórias e segredos. Tinham também um radar que "lia" as emoções uma da outra.

Depois que a travessa de lula ficou vazia e elas estava na segunda cerveja Emmi inclinou-se para trás em sua cadeira e perguntou:

— Muito bem, o que está perturbando você?

Cara abriu a boca para responder "nada" quando a verdade a ofuscou.

— Falei hoje com Adele, a minha gerente de uma agência de empregos e ela caiu em cima de mim perguntando que diabo eu estava fazendo na Ilha das Palmas.

— Qual é o problema dela?

— Eu... — Cara forçou um sorriso e olhou para um par de spaniels que devorava pipocas caídas no chão. — Eu lhe pedi que procurasse um emprego para mim, que marcasse entrevistas, mas é claro que isso foi antes de eu saber sobre mamãe. Honestamente, não esperava que ela tivesse qualquer problema tão cedo. Quando disse a Adele que vou ficar aqui durante o verão ela não me pareceu muito alegre. Mas não é o que me perturba.

— Está arrependida por ter decidido ficar?

— Não — suspirou Cara —, mas estou preocupada. Adele tem umas perspectivas interessantes de que vou perder se ficar muito tempo fora de campo. É uma situação difícil.

Enquanto estou aqui, sentada na ilha, tenho que pagar o financiamento do meu apê em Chicago e as contas que continuam chegando todos os meses. E há também a minha imagem... Quanto mais ficar fora da jogada, mais vai parecer que saí de lá com o rabo entre as pernas.

— Olhe meu bem, não quero parecer insistente, mas você quer ficar aqui ou não?

— Já disse que quero.

— E pode ficar sem perder seu lugar no mundo dos negócios?

— Para sempre, não, mas por um verão posso.

— Então, esqueça aquela bosta toda. Preocupar-se não irá mudar coisa alguma, não? Você está aqui e é o que importa. Tomou a decisão certa.

Cara apenas soltou o ar que retinha.

— Eu sempre a invejei, sabia? — acrescentou Emmi.

Olhando para a amiga com ar de dúvida, Cara ergueu as sobrancelhas.

— Explico. Pelo menos, você tinha toda aquela papelada na sua mesa, decisões a tomar. Nos últimos anos venho me sentindo como se tivesse ficado encerrada numa fortaleza, como se não tivesse vivido.

Ela parou de falar quando a garçonete aproximou-se para tirar as garrafas vazias e ver se queriam algo mais.

— Emmi, querida, está tudo bem com você?

Emmi esperou até a garçonete ir embora. Pela expressão pensativa da amiga, Cara sabia que tinha tocado num ponto delicado.

— Não sei... — respondeu ela sem ocultar a frustração.

— Acho que estou muito só.

— Pensei que gostasse de ficar sozinha.

— E gosto... De vez em quando. Mas tudo é quieto demais. Sinto falta de barulho em casa, sinto falta de que precisem de mim.

— Quanto tempo Tom vai ficar fora? O rosto de Emmi tornou-se impassível.

— Quem sabe? — respondeu por fim.

Cara compreendeu que havia algo sob aquele comentário e interrogou a amiga com o olhar.

— A coisa é esta — começou Emmi, há cinco anos Tom recebeu uma promoção que tinha como ponto obrigatório viajar... Viajar muito. Ele viaja muitas vezes durante o ano e sempre durante o verão. Os meninos estão na idade em que se prefere ficar com amigos, fazer esportes e trabalhar. Você sabe... Fui uma boa esposa ficando em casa, em Atlanta, no ar condicionado dos verões esperando que Tom ou os meninos chegassem em casa para jantar. E eu ficava enfiada em casa também o resto do ano. Cozinhei muito, comi muito, bebi muito vinho e por isso engordei cerca de dez quilos.

As duas riram, com ar de comiseração.

— No verão do ano passado — prosseguiu Emmi, John se formou na faculdade e vi que todo mundo fazia planos, menos eu. Aí eu disse, chega! Resolvi não alugar a casa da praia e vir para cá.

— Essa é a Emmi que eu conheço!

— E, mesmo? — Ela riu e seus olhos brilharam. — Talvez.

No verão passado tudo foi divertido e novo. Dona Lovie me fisionou para cuidar das tartarugas-do-mar e me senti em casa de novo...

Só que algo estava faltando.

— Tom, para começar.

— Pois é... — assentiu ela, corando. Pegou sua garrafa, tomou um longo gole depois disse, fitando a amiga: — Lembra-se de quando éramos crianças e brincávamos de girar a garrafa?

Cara sorriu.

— Claro que me lembro. Só que não era uma garrafa de « cerveja, era de Coca-Cola. Creio que esse foi o primeiro indício

Emmi continuou olhando para a garrafa em sua mão e Cara pôde perceber que seus pensamentos tinham recuado anos. Por fim, ela pôs a garrafa na mesa e ergueu os olhos.

— Naquele tempo tínhamos uma porção de planos para o futuro. Estávamos cheias de sonhos, excitação e isso nos levou adiante até a faculdade.

— O que aconteceu, então? Você nunca trabalhou?

— Trabalhar? Sim, trabalhei muito. Em casa.

— Eu quis dizer fora, num emprego. Emmi tornou-se defensiva.

— Não me diga que você é uma daquelas mulheres chatas que acham que as donas de casa levam vidas vazias, desperdiçadas. Fiquei muito ocupada cuidando da casa e de tudo em relação a ela... Com Tom sempre viajando alguém tinha que ficar em casa. Pelo menos enquanto os meninos eram pequenos.

— Ei, ninguém está sendo julgado aqui! É apenas curiosidade. Você queria ser bióloga.

— E você, bailarina.

— Não é a mesma coisa... — replicou Cara, rindo.

— Talvez não. — A expressão de Emmi mudou e, em tom sombrio, acrescentou: — Mas trilhamos caminhos bem diferentes do que pensávamos, não é?

— E verdade. No fundo, é a mesma coisa para nós duas você fez o seu trabalho e eu, o meu. Os anos passaram. Agora estamos quase com quarenta anos e questionamos algumas decisões que tomamos pelo caminho. O tempo voa cada vez mais depressa. Olhamos nossos corpos e nos preocupamos pensando se o sol irá nos causar câncer de pele ou se estamos tomando cálcio suficiente para não ficarmos curvadas um dia. Escolhemos sapatos com o mesmo entusiasmo que escolhíamos lingerie sexys. E só ouvimos falar de ioga, estrogênio, colágeno, silicone ou qualquer outra coisa que tenha a ver com a velhice. E, claro, cirurgia plástica se bem que não precisamos dela. Emmi riu:

— Ainda...

— Ainda. E cá estamos olhando essas garotas de dezoito anos, tentando nos lembrar como é ser assim tão jovem. — Cara olhou para a amiga com profundo afeto. — E então, de repente, a gente encontra uma velha amiga e nos sentimos como éramos ontem.

Brindaram com as garrafas e riram.

— No meu ponto de vista — disse Emmi —, já que você vai ficar aqui durante o verão, aproveite. Passe algum tempo fazendo as coisas que não fizemos quando éramos meninas bobas.

— Espere aí, eu pensei que éramos as maiores!

— Sim, as maiores bobocas. Nada fizemos de divertido, Caretta. Vamos, admita. Éramos duas esnobes que só se importavam com teatro, poesia e diziam que odiavam velejar, pescar, jogar golfe e outras atividades ao ar livre que

obcecavam a maior parte da moçada daqui e os não tão moços, como nossos pais, principalmente.

— Saí de barco com Palmer e papai uma porção de vezes...

— Meu amor — voltou Emmi, silenciando as objeções de Cara, alguma vez você passeou de canoa pelo mangue? Ou foi pegar caranguejos na Ilha Capers?

Cara abriu a boca para retrucar, mas calou-se e fez que não com a cabeça.

— Eu também não até que meus filhos me arrastaram para essas coisas. Acredite, eu não sabia o que estava perdendo! — Apontou o indicador para Cara. — Sabe o que você vai fazer?

Com ar desconfiado e calada, Cara negou de novo.

— Vai sair num desses passeios de barco. Estou falando sério. Há um muito bom que vai à Ilha Capers e a outros lugares.

— Por que tenho que fazer isso?

— Porque você nasceu e se criou aqui e é uma vergonha que ainda não tenha feito. Aliás, o que mais se tem por aqui Vai se aborrecer de ficar sentada a tarde inteira sem fazer nada.

— Devo admitir que não é uma perspectiva muito sedutora,

— Então, vá em frente! Afinal, Cara ergueu as mãos, rendendo-se.

— Está bem, está bem! Vou fazer esse cruzeiro!

Enquanto a careta está pondo ovos, lágrimas vão descendo de seus olhos, sem parar. Essas "lágrimas de tartaruga" são produzidas para livrar seu organismo do excesso de água salgada que ela ingere.

CAPÍTULO X

Com o início da temporada de turismo o trânsito na avenida das Palmeiras, que dá passagem para o outro extremo da ilha, torna-se lento. A Marina é um local animado, com uma loja de artesanatos da ilha, restaurante e o cais. A maior parte dos veleiros que ficam nessa marina são propriedades particulares, ancorados ou amarrados ao cais, juntamente com pequenas lanchas, Jet Skis e enormes barcos para pesca em alto-mar e embarcações diversas equipadas para excursões marítimas.

Por um caminho muito desgastado pelo uso, Cara foi até o início do cais, onde viu uma pequena construção de madeira sobre palafitas. Diante dela uma modesta tabuleta dizia Eco-Tur Costeiro e a pouca distância achava-se ancorado um longo barco com uma fileira de doze assentos duplos de cada lado. Uma fila de turistas esperava para embarcar. Era a gente de sempre: alguns senhores de bermudas com câmaras fotográficas penduradas no pescoço e bom número de pais e mães com filhos pequenos.

Cara parou, com os braços cruzados, tentando decidir se queria mesmo fazer parte daquele passeio do tipo familiar.

Ainda era muito recente em sua memória a lembrança de horas passadas em aviões com crianças chorando. De súbito, uma sombra caiu sobre ela. Ergueu os olhos e viu um homem muito alto, muito bronzeado, com cabelos queimados pelo sol e olhos da mesma cor que a camiseta de um azul desbotado que vestia. Não pôde deixar de rir e dizer:

— Você...

Um amplo sorriso iluminou o rosto dele, fazendo seus olhos enrugarem-se nos cantos.

— Se não tivesse fugido toda vez que tentei me aproximar de você teríamos nos falado antes. Acho que andou me evitando.

— Na verdade, não. Porém jamais posso me aproximar de um barco sem vê-lo por perto.

Os olhos dele mostraram que se divertia.

— Acontece que sou dono deste barco.

— Você é o Eco-Tur Costeiro? Ele assentiu.

— E o barco camaroeiro? É seu também?

— Não. Fora da temporada eu ganho um dinheirinho extra trabalhando em barcos pesqueiros. Daquela vez, era uma traineira de camarões.

O rapaz não era do tipo que Cara preferia, mas, apesar de si mesma, sentia atração por ele. E essa atração não vinha apenas de sua boa aparência: a simplicidade sexy e masculinidade à moda antiga faziam o sangue correr mais rápido nas veias dela.

— Você andou querendo falar comigo? — perguntou Cara.

— Você se incomoda por isso?

Como estava de óculos escuros, ela pôde dar uma rápida olhada para a mão esquerda dele sem demonstrar. Não viu aliança.

— Não, não me incomoda. Só estou surpreendida. Tive a impressão de que você me achava engraçada. Ou, devo dizer uma verdadeira piada?

Percebeu que ele ficou atrapalhado e continuou:

— Toda vez que olhei para você o vi sorrindo ou rindo... Os olhos do rapaz demonstraram compreensão súbita e,

depois, divertimento. Olhou para as sandálias dela.

— Sandálias novas? — indagou.

— Aquelas outras não eram assim tão feias. Ele não replicou. Nem precisava.

— Não que sua companhia não me agrada — voltou ela —, mas não está um tanto ocupado para flertar?

Depois de olhar a fila que se formara na rampa que levava ao barco, ele convidou:

— Venha. Você está aqui para dar um passeio, não é?

Ela hesitou, mas o sorriso dele derreteu toda sua resistência. Dizendo a si

mesma que iria se arrepender, ela seguiu a imponente figura em direção à rampa. Pegou seu lugar na fila que começou a andar à medida que as pessoas entravam no barco. Ficou observando o modo casual com que o marinheiro punha o dinheiro que recebia numa caixa de metal e anotava cada recebimento num pedaço de papel. Não era uma organização altamente técnica, mas funcionava, pensou admirando a letra e números bonitos.

Quando chegou a vez dela pagar, ele disse:

— Não. Está tudo certo.

Cara sacudiu a cabeça e pegou a carteira.

— Obrigada, mas prefiro pagar.

Ele hesitou, depois sacudiu os ombros como se dissesse "Você é que sabe" e aceitou o dinheiro.

Cara escolheu um lugar na popa do barco, atrás de duas senhoras de meia-idade que riam como crianças e comentavam em voz falsamente baixa como achavam lindo o guia turístico. A atenção de Cara, como a de todos os passageiros, foi para o guia quando ele se dirigiu à proa do barco para soltar as amarras, depois voltou para o centro com a elegância e finura de Douglas Fairbanks. Todos estavam de bom humor, animados, tirando fotografias, brincando, entusiasmados por irem sair mar a fora. Ela recebia bem o entusiasmo deles, mantendo-se calada, quieta, porém aproveitando tudo.

De súbito o poderoso motor roncou, o barco girou e começou a distanciar-se vagarosamente do cais. Fez uma ampla volta, ficou de proa para o alto-mar e saiu à toda velocidade. As crianças, na ponta dos pés, debruçavam-se na amurada encantadas com o glorioso spray de água que a embarcação erguia. A brisa tornou-se mais forte e o entusiasmo subiu ao céu: estavam navegando!

O marinheiro os levava ao longo do Caminho do Mar entre Costas, um estreito canal marítimo que se estendia para o norte, desde Flórida Keys até Boston. Ele informou ao passageiros que aquele canal havia sido formado no ano de 1942 pela união de dois braços de mar de modo que navios pudessem atravessar o continente e transportar suprimentos durante a Segunda Guerra Mundial. O destino deles era a Ilha Capers, num pequeno arquipélago preservado como Patrimônio da Humanidade.

Enquanto os demais admiravam as paisagens de água e mangues, ela admirava o homem que pilotava o barco. Ele estava em pé de costas para ela, as pernas separadas, parecendo um Viking, uma cabeça mais alto do que o homem de maior estatura do barco. A camiseta azul agitava-se com o vento e as mangas compridas estavam enroladas, expondo as mãos enormes e os antebraços musculosos e bronzeado: Mesmo estando sentada na parte bem de trás do barco, ela sabia que ele sentia sua presença. A tensão física que aquele homem despertara nela era forte demais para estar acontecendo de um lado só.

De vez em quando ele diminuía a velocidade e entregava o timão do barco a um ajudante, a fim de ir para frente falar ao grupo sobre os lugares pelos quais passavam. Apresentou-se como naturalista e logo ficou evidente que não era apenas um título importante a si mesmo, pois fala com autoridade, usando frases simples, claras que dava idéia dos numerosos fatos da área, da sua história e das criaturas que habitavam o mar. Os passageiros escutavam fascinados. Ele não falava do jeito

rebuscado de Palmer, e mais professor do que contador de histórias, mas podia fazer com que a muda de um caranguejo ficasse tão cheia de suspense quanto a história de um fantasma. Enfim, era um profissional.

Depois de algum tempo, o guia turístico parou o barco num ponto do Caminho do Mar e debruçou-se de um dos lados para pegar uma pequena bóia vermelha e redonda. Enquanto os turistas erguiam-se de seus assentos, ele começou a puxar uma corda que estava presa à bóia. Logo surgiu da água uma enorme, negra e gotejante gaiola de malha de ferro. As crianças e mulheres soltaram gritinhos ao ver lá dentro vários caranguejos azuis, que faziam estalar suas grandes pinças. Então, ele pegou um dos caranguejos com as mãos nuas. Cara sufocou uma exclamação, as crianças aplaudiram e os demais adultos empunharam suas máquinas fotográficas.

— Este aqui é agressivo — disse o guia, erguendo o caranguejo para que todos o vissem.

Com muito cuidado, os turistas reuniram-se ao redor dele, que acrescentou:

— Provavelmente é uma fêmea.

Todo mundo riu, como era de se esperar. Ele deu uma curta risada, olhou de novo para Cara e ela sentiu que seu próprio sorriso se ampliava quando os olhos deles se encontraram.

Depois de alguns minutos os caranguejos foram devolvidos à água e o barco movimentou-se de novo. Ele tornou a entregar o timão ao ajudante, foi para a proa, voltou-se para ela e fez um gesto chamando-a.

Cara fez que não com a cabeça.

Ele riu e disse em voz bem alta:

— Venha aqui.

As duas mulheres sentadas diante dela olharam para trás, curiosas. Relutante, Cara ergueu-se e andou entre as duas fileiras, segurando-se nos encostos dos assentos para não cair caso o barco fizesse alguma manobra inesperada. Lá na frente o vento era mais forte e sacudia seu chapéu.

— Está gostando do passeio? — perguntou ele, quando ela chegou perto.

— Muito.

— Tenho que admitir, você é a última pessoa que eu esperava ver no meu barco hoje.

— Eu? Por quê?

— Bem, para começar, porque você cresceu aqui e achei que conhecia muito bem a Ilha Capers.

Cara fitou-o, aturdida:

— Como sabe que cresci aqui?

Ele também ficou aturdido por instantes, depois demonstrou-se magoado.

— Você não se lembra mesmo de mim, não é? Fez-se um branco na mente de Cara.

— Deveria me lembrar?

— Puxa desta vez você me atingiu pesado. Nem mesmo tem a menor idéia de quem sou?

— Temo que não. Tem certeza que sou quem está pensando?

— Tenho, sim. Absoluta certeza. Naquele dia, no bar, levei um minuto para saber quem você era e confirmei quando foi comprar camarão. Aproximei-me para falar-lhe, mas você fugiu antes que eu chegasse perto.

— Onde? Quando?

— Terceiro grau. Eu era fascinado por você, que estava sempre com o nariz enfiado num livro.

— Lembra-se do meu nome?

— Cara Rutledge... Se é que o sobrenome ainda é Rutledge

— E, sim — confirmou Cara, vendo que ele a conheci o mesmo.

Ficou olhando por momentos o rosto quadrado, as covinhas nas faces camufladas pela barba, os olhos azul-água os cabelos louros e crespos. Como pudera esquecer um rosto como aquele?

— Desculpe... — disse, por fim — mas quem é você?

— Vamos, tente adivinhar.

De novo o branco completo na mente.

— Não pode me dar uma pista?

Os olhos dele apertaram-se, na expressão divertida de quem aceita o jogo.

— Eu era um atleta.

— Ah, bom! Isso explica porque não o conheço. Não se guiamos exatamente o mesmo caminho.

— Eu era, também, monitor da classe.

Cara piscou algumas vezes, achando que naquele caso deveria reconhecê-lo. Como era, mesmo, o nome do monitor da sua classe? De repente lembrou-se e fitou-o com ironia

— A monitora da minha classe era Mary Pringle. Que coisa incrível, como você mudou, Mary!

Ele riu e rebateu, divertido:

— Eu não disse que era monitor da *sua* classe. Vou dar outra pista. Fui para o Colégio Wando na segunda série...

— Isso não é justo! Havia muitos garotos na escola. Ganhou. Diga-me, quem é você?

Ele pareceu desalentado.

— Você acaba de destruir meu ego. Será que o nome Brett Beauchamps lhe diz alguma coisa?

Brett... A memória dela voltou para o tempo do colegial Todas as garotas, não

só do Wando, como do Charleston, do Ashley Hall, do Bishop England, Porter Gaud e provável mente de todas as faculdades filiadas à liga do futebol, eram doidas por ele. Brett Beauchamps tinha todas as qualidades boa aparência, popularidade, talento natural para esportes e uma graduação de pontos ganhos que colocava a seus pés as estudantes dos colégios pertencentes à Liga Ivy.

— Claro que me lembro de você, mas conhecia apenas a sua reputação. Nunca nos encontramos, pode crer, senão eu me lembraria. Garotos como você não ligavam para garotas esqueléticas, de trancas. Tenho impressão de que as provocantes e louras meninas da torcida eram mais o seu tipo.

Ele fez um gesto de "deixa pra lá".

— Você era diferente de todas as meninas. Uma solitária, o que a tornava mais atraente. Misteriosa.

— Como um tubarão? Brett riu.

— Não... Eu costumava olhá-la. Você ficava sentada, mui-l-o direita, com aqueles óculos vermelhos, enormes, escorregando pelo nariz. Não havia nada e ninguém que a superasse. Pulverizava seus oponentes.

— Santo Deus, aqueles óculos! Eram horrorosos... Mas estávamos na década de 1980 e devo ser perdoada pelos pecados cometidos em nome da moda. Lembro-me de que fiquei com uma raiva danada de você quando soube que dedicara seus pontos no estudo e no esporte para as estudantes que pertenciam à Liga Ivy de Atletismo. Achei sua atitude sexista e injusta.

Ele sacudiu os ombros, com ar modesto.

— Eram atletas, como eu.

Cara observou Brett por instantes, imaginando se a modéstia dele era sincera.

— Você tinha pontos suficientes para ingressar na faculdade de Dartmouth ou na de Harvard. Eu daria meus olhos e dentes para conseguir isso. E você não as escolheu! Nunca entendi. Onde foi estudar, afinal?

— Na Clemson. Eu queria continuar aqui na Carolina do Sul e nunca fui muito chegado a outras faculdades. Jamais procurei as outras faculdades, elas é que me procuraram. Eu sempre quis entrar na Clemson e estudar biologia.

— Você nunca procurou entrar naquelas faculdades... — murmurou Cara, pensativa.

— Não — confirmou ele, com desarmante sinceridade. — E você, para que faculdade foi? Desapareceu depois de terminar o colegial.

— Para nenhuma. Pelo menos, não diretamente, quem dizer.

— Não, mesmo? Estranho, você era uma verdadeira acadêmica.

— Está querendo dizer que eu era uma verdadeira CDF? — Ela riu, mas em seguida ficou séria. — Saí de casa. Fui morar em Chicago. Primeiro arrumei emprego, em seguida entrei para uma faculdade de comunicação, onde me formei como bacharel e depois fiz o mestrado. Tudo sozinha!

— Sabe que isso não me surpreende?

O sorriso dele dissolveu o remanescente da barreira e por instantes nada tiveram a dizer. Ficaram olhando para o rastro que o barco deixava na água.

— Preciso voltar ao trabalho — disse Brett ao ver a praia branca da Ilha Capers, lá adiante.

Foi ficar no timão enquanto seu ajudante cuidava dos equipamentos. Cara voltou para seu lugar sob os olhares perfurantes das duas mulheres que pareciam achar que ela ficara conversando tempo demais com o guia turístico. Brett manobrou o barco e encostou num pontão que dava para a região arborizada da ilha. O grupo seguiu Brett num passeio turístico pela ilha e Cara sentiu-se numa verdadeira excursão com a escola.

A altura dele fazia ser fácil vê-lo enquanto passavam pelo viveiro de ostras que se estendiam por um amplo manguezal, por um bosque de antigos carvalhos, que formavam como que um dossel mágico de folhas que gotejavam limo, e por aligátors tomando sol na superfície da água.

Chegaram a uma cintilante praia branca, chamada Cemitério das Árvores, em cuja areia havia esparsos troncos e galhos de árvores. Foi dada uma hora aos turistas para passearem por onde quisessem, quando então se reuniriam ali mesmo, voltariam para o barco e para a Ilha das Palmas. Cara sentiu o rosto arder, não pelo sol, mas pela certeza de que Brett iria conversar com ela de novo. Passeou devagar pela praia, parando de vez em quando para ver uma concha. Pelo canto dos olhos, viu que ele fora monopolizado pelas duas mulheres e que elas estavam determinadas a segurar sua atenção. Percebendo que ela o olhava, Brett fitou-a, balançou a cabeça e sorriu. As mulheres voltaram-se para olhá-la também e franziram os lábios, amuadas.

Cara correspondeu ao sorriso, então abaixou-se para peitar outra concha. Um momento depois viu alongar-se a sombra dele na areia, ao lado da dela.

— Pode-se achar vários destes moluscos aqui — disse Brett. Ela olhou para o caramujo que ele lhe estendia.

— Eu sabia o nome de todos eles quando era pequena, mas me esqueci. — Sacudiu a areia de dentro da concha, «merendo ter certeza de que não havia nenhum habitante nela. — Posso ficar com este caramujo?

— Se quiser... Sempre digo aos turistas que levem apenas um caramujo e nenhum ouriço-do-mar. Já levaram tantos deles, mesmo os imaturos, que a espécie está começando a ficar ameaçada de extinção. Venha, vamos andar um pouco.

— Como livrou-se delas? — indagou Cara, olhando para trás.

As duas mulheres caminhavam devagar para a água. O sorriso dele tornou-se mais sedutor.

— Disse-lhes que precisava ficar com minha mulher. Dirigiram-se para o conjunto de árvores mortas que se

i erguiam da areia formando uma floresta fantasma, com as raízes enroscadas em conchas e rochas. O sol estava esplêndido e o mar cintilava. Brett

parou com as mãos nos quadris e olhou ao redor, com jeito de proprietário.

— Não é um lugar maravilhoso?

Cara tinha que concordar. Era hora de maré baixa. A praia estendia-se por boa distância e vários sulcos com água atravessavam a areia, lembrando riachos. A certa distância uma criança pequena tentava pegar uma gaivota, correndo atrás dela ao longo da rebentação. O que mais a encantava, no entanto, era a quietude. A humanidade, a civilização pareciam estar muito longe dali. Os únicos sons que se ouviam era o marulhar das ondas e os gritos das gaivotas.

— Eu me sinto a um milhão de quilômetros do mundo — comentou ela. — Estou vendo uma barraca lá longe. Pode-se acampar aqui?

Ele fez que sim.

— É uma ilha aberta ao público. Não há muitas ilhas desabitadas para as pessoas aproveitarem. A maioria foi retalhada em lotes e vendida. Uma vergonha. Se as coisas não mudarem logo, muita gente não terá oportunidade de ver o que você vê agora. Mas qualquer um pode vir para cá com uma barraca, comida enlatada ou pronta, uma vara de pescar e pronto. — Ele inclinou-se para examinar uma concha. É um ótimo lugar para quem se ama, também.

Brett disse isso tão depressa que ela não teve certeza ter ouvido direito.

— Não é um tanto freqüentada demais? Ele ergueu-se e deu-lhe aquele sorriso fascinante.

— Quando isso acontece, tenho lugares secretos para onde ir. Um dia a levarei a conhecê-los... — ao ver que as sobrancelhas dela se erguiam, ele acrescentou — para fazermos um piquenique.

— Detesto insetos.

— Sei onde sopra uma brisa deliciosa.

— Brett, está querendo marcar um encontro de namorado comigo?

— Pois é com vinte anos de atraso... Sim ou não?

Ela olhou atentamente a concha e raspou um pouco de areia que grudara de um lado. A concha era assimétrica e tinha uma linda cor de tangerina perolada. Iria dá-la para a mãe.

— Sim.

Enquanto Cara fazia o passeio turístico, Lovie pediu a Toy que fosse fazer compras. Palmer dissera que ia vê-la e na alegria de ouvir isso ela o convidara para almoçar e preparara os pratos de verão preferidos por ele: salada de camarões, bolinhos de milho, chá de framboesa gelado e pudim de caramelo como sobremesa.

Palmer chegou na hora, parecendo um tanto sem jeito e abatido. Lançou um olhar distraído pela casa.

— Cara está aqui? Ou aquela moça? Lovie deu seu sorriso de anfitriã.

— Não, as duas saíram. Eu queria ter um almoço sossegado, só nós dois.

Ele relaxou visivelmente e pareceu agradecido pela providência de Lovie. Tirou o paletó e afrouxou a gravata. Sempre detestara usar terno e gravata. O coração dela confrangeu-se por ele ter tido que assumir de várias maneiras o

pesado cargo de uma família.

Levou-o para a varanda da frente, que naquela hora do dia era brindada com brisas vindas do mar e o suave perfume das madressilvas. A toalha da mesa era agitada de vez em quando pela brisa. Serviu o almoço enquanto o filho esticava as pernas, andando pela varanda. Percebeu saudade nos olhos dele quando olhou para o oceano.

— Este é mesmo um lugar lindo. Faz tempo que não venho ao chalé e tinha me esquecido a vista que você tem daqui. Maravilhosa.

— Fala como um verdadeiro corretor de imóveis.

— E, mesmo? — ele riu, sentou-se e pegou o garfo.

— Lembra-se de quando andava com seu caiaque aqui em frente, filho? Eu me preocupava, pensando que você poderia se afogar ou ser comido por um tubarão, mas ao mesmo tempo adorava vê-lo remar. Você era pequeno e vermelho como um morango.

Palmer sorriu e a mãe viu o menino que ainda existia nele.

— Como sou mais ou menos hoje. O que será que aconteceu com aquele caiaque? Vou comprar um, Cooper pode aprender a remar.

— Linnea também.

— Ela é mais interessada nos garotos que remam os caiaques. — Ele fez uma pausa e limpou os lábios com o guardanapo. — Não vamos muito na nossa casa da Ilha Sullivan. Está quase sempre alugada.

— Por que não a reserva para vocês durante algum tempo? O rosto dele escureceu e espetou um pedaço de camarão da salada.

— Preciso do dinheiro, mamãe. As coisas não vão muito bem na empresa. — Acrescentou, depressa: — Nada que possa preocupar, porém.

Lovie não teve tanta certeza. Ouvira comentários de Júlia que a tinham feito pensar.

— Você falou com Bobby Lee?

Robert Lee Davis era o banqueiro da família, assim como um velho e confiável amigo.

— Falei. Ele disse que precisamos diminuir os gastos e apertar os cintos. Não concordo. Temos que nos expandir, que tirar vantagem do crescimento que está ocorrendo por aqui. Conheço pessoas que fizeram grandes negócios com O Estado, que dobraram seu dinheiro em um ano.

A pantera está à espreita..., pensou Lovie. Palmer era bem como o pai, jamais satisfeito com o que tinha e jamais arranjando tempo para aproveitá-lo, nem deixando que a família aproveitasse. Stratton estava sempre determinado a construir um império maior. Não era a ambição que a desgostava, mas a sensação de ele precisava mandar. Igualzinho ao pai Palmer acreditava que o mundo lhe devia não apenas a vida e, mas também uma vida em grande estilo. Ou, como ele costumava dizer "o estilo com o qual estou acostumado".

— Por que não traz Júlia e as crianças aqui no Quatro de Julho?¹ Podemos fazer um churrasco.

— Sinto mamãe, mas não posso. Temos três convites de almoço para retribuir.

— Eu só pensei que seria gostoso passarmos algum tempo juntos. Talvez um outro dia...

— Claro! — concordou ele. — Faremos isso logo. Ficaram em silêncio enquanto Palmer terminava de almoçar e Lovie tentava encontrar palavras para o que tinha a dizer.

— Aquela é uma propriedade magnífica... — comentou Palmer, inclinando-se para trás na cadeira.

Ela compreendeu, então, que pouco antes ele não estivera olhando o mar, mas sim o terreno do outro lado da rua.

— Não existe mais nada assim nesta ilha — continuou ele, casualmente. — três lotes vizinhos... Olhe só — exortou-a, estendendo a mão —, você tem muita sorte em morar diante desse terreno. Mesmo que alguém construa qualquer coisa aí em frente ainda terá uma linda vista à esquerda. Droga! Eu queria saber quem é o dono desse terreno!

— Pensei que você tivesse dito que os lotes foram doados para a Reserva Costeira.

— Os dois da esquerda foram. Nenhum deles fica diretamente em frente ao seu. Esse em frente é de alguém e estou querendo comprá-lo.

— Talvez o dono não queira vender.

— Todo mundo tem seu preço.

— Você não disse que está sem dinheiro?

— E preciso dinheiro para fazer dinheiro. — Ele virou a cadeira e ficou de frente para a mãe. — Foi sobre isso que vim conversar. Acho que descobri o nome do dono do terreno.

Lovie deixou o garfo cair.

— Oh! Que desastrada, desculpe!

— Você está bem, mãe?

— Claro que sim. Só estou ficando velha. Então, o que você dizia sobre o terreno aí da frente?

Ela apertou as mãos nervosamente sobre o colo, mas fixou um sorriso no rosto.

— Bom, eu andei indagando por aí e parece que os outros dois lotes foram doados por um tal de Russell Bennett. Você o conhece? Será um dos Bennett de Richmond?

Ela hesitou, apertando mais as mãos uma contra a outra.

— Sim... Lembro-me vagamente de ter visto ele e a mulher. O nome dela era Eleanor, eu acho. Era da família Huntington.

— Ele era um crânio nesse negócio de natureza e ecologia.

— Palmer fez uma pausa e esperou a confirmação da mãe.

— Parece que previu o desenvolvimento destas ilhas e doou os dois lotes para a proteção das caretas.

Lovie não fez comentários.

— Não acredito que você não saiba nada disto, mãe. Tem ligação com suas atividades.

— Lembro-me de ter lido algo a respeito no jornal. Foi há muito tempo. Admirei-o pelo que fez. Ele demonstrou ter muita visão.

— Estou surpreso pelos caminhos de vocês dois não terem se cruzado mais vezes, você sendo uma dama das tartarugas e tal. Além disso, pertenciam ao mesmo círculo social.

— Ele era um biólogo e eu uma simples voluntária. Você disse que descobriu o dono do terceiro terreno?

— Ainda não, mas estou perto. Os três lotes foram comprados no mesmo ano. Estamos verificando para ver se Bennett não os comprou na mesma transação.

Ela tossiu e fez sinal para o filho parar de bater em suas costas. A tosse acalmou-se e, depois de tomar um gole de água, Lovie perguntou:

— E daí, se ele comprou os três juntos? Isso não quer dizer que a terra pertence à família dele?

— Não há nenhum registro disso. Exasperada, ela falou de modo cortante:

— Qual é a diferença você saber de quem é o terreno? Não tem dinheiro para comprá-lo. Disse que a empresa vai mal e que está apertado. Parece-me perda de tempo continuar essa busca.

— Podemos usar o nosso terreno para uma hipoteca, comprar o outro e depois vender os dois. Ou, melhor ainda, construir neles, como eu disse na outra noite. Mamãe vamos ganhar uma fortuna.

— Eu jamais venderei o Chalé das Prímulas — declarou ela, calma.

— Ele significa muito para mim.

O desapontamento estampou-se no rosto de Palmer.

Quando falou, sua voz soava contida e as palavras, medidas.

— Sinto muito ter que lhe dizer isto, mas vou ter que impugnar o seu usufruto. Como já disse, estou quase sem dinheiro e manter este chalé vem se tornando difícil.

O rosto de Lovie coloriu-se com chamuscas de indignação e medo:

— O usufruto está determinado em testamento, não pode impugná-lo.

— Mamãe, seja realista. Os custos subiram muito. O dólar está se desvalorizando. Sei que você nada entende de negócios e por isso, simplificando, é bom que saiba que estamos sem dinheiro.

Lovie sentiu um arrepio e abraçou a si mesma, fechando os olhos.

— Não se preocupe mamãe. Sempre irei cuidar de você. Será feliz na casa de

Charleston, comigo, Júlia e as crianças. Sentimos muito a sua falta. — Ele se inclinou para olhar o rosto dela mais de perto e franziu as sobrancelhas — Mamãe?...

Ela abriu os olhos e procurou o menino que amava por trás das feições duras do filho. Sempre pensara que Cara era mais como o pai, porém agora descobria que se deixar enganar por traços físicos como altura, cor de cabelos e olhos. Com o passar do tempo, Palmer é que revelara os mesmos maneirismos de Stratton. Ele tinha a mesma posição de ombros do pai, o mesmo sorriso forçado que não chegava aos olhos, o modo de dar ultimatos com palavras frias e duras. Todos aqueles anos ela se preocupara com Cara e fora cega para as mudanças que aconteciam no filho, bem diante do seu nariz.

— Vou ficar aqui no chalé durante este verão, Palmer — disse, levantando-se e surpreendendo-o com seu tom seco.

— Não vou sair daqui. Faça o que quiser.

— Mamãe...

— Vou ficar aqui porque este é meu último verão. Passei o almoço todo procurando a melhor maneira de lhe dizer isto, filho. Você precisa saber agora. Estou com câncer terminal no pulmão.

O rosto de Palmer ficou cinzento e seus olhos arregalaram-se pelo choque. Lovie assentiu com a cabeça.

— Diabo, não! Não quero ouvir isso! O que você quer dizer com terminal?

— Acho que você sabe. Simplesmente, quer dizer que estou morrendo.

— Há tratamentos para o câncer! Leio isso a todo momento em jornais e revistas. Que droga, mãe, temos os melhores centros médicos do país em Charleston. Se eles não descobrirem como curar você iremos para algum lugar aonde o façam. Não vou ficar sentado aqui ouvindo-a dizer que está morrendo quando ainda temos chance de lutar.

— Palmer, venha cá...

Ela abriu os braços para o filho, mas ele sacudiu a cabeça, zangado, ergueu-se e foi para a beira da varanda, onde ficou olhando para longe.

— Sinto muito não poder poupar você disto, filho... — murmurou Lovie. — Consultei vários médicos. Fiz todos os exames. Não há nada que você, ou alguém, possa fazer. Temo que tudo esteja nas mãos de Deus, agora. Não, por favor, não discuta. Foi por isso que eu nada disse a você no começo, porque sabia que ia criar a maior confusão. Simplesmente, não tenho energias para brigar com você.

Ele voltou-se para olhá-la e havia profunda angústia em seu rosto.

— Que tipo de filho eu seria se não fizesse nada?

— Um bom filho. Um filho que ama sua mãe e faz o que ela lhe pede.

A expressão dele descaiu e Palmer abaixou a cabeça. Quando ela abriu de novo os braços ele se aproximou, ajoelhou-se junto da mãe, escondeu o rosto no seu colo e chorou como fazia quando era criança.

Mais tarde nesse dia, Cara estava sentada na varanda com Emmi, tomando chá frio e comendo morangos. Emmi aparecera com uma caixa enorme de morangos que comprara no mercado. Elas se balançavam nas cadeiras de balanço, comiam morangos e relembavam os velhos tempos. Caia lembrou-se de quando, ainda pré-adolescentes, costumavam sentar-se ali na mesma varanda. Aquele quente início do verão a fazia voltar aos verões de sua infância e juventude

— Fui pedida em namoro, hoje — disse. Emmi virou a cabeça, rápida.

— E não me contou?

— Aconteceu agora pouco.

— Por quem?

— Brett Beauchamps. Lembra-se dele? Era aquele...

— Sei quem é! Quando ele pediu para sair com você?

— Ele é dono do Eco-Tur Costeiro, para o qual você me empurrou.

Emmi ficou de boca aberta.

— Incrível! Quem diria que Brett Beauchamps ia acabar como guia de turismo? — Emmi sacudiu a cabeça. — Eu teria apostado que se ele conseguisse sobreviver até os quarenta anos seria um bilionário ou acabaria na cadeia. Brett Beauchamps... — repetiu, com os olhos brilhando. — Conte-me logo, o que ele oferece nos passeios turísticos? Cerveja?

— Brett está muito diferente do que era no tempo da escola

— esclareceu Cara.

Sentia um impulso enorme em defendê-lo. Ninguém se surpreendera mais do que ela ao descobrir que o popular e orgulhoso astro do futebol se tornara um homem no mínimo notável.

— E ele não é guia turístico, na verdade — acrescentou. — É o dono do Eco-Tur. É naturalista.

— Naturalista — repetiu Emmi, saboreando a palavra.

— Difícil de imaginar isso. Ele era tão selvagem, tão impetuoso! Como você o reconheceu? Ele continua lindo?

— Para começar, eu não o reconheci. Ele me reconheceu! Cara riu ao ver o olhar espantado da amiga. Realmente, não era muito elogioso, mas tinha que reconhecer que era difícil de acreditar. Continuou:

— Eu não podia sequer imaginar que ele sabia que eu existia, na escola. Não freqüentávamos exatamente os mesmos grupos. Brett está bem amadurecido agora, mais acomodado. E, sim, continua lindo, mas de um modo diferente. De uma beleza máscula, em vez de "bonitinho", graças a Deus.

— Oh! Que loucura! Aposto que ainda tem aqueles músculos de futebolista.

— Eu sempre fui uma garota cabeça em vez de músculos

— lembrou-a Cara, erguendo o queixo. Emmi deu um sorriso diabólico.

— Brett tem as duas coisas.

— Está se divertindo à minha custa, não?

— Estou simplesmente vivendo através de você, refletindo a sua glória. Tenho que fazer isso porque que minha vida amorosa já era!

— O que você esperava, com seu marido sempre viajando? Emmi parou de brincar. De repente, movia-se em águas

mais profundas e seu humor mudou.

— Não é apenas quando ele está fora. Quando estamos juntos, também.

— Pare com isso! Você e Tom formam o casal exemplo da história de amor de todos os americanos.

— Toda história chega ao fim — pontificou Emmi.

— Espero que você ainda esteja brincando.

— Não. Estou falando sério. Aliás, eu acho que ele faz tudo para viajar e devo admitir que eu também.

— Mas Tom a ama. Sempre amou. Ela deu de ombros.

— Tenho certeza que sim, mas não como antes. Eu também não o amo como amava antes. — O rosto dela tornou-se tenso e a voz abaixou.

— E difícil sentir alguma coisa por ele, quando Tom vai embora a todo instante. Não temos mais interesses em comum. Nem mesmo os filhos. E não é que não sintamos atração sexual um pelo outro... Só que depois de vinte anos não existe mais surpresa. — Ela esticou as pernas e agitou os pés. — Bem que eu não me importo de pisar naquele terreno minado de novo, só para lembrai como era.

— Emmaline Baker Peterson!

— Ei, não me olhe desse jeito! Por que não? Sei que ele faz isso.

A imagem de um tímido Tom de rosto vermelho inclinando-se para dar o primeiro beijo nos lábios dela passou pela mente de Cara.

— Não posso acreditar nisso. Tom era tão tímido e tão... Conservador. Ele foi o único garoto que conheci que não acreditava em sexo antes do casamento.

— É, ele só acredita em sexo extramatrimonial.

— Não! — discordou Cara. A amiga apenas a olhou.

— Você vai acabar me matando, Emmi. Esta é a terceira vez que meu coração falha.

— Deixei recados para ele no hotel, em diferentes horas da noite. Nem mesmo Tom trabalha a noite inteira.

Fez-se silêncio enquanto Cara procurava uma desculpa plausível. Não encontrou.

— Não deve ser a primeira vez — prosseguiu Emmi. — Claro, quando ele vem para casa eu não digo nada e continuamos nossa vida como se nada tivesse acontecido. Não sou covarde, apenas acomodada. E mais fácil fingir que não desconfio de nada do que confrontá-lo. E o mais engraçado é que depois de algum tempo juntos eu começo a duvidar se ele me engana ou não. Aí, trato de esquecer,

até que acontece de novo.

— Eu não poderia imaginar... — murmurou Cara, sem saber o que dizer.

Emmi deu umas pancadinhas nos braços da cadeira de balanço.

— Bem, você não vai querer continuar este assunto chato!

— Tem certeza?

— Fiz a minha cama e tenho que dormir nela... Mesmo; que em casas diferentes. — Emmi deu um sorriso triste. — O assunto do dia é: quando vai sair com Brett Beauchamps?

— Vamos fazer um piquenique.

— Ai, meu Deus! Deixe-me adivinhar: você, ele, um barco (! duas palmeiras para armar uma rede. Eu já ouvia falar nesses piqueniques desde o tempo do colegial. É melhor você levar um spray contra insetos e passar repelente de insetos no corpo inteiro.

Cara riu, mas no íntimo estava nervosa. Também ouvira falar nos piqueniques de Brett.

Depois de pôr os ovos, a mãe-tartaruga usa as nadadeiras de trás para tapar o ninho com areia e as da frente para revolver a areia de maneira a disfarçá-lo. Depois que termina seu trabalho, ela procura de novo a segurança do mar. Nunca mais voltará ao local em que fez o ninho.

CAPÍTULO XI

Brett foi pegar Cara num bote de borracha motor.

— Pelo jeito você é um homem de extremos.

Foi o comentário dela enquanto aceitava a mão dele para descer do cais para o bote de borracha com três metros de comprimento. Perto dele, o barco do Eco-Tur parecia o *Titanic*.

— Precisávamos de um barco com fundo chato para chegar aonde quero levá-la — explicou ele. — Agora sente-se a menos que queira dar um mergulho.

Ela deu um passo firme graças às sandálias de sola de borracha e sentou-se na tábua de madeira, com as pernas encolhidas, enquanto Brett tratava de abrir-lhe espaço ajeitando a enorme caixa de isopor, as botas de borracha com canos altos, uma manta, um martelo e grossas luvas de borracha. Exceto a manta, não eram os acessórios adequados a um encontro de namorados. Quando, por fim, ele se acomodou na popa, junto ao motor, deu à Cara um largo e juvenil sorriso de antecipação. Em seguida ligou o potente Evinrude.

— Aonde vamos?

— A um lugar secreto.

— Não deve existir mais lugares secretos por aqui.

— Não? — Brett riu. — Você passaria um bocadinho de dificuldades para voltar de lá sozinha.

— Não devo ser a primeira pessoa que você leva a esse lugar.

Ele riu mais ainda.

— Não. — Verificou o combustível do motor. — Levei amigos que estão até hoje tentando chegar lá. Todas às vezes se perderam e tive que ir buscá-los.

Cara, inquieta, observou a paisagem ao redor, composta por mangues cerrados que pareciam intermináveis.

— Corremos o risco de nos perder?

— Algumas pessoas se perdem. — Brett colocou óculos escuros, inclinou-se para trás e engatou a marcha. — Segure-se que vamos sair.

Cara segurou-se na corda passada na borda do bote, enquanto Brett o dirigia, agindo na água com a mesma tranquilidade que agia em terra.

— Segure seu boné! — gritou, para ser ouvido acima do barulho do motor e engrenou-o na velocidade máxima.

A maré estava baixando, então a correnteza se movimentava fortemente na direção oposta à que eles iam. O bote saltava na superfície, contra as ondas, e o vento levou o boné dela, que tentou segurá-lo, mas não conseguiu. Brett pegou-o no ar e colocou-o no chão do bote, embaixo das botas de borracha. Os cabelos dele estavam como que penteados para trás e seu queixo quadrado cortava o vento com decisão. Movimentar-se tão rapidamente junto da água era como estar voando pela estrada numa motocicleta. Tudo se aproximava depressa demais. A água, fria e salgada, espirrava no rosto dela.

Cara andara de motocicleta apenas uma vez, numa moto que hoje chamam de bicicleta motorizada. No entanto, o vento em seu rosto e seus braços ao redor do corpo do homem que dirigia e que ela namorava no momento tinham produzido uma sensação tão excitante que prometera a si mesma andar numa motocicleta potente, qualquer dia. Estar naquele bote foi o mais perto que chegou daquela sensação. Sentia-se viva e palpitante.

Duas enormes lanchas passaram por eles, fazendo ondas que a obrigaram a agarrar-se na corda de novo. Brett manteve-se impassível, com os olhos fixos adiante. Não dava para conversar por causa do barulho do motor, por isso ela relaxou e dedicou-se a admirar o panorama. Viu várias garras andando nos lugares mais rasos do mangue. Pouco adiante, um pelicano deu um mergulho, vindo do alto, e voou para cima de novo, depois de aflorar à água. Em seguida,

Brett bateu-lhe no ombro e apontou. Cara olhou na direção indicada e prendeu a respiração. Um golfinho surgiu na água a poucos metros ao lado do bote. Parecia brincar com ele;; mergulhando e em seguida subindo à superfície, espirrando um jato de água pelo orifício no alto da cabeça. No minuto seguinte ela viu outro golfinho, um pouco mais perto. Teve vontade de inclinar-se para fora do bote e tocar a pele brilhante e cinzenta que deslizava à distância de um braço. Riu alto. Olhou para Brett e viu que o sorriso dele se tornou mais luminoso diante de sua reação.

Nesse momento ele mudou de rumo e o bote entrou por um estreito canal. Cara ficou olhando o par de golfinhos até que desapareceram.

Entraram por um fechado mangue onde vários outros canais se entrecortavam, formando um verdadeiro labirinto. Ela olhou ao redor, um tanto

assustada. A vegetação fechava-se acima de suas cabeças bloqueando a visão. Em poucos minutos estava completamente perdida.

Esperava, apenas, que Brett não o estivesse e que dissera a verdade ao afirmar que sabia o caminho de volta.

Quanto mais se adiantavam, mais a maré baixava. Em alguns pontos os canais estavam secos, expondo o fundo lodoso e fervilhante onde aves pernaltas apanhavam suas refeições. Brett diminuiu a velocidade e o ronco do motor transformou-se quase num ronronar enquanto ele manobrava o bote habilidosamente pela água com vegetação, com os olhos firmes na margem, uma das mãos no manete do motor. Eram como Katharine Hepburn e Humphrey Bogart no filme *Uma Aventura na África*, pensou.

— Já estamos chegando, Sr. Allnut? Ele riu e respondeu:

— É logo aí adiante, Rosie...

Cara sorriu. Brett levava alguns segundos apenas para perceber que ela se referia a um antigo filme. Achava os homens espertos muito mais divertidos.

Por fim ele encostou em uma pequena ilha arborizada. Foi com o bote o mais perto da praia possível, ancorou-o e desligou o motor. Imediatamente o silêncio os envolveu e Cara sentiu-se a quilômetros do resto da humanidade.

— Estamos bastante longe da terra firme — comentou, olhando a grande extensão de fundo lodoso antes da areia seca.

— Isto é o mais perto que posso chegar com o bote. Não teremos que andar muito.

— Andar? — A voz de Cara demonstrava surpresa e ela esperava não ter ouvido direito. — Brett, você não vai querer que eu ande um quilômetro na lama! Sabe-se lá o que tem aí.

— É justamente isso o interessante da lama de mangue — replicou ele, tirando as sandálias. Pegou o par de botas de borracha. — Esse lodo é riquíssimo em matéria orgânica. Várias formas de vida, ostras, mariscos, caranguejos, vivem, se reproduzem e morrem nesse lodo. Sem falar nos insetos e larvas...

Cara ficou olhando, horrorizada, enquanto ele calçava as botas que lhe chegavam até os joelhos, em seguida pegou as luvas, o martelo e enfiou-os numa sacola de palha manchada de lodo seco.

— Não me importa que essas coisas vivam na lama, só que não quero juntar-me a elas.

Ele se ergueu e deu um passo na direção de Cara, que recuou com um gritinho.

Brett riu e saiu do bote para o macio lodo. Seus pés enterraram-se até os tornozelos. Chegando perto dela, virou-se de costas e ordenou:

— Está bem, suba nas minhas costas.

— Você está brincando!

— Não. Vou carregá-la.

— Não pode fazer isso!

— Se você quer ir andando...

— Não! Espere. O que tenho de fazer?

Ele a fitou por cima do ombro, com os olhos cintilando.

— Não se lembra daquela brincadeira na água, de apostar corrida com uma garota "de cavalinho" nas costas?

— Claro, mas acontece que já não somos crianças! Eu posso machucá-lo.

Brett avaliou a esguia figura dela, de alto a baixo, e fez uma careta.

— Suba. Acho que vou agüentar bem.

— Está certo... Depois não diga que não o avisei.

Ela ergueu-se com cuidado, cheia de medo que o bote virasse, o que seria altamente desagradável com aquela lama toda. Brett abaixou-se, Cara tentou subir para suas costas, mas desistiu.

— Não dá — disse, em voz baixa. — Tudo bem, eu vou andando.

— Minha querida, um sulista jamais permite que sua da ma pise na lama.

— Essa é uma das suas muitas normas de comportamento

— Fique de pé no assento, apóie as mãos nos meus ombros, o pé direito na minha coxa, bem junto ao corpo, d impulso e suba.

— Hummm... Está bem. Pronto?

— Se estivesse mais pronto do que estou minhas pernas se atrofiariam.

Cara pôs as mãos nos ombros largos, apoiou o pé na coxa de Brett, prendeu a respiração e saltou-lhe para as costas soltando um gritinho quando ele passou os braços por suas pernas e ajudou-a a equilibrar-se. Seus músculos eram rijo como ferro e ela abraçou-lhe o pescoço, rindo quando ele s ergueu.

— Tenho vertigem de altura — murmurou ela, junto a pescoço de Brett.

— Olha só quem de repente ficou muito espertinha! reclamou ele, fingindo indignação. Voltou-se e pegou a sacola de palha. — Agora que está acomodada, importa-se de leva manta? Eu tenho que carregar nossa comida.

— Tudo bem — ela pegou a manta. — Quer que leve ma' alguma coisa?

— Dá para levar isto também?

Ele entregou-lhe a sacola de palha, que ela enfiou nu braço, e abaixou-se para pegar a caixa de isopor.

— Meu Deus, Brett! Não vai carregar isso também, vai?

— Tem alguma sugestão?

— E muito peso, comigo e tudo! Você vai agüentar?

— Só temos um jeito para descobrir...

Com um gemido abafado ele ergueu a caixa de isopor Cara agarrou-se mais a ele, que a ergueu um pouco com u movimento de corpo e braços e começou a andar pela lama espessa como um boi preso à canga. Ela colou-se as costas dele e

apertou as pernas em seus flancos. Depois de alguns instantes começou a divertir-se com a situação, pois ele se deslocava pelo lodo com relativa facilidade.

— Como vai indo aí embaixo, Sr. Allnut?

— Muito bem, Rosie — respondeu ele, virando um pouco a cabeça.

O pescoço de Brett estava bem diante dos lábios de Cara que precisou lutar contra o impulso de passar a língua na pele morena ou soprar-lhe no ouvido.

Teve medo que ele perdesse o equilíbrio e os dois acabassem estendidos na lama.

— Qual é a profundidade desse lodo, Brett?

— Oh! Pode ser bastante fundo. Já atolei até os joelhos em alguns lugares.

— É como areia movediça... — comparou ela, não gostando nada da idéia. — Se você afundasse aqui, o que faria?

— A única coisa possível: rolaria, até ficar deitado de costas, e livraria as pernas.

— Mas eu estou nas suas costas!

— Pois é...

Ela apertou mais o corpo dele com as coxas e Brett riu. Era um som profundo e sonoro que vibrava em seu peito.

— Agora, falando sério — voltou ela, tentando não demonstrar o nervosismo. — O que eu deveria fazer se você caísse?

— Deveria ficar de pé, eu acho, e limpar a lama do seu bonito traseiro. — Ele deu mais alguns passos e acrescentou: — Não se preocupe com as sanguessugas, eu trouxe sal.

Cara enrijeceu ao lhe passarem pela mente as imagens de Humphrey Bogart coberto de sanguessugas enquanto levava Katharine Hepburn através dos pântanos africanos, no filme *Uma Aventura na África*.

— Você é muito nervosa — comentou Brett. — Estou sentindo que se tornou tensa, suas pernas parecem dois pedaços de pau. Precisa aprender a relaxar.

— Por favor, não me deixe cair — pediu ela. — Tenho horror a sanguessugas.

Ele riu de novo e era evidente que se divertia.

— Eu estava brincando quando falei em sanguessugas. Não há disso por aqui. Só não brinquei quando falei em afundar na lama, mas não há perigo de acontecer por aqui.

É uma das razões pelas quais gosto muito deste lugar. É isso, então. Sente-se melhor?

Os músculos dela se descontraíram um pouco e Cara soltou-se sobre as costas dele.

— Não é bonito fazer uma coisa dessas com uma mulher da cidade.

— Foi só para me divertir um pouco... Para uma executiva de Chicago, você é muito ingênua. Devia saber mais das coisas, já que cresceu aqui.

Jamais a haviam classificado de ingênua e Cara acho, aquilo engraçado.

— É talvez eu seja — concordou. — Quer saber? Na verdade estou com medo.

Brett ficou em silêncio por um momento.

— Não precisa — disse, por fim, e seu tom não era il. brincadeira.

— Eu cuido de você.

Eu cuido de você. Cara acreditou naquelas palavras. Algum homem já lhe havia dito algo assim? Não se lembrava. Ela era do tipo orgulhoso e auto-suficiente, não do tipo de mulher de que os homens gostavam de tomar conta. Instintivamente, soube que Brett era o tipo de homem que cuidava das mulheres. Que as respeitava. Sentia-se muito bem como era e não via ameaça numa mulher forte.

O que, em troca a fazia sentir-se mais feminina. Apoiou o queixo no ombro dele, respirando perto de sua orelha. O silêncio era todo samente erótico e ela sentiu certo alívio ao ver que a praia estava próxima. Naquele instante compreendeu por que Brett Beauchamps roubara os corações de todas as adolescentes da costa de Carolina.

Brett depositou-a em terra firme e esticou os músculos girando os ombros.

— Para alguém tão magra você pesa um bocado! — comentou.

— Muito obrigada — replicou ela, colocando a cesta no chão — e pense melhor, caso tenhamos que voltar andando para o bote. Sabe? Estou começando a gostar desse meio de transporte.

— Que é isso, Srta. Rutledge? Comporte-se!

Ela franziu a testa, diante das implicações daquela repreensão.

— Brincadeira — ele apressou-se a dizer. — Vamos, vou lhe mostrar a ilha.

Saíram andando na direção das árvores, primeiro pela areia e depois sobre um emaranhado de mato rasteiro. O sol começava a descer no céu banhando a ilha num tom lavanda que a tornava misteriosa e exótica. Caminharam junto de uma fileira de verdes arbustos atrofiados. Mais adiante as árvores se tornavam tão densas que pareciam uma impenetrável parede negra como a noite. Brett conduziu-a por uma trilha tortuosa que rasgava a floresta sombria.

Sob o dossel dos galhos de carvalhos, azevinhos, pinheiros, cedros e palmeiras havia um verdadeiro Éden. Aqui e ali surgiam flores de um vermelho brilhante e luminoso amarelo. Então, de súbito, chegaram a uma clareira que se abria como um anfiteatro sob o céu muito azul e luminoso, Cara caminhou na clareira, primeiro com cuidado, depois como uma jovem corça na planície, olhando para cima.

— Este é um lugar mágico! — entusiasmou-se. — Não me admiro de você mantê-lo secreto.

Brett sorriu contente com a reação dela.

— Os índios usavam esta clareira para acampar. Encontrei pedaços de cerâmica antiga e cemitérios de conchas... Você sabe sambaquis. Chamavam este local de *hammock*, de onde veio a palavra *hammock*. Os animais também gostam desta clareira. Cervos, guaxinins, pássaros...

— Cervos? Como chegam aqui?

— Nadando.

— Não acredito! Eles vêm do continente?

— Diretamente. Eu os vi fazerem isso muitas vezes. Tudo que precisam está aqui. Abrigo, lugares densos para fazerem nos ninhos e muito alimento. Bebem da água que empoça filtre as dunas e na folhagem, quando chove. Como estão longe do continente sentem-se protegidos.

— Dá para entender por que os índios gostavam daqui. É um local idílico e particular, como um templo onde provavelmente se praticavam rituais antigos... — Cara fitou Brett e sorriu. — Imagino que, no decorrer de anos, você desenvolveu rituais próprios neste local.

— Alguns. Um deles é comer comidas de gosto maravilhoso. Vamos ajeitar nossa "mesa", pois se bem me lembro eu a convidei para um piquenique.

Enquanto ela abria a geladeira de isopor ele catou lenha e fez uma pequena fogueira no centro da clareira. Foi até um emaranhado de arbustos e retirou dentre eles uma gamela, pegou as luvas e o martelo. Deu a Cara uma caixa fósforos.

— Aqui estão, caso a fogueira apague. Cuidado para não provocar um incêndio. Voltarei já.

— Aonde você vai? Não está pensando em me deixar aqui sozinha.

— Aqui você está segura. Sanguessugas não atravessam a praia.

— E jacarés?

Ele riu, sacudindo a cabeça.

— Relaxe, Cara. Aqui também não há jacarés, mas é bom você tomar cuidado com cobras. A maior parte delas é inofensiva, mas fique longe de qualquer uma. Não vou demorar Vou pegar ostras para o nosso jantar.

— Com um martelo?

— Você não sabe nada, mesmo, não é? Elas crescem gruda das, no mangue, e a matéria que as une é dura como cimento Terei que usar o martelo, dos dois lados, para separá-las.

— Vou com você. — Cara se pôs em pé. — Tenho das cobras o mesmo medo que das sanguessugas. Acho que ale mais...

— Então, venha.

O sol baixava no horizonte tornando o céu fosco. Uma brisa benfazeja recebeu-os quando saíram dentre as árvores. "Brett entrou no mangue enquanto Cara permaneceu na praia, de braços cruzados, olhando-o trabalhar, inclinado, separando com o martelo um grande aglomerado de ostra». Ele trabalhava sem parar, retirando só as maiores. Depois de pouco tempo a gamela estava de ostras até a metade. Endireitou-se, com as mãos nas costas e, esticando bem o corpo, olhou para o sol que se punha. Cara permaneceu imóvel, em silêncio, olhando a escura, solitária silhueta recortada contra o horizonte e pensou que Brett fazia parte daquele cenário natural. Ele pegou a gamela e voltou para a praia.

— Está escurecendo — gritou ao se aproximar. — Vamos avivar a fogueira e

fazer ostras assadas.

Pouco depois estavam sentados junto à fogueira, com um monte de conchas de ostras ao lado de cada um, uma cerveja gelada na mão, os estômagos saciados. Uma leve nuvem de fumaça de cedro os envolvia. Cara deitou-se sobre a manta que Brett estendera no chão e ficou olhando as estrelas. Elas haviam acabado de surgir, ainda meio pálidas, mas pulsantes. Era o céu clássico da Carolina do Sul. A lua em quarto crescente era um mero recorte de navalha no veludo azul-escuro do céu. O fogo desenhava sombras em seus rostos e fazia seus olhos brilharem.

Cara suspirou e ele virou-se de lado, ficando de frente para ela, com o queixo apoiado na mão.

— A madame está satisfeita?

— A madame está tão satisfeita que poderá explodir.

Jamais pensei que seria capaz de comer tantas ostras de uma vez. Os biscoitos salgados integrais combinaram divinamente. Foi um jantar cinco estrelas. — Então, fitando de novo o céu, ela corrigiu: — Milhões de estrelas. — Sorriu e olhou de novo para ele, cujo rosto se achava muito perto do dela.

- Dizem que só se deve comer ostras nos meses com R...

— As ostras são boas o ano inteiro, todos os meses, porém ficam melhores no outono e no inverno. Como se reproduzem nos meses sem R só podem ser apanhadas comercialmente nos outros. Como jamais vi alguém pegando-as comercialmente aqui, pode-se pegá-las o ano inteiro.

— Existe alguma coisa que você não sabe?

— Nasci e me criei neste mar. Meu pai é capitão de barcas da baía, como foram o pai e o avô dele. Provavelmente conduziu mais barcos para baixo e para cima na Baía de Charleston do que qualquer homem vivo. Conhece cada reentrância e volta, sabe onde estão os bancos de areia e os baixios de sangue dele corre nas veias no ritmo das marés. E também costuma viver bem. Ensinou-me tudo que sei sobre o mar. Naturalmente, esperava que eu seguisse a profissão da família. E o que é, na verdade: uma empresa familiar. Nem todo mundo consegue se tornar capitão de baías. Primeiro, é preciso que se tenha nascido nelas. É um trabalho duro, perigoso e os capitães precisam confiar uns nos outros. Nenhum deles quer cometer um erro com uma daquelas enormes balsas. Algumas medem trinta metros ou mais.

— Incrível!

— Pois eu lhe digo que vi meu pai manobrar uma dessas barcas monstruosas, embaixo da ponte, como se fosse um bote de borracha.

— Por que você não se tornou capitão da baía? É evidente que ama o mar e embarcações. Seria natural se o fizesse

— Claro, pensei nisso. Meu pai queria que fosse mas capitães de balsa trabalham vinte e quatro horas por se isso não faz meu gênero. Além disso, sempre me intere: mais pelo que existe no mar do que por navegar nele.

— Por isso foi para a faculdade Clemson.

— É... Formei-me em biologia, com especialização em a<; cultura. Por muito tempo fiz todo tipo de estudos e pesquisa no nosso litoral. Também trabalhei num

instituto estatal por algum tempo. Não posso dizer que não foi interessante. Gostei principalmente dos trabalhos de campo. Mas não mudou bem com burocracia. Quanto mais estou entre muita gente, mais me sinto só. Como você, sou um solitário e creio que foi o que mais me atraiu em você já naquele tempo.

Cara fez ar de dúvida.

— Jamais se adivinharia que estava interessado em mim pelo modo que você agia. Naquele tempo, não parecia nada solitário. Estava sempre rodeado por amigos e garotas postas em adoração.

— Bem, é que eu era jovem, escravo dos meus hormônios

— E agora?

— Os hormônios continuam ativos, se é o que quer, sabe só que mais calmos, sob algum controle.

— Ele fitou a fogueira — O que vou fazer a seguir? Não sei. Abri minha empresa de turismo há uns dez anos e por enquanto vai bem.

— Isso eu posso confirmar. Ele deu de ombros.

— Já abri uma filial e penso abrir outra. Pela primeira vez estou diante da perspectiva de ganhar um pouco. Por outro lado, não sou do tipo de ficar sentado atrás uma mesa, lidando com papelada.

— Reparei em seu interessante sistema de contabilidade.

— Ah, sim... — Sem jeito, ele cocou uma orelha. — Acho que vou precisar de ajuda nesse departamento. Jamais tomei decisões baseadas em dinheiro, até agora, e nem sei como começar. E comércio, acho. Muitas coisas são. — Pegou uma folha de grama. — Agora que estou mais velho quero coisas diferentes.

— Virar os quarenta anos faz isso com a gente — filosofou ela.

— A velha teoria da bicicleta, de Tolstói. Ela riu com gosto, depois fitou-o, séria.

— O que é isso?

— Tolstói escreveu *Guerra e Paz* aos quarenta anos. Aprendeu a andar de bicicleta com mais de sessenta. Creio que isso foi inspirador.

— Para mim, é. — Cara espreguiçou-se e olhou de novo para as estrelas. — Eu gostaria de saber: o que posso fazer aos quarenta que jamais fiz? Suponho que poderia aprender a governar um barco. Ou pescar. Talvez até a apanhar ostras... — Franziu as sobrancelhas.

— Conheço um lugar secreto...

— Você é a primeira pessoa que trago aqui que me preocupa por ser capaz de encontrar de novo este lugar. — Brett deitou-se de bruços, apoiando-se nos cotovelos para continuar olhando Cara.

— E você?

— Eu, o quê?

— Conte-me a sua vida. Sobre os vinte anos dos quais nada sei.

— O que quer saber?

— Você se casou?

— E você?

— Perguntei primeiro, Cara.

— Não. Nunca me casei e não quero me casar. Como você disse, sou uma solitária. — Ela fitou-o diretamente, a fim de ver a reação, as chamas da fogueira pareciam dançar nos olhos azuis. — Isso o surpreende?

— Não. Deveria surpreender?

Cara esperava algum comentário, talvez reprovação, por isso sentiu-se perdida. Ele estava desmanchando sua bem construída couraça protetora como desmanchava a das ostras.

— Acontece que a maioria dos homens, e até mesmo das mulheres, não aceita o conceito de que uma mulher pode ser solteira e feliz. O pessoal pensa que todas as solteiras são frustradas e infelizes.

Como Brett nada dissesse de repente Cara sentiu-se eu curiosa a respeito dele e passou a bola:

— Agora é a sua vez.

— Não. Nunca me casei. Uma vez, quase... — admitiu ele. — Éramos muito jovens, foi logo depois de me formai na faculdade.

Ela queria ter um lar e filhos. Eu queria fazer trabalho de campo e viajar pelo mundo.

— O que aconteceu?

O rosto dele escureceu e ele tirou a folha de grama da boca.

— Terminei.

Um barulho abafado soou na escuridão, seguido pelo grito agudo de um animal. Cara ergueu-se de um salto e olhou ao redor. Tudo que se ouvia era o crepitar do fogo, o canto dos sapos e dos grilos.

— Tem certeza que mais ninguém conhece este lugar secreto?

— Jamais vi sinais de alguém. Pelo menos, não de pessoas vivas...

— Ah, sei, os índios! Então, estamos realmente sozinhos aqui. Se alguma coisa nos acontecer, ninguém nos encontrará.

Um estranho sorriso entreabriu os lábios dele.

— Não. Pelo menos não antes de muito, muito tempo.

— Hummm... Isso me deixa à sua mercê, não?

Os olhos dele brilharam ao perceber o jogo, mas teve o bom senso de não responder.

— Seja honesto, quantas mulheres trouxe aqui? Dez? Vinte? Cem?

Cara imaginou se ele iria dizer a verdade e se ela realmente queria ouvi-la.

— Eu não trouxe mulher alguma aqui.

— Certo. Seus piqueniques com mantas são famosos por aqui.

— Há lugares e lugares para isso.

— Oh...

Ela sentiu que a atmosfera se tornava pesada e notou que os olhos dele se fixavam em seus lábios.

— Eu estava tentando me lembrar — disse, tornando a deitar-se e pondo as mãos sob a cabeça. — Dizem que as ostras são afrodisíacas. É verdade?

Brett se aproximou e seu rosto ficou apenas a alguns centímetros do dela. Quando ele falou, pôde sentir o calor de sua respiração na face.

— Bem, depende...

— De quê?

— De se você acredita ou não no que diziam antigas esposas. De acordo com elas, deveríamos estar totalmente dominados pela luxúria, agora.

— E se eu não acredito?

— Como disse um velho apreciador de ostras, você tem que ter certeza de que funciona antes de comer ostras ou não funcionará.

Ela observou o rosto de Brett. Seus olhos eram de um azul profundo à luz da fogueira.

— Então, quem você acha que tem razão, as antigas esposas ou o velho apreciador de ostras?

Ele abaixou a cabeça e beijou-lhe o pescoço.

— Acho que isso exige um pequeno trabalho de pesquisa. Fechando os olhos, Cara sentiu uma sensação de prazer percorrer-lhe as veias.

— Sobre plantas ou animais selvagens?

Ele virou a cabeça dela para o lado com o próprio rosto e percorreu-lhe o pescoço com os lábios entreabertos.

— Definitivamente, um animalzinho selvagem.

A respiração cálida de Brett tocou a pele sensível do pescoço e cada fio de cabelo de Cara arrepiou-se e um milhão de células se agitaram. Gemeu e passou os braços pelos ombros dele, puxando-o para si. Brett aproximou-se mais, passando um braço sob as costas dela para amparar-lhe a cabeça. Apertando-a contra si, passou a outra mão ao longo do corpo de Cara.

Ela queria aquele homem. Oh! Sim. Queria-o com loucura e colou-se a ele, cheia de desejo. O corpo de Brett era sólido e forte. Ele deitou-se sobre ela, arqueado-se, movimentando os quadris sobre os dela. Movia-se devagar e com suavidade, fazendo-lhe o sangue pulsar nas veias. Abraçou-o com mais força enquanto os beijos dele aqueceram-lhe o pescoço e a enlouqueceram.

Quando, por fim, os lábios de Brett apoderaram-se dos dela, Cara abriu a boca, eroticamente receptiva. Mas ele não teve pressa. Agiu com ternura deliberada, explorando, até que por fim aprofundou o beijo com intensa paixão. Ela estremeceu e abraçou-o forte, com o mesmo desejo devorador. Suas mãos enfiaram-se por baixo da camiseta e deslizaram sobre os músculos tensos de suas costas, acariciando, com suavidade, a pele macia.

Brett ergueu o peito a fim de fitá-la. Cara retribuiu com um olhar que dizia que o aceitava. Ele abaixou a cabeça do novo e ela entreabriu os lábios.

— Vamos, pequena selvagem... — disse Brett, depois do dar-lhe um rápido beijo na ponta do nariz. — Temos que arrumar as coisas e ir embora antes que a maré comece a subir ou teremos que nadar até o bote.

Ergueu-se e recuou, distanciando-se dela.

Cara permaneceu deitada, aturdida, olhando-o, com os braços soltos aos lados do corpo e um silencioso protesto no olhar.

Brett tornou a aproximar-se, pegou-a por uma das mãos e num único puxão a colocou em pé. E ela ficou ali, parada, sentindo-se como alguém que perdeu alguma coisa. A pouca distância dela, ele movia-se, rápido, apagando a fogueira, guardando garrafas vazias, lixo, sal, temperos, etc.

O que havia acontecido? Perguntava-se Cara. Será que dera sinais errados? Será que tinha sido agressiva demais? Seria isso? Teria dito alguma coisa que fizera Brett desligar-se? Com um movimento furtivo, sentiu o coração que batia doidamente.

Ele aproximou-se, carregando o isopor.

— Tudo arrumado. Pronta para voltarmos?

— Hein? Sim, claro... — Ela gaguejou, sentindo-se uma estabanada.

— Posso levar alguma coisa?

Havia bom humor nos olhos dele.

— Devo lembrá-la que sou eu quem carrega tudo neste passeio!

— Bem, é verdade...

Ela não sabia se devia rir ou agir com indiferença. Havia se esquecido de que iria voltar de cavalinho para o bote. Mais uma vez teria que se agarrar às costas dele com pernas e braços.

Só de pensar nisso estremecia, com uma esquisita sensação mista de excitação e embaraço.

Ele lhe deu a sacola, ergueu a caixa de isopor e murmurou:

— Bem, lá vamos nós.

Saíram andando pela trilha entre as árvores que formavam uma grossa parede de sombras.

Cara engoliu as perguntas que tinha vontade de fazer e seguiu-o até a praia, de onde ele a carregou para o bote.

Os ovos ficam incubando no ninho de areia por cinquenta e cinco a sessenta dias, a menos que sejam perturbados por algum predador. Guaxinins e caranguejos são gulosos por ovos de tartarugas. Cães, gatos, porcos selvagens e abutres também gostam deles. E é muito comuns humanos que apreciam os ovos da careta.

CAPÍTULO XII

Mesmo na luminosidade suave do amanhecer era triste ver o estado a que a casa da praia se reduzira. Cara andava diante dela, tomando goles de café. A luz do sol expunha cruelmente a pintura descascada e o deque apodrecido. Sob a varanda remendada, anos de cacarecos acumulados, coisas que ela e a mãe podiam chamar de tesouros, faziam o chalé parecer-se de modo alarmante com um depósito de lixo. O jardim, então, era pior. Uma de suas mais queridas lembranças dos verões passado era ficar se balançando na varanda, ouvindo as abelhas zumbirem e se deliciando com o perfume das flores silvestre misturado ao do jasmim, da madressilva e das rosas que havia no jardim de sua mãe. Olhando-o agora era fácil perceber que estava descuidado e precisando urgente de mãos laboriosas.

Cara voltou para a cozinha, pôs a caneca na pia, pegou um bloco de papel, um lápis e começou uma lista. Adorava fazer listas. Quanto mais longas, melhor. Listas ajudava na a controlar os pensamentos e a pôr ordem no caos. Escreveu primeiro os números. Um, dois, três e assim por diante. Olhou ao redor e, ignorando a sensação de temor diante da magnitude do trabalho, começou pelas prioridades. Sua mão movia-se rápida, tentando acompanhar os pensamentos. Em pouco tempo estava com dezenove itens na lista de tarefas.

Ao desenhar a barra do T com um floreio, era de novo uma mulher com um propósito na vida. Enfiou a lista no bolso e calçou as luvas de jardinagem da mãe. Grossas Imponentes faziam-na sentir-se uma profissional. Começou a livrar-se dos trastes para dar espaço aos demais projetos que tinha em mente.

A manhã passou rápida e a essa altura ela se livrara da maior parte dos objetos inúteis. As áreas sob as varandas estavam livres e os trastes organizados em duas pilhas. Destinara a maior delas ao caminhão de lixo. Sobre a menor — formada por velhos objetos de arte, material descartado de jardinagem, cadeiras de praia antigas e outros objetos ainda aproveitáveis — iria resolver com sua mãe a que instituição doar.

Estava bufando e gemendo sob o peso de um velho e enferrujado aparelho de ar-condicionado, que levava para a pilha de lixo, quando ouviu a voz da mãe atrás dela.

— Você não vai jogar isso fora, vai? Cara deu mais alguns passos e largou o incrivelmente pesado aparelho no chão.

Abaixada, com as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego, voltou a cabeça e viu Lovie olhando aflita para o aparelho de ar-condicionado.

- Vou sim, mamãe — respondeu, com os lábios secos. — Vou jogar tudo fora. É lixo.

- Oh! Ainda há vida nesse aparelho. Não acha que alguém poderá usá-lo? Poderíamos doá-lo ao Instituto da Boa Vontade...

- Ninguém vai querer esta coisa imprestável. Custaria tão caro mandar consertar que seria melhor comprar um novo.

Lovie uniu as mãos e olhou para a pilha.

— E vai jogar fora também essas coisas todas?

Desta vez Cara desanimou. Trabalhara como uma condenada a manhã inteira e esperava por um “muito obrigado”, não por uma parede de oposição. Aquela era, de fato, uma situação delicada. Sua mãe podia se tornar muito complicada quando se tratava de jogar alguma coisa fora. Uma vez tinham tido uma discussão por causa de umas latas de tinta que haviam sido jogadas fora e Lovie achava que ainda poderia haver tinta aproveitável nelas.

— Há perigo de incêndio com essas coisas acumuladas embaixo da casa, sem se falar no quanto estava feio.

Lovie aproximou-se da pilha. Enquanto Cara continha a respiração, começou a retirar chaves de fenda rombudas, um serrote já sem dentes, um banco com cupim e um velho balde de metal sem alça. Em seguida, pegou um desgastado velocípede.

— Oh! Acho que Cooper pode se divertir com isto... Cara ia argumentar que Cooper já estava muito grande para aquele triciclo e que já devia ter um maior, novo, mas evitou começar uma discussão. E, resignada, começou a lavar as peças retiradas de volta para onde estavam sob a varanda. Mas quando a mãe pegou uma poltrona de vime apodrecida ela se opôs.

— Essa não, mamãe. Prometo que lhe darei uma nova. Não, não, por favor, não me diga que ainda há muita vida nela. Metade do encosto está faltando. Solte isso, mamãe! Deixe-me jogá-la fora!

Lovie franziu as sobrancelhas, porém deixou a poltrona na pilha de lixo. Em seguida ficou parada, com as mãos unidas e dedos entrelaçados, olhando para a pilha com a maior tristeza. Cara aproximou-se e passou um braço pelos ombros frágeis de Lovie.

— Espere para ver o que vou fazer... O que *nós* vamos fazer. Uma vez que temos o verão todo, por que não dar um jeito para o chalé voltar a ser como era? Você não gostaria disso? Lembra-se de como ele era lindo nas noites de verão? As mariposas voavam aí... — Ela indicou o jardim vendo com os olhos da mente as flores silvestres que cobriam as dunas. — Pretendo capinar todo esse mato feio, podar ou arbustos, arrancar velhas raízes e você poderá plantar roseiras. Lembra-se das suas rosas?

O rosto de Lovie suavizou-se e um leve sorriso distendeu-lhe os lábios.

— Não consegui salvar nenhuma delas. Tentei regá-las...

— Eu sei, eu sei. Mas agora você mora aqui e vai cuidar delas todos os dias... — interrompeu Cara, para animar a mãe. — Não sei se vou conseguir fazer tudo sozinha e só não conseguir contratarei alguém que faça.

— Mas, Cara, vai ser um trabalhão danado... — Fez uma pausa e olhou-a de soslaio. — Você não acha que vai mesmo fazer um jardim, acha? Nunca teve paciência para isso. Gemia de fazer dó quando eu lhe pedia que arrancasse ervas daninhas.

Cara riu.

— Acho que vai acontecer que nem aconteceu com as tartarugas. Você pode me ensinar. Já ouviu falar na bicicleta de Tolstoi? É divertido. Ele aprendeu a andar de bicicleta com a sua idade. Penso que posso aprender a fazer um jardim.

O olhar de Lovie tornou-se brilhante.

— Claro que pode! Está mesmo interessada?

— É o que mais quero no momento.

— Tenho uma porção de livros sobre jardinagem que você pode ler.

— Espero que sejam daqueles com adoráveis fotografias para eu saber o que é o quê. Quando leio descrição de plantas todas me parecem a mesma. Mas se eu puder vê-las não esquecerei.

— Vou ajudá-la, não se preocupe.

O entusiasmo de Cara redobrou ao ver o interesse da mãe.

— Estou querendo reconstruir a varanda, também. Há madeiras apodrecendo e tenho pesadelos de você ou Toy caindo por causa disso. Além disso, o chalé está precisando de uma boa mão de tinta. Acha que poderemos encontrar o tom original de amarelo?

Lovie fez que sim e seu olhar foi para o enorme latão onde poderiam estar algumas latas de tinta vazias entre outras inutilidades.

— Pode haver aí alguma lata com o número da tinta legível. Viu? É por isso que guardo coisas. Nunca se sabe se e quando iremos precisar delas.

Cara revirou os olhos.

— As lojas devem ter mostruários de uma infinidade de cores, mãe. Estou pensando no verde Charleston para as venezianas, a não ser que você prefira outra cor.

— Todos esses planos, Cara... Vai ficar muito caro. Palmer me permite um orçamento muito restrito.

O sangue de Cara ferveu ao pensamento de que o irmão negava à mãe o dinheiro dela, mas não quis estragar a boa disposição de Lovie com uma discussão sobre Palmer.

— Esqueça o dinheiro — disse. — Eu tenho o bastante para cobrir a despesa.

— Mas como? Você está sem emprego, Cara, e não posso tirar o seu dinheiro. Agora, não.

— Você não está me tirando nada, eu o estou dando. Por' favor, mamãe, deixe-me fazer isto por você. Vou ficar tão feliz!

Lovie ergueu a cabeça e olhou o jardim devastado.

Depois voltou o olhar para o chalé, a pilha enorme de lixo junto ao portão de entrada e, por fim, o rosto da filha. Ela agora estava corada, morena, muito diferente da moça pálida que chegara ali, seus olhos negros brilhavam graças à vida ao ar livre e ao exercício. E pensar que Cara queria fazer alguma coisa por *ela*

— Não sei por que, estou achando que devemos nos livrar desses trastes... — disse pensativa. — Há uma porção de coisas mais importantes para se guardar. — Os olhos dela assumiram uma expressão distante. — E vai ser bom ver este lugar bonito de novo antes de eu... — Interrompeu-se e forçou um sorriso. — É, vai ser muito bom.

Cara virou o rosto para outro lado a fim de esconder da mãe as lágrimas que lhe haviam subido aos olhos.

— Venha aqui, mamãe. Quero que veja uma coisa.

As duas passaram pela pilha de lixo e foram para frente da casa onde uma fileira de ramalhudos e antigos oleandros dominavam a duna. Cara segurou um galho enorme e o puxou, desencostando-o da base da alta varanda.

— Quando eu estava arrancando ervas daninhas, cujas raízes chegavam até a China e depois de ter levado um enorme susto com uma cobra que saiu do mato, encontrei isto... — disse ela, puxando mais o galho e chamando a mãe para perto com um gesto. — Venha dar uma olhada.

Lovie deu a volta no enorme arbusto e olhou. Ali, entre pedaços de treliça, havia uma alta e magra roseira esticando-se na direção do sol. Lovie riu alto e animadamente.

— Eu não acreditaria se não estivesse vendo com meus próprios olhos. Uma roseira solitária. Como a encontrou?

— Porque é preciso ser uma solitária para reconhecer outra...

— Cara esperou que a mãe visse bem a planta e depois, com cuidado, deixou o galho voltar à posição certa. Ele endireitou-se com uma furiosa sacudidela. — Lembrei-me de que você cultivava roseiras aqui, antes dos oleandros se tornarem tão enormes. Passei a procurar e quase não acreditei na minha sorte ao encontrar uma ainda viva. Há tão pouca luz ali! Eu me lembrava da pérgola e das roseiras trepadeiras que enfeitavam uma boa parte da treliça. — Protegeu os olhos com a mão e olhou para a casa, lembrando-se de como era antes. — Eu gostava tanto daquela pérgola! O que aconteceu com ela?

— O furacão Hugo despedaçou-a e também estragou uma boa parte das varandas, como se pode ver. Remendei as varandas e o telhado com o dinheiro do seguro. Infelizmente não seguramos o chalé pela quantia adequada. Seu pai não se interessava por ele e reclamava de cada centavo que eu gastava para mantê-lo. Fiz o que pude... Por isso só consertei uma parte da escada da frente.

— Teve sorte do Hugo não ter arrasado a casa inteira. Lovie concordou com a cabeça.

— Os tornados causaram grandes estragos. A casa de Fio e a minha foram as que escaparam em melhor estado. Se você observar bem os arredores, verá que várias casas desapareceram. As inundações também são muito ruins. Tudo fica debaixo da água.

Uma vez, um barco enorme foi parar bem na frente da porta de Bill Wilson. — Ela riu, lembrando-se da cena triste e engraçada ao mesmo tempo. — Você tem razão, eu tive sorte. Gosto de pensar que foi por intervenção divina. Às vezes um lugar significa tanto para uma pessoa, muito mais do que apenas para viver nele. É como... Bem, como a pedra filosofal. Stratton jamais me permitiria reconstruir nossa casa da praia se ela fosse destruída. E eu não sei o que teria sido de mim se não tivesse este lugar como refúgio durante todos aqueles anos. — Lovie olhou para o mar. — Eu não sei...

— Por isso temos que deixá-la em ordem. E o chalé não é importante só para você, mamãe. E para mim também. E para Toy. E para Palmer, se bem que ele

jamais o admitiria. Vai ser muito importante também para Linnea e Cooper, tenho certeza.

— Acha, mesmo?

Lovie estava surpreendida por ouvir aquelas palavras da filha. Depois, num tom diferente, no qual residiam encantamento e satisfação, acrescentou:

— Você pensa assim, de verdade?

— Penso.

— Não imagina como é importante para mim ouvi-la dizer isso.

— Lovie olhou para a casa da praia com os olhos brilhando. — Então, por onde vamos começar?

Na manhã seguinte, enquanto Toy lidava na máquina de costura tentando enfiar a linha na agulha, o telefone tocou. Cara e Lovie estavam cuidando das tartarugas, então ela correu, olhando para o relógio de passagem. Eram nove horas, tarde demais para telefonemas comunicando descoberta de novos ninhos.

— Alô?

Não disseram nada.

— Alô!

— Bom ouvir sua voz...

A garganta dela apertou-se.

— Darryl, eu lhe disse para não me telefonar.

— Por que está tão nervosa? Não quer que eu me importe com você? Que queira saber como vai? Você me contou que vamos ter um filho...

— E você não liga a mínima para esse filho. Também não liga para mim.

— Ah, Toy, não fale assim! Sabe que é a única que eu amo. Já não lhe disse isso?

— Foi o que disse também para a mulher que estava aí com você?

— O que esperava, afinal? Você desapareceu sem me dizer uma palavra, nem sequer me deu chance de me explicar... Podíamos consertar as coisas. Fiquei meses sem saber onde você estava. Pensei que nunca mais a veria e quase enlouqueci de dor.

— E por isso passou a andar com outras garotas!

— Você sumiu! Um homem tem certas necessidades... Eu não teria olhado para outra mulher se você estivesse comigo. — Como ela nada dissesse, Darryl acrescentou: — Tive muita saudade!

Toy fechou os olhos com força.

— Não podemos continuar assim — insistiu ele.

— Deixe-me ir vê-la.

— Não.

— Ora vamos, meu benzinho, você é a única mulher que eu quero e sabe

disso.

— E o bebê?

— Está bem, está bem. Estou disposto a conversar sobre o bebê, também. Aceito qualquer coisa para ficarmos juntos.

— Está falando sério?

— Claro que sim. Por que não posso ir até aí para conversarmos? Onde você está? Qual é o endereço?

— Você não pode vir aqui, Darryl. Dona... Eles não vão gostar.

— Que me importa se gostem ou não? Você não vai mesmo ficar aí.

— Não sei. Ainda não decidi.

— Mas *eu* decidi.

A voz dele subira ameaçadoramente. Toy ouviu-o inspirar e depois soltar o ar ruidosamente. Pôde imaginar seus dedos esguios segurando o cigarro e a longa coluna de fumaça.

— Olhe — prosseguiu Darryl, está deixando que essas pessoas lhe digam o que fazer. Você tem que ouvir o que eu digo. Pertencemos um ao outro. Quem são essas pessoas que a assustam tanto que você não me permite ir aí? São parentes seus ou o quê?

— Não. São pessoas para as quais trabalho.

— Que tipo de trabalho?

— Você sabe uma espécie de dama de companhia. Cuido da casa e cozinho. Dirijo o carro para levar a velha senhora aonde precisa ir, mas agora a filha dela está aqui e posso descansar mais.

— Aposto que sim! Eles lhe pagam bem?

— Pagam — respondeu Toy vagamente, não querendo que ele soubesse o quanto ganhava. — Muito bem. E eu não gasto o dinheiro, preciso guardá-lo para quando o bebê nascer. O nascimento custa caro e há todas aquelas coisas que preciso comprar como berço, fraldas, roupinhas, mantas. Seria bom se você me ajudasse um pouco. Afinal, ele é seu filho também.

— Quer dizer que não é a mim que você quer, mas meu dinheiro, hein? Que grande vaca!

— Do que você me chamou?

— Se quiser que eu a ajude com esse filho tem que voltar para casa. Simples.

Toy encostou-se na parede e olhou para o teto.

— Então, o que resolve? — pressionou Darryl. Ela fechou de novo os olhos.

— Estou pensando.

— Por que não pensa enquanto vou buscá-la?

— Não! Não quero que você venha aqui.

— Por quê? Tem vergonha de mim ou algo parecido? Esta com outro cara?

Houve uma pausa durante a qual ela quase ouviu o ódio dele crescer.

— É isso, não? — tornou Darryl. — Você está com out cara.

— Claro! Estou com um monte de homens me rodeando Darryl, eu estou grávida!

— E daí? Tem sujeito que gosta de mulher grávida.

— Você é nojento! A voz dele tornou-se rouca.

— Eu sou o quê? O tom dele prometia encrenca. Toy tentou acalmar as coisas.

— Não importa.

— Importa, sim. Eu quero saber. Agora você me acha nojento...

A voz dele subia.

— Eu não quis dizer isso.

— É bom que não queira, mesmo.

— Não quis.

Houve uma longa pausa durante a qual lágrimas quentes desciam pelo rosto de Toy, que sentia tanto a pressão d que quase não conseguia respirar.

— Toy, sabe que fico louco quando você tenta colocar algum obstáculo entre nós.

— Não estou pondo — soluçou ela.

— Ah, não? O que significa você dizer que não podemos ficar juntos? Minha pequena será que não vê? Essa gente aí não se importa se você gosta ou não do que faço. Eles querem apenas ter uma empregada barata. Não precisam do dinheiro fedido deles. Eu sempre tomei conta de você.

Toy ouviu passos na varanda. Entrou em pânico, com medo de ser apanhada.

— Darryl, alguém, está chegando, tenho que desligar.

— Espere, ainda não terminamos!

— Tenho que ir! Eu não devia estar falando com você.

— Merda! Olha aqui, ninguém tem direito de dizer que você não pode falar comigo. Vou aí e...

— Não, Darryl! Telefone mais tarde, prometo. Até logo.

Ela desligou no momento em que a porta se abriu.

Cara entrou primeiro, trazendo uma caixa de sonhos recheados e um litro de leite. Atrás dela, Lovie sacudia a areia das sandálias. As duas estavam com camiseta verde do Grupo das Tartarugas e short caqui.

— Oi! — cumprimentou Cara ao ver Toy. Ergueu a caixa. — Sei que agi errado, mas vi esses sonhos na loja de conveniências do posto de gasolina e não resisti. Hummm.... Adoro sonhos recheados com creme e estes estão fresquinhos. Venha comer também, Toy.

Segurou a porta aberta para a mãe entrar e, depois de fechá-la, olhou para a jovem com mais atenção.

— O que foi Toy? Está se sentindo mal?

Se havia algo que Toy aprendera com Lovie durante o tempo que moravam juntas era fazer cara ótima por pior que fosse a situação. E ela queria tanto ser como dona Lovie! Empurrou todos os maus pensamentos e preocupações com Darryl para um canto remoto da mente sorriu e acompanhou as duas até a cozinha.

— Oh! Não. Estou bem... Muito bem.

Fazia três dias que tinha saído com Brett e ele ainda não telefonara. Cara trabalhava no jardim com um entusiasmo nunca visto, na obsessão de manter-se ocupada. Ele a fizera mentir-se como uma lúbrica Amazona e estava furiosa com o que poderia pensar. Pegou a enferrujada picareta que salvara do monte de lixo quando a mãe não estava olhando e passou a desabafar sua frustração nas raízes mortas.

Havia sido um longo dia sob o sol inclemente. Seus músculos tremiam e rios de suor desciam-lhe pela espinha. Estava terminando a batalha com os oleandros quando ouviu o ranger do cascalho da entrada para carro. Enfiou o rosto por entre a cortina de galhos a fim de ver quem era.

A porta de uma picape branca abriu-se e ela viu surgir um boné verde com o logotipo do Eco-Tur Costeiro. A ab achava-se descida sobre os olhos, mas não havia dúvida de quem eram os largos ombros que emergiram do carro. Cara gemeu e alongou-se devagar, com cada milímetro das costas doendo. Bem que ele poderia ter esperado mais uma hora para vir. Então, ela já teria tomado um banho de chuveiro e estaria cheirosa em vez de suada e suja de terra co estava. Empurrou para trás os cabelos que lhe caíam na testa e assim conseguiu sujar um pouco mais o rosto.

Ele a viu e se aproximou devagar, parecendo um tanto sem jeito, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás das calças

— Olá! — cumprimentou.

— Boa tarde — respondeu ela o mais dignamente q pôde.

Brett parou do lado oposto do oleandro, segurou um galho e pareceu estudá-lo como se ele reunisse todos os segredos do universo.

— Espero que você acredite se eu lhe disser que o motor do barco de turismo encencou... — Fitou-a, com olhos implorantes. — Trabalhei dia e noite para consertá-lo a tempo de fazer o passeio de hoje.

— Acredito, sim. Ela começou a recolher agulhas de pinheiro e rosetas espinhosas da areia, com movimentos bruscos das mãos enluvadas.

— Mas está pensando que eu poderia ter telefonado assim mesmo.

— Brett, você não pode saber o que penso.

Brett olhou-a para verificar se havia algum bom humor na observação e sorriu.

— Tem razão. Não tenho desculpa e sinto muito.

Era a resposta certa. Ela abandonou a atitude distante e assentiu com ar

divertido.

— Pedido de desculpa aceito.

— Está com fome? Eu gostaria de levá-la para jantar.

— Juro que não tenho mais energia para um passeio de barco hoje

— respondeu Cara. — Não que não tenha sido um original primeiro encontro... — indicou com a cabeça as pilhas de galhos no chão — é que estou muito cansada.

— Eu estava pensando em caranguejos na manteiga, em minha casa.

Foi a vez dela sorrir.

— Neste caso, aceito o convite. Mas primeiro tenho que terminar isto. É uma guerra e ainda não consegui derrotar esta teimosa.

Segurou a corda com que amarrara a parte da raiz que aflorava da terra e passou a puxá-la com toda força que tinha, praguejando a cada puxão. Não insistiu por muito tempo, estava sem forças.

— Deixe-me ajudar... — ofereceu ele, aproximando-se da raiz seca a ser retirada. Colocou-se ao lado de Cara, tirou-lhe a corda da mão e segurou-a junto à base da raiz. — Regra número dois — enunciou, firmando bem os pés no chão, um sulista jamais fica olhando uma mulher trabalhar.

Cara recuou alguns passos e viu-o aspirar profundamente. Em seguida, com um rugido baixo, arrancou a raiz morta e jogou-a, como se fosse uma peça de isopor, na alta pilha de galhos e arbustos secos. Ela emitiu uma exclamação de respeito.

— É evidente que não fui feita para isso.

— Pode ir para dentro tomar seu banho — disse-lhe Brett, enrolando as mangas, — enquanto levo esses galhos lá para fora.

— Você vai se sujar, não precisa fazer isso. Eu me arranho sozinha.

— Preciso, sim. Um pouco de humildade depois de como agi não fará mal algum.

Cara tentou parecer contrariada, mas não conseguiu conter o sorriso indulgente que lhe iluminou o rosto.

— Já que põe as coisas desse jeito, embaixo da varanda há cordas e uma tesoura de poda, caso você fique inspirado.

Eleja estava puxando um enorme galho caído de carvalho que ela não conseguiria sequer mover. Cara ficou olhando por alguns instantes, divertida. Ele parecia saber o que fazia. Dirigiu-se para casa e subiu a escada, cada movimento um doloroso esforço. Lá dentro o cheiro de alho e molho de tomate pairava no ar. O estômago dela roncou e só então percebeu como o trabalho a deixara faminta. Toy estava li dando no fogão.

— Que cheiro bom! — gritou-lhe.

— Obrigada — respondeu Toy, com voz átona e sem voltar-se para olhá-la.

Cara franziu os lábios, preocupada. Nos últimos poucos dias a jovem voltara a ter atitudes retraídas. Fazia seu trabalho direito, mas só falava quando lhe dirigiam a palavra, em seguida fechava-se de novo em sua concha. À noite e logo para seu quarto e podia-se ouvir o barulho da máquina de costura lá dentro, era Toy costurando roupinhas para bebê e roupas de grávida para si. Infelizmente, não era uma costureira habilidosa. O vestido que usava agora era uniu "coisa" horrorosa de cor verde-lima que não combinava com ela.

— Vou jantar fora, por isso não esperem por mim.

— Está bem — respondeu Toy, indiferente.

Lovie soergueu-se no sofá, onde estava deitada lendo um livro.

— Vai sair com alguém?

— Sim. Com um rapaz que você não conhece.

— Verdade? — Ela fechou o livro e sentou-se. — Um amigo Cara quase pôde ver as antenas de Lovie vibrando.

— Estou suja e suada. Falo com você depois que tomou banho...

E entrou pelo corredor, escapando da enxurrada de perguntas prestes a sair dos lábios da mãe.

A água quente desceu-lhe pelo corpo levando embora que lhe parecia acres de sujeira. Apesar de cansada, estava borbulhante de entusiasmo diante da perspectiva de outro jantar com Brett. Fora muito diferente com a maioria com homens que haviam aparecido em sua vida: saíra uma ou duas vezes e desejara que ele nunca mais lhe telefonasse. E se o faziam sempre arranjava uma desculpa para livrar-s de desculpas delicadas, claro, porém firmes. Estava contente por Brett ter vindo procurá-la. *Oh! Sim*, pensou, fecham as torneiras, *muito contente*.

Vestiu-se com cuidado, escolhendo uma calça jeans branca e top de seda preta. Deixou soltos os cabelos ainda unidos. Ao olhar-se no espelho ficou surpresa: apesar de ter se mantido sempre com chapéu e de trabalhar quase que o tempo todo dobrada em dois, adquirira um tom moreno lindo e sua pele estava perfeita.

— Estou indo! — gritou, pegando a bolsa de cima da mezinha do hall.

A casa parecia deserta. Nem Lovie nem Toy se achavam à vista, apesar dos dois lugares postos na mesa da sala para o jantar, com guardanapos e flores. Através da janela aberta ouviu risadas vindas do jardim. Preocupada, correu para fora.

O ar estava leve, balsâmico, e grilos cantavam. Todo o mato, tocos e galhos retirados por ela achavam-se amontoados do lado de fora da casa, à espera do lixeiro. Perto deles, viu Brett conversando com Lovie, os dois rindo como se fossem velhos amigos. Com passos rápidos, atravessou a varanda, o jardim e aproximou-se deles.

— Vejo que já se conhecem — disse à mãe.

— Oh! Sim! Você não me disse que ia sair com Brett Beau-champs. Eu o conheço há anos. — Lançou um olhar cheio de charme para o rapaz.

— Há quantos anos, exatamente?

— Não sei, dona Lovie — respondeu ele. — Mas acho que há dez, quinze anos no mínimo.

Cara estava surpresa.

— Como se conheceram?

— Na verdade, a ilha é pequena — comentou Lovie. — De vez em quando Brett ajuda Florence a fazer uns consertos na casa. Ele é muito habilidoso com as mãos.

— E, mesmo? — Cara olhou para ele.

Brett arqueou as sobrancelhas, mas conseguiu manter-se sério.

— Vou dar uma espiada no meu molho — disse Toy, indo para o chalé.

O desejo de Cara era que a mãe fosse com a moça, no entanto viu claramente nos olhos azuis de Lovie que ela estava adorando a companhia do rapaz.

— E! — confirmou Lovie, ansiosa para demonstrar as qualidades de Brett. — Está vendo aquela adorável varanda?

Foi ele quem construiu para Fio. E o caramanchão dela, também. Aliás, você a tem visto ultimamente, Brett? Tenho certeza que ela adoraria vê-lo. Você é uma das pessoas que ia preferir.

— Não, senhora, Não vejo dona Florence há muito tempo Vou passar na casa dela para ver como está a mãe dele Está bem?

— Não muito bem, mas quando o vir irá melhorar. Miranda sempre fala de você... Acho que conquistou o coração dela.

— Ela não está bem? Espero que não seja nada de sério

— Filho, quando se passa dos noventa anos tudo é sério Mas espero que seja apenas um resfriado e que já esta melhor. Ela vive para as tartarugas, você sabe. Quando chega o tempo da eclosão dos ovos Fio não consegue tirar a mão da praia.

Cara sorriu, pensando que conhecia mais alguém assim

— Quem cuida de você, Brett? — perguntou Lovie. — Não acredito que um rapaz assim ainda não tenha se casado!

Ele ficou vermelho e Cara interferiu, em tom de advertência

— Mamãe...

Mas ninguém seguraria Lovie naquele momento.

— Ainda mora em Hamlin Creek?

— Sim, senhora. Estou contente por ter comprado aquele terreno anos atrás. Duvido que consiga pagar o que vala hoje. ,

— É mesmo. Quem diria que os terrenos aqui iam tornar tão caros? Foi um investimento inteligente. Ouvi dizer que sua empresa de turismo vai indo bem. Cara me falou muito no passeio, mas esqueceu-se de me dizer que o barco era seu. — Olhou para a filha e sorriu ao vê-la corar. Estou orgulhosa de você, filho. Seu pai

também deve estar porque trabalha com barcos, como ele.

— Bem, os barcos dele são muito maiores, mas agradeço do mesmo jeito.

Cara ficou observando o chalé e o caramanchão de Florence, que ficavam a alguns metros do seu, enquanto Brett e Lovie continuavam conversando. De fato, a varanda é bem concebida e construída. Parecia forte o bastante para resistir aos furacões que de vez em quando varriam as ilhas. E tinha estilo. Tomou uma decisão rápida, atitude típica nela, e quando os dois pararam de falar, atacou:

— Diga-me uma coisa, Brett. Não estaria interessado num pequeno trabalho?

O rosto dele demonstrou surpresa e curiosidade.

— Para ser franco, não tenho tido tempo para trabalhos extra ultimamente. — Depois, pensou um momento e acrescentou:

— Mas farei o que puder para dona Lovie. Qual é o pequeno trabalho?

— Bem... Não é assim tão pequeno: reformar a varanda da frente da casa. — Cara olhou para a mãe, sorriu e acrescentou: — E construir uma pérgola.

Os olhos de Lovie tornaram-se maiores pela surpresa.

A reação dela foi percebida por Brett, que lançou um olhar inquisitivo para Cara, depois encaminhou-se até a varanda com passos lentos e estudou-a. As duas mulheres o seguiram, pararam uma ao lado da outra e ficaram olhando enquanto ele percorria a varanda, examinava-a por baixo e por fora. Quando voltou para junto delas seu rosto nada revelou e ele permaneceu imóvel, de braços cruzados, olhando o chalé em silêncio. Quando por fim falou, sua expressão era cautelosa, porém positiva.

— É um trabalho bastante fácil — declarou.

— Que bom! — alegrou-se Lovie.

— A senhora quer que a varanda fique como era antes do Hugo?

— Não acredito que pode recuperar essa velha estrutura e deixá-la como era — desafiou Cara. — Faz tanto tempo!

— Faz, mas me lembro bem de como era. Antes de vir morar na ilha eu costumava vir para cá e trabalhava em construções. Passeava muito por aqui e admirava a roseira da pérgola. As rosas floresciam, lindas, dona Lovie, e fiquei triste ao ver que tudo fora destruído.

— Foi o que eu disse à mamãe — apoiou Cara.

— Acho que sei o que a senhora quer — concluiu Brett. — Algo tradicional, porém resistente. Se tiver algumas fotografias ajudaria muito. O problema é que só poderei trabalhar aqui durante meu tempo livre e vai demorar a ficar pronto.

— Mas ficaria pronto neste verão? — perguntou Lovie. Ele esfregou o queixo.

— Bem... talvez no fim do verão. Esta é a época em que fico mais ocupado.

— Tudo precisa estar terminado até meados do verão insistiu Cara.

— Quanto antes, melhor. Contrate quantas pessoas você quiser, diga tudo que precisa. Dinheiro não é problema.

— Talvez não, porém tempo é.

— Desculpe, eu não queria pressioná-lo, Brett. E que... Bem... — Ela deu um olhar aflito para a mãe — o tempo é essencial...

Fez-se um longo silêncio durante o qual Cara e Brett ficaram se olhando e uma luz rápida brilhou nos olhos dele, como se entendesse. O rapaz voltou-se para Lovie.

— Se eu começasse já, antes que a temporada saia do controle, poderia apressar as coisas. Mas ia ser duro e precisaria de ajuda, talvez dois homens, se quisesse acabar logo. Vou fazer um esboço e trazer para a senhora ver. Conheço dois ajudantes bons e razoáveis.

— Tenho certeza de que são bons, se você os recomenda — aprovou Lovie.

Cara foi mais direta.

— Então, vai fazer?

Ele deu um meio sorriso e Cara soube naquele instante que tinha ganhado a parada. Mas ao mesmo tempo soube que estava fazendo um acordo e que teria um preço a pagar.

— Vou, sim — declarou ele —, desde que você ajude. Lovie soltou uma leve risada de surpresa.

— Eu?! — recuou Cara. — Mas não sei nem segurar um martelo e um prego! Só iria atrapalhar.

— Quem disse que vai lidar com martelo e pregos?

Ela ergueu as sobrancelhas, pensando em que talvez sua sorte estava mudando, quando ele acrescentou:

— Minha idéia era pincel e tinta.

Durante a incubação, a temperatura da areia desempenha um papel importante na determinação do sexo dos filhotes. Areia fria produz machos, enquanto a quente faz nascer fêmeas.

CAPÍTULO XIII

Lar, doce lar! — declarou Brett, levando-a pela calçada de cimento.

— Entre e vou fazer um jantar para você.

Cara ficou olhando para o chalé dos anos 1960.

— E cor-de-rosa! — exclamou.

— Eu lhe dei o nome de Flamingo Rosa — disse ele, apontando para um flamingo cor-de-rosa de metal num poleiro junto à porta de entrada. Notando a expressão dela, avisou-a: — Antes que você me olhe desse modo é importante lem-

brar que estamos na ilha. Seria muito diferente se eu tivesse uma casa cor-de-rosa no norte. Mas aqui é uma verdadeira Bermudas.

— Eu sei disso. E que teria dificuldade em imaginá-lo numa casa cor-de-rosa... em qualquer lugar.

Ela observou a compacta estrutura quadrada com telhado cinzento. Dominando o gramado da frente, defendendo a casa da rua agitada, sombreando a casa, havia um velho carvalho que estendia seus galhos perfeitos para se subir nele. O coração de Cara apertou-se ao lembrar-se do seu carvalho que o tufão derrubara.

— E uma casa adorável... — murmurou.

— Adorável? Essa agora doeu. — Ele abriu a porta. — Entre, antes de dizer qualquer outra coisa.

O interior era pura toca de solteirão. As paredes eram de cor gelo, quase cinza, muito metal nos móveis que indicavam anos colecionando tudo que pudesse ser conseguido de graça ou a preço bem baixo. Uma bicicleta estava encostada na porta de entrada e uma bermuda molhada e um caiaque enfeitavam o hall de entrada. O escritório era pouco mais do que um monte de correspondência, documentos, livros e envelopes de papel pardo amontoados na mesa da sala de jantar. Os olhos dela desviaram-se rapidamente da desordem e fixaram-se na gloriosa paisagem lá fora, por trás da enorme porta corrediça de vidro. A água do canal movia-se rápida levada pela correnteza da maré. Era um panorama de tirar a respiração e Cara se apaixonou de imediato pelo local.

Ela estava de pé junto à porta de vidro, olhando para fora, quando ele chegou por trás. Seus braços fortes a circundaram, embalando-a, e as grandes mãos apoiaram-se em seu ventre, apertando-a contra ele. Cara sentiu como que um choque elétrico quando Brett a tocou e fechou os olhos com um suspiro. Será que enfim ele ia fazer o movimento decisivo?

— Com fome? — perguntou Brett.

Cara advertiu a si mesma de não cair naquela resposta de que sim, estava com fome de seus beijos. Era uma resposta banal, um clichê.

— Morrendo de fome — respondeu repentinamente tímida.

— Então, vou fazer o jantar.

Ele soltou-a e ela ficou olhando-o afastar-se.

— Sim, faça isso — disse Cara, meio rindo, meio amuada. Disse a si mesma que ele apenas a estava provocando.

Outros homens teriam deslizado as mãos por dentro da sua blusa e feito amor com ela, considerando o jantar uma outra coisa, que ficaria para outra vez.

Virou a cabeça a tempo de ver Brett abrir a porta de vidro, sair para o quintal e caminhar até o extremo de seu pequeno pontão. Curiosa, aproximou-se mais da porta, apoiando as mãos no vidro frio, que tinha manchas secas de pingos de água, mas dava para ver que ele se agachava e puxava uma corda. Um momento depois emergiu uma gaiola de ferro cheia do que ela julgou serem agitados caranguejos. Brett parecia saber exatamente o que fazer com eles.

Quem era realmente esse homem? Imaginou ela. A maior parte dos namorados que tivera iam direto para a geladeira ou pegavam o telefone e pediam jantar pronto. Encostou a tosta no vidro e riu. Brett não se parecia nem sequer remotamente com qualquer homem que conhecera. Graças a Deus.

Juntos, cozinham os caranguejos numa enorme panela do aço inoxidável num fogão a gás colocado na varanda dos fundos. Cara derreteu um pouco de manteiga no microondas enquanto Brett debulhava milho verde. O sol poente punha tons rosados no mar e tornava os cabelos dela de um negro mais profundo, que combinava com os olhos. Ela os prendera no alto da cabeça: comer caranguejo era uma tarefa que exigia as duas mãos, uma grande quantidade de manteiga derretida e milhares de guardanapos.

Ela e Brett sentaram-se à mesa quando se iniciava suave escurecer do crepúsculo, à luminosidade suave e trêmula de velas em dois castiçais. Enquanto comiam caranguejo e bebiam cerveja diretamente das latinhas foi muito fácil entrar no ritmo de conversa. Falaram de seus trabalhos, do último ninho de tartaruga encontrado, dos planos para a reforma da varanda do Chalé das Prímulas e sobre tudo mais que lhes veio à mente. A medida que a noite avançava, ela ia se convencendo mais e mais de que gostava de Brett. Gostava do modo como seus olhos a fitavam enquanto ela falava e ele poder rir livremente com ele, como com um velho amigo, lira confortável... Talvez até demais. E quando olhava o jeito como o rosto dele se iluminava quando Brett ria como o azul de seus olhos se intensificava quando contava uma história, imaginava se ele também se descontraía na companhia dela ou se era simplesmente o Brett Beauchamps que todo mundo conhecia.

Depois de jogarem fora as cascas dos caranguejos e voltarem à mesa com cervejas bem geladas, Cara contou a Brett «obre Darryl e Toy. Ele reagiu exatamente como ela esperava. Seus lábios formaram uma linha fina e a grande mão n portou com força a lata de cerveja.

— Se ele levar seu traseiro peludo ao chalé vai se tornar uni canalha arrependido. Aliás, espero que apareça por lá.

— O que há com os homens, que não vêem a hora de esmurrar o próprio peito, soltando gritos de fúria, e entrar numa boa briga?

— Não estou brincando, Cara. Tenho ganas de caras como esse. Bater numa mulher os faz sentir-se homens. Nada melhor do que poder dar-lhes uma chance de enfrentar alguém do seu tamanho.

— Concorro. Só espero que essa exibição de gladiador não aconteça no Chalé das Prímulas. — Ela inclinou-se para tocar o braço dele enquanto seu olhar se tornava aflito. Nunca se sabe, com um homem como Darryl. Ele pode andar com uma arma... Revólver ou faca.

— Posso lidar com isso. Cara ficou calada, considerando a idéia.

— O quê? — indagou ele, na defensiva. — Está me olha do de um jeito engraçado. Acha que não dou conta?

— Justo ao contrário. Você diz que pode lidar com ele e acredito. Nunca me senti assim com homem algum.

— Assim, como?

— Protegida — respondeu ela, surpreendendo-se por dizer algo tão íntimo. — Meu último namorado... — Interrompe-se e passou a mão no rosto. — Meu Deus, não é terrível sua mulher da minha idade dizer isso? *Namorado...* Faz-me sentir tão esquisita!

Ele franziu a testa.

— O que tem ele? O olhar dele se tornara intenso e ela supôs, com certo prazer, que Brett devia ser ciumento. Interessante.

— Bem... — tergiversou, tentando decidir por onde começar e o quanto queria revelar.

Falar de velhos namorados com o namorado novo podia ser muito complicado, por isso decidiu dizer o mínimo possível.

— Richard e eu trabalhávamos na mesma empresa de publicidade. Podíamos conversar sobre o que quer que fosse relacionado com o trabalho e achei que formávamos uma boa dupla. Passamos bons momentos juntos, também. Você sabe como é quando a gente encontra alguém que compartilha os nossos interesses. Mas quando se tratava de fatos pessoais, como meu relacionamento com minha mãe ou meus sentimentos, eu não lhe dizia nada. Não que houvesse tomado a decisão consciente de não fazê-lo, apenas agi assim. Sou muito reservada sobre minha vida pessoal. No entanto olhando para trás, compreendo que foi instintivo. Eu jamais tive certeza de que ele não usaria aquelas informações contra mim, de algum modo. Quando tudo terminou, fiquei bem.

— O que aconteceu?

— Ele foi promovido e eu, despedida. Não que o culpe por isso, mas ele sabia que eu ia ser mandada embora e não me avisou.

— Você foi despedida? Quando?

— No mês passado. Antes de vir para cá.

— E tudo que quer me dizer?

— O que mais tenho a dizer? Isso acontece. Que diferença faz para você?

— Uma diferença enorme. Droga! A última coisa que farei neste mundo é aceitar seu dinheiro você estando desempregada. Por que não me disse?

— Você é mesmo um amor... Essa é outra das suas regras? Um sulista jamais aceita dinheiro de uma mulher que está na pior?

— Se não era, agora ficou sendo.

— Não se preocupe — acalmou-o ela, gostando ainda mais dele. — Esta mulher está muito bem no que se refere a finanças.

Posso pagar por uma varanda. Talvez não por uma casa, mas uma varanda posso.

— Não.

— Brett, por favor, não discuta — pediu ela, interrompendo o que imaginava que seria uma torrente de palavras.

- É algo que eu preciso fazer. É duro de explicar, porém preciso fazer alguma coisa para ajudar mamãe e fazê-la sentir-se melhor. É o máximo que posso fazer.

Houve tantos unos de desencontros entre nós duas! Sei que isto é muito importante para ela e quero que seja uma coisa feita por mim. Custe o que custar não me importa. O terrível seria o custo emocional se eu não pudesse fazer isso. Brett pensou um pouco.

— Não vou cobrar muito.

— Oh! não faça isso! Não desça seu preço. Eu respeito o valor de um trabalho duro e sei avaliar um trabalho bem-feito. De qualquer modo, agradeço a intenção.

— Esqueça isso. Eu também gosto muito de dona Lovie...

— Ele fez uma pausa. — Ela está muito doente, não é?

Cara não pretendia falar naquilo nessa noite, mas soube que não poderia evitar. Assentiu:

— Está com câncer.

Brett abaixou a cabeça e ela tornou a inclinar-se para por a mão sobre a dele.

— Brett, agradeço muito por você ter aceito o trabalho. Compreendi que fui muito insistente e peço desculpa. Nu devia ter feito isso. Mas é que estou com muito medo. Os médicos dizem que ela viverá apenas este verão e eu quer. pôr o chalé em ordem antes que ela... — Cara suspirou. Antes que seja tarde demais.

— Desconfiei que fosse algo assim. Ela está cada dia m« frágil.

— Sim, e é duro ver isso acontecer com mamãe. Tenho vontade de morrer quando ela não quer comer ou quando fica sem ar. Quando começa a tossir, então! Assusta-me tanto e me sinto uma inútil! Quando deparo com um problema não hesito em enfrentá-lo e resolvê-lo. Mas esse não posso resolver...

— Não, não pode. Ninguém pode. É a natureza. — Ele virou a mão de palma para cima e envolveu-lhe o pulso com os dedos. — Espero que não se zangue por eu falar franca mente. Todos nós olhamos a morte como uma aberração da natureza, como algo que deve ser "consertado". Todos os dias vejo a natureza agindo e nem sempre é bonito. A vida é totalmente simples e às vezes cruel. Mas também é bonita. Temos que nos lembrar disso em momentos como este. É duro ver dona Lovie morrer porque a amamos, mas se é a vez de ela ir, nosso desafio é ajudá-la a partir e não lutai contra isso. Se lutarmos contra, tornaremos tudo mais difícil para ela.

— Mas sessenta e nove anos é jovem demais... Não é justo

— Quem disse que a vida é justa? Quando uma criança morre, é justo? As guerras e as doenças são justas? Ou justo quando um caranguejo come um filhote de algum a mal, que acaba de nascer?

— Oh! Por favor! — reclamou ela, retirando a mão.

Não quero ouvir lugares comuns. Esta não é uma espécie de conversa intelectual.

Brett pareceu magoado.

— Olhe — ela tentou explicar —, quando leio nos jornais sobre uma tragédia em que alguém morreu fico penalizada e digo "Como é triste!". Também quando morre alguém que conheço vagamente consigo continuar minha vida como sempre.

Mas agora trata-se da *minha mãe*. A situação me atinge profundamente, faz com que me sinta com raiva e incapaz. — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Não quero que a minha mãe morra.

Brett deu a volta na mesa, sentou-se ao lado de Cara e abraçou-a. Ela sentiu-se muito pequena e apoiou-se nele, encontrando conforto.

— Estou tão assustada e posso fazer tão pouco!

— Você está fazendo muito. Voltou o que tenho certeza que significa muito para dona Lovie. Agora, está reconstruindo a casa da praia, o que significa muito para vocês duas. Não é preciso ser muito inteligente para ver o simbolismo que há nisto.

— Sinto-me como se tudo estivesse ficando fora de controle.

— Talvez tudo esteja entrando em foco. Ela suspirou contra o peito dele.

— Talvez. Não sei. Estou muito envolvida para ver as coisas claramente. Eu teria que passar para o outro lado, primeiro. O que mais me assusta é que a provação apenas começou e estou sozinha.

— Isso não é verdade, eu estou aqui.

Brett não disse mais nada, apenas apertou-a entre os braços. E quando ele abaixou o rosto para o dela não houve nervosismo, nem medo de ter dado sinais errados. A atração entre eles era tão natural e poderosa quanto o pequeno rio que passava diante da casa dele.

Na manhã seguinte, quando Lovie e Cara voltaram da praia a casa pareceu-lhes quieta demais. Não havia música nenhuma vibrando no CD, Toy não parecia estar fazendo seus trabalhos matinais, ninguém cantarolava na cozinha. Lovie parou rígida, no meio da sala e ficou ouvindo, com a cabeça inclinada.

— Ouça — murmurou para Cara, fazendo-lhe sinal que se aproximasse. — Não há alguém chorando?

Cara também se imobilizou e ouviu imprecações e soluços abafados que vinham do quarto de Toy. Antes que elas saíssem, a jovem se mantivera à parte, depois fora para seu quarto e fechara a porta.

— Ela anda esquisita ultimamente — disse baixinho. — Deve ser a gravidez...

— Estar esquisita é uma coisa, mas chorar é bem diferente. Com determinação, Lovie foi para o quarto de Toy e a filha a seguiu. A porta estava aberta e ao olharem para dentro elas viram a moça sentada tendo no colo um pano que parecia ter sido raivosamente arrancado da máquina de costura. Toy estava com um robe de tecido esponja azul, curto, que deixava à vista suas pernas magras, morenas, e os pés nus com unhas pintadas de um gritante violeta. Ela ergueu a cabeça quando as duas entraram, seu rosto estava alterado e molhado de lágrimas.

— Estraguei tudo — chorou Toy, dando um puxão frustrado no pano.

— Tentei, tentei, mas não consigo fazer um vestido direito. Odeio costurar!

— Meu bem... — começou Lovie, pondo a mão num ombro da jovem, por que não me pediu que a ajudasse?

— Eu não queria incomodar a senhora e achei que poderia fazer sozinha. Não parecia tão difícil quando comprei o molde. É o tecido, ele escorrega muito!

Com raiva, ela jogou o pano no chão.

— Calma — pediu Lovie. — E claro que você não sabia que este tecido é difícil de costurar.

— Principalmente para mim, que sou tão estúpida!

— Não, você não é estúpida — discordou Cara.

— Então, por que não consigo fazer o vestido? Uma porção de mulheres sabe costurar.

— Não é sua culpa se teve dificuldade — disse Lovie, olhando o molde. — Qualquer um teria. É um modelo muito difícil. Se não se importa, posso perguntar se teve aulas de corte e costura?

— Só aprendi o básico, na sétima série. Fizemos camisinhas de bebê, fronhas, panos de prato... Pensei que fosse conseguir. Mas é tão complicado!

— Costurar é uma das coisas que mais gosto de fazer e não é assim tão duro, mas é impossível construir uma casa se primeiro não se aprende a usar martelo e pregos...

—Lovie voltou-se para a filha, com os olhos brilhando.

— Não é verdade, Cara?

Cara percebeu a intenção.

— E verdade, sim, Toy. — Quando alguém nos ensina, podemos fazer tudo.

Toy permanecia zangada e silenciosa.

— Nem sempre o que queremos fazer é fácil — continuou Lovie. — Terei prazer em ensiná-la e acho que não poderemos estragar mais o tecido. Não fique assim.... Que tal irmos até a cidade comprar um molde mais fácil? Podemos, também, comprar um bonito corte de algodão, algo que não escorregue e faça a gente errar a costura...

— Eu vou com ela — ofereceu-se Cara. — Uma ida à cidade vai cansá-la muito, mamãe.

— Não preciso ser tão mimada assim — reagiu Lovie —, quero ir à cidade.

Cara percebeu a aflição nos olhos da mãe, pois ela sabia que não poderia sair para ir à praia e às compras durante muito tempo mais. Não insistiu.

— Outra coisa — acrescentou Lovie, voltando-se para Toy. — Um passarinho me contou que seu aniversário está chegando. Merece umas palmadas por não ter me contado!

— Não tem importância e não precisa fazer nada.

— Claro que vamos fazer alguma coisa. Você vai fazer dezoito anos! É um acontecimento importante.

Toy ficou vermelha e remexeu-se na cadeira.

— Se a senhora está pensando em me dar alguma coisa, peço-lhe que em vez disso dê para o bebê. Não consegui ainda comprar nada e ele precisa de tudo!

Por isso eu estou guardando todo dinheiro que ganho.

Cara emocionou-se, lembrando-se de quando tinha a idade de Toy, se achava em Chicago e mal ganhava para viver. Jamais se esqueceria do tipo de medo que sentira então.

— Vai ganhar praticamente tudo que o seu filhinho precisa quando fizermos o seu chá de bebê — afirmou Cara, determinada a fazer com que a moça tivesse tudo que precisava. — Mas para os seus dezoito anos, vai ganhar coisas para você!

— Vamos comprar-lhe um ou dois vestidos — interferiu Lovie, para você ficar bem bonita.

— Não, senhora. Isso não seria direito. Posso muito bem fazer minhas roupas...

Lovie olhou para o tecido caído no chão, Toy olhou-o também e recomeçou a chorar.

Cara e Lovie trocaram um olhar, certas de que a extrema sensibilidade de Toy era causada por hormônios.

— Não adianta discutir — sorriu Cara. — Mamãe quando cisma... Se ela decidiu vesti-la, vai vestir. E depois que você for à cidade com ela terá que sair comigo. Apenas nos responda "sim" e deixe-nos dar-lhe presentes pelo seu aniversário.

O rosto de Toy demonstrou confusão e Cara sentiu profunda ternura por ela. O orgulho da jovem estava sendo espicaçado e ela tentava reagir.

— Por favor, Toy — pediu, convincente. — Não vamos deixá-la em paz enquanto não concordar. Mamãe vai ficar muito contente fazendo isso por você.

Toy enxugou as lágrimas com as costas das mãos e Cara notou que ela estava mais calma.

— Está bem — assentiu a jovem, sem jeito. — Se dona Lovie fica contente, eu aceito um vestido. Um só.

Na tarde daquele mesmo dia Cara e Toy achavam-se sentadas sob um guarda-sol, numa mesa da calçada do Port City Java, para almoçar. No chão junto delas havia grandes sacolas com vestidos e shorts maternais, tops feitos com tecidos coloridos, lindos e de qualidade que Toy nunca usara. Ela jamais imaginara que havia até maios para grávidas! Havia também um enxoval completo, e no vinho, para recém-nascido.

No fundo da mente, Cara sabia que precisava tomar cuidado com gastos agora que não tinha ordenado, mas não se importou. Estava fazendo uma festa. Em Chicago estivera ocupada demais para fazer compras e, na verdade, jamais gostara de fazê-las. Nas lojas preferidas, as vendedoras a conheciam, sabiam seu gosto, e separavam para ela as peças que sempre acabava comprando. Para dar presentes, achava mais fácil usar o telefone ou comprar e enviar pela Internet.

Mas naquele dia tinha passado por uma experiência nova.

O entusiasmo de Toy quando experimentava vestido após vestido, as suas

exclamações de encanto diante de um par de sapatos eram um verdadeiro prazer. Lembrou-se de quando tinham passado pela sessão infantil da loja de departamentos Belk. Toy e ela haviam rido como crianças ao ver as roupinhas de bebê em cores pastel, os adoráveis e pequenos casaquinhos de tricô com ursinhos e gatinhos no peito. Toy queria apenas tocá-los. Cara a observara andar pela loja, pegando roupinhas, sentindo-as com os dedos com expressão enlevada.

— São tão pequeninas... — disse Toy, dando voz aos pensamentos de Cara.

— Podíamos comprar um destes macaquinhos. Toy riu:

— Azul ou cor-de-rosa?

— Hum... Amarelo-claro, eu acho. Para não magoar o bebê vestindo-o de rosa se for menino, de azul se for menina.

Aquelas compras tinham sido mais divertidas do que comprar cosméticos ou jóias.

— O que você acha? — perguntara Toy, encostando um "macaquinho" amarelo-claro diante do corpo.

Rendas delicadas e bordadas de patinhos em amarelo um pouco mais escuro enfeitavam a pequena peça. A roupinha sobre o ventre de Toy fizera ressaltar a realidade de que num futuro bem próximo um bebezinho a estaria usando e os olhos de Cara se haviam enchido de lágrimas. Comprara o macaquinho e várias outras peças. Quanto mais Toy dizia que não queria nada, mais ela insistia em comprar.

Cara pegou-se sorrindo com a lembrança e lançou por cima da mesa um olhar afetuoso para Toy que devorava seu sanduíche com apetite. Ocorreu-lhe, então, que se tivesse tido um filho quando tinha a idade de Toy agora ele seria mais velho do que a jovem.

Como será ter um filho, pensou. Como será trazer outro ser humano ao mundo? Olhou para o ventre crescido de Toy tentando imaginar vida dentro de si. Não conseguiu.

Ser mãe significava ser responsável pelo filho para o resto da vida. Teria que ter um emprego, uma casa e meios para se sustentar e à criança. Supôs que não seria muito diferente do que fazia agora. O que deveria ser diferente seria a perda da independência porque a criaturinha estaria agarrada às suas saias, exigindo cuidados. Sua mãe costumava dizer que desde que vira o rostinho do primeiro filho nunca mais tivera uma noite inteira de sono.

Tentou imaginar-se mãe, segurando o bebê junto ao peito e vendo a carinha dele pela primeira vez. Ver uma parte de si mesma nos olhos de outro ser. A visão a emocionou.

Em seguida, teve uma profunda sensação de perda: nunca teria um filho.

Piscou várias vezes, rapidamente, na tarde ensolarada diante daquela realização. Não que um dia tivesse decidido que jamais teria filhos, mas o fato é que estivera tão ocupada com sua carreira que jamais pensara no assunto. Agora ali estava, quase com quarenta anos, sentada no lado de fora de uma lanchonete, tomando um *capuccino* gelado e descobrindo que se esquecera de ter filhos!

— Eu queria que dona Lovie tivesse vindo com a gente— dizia Toy naquele momento. — Ela adora este sanduíche

Cara virou a cabeça, compreendendo que a jovem falava com ela.

— O quê? Desculpe... O que você disse?

— Podemos levar um sanduíche destes para dona Lovie? Cara tratou de colocar sua cabeça na vida real, mesmo porque continuar descobrindo as próprias emoções era muito triste.

— Boa idéia, mas não sei se mamãe iria comê-lo. Esta temperado demais e o apetite dela vem se tornando cada vez mais delicado.

Toy colocou seu sanduíche no prato, numa dramática demonstração de tristeza.

— E eu não sei? Tenho tentado cozinhar de todas as maneiras que sei que ela gosta, mas faça a comida que eu faça ela come como um passarinho.

— Não tome isso como ofensa pessoal, Toy. E a doença Tive uma longa conversa com o médico de mamãe outro dia e ele acha que, considerando tudo, ela vai muito bem. Seu nível de energia é bom e a disposição, admirável. Mas me avisou de que não vai demorar muito a começar a...

Ela hesitou. Não queria dar voz à palavra "deteriorar-se" Parecia-lhe desumano, como um espécime morrendo num laboratório ou uma fruta apodrecendo na geladeira... Com esforço, continuou:

— Logo ela terá dificuldade em comer qualquer coisa. O rosto de Toy espelhava o desespero das duas.

— Não consigo acreditar que isso está mesmo acontecendo. Cara largou o garfo no prato.

— Eu sei... Vai ser muito duro. Vamos precisar uma da outra, Toy, para nos ajudarmos e nos apoiar.

Toy assentiu, solene e Cara prosseguiu:

— Vivo pensando em como ela era quando eu estava crescendo... Mamãe tinha tanta energia, Toy, e como gostava de fazer compras! O que fizemos hoje para ela era brincadeira. Seu nome estava em primeiro lugar nas listas de todos os gerentes de lojas da King Street. — Cara sorriu com a lembrança. — Você devia tê-la conhecido naquele tempo. Era tão linda! Tinha a cintura muito fina e lindos cabelos loiros. Sempre estava arrumada... — Riu daquele seu jeito irônico.

Imagino o par que fazíamos. Sempre me senti desajeitada e feia. Ir comprar vestidos era uma tortura. Sentia-me tão grande e sem graça ao lado dela! Quanto mais linda ela era, mais esquisita me sentia. Mamãe jamais compreendeu meu desejo de ser como ela. E, é claro, eu não podia dizer-lhe. Acho que nem mesmo sabia disso naquele tempo. Nossas idas a lojas sempre acabavam em briga e passávamos dias amuadas. Acho que esse é o motivo pelo qual até hoje detesto fazer compras ou estrear vestidos.

Viu a expressão de Toy mudar e tornar-se culpada.

— Oh! Mas adorei fazer compras com você! — assegurou Cara. — Afinal de contas, você e o bebê "experimentaram" as roupas, eu só assisti e me diverti!

Toy pareceu acreditar.

— Bem — disse, em tom despreocupado —, você se tornou perfeita. Eu

queria ser alta e esguia como você. Parece uma modelo.

— Exagero. Mas falando nisso, mamãe vai lhe pedir que Faça um desfile com as roupas novas quando chegarmos. Pode se preparar.

Toy tornou a pegar o sanduíche com ambas as mãos e deu-lhe uma enorme mordida. Começou a dizer algo, porém calou-se e dedicou-se apenas a mastigar. Cara disfarçou o sorriso. Depois de engolir, Toy apontou para o prato dela.

— Você vai comer só essa salada? Sinto-me um hipopótamo ao seu lado.

— Vou sair com Brett para jantar, por isso quero deixai' bastante lugar.

— De novo?

Por um instante Cara deixou-se envolver pelas lembranças da noite anterior. Passara o tempo todo naquele dia pensando por que ficara tão contente com aquela noite se não haviam passado de um beijo. Verdade que tinha sido um grande beijo!

— Vamos fazer a planta da varanda hoje à noite — disse, tentando parecer casual mesmo ao ver as palavras "Não diga!" nos olhos de Toy. — Ele acha que pode começar a trabalhar no fim da semana. Você acredita?

— Acredito que ele é capaz de remover montanhas por você.

— O que quer dizer?

Toy limpou os lábios demoradamente com o guardanapo.

— Vi o modo como a olha.

Cara tentou não rir e abaixou a cabeça, mexendo seu suco gelado com o canudinho.

— Isso não é motivo para ele fazer o trabalho. Eu lhe contei o estado de mamãe e foi como ter acendido um pavio nele. Não vê a hora de começar e acabar o trabalho. É um homem muito gentil.

— Muito gentil e calmo, porém forte, entende? Não existem muitos homens como ele, pelo menos que eu conheça.

— Pode acreditar em mim: não existem, mesmo.

— Acho que Darryl jamais olharia para mim como Brett olha para você.

— Por que se importa com o modo que ele olha para você? Toy colocou o sanduíche meio comido no prato.

— Há uma coisa que devo lhe dizer. Não quis preocupar dona Lovie, por isso é bom falarmos enquanto estamos a sós.

— Diga, estou ouvindo.

— É Darryl. Telefonei para ele, só para saber como ia... — apressou-se a acrescentar Toy, ao ver um clarão passar nos olhos de Cara.

— Ficamos muito tempo juntos, entende?

Cara tomou um gole do suco e procurou manter a voz calma, quando por dentro fervia.

— E o que Darryl disse?

— Não muito. Ele é um verme. Estava com uma moça e não se importou por

eu perceber. Acho que até quis que eu a ouvisse, para me castigar, entende? — Suspirou. — Como se eu merecesse.

— Assim mesmo a traição machucou-a, tenho certeza — comentou Cara, pensando em Richard.

Toy anuiu, triste.

— Bem, o jeito é passar por cima, Toy...

A jovem mexeu-se na cadeira e manteve os olhos baixos.

— Há mais alguma coisa? — quis saber Cara.

— Ele deve ter posto um Bina no telefone porque ficou sabendo o número da nossa casa. Telefonou-me outro dia... Mas eu desliguei.

— Sei... — Cara recostou-se na cadeira enquanto mil possibilidades passavam-lhe pela cabeça, nenhuma delas boa. — O que acha que ele pode fazer?

— Darryl? Com ele tudo é possível. Acha que eu sou sua propriedade, entende?

Cara sentiu o coração acelerar.

— Então, acha que ele seria capaz de ir lá em casa?

— Não sei... — A voz de Toy soou rouca de medo. — Eu lhe disse para não ir.

— Está bem. O que ele disse, exatamente?

— Não me lembro direito. Alguma coisa como eu não tenho direito de lhe dizer o que ele pode ou não fazer, que se ele for lá vai me levar embora... — A voz dela começou a tremer. — Sei que quando Darryl fala assim, suave e de um jeito estranho, é porque está muito bravo.

— Não há motivo para você ter medo, isso pode fazer mal ao bebê. Por que não toma um pouco do seu suco e depois me fala sobre esse homem?

Toy fez que sim. Tomou suco, depois seguiu o conselho de Cara e comeu mais um pouco. Se bem que aparentemente Cara estivesse calma, estava muito preocupada, com vontade de ir correndo para casa e fechar todas as portas e janelas.

— O que Darryl faz para viver? — perguntou.

— Bom, na verdade o que ele quer é tocar na sua banda.

É muito bom, precisa ouvi-lo. Toca country rock e também escreve canções. Compôs uma a meu respeito. Vive falando em ir para a Califórnia, onde poderá ser reconhecido. Di que ninguém irá descobri-lo aqui. Tudo que precisa é de uma chance.

Cara fingiu não perceber o orgulho na voz de Toy.

— Ele consegue se sustentar com a música?

— Não. Pelo menos, ainda não. Faz outros trabalhos, último emprego que teve foi na loja *As Melhores Compras* vendendo aparelhos de som e CDs. Antes trabalhou com garçom num bar. Ele gosta de ficar por perto de onde h música.

— Num bar? Quantos anos ele tem?

— Vinte e quatro.

— *Vinte e quatro?* Mas você ainda nem fez dezoito! Quantos anos tinha quando começou a namorá-lo?

— Dezesseis, mas só fui morar com ele quando fiz dezessete — Toy apressou-se a explicar. — Antes, ele disse que eu era muito jovem.

— E não achou que uma garota de dezesseis anos ser jovem demais para um homem de vinte e quatro? Ele não conhece a lei? Toy, se ele fizer algo errado você pode mandá-lo para a cadeia!

— Não quero fazer isso! Eu já disse que o amo e que ele foi bom para mim. Tomou conta de mim quando meus pai me puseram na rua.

Tudo que Cara podia pensar era como eram horríveis o pai que entregavam sua filha nas mãos de um homem com aquele.

— Acha que Darryl ainda a ama? — Ao ver que Toy abaixava a cabeça e sacudia os ombros, ela perguntou: — Bem, para ser mais exata, acha que ele ainda pensa que você lhe pertence? Porque se assim for, acredito que é bem capaz de aparecer.

— Não telefonei para Darryl querendo isso. Verdade. Apenas senti saudade e quis ouvir a voz dele. Não pensei que pudesse descobrir onde eu estava. Você acha que ele pode descobrir o endereço?

— Se ele quiser mesmo encontrá-la, pode. Precisamos estar preparadas para isso. Não quero que ele perturbe minha mãe.

— Oh! Não se preocupe! Ele não vai fazer nada à dona Lovie, nem a você. Darryl não é tão louco assim. Se ele aparecer, vai ser só para falar comigo. E se for preciso, irei com ele para não haver confusão.

— Oh! Sim, vai haver a maior confusão se esse cretino pensa que pode forçá-la a voltar para ele.

Apesar da resolução de se manter calma, Cara ergueu a voz ao imaginar Toy arrastada para longe de casa por aquele brutamontes.

— Não quero que haja confusão alguma, Cara — disse a moça, com medo faiscando nos olhos. — Talvez seja melhor eu ir embora.

— Sei que você não quer confusão — Cara voltou a falar com suavidade — e nem me passou pela cabeça que deve ir embora. Mas caso haja problemas, você tem algum lugar para ir, pelo menos por alguns dias? Não por nossa causa, mas por você. Talvez a casa dos seus pais, por uma noite apenas?

— Não. Eles não me querem de volta e eu também não quero ir. Foi por isso que fui para o albergue, logo que me puseram para fora. Se não ficar em casa, o único lugar que tenho para onde ir é o albergue... Ou voltar com Darryl.

— Isto está fora de questão. De qualquer maneira, você teria que enfrentar esta situação cedo ou tarde. — Por um momento nenhuma das duas falou. — Não. O melhor é você ficar em casa. Vamos dar um jeito.

— Cara, por mais que eu adore morar com dona Lovie e você... Quero dizer, por mais que esta seja a vez que eu realmente tive uma casa de verdade... Talvez

seja melhor eu ir para a casa de Darryl logo.

Cara apoiou os cotovelos na mesa e ficou beliscando o lábio inferior. Em momentos como esse se arrependia por ter deixado de fumar. Observou o rosto de Toy e viu nele a teimosa determinação que vira nos olhos dela no dia em que se haviam conhecido.

— Só me responda uma coisa, Toy. Você *quer* voltar para ele?

Toy encarou-a com indecisão nos olhos límpidos. Cara sacudiu a cabeça.

— Oh! Toy...

— Estou tão confusa! Não sei o que quero fazer... — Ela começou a chorar, com as mãos cobrindo o rosto. — Ainda o amo. Não quero perdê-lo. Ele é o pai do meu filho.

— Ela descobriu o rosto e disse, com aflição: — E agora você esta zangada comigo. Ou com nojo de mim!

— Não, não, Toy. Não estou zangada, muito menos com nojo. Esse é o seu sentimento e, por mais que não concorde aceito o que você sente. O que mais me preocupa agora é a sua segurança... E a segurança do seu filho.

— Estou com medo por meu bebê, também. Não me importo com o que ele fizer comigo.

— Mas devia se importar, Toy. Não se esqueça, ele já a espancou uma vez. Não deve dar-lhe outra chance de fazer isso.

— Não vou dar. Mas também ele não vai bater em mim.

— Quer correr esse risco com o bebê?

— Não.

— Então, está bem. Parece-me que você não está pronta para voltar a viver com Darryl. Pelo menos, ainda não.

Toy assentiu com a cabeça.

— Neste caso, está resolvido. Você fica conosco. Se ele telefonar de novo você me conta?

— Ele não vai telefonar.

— Mas se telefonar?

— Conto a você.

— E qualquer outra coisa, como bilhetes, flores, mas especialmente se ele for ao chalé... Você precisa me contar. Isso é tudo que eu peço.

— Está bem.

Cara podia apenas esperar que Toy o fizesse. Jurou a si mesma que não permitiria que Darryl abusasse daquela criança de novo e estava feliz com a perspectiva de ter Brett em casa nas próximas semanas. Forçou-se a pegar o garfo e terminar a salada, também para se acalmar. No entanto, sentiu que se comesse sufocaria. A sua frente estava Toy, arrasada. Não podia deixar que Darryl estragasse o dia delas.

— Eu estava pensando — disse, mudando de assunto com voz otimista. —

Se você não estiver muito cansada poderemos ir fazer as unhas. O trabalho no jardim acabou com minhas mãos. Ouvi falar no salão de beleza chamado "Paraíso das Tesouras"... e já que vai ser seu aniversário, não quer dar um jeito no cabelo, também? Um corte novo... Disseram-me que Terri é um mágico. O que acha de irmos até lá?

— Verdade? Ouvi falar desse salão. Tem certeza? Cara fitou o rosto de Toy. Tinha em mente uma reforma, porém muito mais profunda do que de roupas e cabelo. Sob a maquiagem pesada e o cabelo amarelo brilhante Cara via uma menina insegura procurando seu rumo. Toy tinha bom coração e era inteligente. Só precisava de uma chance.

— Tenho, sim.

Uma garçonete aproximou-se para tirar os pratos.

— Não, não leve isso! — pediu Toy quando a moça ia levar embora o doce.

Pegou o garfo e cortou um pedaço da torta de nozes coberta com chantilly.

Cara notou que a garçonete deu uma olhada intencional no ventre intumescido de Toy, que não era muito mais velha do que ela.

Mas pelo cabelo castanho, bem-cuidado, preso no alto da cabeça, pelas calças e top justos, realçando o ventre achatado, e os brincos de pérola, era evidente que aquela moça viera de um mundo muito diferente do de Toy. Cara inclinou-se para frente.

— Espero que não se importe de eu perguntar, você tirou o diploma do terceiro grau?

Toy fez que não.

— Não pude. Quero dizer, eu poderia ter tirado, mas estar grávida tornou tudo muito embaraçoso. E Darryl não quis que eu continuasse estudando. Ele disse que eu não precisava. Aí achei que se quisesse estudar, mesmo, poderia fazê-lo depois.

— E você quer?

A jovem ergueu a cabeça, surpreendida com a pergunta.

— Acho que sim.

— Você pode estudar! Por que não tentamos o exame de Madureza? Se você estudar bastante, vai conseguir o diploma do terceiro grau, no fim do verão. Eu ajudo.

— Por que quer fazer isso por mim? Cara abriu as mãos sobre a mesa.

— Eu estava pensando... Se tivesse tido um filho com dezenove anos ele agora estaria mais ou menos com a sua idade. Eu sei, eu sei... — Ela riu. — Esse pensamento também me surpreendeu. Depois do choque de descobrir que era velha o bastante para ser sua mãe, pensei em como seria bom ter uma filha com a sua idade... Uma filha como você

Toy largou o garfo.

— Jamais poderia imaginar que você seria capaz de pensar em mim desse jeito.

— Podemos ter começado nosso relacionamento de modo ruim, mas creio

que aos poucos aprendemos a confiar uma na outra... E a gostarmos uma da outra, não é?

A jovem assentiu.

— Passei a gostar muito de você quando me defendeu do Palmer.

— Provavelmente não vou ter filhos... — Cara falou como se pensasse nessa possibilidade pela primeira vez — ainda menos, netos. Por isso quero muito que me deixe ajudá-la.

Olhando para seu ventre, Toy passou a alisá-lo com as pequenas mãos.

— E estranho, mas quando era pequena e meu pai e minha mãe brigavam eu puxava as cobertas para cima da cabeça e desejava ser adotada por alguma família. Uma família verdadeira, com uma bonita casa e pessoas que sorrissem umas para as outras, que conversassem e se dissessem ate logo quando saíssem.

Ela fez uma pausa e olhou para Cara, com ansiedade nos grandes olhos azuis.

— Sou muito feliz no Chalé das Prímulas porque lá é igualzinho o que sonhei, como se você e dona Lovie me tivessem adotado. Mas não adotaram, é claro — apressou-se a acrescentar, como se não devesse ter dito aquilo. — Agora eu cresci e logo vou ter um filho. Mas quero que você saiba que o que acaba de me dizer significa muito para mim. Muito, mesmo!

A garganta de Cara apertou-se ao ouvir aquilo. Sabia o quanto custara a Toy dizer aquelas palavras. Ambas haviam exposto seus pontos mais vulneráveis, uma à outra, e por isso tudo mudara para elas. Inclinou-se e pôs a mão sobre a de Toy. Era um gesto impulsivo, vindo do coração. Mas quando olhou suas mãos unidas, ela percebeu que havia imitado um gesto familiar de sua mãe.

Cerca de dezoito mil caretas aninham em cada temporada no sudeste dos Estados Unidos, a maior parte delas nas praias ao leste da Flórida. As tartarugas-do-mar viajam enormes distâncias quando migram entre as áreas em que se alimentam e as praias aonde vão fazer seus ninhos. Se bem que existam muitas teorias, nenhuma explica ao certo por que as tartarugas sempre fazem tão longas viagens para nidificar.

CAPÍTULO XIV

No meio de uma confusão de sons de serrote de martelos e gritos, Brett e seu pessoal conseguiram terminar a varanda e a pérgola no final d junho. Todos haviam colocado o projeto acima de qualquer outro empreendimento e trabalhavam desde o amanhece até a noite nos dias em que podiam comparecer. Cara contratara outros homens para pintar não só a varanda nova como também a casa inteira. Lovie dizia que era como se Deus tivesse tirado o pó da casa, dando-lhe uma boa sacudidela, depois a tivesse recolocado no lugar e alisado toda as rugas.

Ninguém estava mais radiante do que Lovie. Ela sentia-s como era antes e voltara a tomar decisões. Era doloroso admitir, mas começava a sentir tristeza. Claro, estava entusiasmada com a restauração, mas ficava a maior parte do tempo

sentada em sua cadeira de balanço e sentia-se roubada, sabendo que de um dia para outro teria que passar o que lhe restasse de vida numa poltrona, vendo televisão. Entregara o controle de suas finanças primeiro a Stratton, depois a Palmer, sem se importar. Mas a casa da praia sempre havia sido seu território. Parecia-lhe que ela e o Chalé das Prímulas tinham sido devastados — um pelo furacão, outra pelo câncer.

Quando os trabalhos haviam começado, tentara não atrapalhar. Poucos meses atrás Cara nem sequer repararia em sua mãe sentada na cadeira de balanço, sozinha, apartada de todos. Mas agora reparava e fazia o possível para que a mãe tomasse decisões. Por exemplo, pressionava Lovie a dizer exatamente que tom de amarelo combinava com a casa, a lembrar-se onde estavam as velhas palmeiras quando o Hugo as arrancara e a determinar onde deviam plantar as novas. Trouxera-lhe inúmeros catálogos e Toy a levava a floriculturas para escolher o número e a variedade de roseiras que outrora enfeitavam magnificamente a pérgola. Mais do que tudo, Cara insistia em provar que o Chalé das Prímulas pertencia e sempre pertencera a Olívia Rutledge.

E o plano dela funcionou: Lovie sentiu-se viva de novo, viva como não se sentia havia vários anos. Quando dirigiu a plantação das sete novas palmeiras ao redor da propriedade teve a sensação de estar de volta ao dia em que comprara a pequena casa da praia.

Naquele tempo existiam pouquíssimas casas na ilha e muitas árvores. E se bem que Cara fizesse o trabalho físico em si, Lovie foi quem plantou as novas roseiras trepadeiras de rosas vermelhas que um dia se arqueariam sobre a pérgola.

Cada manhã das três semanas de reforma, Lovie acordava e agradecia a Deus. Primeiro, por estar acordando mais um dia, depois pela rotina simples que preenchia os dias e os corações das mulheres do Chalé das Prímulas, aproximando-as mais umas das outras.

Por fim, certa manhã a varanda estava pronta e os homens não chegaram com seus martelos e serrotes. A paz estava restaurada. Lovie passeava sozinha pelo jardim, respirando o ar suave e observando todas as mudanças. Através da janela via Toy trabalhando, limpando a casa e preparando o café da manhã. Ela cantarolava e valsava entre os cômodos. Cara era visível do outro lado da rua indo pela trilha que levava à praia, usando a camisa verde do Grupo das Tartarugas e o balde vermelho pendurado no braço. Andava com a confiança natural de quem nasceu para líder. Além do equipamento, levava consigo todos os sonhos e as esperanças da mãe.

Lovie respirou fundo, com a sensação de quem corra muito e acabara de passar a tocha. Não era assim tão ruim ficar velha, pensou. Não tinha pressa de ir a algum lugar para fazer alguma coisa. Também era bom ficar em casa e ver abrirem-se de novo as flores silvestres, pensando em onde poderia plantar mais algumas. Também era lindo ficar no alto de uma duna pela manhã, bem cedo, e olhar a maravilha de um milagre acontecendo ali, bem diante de seus olhos.

Na primeira semana de julho Lovie acordou inspirado Seu coração batia de entusiasmo e suas faces estavam coradas quando chamou Toy e Cara para a mesa.

— Quero fazer uma grande comemoração no Dia Quatro de Julho em honra à restauração do Chalé das Prímulas, Quero todos juntos, minha família e amigos,

aqui na casa da praia outra vez.

— Mas, mamãe, é daqui a quatro dias!

— É tempo bastante. Por quê? — perguntou seca. — Você tinha planejado alguma coisa para o feriado?

— Não, não exatamente. Só pensei...

— Eu também não planejei nada — interferiu Toy, chutando Cara por baixo da mesa.

O entusiasmo de Lovie era contagioso. Antes de terminou a primeira xícara de café as três mulheres passaram a agir Desenterraram o velho caderno com receitas de antigos acepipes da família e fizeram uma longa lista dos diferentes pratos que iam preparar porque todos sabiam que o almoço de um dia festivo era sem graça sem uma impressionante quantidade de boa comida feita em casa.

Lovie borbulhava de idéias, toda uma matriarca de novo, escrevendo a lista.

— Vou fazer a broa da tia Libby. É leve como uma nuvem. E a galinha frita da minha mãe. Ah, e o molho para churrasco do vovô Clayton. Toy, pode fazer aquela sua salada de batatas? E divina! — Bateu com o lápis nos dentes. — Espero que haja lugar na geladeira para tudo!

— A gente arranja lugar — garantiu Toy. — Podemos também guardar alguns pratos na geladeira de Fio.

Lovie largou o lápis na mesa e disse, com olhar sonhador:

— Mais do que tudo, quero ficar bastante tempo com Linnea e Cooper. Meus queridinhos... Quase não os vejo mais. Será que poderemos ir à praia? Todos juntos? Cara, não consigo me lembrar da última vez que a vi entrar no mar.

— Claro que poderemos ir à praia, mamãe. Poderemos fazer tudo que você quiser. Mas vou tratar de acabar de pintar a pérgola hoje ou vamos comer essas coisas boas todas sob tinta pingando!

— Eu ajudo — ofereceu Toy. Cara assentiu:

— Obrigada! Depois eu ajudo a fazer a comida.

As duas sorriram, cheias de cumplicidade e Lovie, que percebeu isso, sorriu também.

— Enquanto vocês duas trabalham, vou dar uma volta por aí. Está quente demais para lidar com forno. Fio e eu combinamos de ir à cidade, vou aproveitar para comprar alguns bolos e tortas. E no caminho de volta vou parar na Belva's para comprar flores vermelhas, brancas e azuis.

— Não fique muito tempo fora e não carregue muita coisa, mamãe!

— Não se preocupe, estou ótima. E Fio vai estar comigo. — Lovie tornou a pegar o lápis e o apoiou no bloco. — Precisamos fazer uma lista de convidados. Vou telefonar para Palmer e Júlia antes de sair. Eles têm sempre compromissos, mas espero que possam vir.

— Virão — afirmou Cara com férrea certeza.

— E, claro, Florence e Miranda.

— Emmi vai ter um troço se não a convidarmos — disse Cara.

— Claro, Emmi! Tom virá também?

— Ele está sempre viajando...

Cara encontrou o olhar significativo da mãe.

— E os filhos dela? Virão para o fim de semana? Pode ser que Emmi tenha planos.

— Ela poderá trazê-los. — Cara deu uma olhada para Toy. — Os dois rapazes têm mais ou menos a sua idade. Talvez sejam um ou dois anos mais velhos. A última vez em que os vi estavam muito bonitos.

— Oh! Claro, poderiam interessar-se por mim...

Toy rolou os olhos, mas não antes que Cara visse um brilho doloroso neles. Lovie balançou o lápis.

— Você acha que Brett viria, filha?

— Tenho certeza que sim. Ele tem tanto orgulho da varanda quanto você.

— Um orgulho justificado.

Toy riu:

— Acho que se ele vier é só por causa da varanda! Cara fuzilou-a com o olhar.

— As coisas parecem estar indo bem entre vocês dois — comentou Lovie, bem-humorada. — Olharam-se através da varanda durante semanas! E, doçura, nunca viu duas pessoas combinarem tão bem... em todos os pontos, acho.

— Somos amigos.

Ao ver que a mãe erguia as sobrancelhas, Cara sentiu-se espicaçada.

— Por que tem tanta dificuldade em acreditar? Um homem e uma mulher nem sempre pensam em caminhar para o altar.

— Quando encontram o par certo, pensam — afirmou Toy, enfática.

— Temos as garotas para serem amigas. Por que ir contra tudo que é normal só para sermos amigas de rapazes?

— Tenho mais amigos do que amigas — retorquiu Cara. — E se um dia me casar, será com um homem que primeiro tenha sido meu amigo.

Toy olhou-a como se jamais houvesse sequer pensado nesse conceito.

Lovie riu com gosto.

— Cara, acho que é a primeira vez que a ouço mencionar a possibilidade de se casar.

— Não se encha de esperanças, mamãe, eu falei de maneira geral.

— Ainda não estou pensando em reservar o salão de festas do clube para o casamento. Simplesmente acho maravilhoso você ter encontrado um homem bom e atencioso como Brett. Sempre gostei desse menino. Ele é um doador, pensa nos outros antes de si mesmo e esta é uma qualidade rara hoje em dia. Você também é boa para ele. Por todos estes pontos positivos, esse é um barco que tomará bom rumo.

— Oh! Mamãe, pelo amor de Deus!

— Cara, não invoque o nome do Senhor em vão!

— Sim, desculpe. Mas por que diz essas coisas? Brett e eu não nos encontramos. Isto implicaria em que nos havíamos perdido.

Os lábios de Lovie tremeram.

— Bem, já que você põe nesses termos...

Toy sacudiu a cabeça.

— Eu acho que quando a gente diz que encontrou alguém significa que estava procurando o rapaz certo.

— Não estou procurando nada a não ser, talvez, um emprego:

— Você não gosta do fato de não poder controlar-se diante do amor

— argumentou Lovie.

— Talvez eu não acredite no amor.

— Isso é loucura! — rebateu Toy, parecendo impressionada com aquela idéia. — Há um alguém para todos.

— Alguém ou qualquer um? Há diferença... Qualquer um não basta para mim. Não vou aceitar. Prefiro viver sozinha, muito obrigada.

Sem fala, Toy inclinou-se para trás na cadeira.

— Brett e eu gostamos muito um do outro — explicou Cara.

— Gostamos de passar algum tempo juntos. Ele é um homem atraente, mas nenhum de nós dois está pensando em algo permanente. Aceitamos as coisas como elas são. No máximo, o flerte de um verão.

— Um verão pode mudar muitas vidas... Murmurou Lovie. Olhou para a filha. Os olhos negros de Cara eram insondáveis. Sentia-se culpada pela certeza de que seu casamento infeliz levava Cara a ter essa opinião. Era uma pena que sua filha visse o amor sob a lente errada e considerasse o casamento uma armadilha que anulava o espírito da mulher. Lovie rezou para que naquele verão Cara abrisse o coração para o amor entrar.

Nunca poderia dizer a ela o quanto o verdadeiro amor — o amor que experimentara com Russel num único verão dourado — era como a maré que consegue alisar até o solo mais árido. Nem como um verão pode durar a vida inteira.

Não. Não poderia dizer isto à filha.

— Bem, então — disse olhando de novo para a lista —, isso nos leva a um total de treze pessoas.

— Treze? — sobressaltou-se Toy. — Não traz azar?

— Não, necessariamente — respondeu Lovie. — Mas, pelo sim ou pelo não, vou fazer um caldeirão de lentilhas. — Deu um sorriso doce-amargo. — Quero fazer esse prato uma vez mais.

Quando ela abaixou a cabeça, terminando a lista Cara inclinou a cadeira para trás e olhou pela janela, enquanto Toy pôs-se a raspar com uma unha algo invisível na mesa. As três mulheres, quietamente, pensaram em que Lovie não estaria ali na

passagem do ano para fazer o tradicional prato sulista: lentilhas que traziam sorte no Ano-Novo.

— Lovie Rutledge, é você que está xeretando na minha cozinha?

Miranda você saiu da cama! Que maravilha! Isso quer dizer que está melhor.

Lovie foi abraçar Miranda, que caminhava pela sala apoiada a um andador. Suas mãos longas e magras seguravam com força o aparelho para manter o equilíbrio. Anos atrás Miranda costumava chamar aos gritos Lovie e Fio de anãs e tinha uma voz que combinava com seu tamanho. Infelizmente, os últimos dez anos não haviam sido bons para ela. Aos noventa ia ficando cada vez mais fraca e confusa. No entanto, nos seus bons dias, os olhos claros irradiavam calor e sabedoria. Aquele era um bom dia.

— Eu quase fui visitar Jesus, mas continuo aqui por enquanto

— replicou Miranda. — Esta não é época de ficar doente. Eu não poderia perder o nascimento das tartaruguinhas, poderia?

— Os ninhos não seriam os mesmos sem você. Estamos esperando a primeira eclosão por estes dias.

— Eu sei. Também estou esperando.

— Temos que vigiar primeiro o ninho da Sexta Avenida. De acordo com minhas anotações, as tartaruguinhas dele deverão nascer ali pelo dia seis de julho. Acha isso um bom augúrio?

Os olhos de Miranda brilharam.

— Nunca se sabe, essas tartarugas são manhosas. Desde o momento que Miranda Prescott fora morar com a filha na Ilha das Palmas devotara-se ao que chamava "seus filhos". Não queria que a incomodassem com rastros de tartarugas, para mudar ninhos ou com os regulamentos do Departamento de Recursos Naturais. Tudo que lhe importava era a eclosão dos ovos das tartarugas e, em todas as temporadas, visitava cada ninho que estivesse eclodindo no seu trecho de praia.

— Vou oferecer um almoço no Quatro de Julho — disse Lovie.

— Você vai?

— Você o quê? Lovie ergueu a voz.

— Um almoço. No dia Quatro.

Os olhos de Miranda, lacrimosos pela idade, demonstravam incompreensão.

— Disseram-me que vocês, meninas, vão à cidade agora de manhã.

Essa afirmativa que mais era uma pergunta fez Lovie rir. Era muito engraçado Fio e ela serem chamadas de "meninas" por Miranda.

— Vamos dar um passeio. Você quer ir?

— Eu? Meu Deus, não! Quem quer se enfiar naquele tráfego com este calor? Tenho muita pena de ver os cavalos trabalhando nessa quentura toda. Prefiro sentar na minha varanda e ficar repassando minhas histórias.

— Devemos ir à rotisserie comprar uns bolos e umas tortas. Vou trazer uns doces para você. Quando voltarmos poderemos conversar um pouco e tomar um chá. Gosta da idéia?

Miranda sorriu trêmula, com um vago aceno de cabeça, voltou-lhe as costas e saiu andando, ao mesmo tempo em que resmungava alguma coisa que Lovie não entendeu.

Um momento depois, ouviu a voz de Fio dizendo à mãe aonde ia. Quando ela entrou na sala o ar pareceu estilhaçar-se ao seu redor. Estava com uma saia caqui bastante curta e uma camiseta com vibrantes listras vermelhas e brancas que realçavam a pele morena.

— Ei, querida! Não está nada bonita com esse vestido azul. Vestiu-se apenas para ir ao banco?

Lovie apertou a bolsa ao peito do seu conservador vestido, nervosa com o comentário. Apesar do calor, usava meias de náilon, sapatos e uma blusinha de lã fina para protegê-la do frio ar-condicionado.

— E que estou pronta desde cedo... —justificou. Fio hesitou, olhando-a com atenção.

— Tem certeza do que vai fazer? Depois de todos esses mos, quer fazer isso agora?

Lovie assentiu, com o olhar determinado.

— Se não for agora, quando? Bobby Lee Davis deve estar me esperando e disse que chamaria o advogado também. Está tudo combinado. Ele disse que é mais fácil do que jogar Bridget. A única coisa que deverei fazer é assinar alguns documentos. Aliás — acrescentou, com brilho no olhar, estamos preparando um almoço para o dia Quatro de Julho, quando comemoramos nossa independência. Acha que combina?

Aproxima-se o momento dos ovos eclodirem. No ninho, a tartaruga-bebê quebra o ovo com seu dente-de-ovo. O filhote permanecerá no ninho por vários dias, para absorver toda a gema, a fim de reunir energias para sobreviver. Ele precisa, também, esperar que sua carapaça enrijeça.

CAPÍTULO XV

Naquela manhã do Dia Quatro de Julho os irrigadores giravam aspergindo água para que o jardim ficasse mais festivo. Havia alugado mesas compridas, colocaram-nas na sala, cobriram-nas com toalhas de papel de um azul brilhante, fizeram pilhas de pratos de papelão em cada extremidade, acrescentaram talheres de plástico e flores.

Ninguém queria perder a tarde lavando louça quando havia fogos de artifício para serem vistos. Cara e Toy haviam enfeitado a sala e as varandas com flâmulas de papel crepom azul, vermelho e branco, além de balões com a bandeira americana; tinham também pendurado cordões de lâmpadas brancas na sala, como Lovie mãe sempre fizera. Quando criança, Cara achava que elas eram como estrelas e esperava que os sobrinhos, Linnea e Cooper, também achassem.

Ela atravessava a sala para ir buscar mais fita colante quando viu a mãe ajeitando álbuns de fotografia sobre a mesa.

— O que é isso tudo, mamãe?

Lovie ergueu a cabeça para fitá-la e respondeu, com orgulho:

— E o fruto do meu trabalho dos últimos meses. Um projeto que sempre adiei. Por fim, reuni todas as fotos espalhadas da família e coloquei-as em ordem pelas datas. Não sabia que eram tantas. Ficaram guardadas em caixas de sapatos durante anos. Venha ver — chamou, sentando-se no sofá com dois álbuns. — Separei as fotografias feitas quando você e Palmer eram crianças e fiz um álbum para cada um. Achei que gostariam de ficar com eles.

Cara foi sentar-se ao lado da mãe no amplo sofá estofado com pano florido. Pegou o álbum que tinha o nome Caretta em letras douradas na capa e, com gesto reverente, passou a ponta dos dedos pelo couro macio, azul-marinho.

— Obrigada — disse, emocionada. — E lindo.

Lovie sorriu, tocando ansiosamente o álbum. Era evidente que só o fato de ver os álbuns causava-lhe imenso prazer.

— Coloquei o restante das fotos em outros álbuns, pela ordem dos anos. Pareceu-me o sistema mais fácil.

Cara olhou os demais álbuns sobre a mesa. Havia pelo menos dez e representavam várias décadas.

— Tantos anos... — murmurou, sentindo cada um do; seus trinta e oito. — Você fez um trabalho incrível.

— Não terminei, ainda, tudo que quero fazer... — replicou a mãe, corando pelo cumprimento.

Quando a filha abriu o álbum, chegou mais perto dela para olhar também.

Cara sentia-se feliz sentada ao lado de Lovie, ombro a ombro, as mãos quase se tocando quando esvoaçavam sobre as páginas. Viram fotos de Cara aprendendo a surfar, pescando com Palmer, sentada ao piano nos recitais da escola, com os olhos cheios de lágrimas, mas sorrindo no ônibus que a levaria para o acampamento, vestida de acordo com a etiqueta para as festas de Halloween, Páscoa e Ano-Novo. Ela revivia os momentos mais felizes da infância, anos que a raiva nublara.

— Olhe essa aí! — riu Cara.

Era um orgulhoso Palmer, não muito mais velho do que Cooper agora, peito estufado e um dente incisivo faltando, com as duas mãos segurando o volante da lancha.

— Tal pai, tal filho — acrescentou.

Lovie riu também, inclinando-se para frente a fim de ver melhor.

Passaram por várias páginas, então pegaram os outros álbuns, percorrendo-os ano a ano. Cara reconhecia a maioria das fotos e sorria ao vê-las. Compreendeu que a mãe fizera muito mais do que organizar a infância dela e de Palmer, do que registrar a história da família. Reunira experiências e emoções para seus filhos e netos lembrarem o guardarem para sempre.

— Quem é este? — perguntou, indicando a fotografia do um homem alto, de cabelos muito loiros, quase brancos, tocados pelo vento.

Ele estava de short caqui e as mangas da camiseta enroladas. O mais atraente era seu sorriso aberto, contagiante. Lovie achava-se ao lado dele na foto, ereta e de cabeça erguida, coberta por um chapéu de palha. Ao lado dela havia uma enorme careta na areia da praia.

— Ele é muito bonito — comentou Cara.

Fez-se um breve silêncio enquanto Lovie olhava incerta, para a foto.

— Não tenho certeza... — respondeu. — Acho que era alguém que veio para cá estudar as tartarugas.

Ao contrário do que fizera até então, contando fatos relacionados com as fotos, ela ficou em silêncio e pouco à vontade. Surpreendida pela mudança que se operara na mãe, Cara olhou para ela. Estava vermelha e colocou a mão sobre a foto, cobrindo-a.

— Ele me parece vagamente familiar — insistiu Cara.

— Mantive a foto por causa da tartaruga — explicou Lovie, virando a página.

— Espere — Cara impediu-a. — Lembro-me dele, sim. Esse homem chegou aqui no começo de um verão e foi embora com ele. Emmi e eu ficamos tristes quando não voltou, no verão seguinte. Era muito atencioso, jamais nos ignorou ou mandou-nos embora, como a maioria dos adultos. — Tamborilou com os dedos sobre o álbum enquanto pensava. — Como era o nome dele, mesmo? Começava com R... Robert? Randolph?

— Creio que o nome dele era Russel.

— Lovie deu um rápido olhar para a filha e virou a página, com firmeza. — Faz muito tempo.

— E mesmo. Mas quando a gente vê a fotografia parece que foi ontem, não?

Lovie fechou o álbum e ficou com a mão sobre a capa encadernada em couro. Sorriu, triste.

— E, parece.

Júlia chegou quase no fim da manhã, com Linnea e Cooper. As crianças saíram correndo do carro e subiram a escada da varanda, as sandálias de dedo batendo nos calcanhares e as toalhas de praia esvoaçando.

— Vovó Lovie, nós vamos à praia! — gritou Cooper, correndo para os braços da avó.

— Sim, vamos — concordou Lovie, abraçando-o. Linnea chegou em seguida e também abraçou a avó com exuberância.

— Sosseguem — exortou Júlia, seguindo os filhos com passos lentos.

— Vocês vão derrubar a vovó. Cooper, largue o pescoço dela! Linnea, meu bem, vá até o carro e pegue flores que trouxe para o jardim da vovó.

— Chegou à varanda e sacudiu a cabeça, rindo com orgulho maternal. — Olá, ma mãe Lovie! — disse ofegante, aproximando-se para beijá-la. Trazia nas mãos uma panela tampada. — Onde ponho isto

Cara adiantou-se.

— Dê aqui. Como vai, Júlia? Por que está tão afobada? Parece que esteve nas aulas de golfe...

— Tênis — corrigiu Júlia, indo para a cozinha com a cunhada. — São esses dois monstros que não param quietos um segundo e acabam comigo. Ontem à noite quase tive que amarrá-los para que ficassem quietos tão ansiosos estavam para vir e com medo que não viéssemos. Mas eu disse Palmer que não ia mais obrigar as crianças a ir às festas dos amigos dele, que nada significavam para elas, que já tínhamos feito demais nos anos anteriores, que hoje a festa era da mamãe Lovie. Tentei convencê-lo a vir conosco, mal ele decidiu passar primeiro na casa dos amigos. Depois vir para cá.

— Espero que ele não coma nas outras festas — disse Cara, tentando disfarçar o desaponto.

Como Palmer era capaz de colocar os negócios antes da mãe naqueles momentos? Sabia que o irmão só chegaria bem tarde

— Fizemos muita comida — acrescentou, amuada.

— Mamãe — gritou Cooper, da varanda —, quero ir praia!

— Pare de gritar, menino, e vá pôr o maio.

Cara pensou que pareciam formar uma caravana de circo ao caminharem em fila indiana pela trilha que ia dar na praia. Lovie liderava o grupo lembrando um pequeno tambor em seu vestido vermelho e com o chapéu de palha enfeitado por uma fita vermelha, azul e branca. Cooper a seguia, um adorável palhacinho com óculos escuros grandes demais, em plástico, e carregando uma prancha de isopor cor de laranja. Atrás dele, Linnea tentava desesperadamente parecer adulta no seu pareô de tecido esponja e um *walkman* nos ouvidos. Em contraste, Toy dava impressão de ser pouco mais que uma menina com sua alegria. Era a primeira vez que ia à praia desde que chegara à Ilha das Palmas. Assim que soubera que os filhos de Emmi haviam preferido ir pegar surfe com os amigos, seu nervosismo desaparecera e ela voltara a ser ela mesma, divertindo-se e concordando em vestir pela primeira vez seu maio de grávida. Júlia e Cara eram os burros de carga: carregavam dois guarda-sóis, a geladeira de isopor, toalhas, cadeiras e brinquedos de praia.

Formavam a família clássica num dia de praia, os adultos parecendo ter se tornado crianças como Cooper e Linnea, que procuravam chamar a atenção. Espertas, como todas as crianças, reconheciam a audiência cativa quando viam uma. *Tia Cara olhe para mim! Tia Cara é capaz de fazer isto? Venha cá, tia Cara!* Os três ficaram no mar até que a pele das mãos e dos pés começaram a enrugar. Construíram castelos de areia na praia e cataram conchas. Júlia aproveitava a babá improvisada e acomodara-se sob um dos guarda-sóis, com Toy e Lovie, para ler um romance que Cara havia trazido.

No entanto, depois de uma hora, Lovie começou a tossir incluindo uma dose de realidade no dia maravilhoso.

Procurou diminuir a preocupação de Toy, Cara e Júlia quando se levantou.

— Desculpem-me, crianças, mas a vovó vai voltar para o chalé e descansar até o ajantarado.

— Vou com a senhora — Toy apoiou-se nos braços da cadeira para se levantar.

— Não precisa. Posso voltar para casa sozinha, fiz isso tantas vezes! Sente-se aí e aproveite o sol. O que vai fazer em casa enquanto eu fico no quarto?

— Tem certeza?

— Claro. Diga a Cara que fui para casa, senão ela sai por aí me procurando. Logo vai começar a chegar gente, talvez Palmer já esteja lá.

Júlia descartou essa suposição com um aceno.

— Não se iluda mamãe Lovie. Sabe-se lá a que horas ele vai chegar!

Sozinha no chalé, Lovie saboreou a solidão. Embora adorasse estar com a família, mais do que nunca precisava de sossego para economizar as forças. Rezava muito naqueles dias. Não para si, mas para os filhos. Antes de deixá-lo queria vê-los felizes e contentes.

Foi à varanda que Cara reconstruíra com tanto empenho. Apoiando as mãos no parapeito recém-pintado de branco, olhou para os canteiros de rosas e palmeiras que tinham plantado havia poucos dias. A transformação era notável. Vendo o jardim, a pérgola, sentia-se voltar no tempo. Estava contente com as mudanças que observara na filha desde o mês anterior.

Cara chegara ali com um vazio por dentro. Lovie podia ver isso nos olhos dela enquanto apreciava o sol se pôr. A filha ainda estava procurando a realização, desperdiçando energia com incontáveis tarefas exteriores em vez de se observar tranquilamente por dentro. Mas as tartarugas deviam ajudá-la a encontrar o caminho de volta a si mesma. Pensou Lovie, com um breve sorriso de satisfação. Tomai banho de mar todas as manhãs, tocar a areia com as mãos, pisar nela, sentar-se junto aos ninhos à noite... Todas essas atividades a conduziram ao caminho certo.

Mas Palmer...

Ajeitou uma toalha e as flores em um vaso enquanto pensava no filho. Voltara antes para o chalé na esperança de ter alguns momentos a sós com ele. Palmer não iria gostar do que ia lhe dizer. Sentou-se na cadeira de balanço preferida e começou a balançar-se enquanto olhava as dunas e o oceano. Nas horas solitárias daquele dia, orou a fim de ter forças para fazer o que se determinara.

Palmer encontrou-a na varanda.

— Olá, mamãe! — chamou com sua sonora voz.

Ela sobressaltou-se. Perdida em pensamentos não o escutara chegar. Voltou-se e seu coração derreteu-se ao ver que os olhos do filho brilhavam mais ao fitá-la. Sempre havia sido assim com ele: sabia que Palmer caminharia sobre brasas por ela. Era pena que seu temperamento explosivo causasse tantos atritos. Quando ele se abaixou para beijá-la sentiu o forte odor de uísque no hálito do filho. Aquilo nada prometia de bom: álcool não apagava fogo. Ao contrário.

— Olha só como está isto aqui! — admirou-se ele, entortando o pescoço para ver ao mesmo tempo a varanda nova e a pérgola. — Não pude acreditar quando cheguei. A varanda está direitinho como me lembro dela... Cara e eu costumávamos jogar Monopólio naquele canto, durante horas e horas. — O olhar dele suavizou-se

com a lembrança daqueles dias em que as horas se sucediam como pérolas. — Vocês fizeram um trabalho incrível. Estou surpreso. Como conseguiram que ficasse pronto tão depressa? Júlia não consegue encontrar quem conserte uma janela quebrada.

— Todos nós trabalhamos duro, mas foi um prazer.

— Quem construiu esta pérgola — comentou ele, indo até lá e sacudindo-a com força — fez um bom trabalho. Está bem firme

— sorriu para mãe —, só um furacão a arranca daqui.

— Lembra-se de Brett Beauchamps? O crédito é dele. Os olhos de Palmer brilharam.

— O velho tratante! Não o vejo há séculos. Ele construiu isto? Não posso acreditar, mesmo. Lembro-me dele *demolindo* coisas. Depois, vêm falar de justiça divina. O que ele faz quando não está construindo pérgolas e varandas?

— Saindo com sua irmã, para começar.

— Não me diga!

— Brett e Cara andam saindo... — Lovie ergueu as sobrancelhas — e sobram faíscas entre os dois.

— Você não sabia que os extremos se atraem, mamãe? Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Apenas há algumas semanas, porém tenho esperanças. Ele vale a pena!

Palmer sacudiu a cabeça.

— Nunca vai acontecer. Minha irmã é uma solteirona convicta. Além disso, ainda não nasceu a mulher que vai fisgar aquele peixe velho. Fique sabendo que eles não se bicom desde o tempo da escola.

Lovie se ouriçara ao ouvi-lo chamar Cara de solteirona. Aquele teria sido um comentário de Stratton.

— Vamos ver — encerrou o assunto.

O olhar do filho estendeu-se do jardim para o chalé. Colocou as mãos nos quadris e um lento sorriso entreabriu-lhe os lábios.

— Sim, senhor, esta casa reviveu. Vocês fizeram um bom trabalho com a pintura nova, venezianas consertadas e pintadas, o jardim recuperado... Tenho impressão que resolveu vender o chalé, mamãe.

Lovie percebeu o entusiasmo no olhar dele e apressou-se a responder:

— Não, querido, nada disso. Ao contrário. Fizemos isso tudo para nós mesmas.

A luz nos olhos dele apagou-se. Franzindo os lábios, Palmer sentou-se em outra cadeira de balanço e ficou se balançando, enquanto a fitava fixamente. O silêncio tornou-se pesado como a umidade.

— Creio que já falamos a respeito, mamãe — disse ele, num tom de voz que parecia querer dominar os ouvidos dela.

— Falamos, sim...

Ela ergueu-se e foi para a extremidade da varanda. Palmer também se levantou e foi buscá-la, trazendo-a de novo para a cadeira de balanço, em frente à dele. Sentaram-se e ficaram se balançando em silêncio, por alguns momentos, sabendo que estavam apenas ganhando tempo.

Foi Lovie quem falou primeiro.

— Creio Palmer, que já que estamos sozinhos é bom que conversemos sobre esse assunto pela última vez.

— Se você quiser... — respondeu ele — porém não vejo o que mais há a dizer. Sei que quer continuar com o chalé, mas, como já expliquei os números não concordam com essa idéia.

— Interessante você colocar as coisas nesses termos comentou ela, com calma —, Robert Davis usou as mesmas palavras.

Palmer parou de se balançar.

— O que Bobby Lee tem a ver com isto?

— Fui falar com ele, no banco. Depois que nós conversamos, filho, há umas duas semanas, eu quis ter uma idéia mais clara da minha situação financeira. Bobby é um homem muito bom, tão gentil! Levou um tempão explicando tudo, até que eu entendesse. E entendi. Afinal, não foi assim tão difícil, exceto, talvez, na parte em que os números não combinam. Posso não ser tão boa quanto você em aritmética, Palmer, mas reconheço quando dois mais dois não é igual a quatro. Parece-me que houve mais retiradas da minha conta do que o dinheiro que entrou. Ele empalideceu.

— Não está pensando que a roubei, está? E um ato de prestidigitação. Às vezes roube Peter para pagar a Paul, mas no fim tudo fica igual.

Lovie olhou-o com dureza.

— Paul nada tem recebido de Peter há muito tempo...

— Posso lhe demonstrar o que aconteceu com cada centavo. Você terá tudo de volta, juro. Não entende de negócios, mamãe. Como posso explicar-lhe?

— Bobby Lee conseguiu me explicar bastante bem. Por que não tenta?

A voz de Palmer soou tensa quando ele começou a falar.

— O negócio de transportes é muito complicado. No entanto, há uma coisa bem clara: quando não se tem dinheiro para pagar o que se deve, é preciso arranjá-lo de qualquer jeito. Trata-se de uma situação temporária, claro.

— Claro... Então, basicamente, eu lhe dei um empréstimo sem cobrar juros?

Ele riu, sem nenhum humor.

— Creio que se pode dizer isso. Mas o fato é que estamos no negócio juntos. Eu errei, quer que eu lhe dê um cheque agora mesmo? Se quiser...

— Não, Palmer, não é preciso. Na verdade, não quero sequer um centavo desse dinheiro de volta. Também não quero saber o que foi feito com ele. Dou-o a você.

Ele recostou-se na cadeira, com a surpresa estampada no rosto.

— Posso muito bem passar sem esse dinheiro — acrescentou ela, casualmente. Então, clareou a garganta.

— No entanto, instrui Bobby Lee para passar o que me resta para uma conta que só eu poderei movimentar.

— Você *o quê*, mamãe? Não pode fazer isso, não preenche um cheque há quarenta anos.

— Posso e já fiz. Cara vai me ajudar. Ela tem boa cabeça para números... — Lovie calou-se para escolher as palavras, — Não que eu esteja duvidando das suas prestações de contas, Palmer, mas Bobby Lee assegurou-me que não preciso sair da minha casa da praia, que ainda tenho dinheiro bastante para ficar nela o tempo que precisar.

— Forçou um sorriso que pretendia ser alegre. — Não é uma boa notícia? O rosto de Palmer contraiu-se.

— Quer dizer que não confia em mim?

Lovie suspirou. Aquela era a verdade, mas não conseguiu dizê-la. Se o fizesse iria magoar o filho profundamente e o amava demais para isso.

— Vamos dizer que não confio em mim mesma.

— Isso tudo está parecendo obra de Cara. E, não é? Indagou ele, com desprezo. — Minha irmãzinha descobriu o quanto vale esta propriedade e agiu para me tirar do caminho. Aposto que também convenceu você a fazer todas essas melhorias. Você pagando, claro. Durante todo esse tempo eu me preocupei achando que tinha de ficar de olho em Toy Sooner, mas foi Cara que me passou a perna.

— Sua irmã não fez nada contra ninguém — afirmou Lovie em tom frio. — Você é o único que faz acusações.

— Então, quer dizer que Cara não está por trás de suas resoluções financeiras?

— Ela recomendou que eu desse uma olhada em como estão as coisas — respondeu Lovie honestamente. Ao ver um clarão passar pelos olhos de Palmer, tomou a defesa de Cara. — Essa espécie de independência é natural nela. Temos que reconhecer o sucesso que Cara alcançou no mundo dos homens. Não entendo por que acha isso tão ameaçador, Palmer. Mas, honestamente, ela não sugeriu o que fiz. Jamais o faria. Nas últimas semanas deu-me coragem para enfrentar meus medos. Sempre achei as confrontações difíceis, como você sabe muito bem. Sempre gostei que os homens da minha vida cuidassem de mim. Era assim que se fazia até a minha geração, acho. Portanto, não culpe ninguém. Mas se insistir em culpar alguém terá que culpar a si mesmo.

— O que fiz de errado? Aconselhá-la a vender o chalé Convidá-la para ir morar na minha casa e deixar que eu cuide de você? São coisas assim tão horríveis?

— São. Francamente, meu filho, são. Eu lhe disse uma porção de vezes que não quero mais morar na cidade. Sou feliz aqui na minha pequena casa da praia. Preciso muito da paz e da solidão que ela me dá. Mas você apenas quer que eu faça o que acha certo, sem se importar com o que eu realmente preciso ou quero. Cara

fez tudo isto — num gesto, ela indicou a varanda e o jardim — com o dinheiro dela, sem pensar um só instante em si mesma. Simplesmente, sua irmã quer que eu seja feliz.

— Não sei se ela não tem outros motivos — disse Palmer, sarcástico.

Lovie pôs-se de pé.

— Já chega Palmer. O Chalé das Prímulas é *meu*. Abri mão de tudo mais que tinha importância para mim... De muito mais do que eu poderia lhe dizer. Este chalé é tudo que me resta do único tempo da minha vida em que conheci a felicidade. Agarrei-me a ele quando seu pai tentou tirá-lo de mim. Stratton sabia que eu adorava esta casa e por quê. E isso o tornou realmente cruel, mas só serviu para tornar-me ainda mais determinada a não permitir que ele me tirasse o chalé. Dei-lhe a minha casa, o meu dinheiro e, só agora entendo meu auto-respeito. Mas nunca lhe dei meu coração, minhas lembranças... e nem esta casa da praia. Agora você vem e quer, simplesmente, ficar com ela? Agora, depois de tanto trabalho? Palmer, acha que vou ficar sentada aqui e deixar que faça isso? Você se esquece, filho, que lutei com peixes muito maiores?

Palmer parecia aturdido. Quando falou, em seus olhos havia fúria e dúvida.

— Não entendo o que está acontecendo aqui! Nunca ouvi você falar desse jeito! Nunca disse uma palavra contra papai. Por que ele quis tirar tudo de você? Você era mulher dele! Eram casados há quarenta anos.

— E contei cada um deles.

— Então me diga, por quê?

— Não é da sua conta, Palmer.

Ele recuou ferido, depois seu olhar gelou.

— Então, é assim. Não sei de nada, mas aposto que Cara sabe. Não sei o que está acontecendo porque desde que ela chegou aqui às coisas se tornaram diferentes.

Lovie pensou que aquilo era verdade, mas por motivo completamente diferente dos que seu filho supunha.

— Palmer, você tem que parar com o sonho de aumento esta propriedade. Também fui falar com Ashton Etheridge e preparamos uns documentos legais. Está tudo feito. O Chalé das Prímulas passará para Cara quando eu morrer. Apesar da nossa história problemática, também é minha filha e é justo que fique com ele.

Uma luz estranha perpassou pelos olhos de Palmer.

— Sei que pensa que não dou valor ao que fez por mim esse tempo todo, filho — continuou Lovie. — Dou, sim. *Re* conheço que você trabalha muito e cuida bem da sua família. Mas, Palmer, na vida existe mais coisas além de possuir materiais. E essas coisas, por menores que sejam, podem trazer a felicidade. Meu querido pense no que o seu pai deixou para você ao falecer. Foi tão importante assim? E a mesma herança que quer deixar para seus filhos?

Ela começou a tossir, longa e profundamente, incapaz de dominar o espasmo. Palmer ajoelhou-se ao lado da mãe e segurou os braços da cadeira em

que ela estava aterrorizado por vê-la tão doente. Quando o acesso de tosse por fim se acalmou, Lovie enxugou a boca com lenços de papel que sempre tinha à mão e recostou-se na cadeira, tentando respirar o mais fundo que podia.

— Mamãe, eu...

— Pssiu... Está tudo bem — murmurou ela, enquanto se coração aos poucos voltava aos batimentos normais. Respirou com força mais uma vez. — Não perca seu tempo se preocupando com uma velha. Seus filhos estão na praia. V e brinque com eles. Precisam de você, Palmer. Eles são seu verdadeiro tesouro... e você precisa deles.

— Eu preciso é de uma bebida.

Ele ia se dirigindo para a sala a fim de servir-se, mas parou e voltou para a varanda. Parecia tão arrasado que Lovie sentiu vontade de se levantar e ir buscar uma bebida para acalmar os medos despertados nele. Mas percebeu ataque vindo e obrigou-se a ficar imóvel.

— Bem, sou obrigado a aceitar o que você impõe, mama. Esta é uma festa colossal que você organizou para o Dia Quatro de Julho. Com certeza sabe também soltar os fogos..

O que determinou que deverá acontecer a seguir? Vamos todos nos sentar ao redor da mesa como uma família feliz?

Ela abriu a boca para responder, mas foi interrompida por uma sonora voz de homem vinda do portão. Reconheceu Brett.

— Entrando!... — gritou ele, alegre.

Lovie deu a Palmer um olhar que exigia silêncio, fazendo-se obedecer, e ergueu-se devagar para ir ao encontro dele.

— Feliz Quatro de Julho, dona Lovie! — cumprimentou Brett, carregando numa das mãos uma tigela com caranguejos acabados de cozinhar.

— Mais comida? Meu Deus, Brett! Já temos mais do que as mesas suportam, as pernas delas vão quebrar. Espero que esteja com muita fome!

— Não se preocupe. Passei a manhã inteira fazendo passeios de barco e estou azul de fome. Tudo que pretendo hoje é usar minha boca para comer.

Foi deixar os caranguejos na cozinha e ao voltar viu Palmer. Seu rosto moreno de sol iluminou-se com genuíno sorriso de alegria.

— Ei, Palmer! — cumprimentou, estendendo a mão. Para alívio de Lovie, Palmer também sorriu amigável, e apertou a mão estendida. Ele sabia ser encantador quando queria. Ela deu uns passos para trás, admirando os dois bonitos homens. Brett era mais alto, o cabelo loiro-escuro rebelde. Arrumara-se para a festa, mas no estilo da ilha: short caqui e camiseta do Grupo das Tartarugas, desta vez de mangas curtas. Em contraste, o cabelo loiro-claro de Palmer estava perfeitamente penteado e ele vestia uma conservadora camisa pólo e calças esporte bem passadas. Viu que os olhos atentos do filho estudavam Brett, agora que soubera que havia algo entre ele e Cara. Conversaram por alguns minutos até que Brett voltou-se para ela.

— Como isto aqui está quieto! Cadê todo mundo?

— Estão todos na praia. Eu estava justamente dizendo a Palmer que fosse juntar-se a eles. As crianças estão se divertindo. Por que não vão vocês dois?

— Sinto muito, mas não posso — respondeu Palmer, formal.

— Tenho que fazer mais algumas visitas antes que anoiteça. Vá você, Brett. Talvez eu volte um pouco mais tarde.

Palmer aproximou-se da mãe e deu-lhe um beijo apressado na face. Lovie fechou os olhos para esconder a amarga decepção. Quando os abriu de novo, eleja estava saindo da varanda. Rapidamente, ela aproximou-se do parapeito.

— Vamos comer às seis horas — avisou-o.

— Não esperem por mim, não sei a que horas vou chega i

— Palmer!

Ele voltou-se para olhá-la. Todo e qualquer sinal de jovialidade abandonara seu rosto. O coração dela apertou-se

— Não pode perder o ajantarado, filho. As crianças vão ficar desapontadas.

— Terão que aceitar isso. Eu aceitei.

Ela inclinou-se para ele, mas Palmer virou-lhe as costas' pela última vez. Lovie ficou junto à grade da varanda, vendo-o ir embora, o som de cada passo fazendo-a estremecei

Os filhotes permanecem quietos durante o calor do dia, mas à noite, como um grupo de trabalho, cavam a areia com suas nadadeiras, abrindo caminho através de conchas quebradas e da areia compacta. E, devagar, cavando, chegam do fundo do ninho à superfície.

CAPÍTULO XVI

Era um daqueles verões deslumbrantes, perfeitos que, Cara sabia, iria ficar gravado em sua memória para sempre. O sol brilhava alto no céu sem nuvens, o mar era refrescantemente frio e a brisa mantinha os insetos a distância. Um glorioso dia de praia que ficou ainda mais animado quando Brett apareceu com uma pipa enorme, de rabo farto e muito comprido, que pairou graciosamente no céu por algum tempo. A maré estava alta e, dando-se as mãos, Cara, Brett, Linnea e Cooper corriam, saltando ondas e gritando. Fizeram várias lutas, Cara com Linnea nos ombros, Brett com Cooper, para ver quem derrubava mais o outro na água. Quando as crianças ficaram sonolentas, foram para junto de Toy e Júlia. Estenderam toalhas sob os guarda-sóis e os pequenos dormiram com o calor do sol e a brisa secando seus corpos.

A altura em que sol começou a descer no horizonte todos da praia decidiram, unânimes, que estavam com fome e ansiosos para que chegasse a hora do ajantarado e dos fogos. Ergueram-se, começaram a dobrar as cadeiras de praia, a sacudir as toalhas e a chamar Cooper e Linnea que tinham ido "mais um pouquinho" no mar. Toy e Júlia seguiram na frente a fim de dar os últimos retoques na festa. Brett e Cara ficaram para trás, encarregados de trazer a parafernália da praia.

Cooper correu mais uma vez para a rebentação, querendo lavar os pés, mas descobriu que eles estavam de novo cheios de areia quando chegou perto do grupo. Irritado, começou a choramingar e a chutar areia. Cara preocupou-se, achando que talvez tivessem ficado demais na praia e que, exaustos, os pequenos adormecessem antes dos fogos. Ergueu a cabeça e encontrou os olhos de Brett. Trocaram o longo olhar, sorriram e, sem sequer um sinal, concordaram em não ligar para a explosão de raiva do menino.

Linnea estava de pé a pouca distância, esperando pacientemente a ida para casa. Achava-se com a toalha transpassada sobre os frágeis ombros e batia os dentes. O coração de Cara enterneceu-se com a figurinha. A idade da pequena era aquela vulnerável, anterior à ação dos hormônios, e que as crianças flutuam entre a infância e a adolescência. Os cabelos loiros, bem claros, contrastavam com a pele morena. Cara descobrira naquele dia que a menina queria muito ver as tartaruguinhas filhotes e lhe prometera que este poderia passar alguns dias no Chalé das Prímulas e ajudá-la a tomar conta dos ninhos. Ela contava aproveitar aqueles momentos a sós para conhecer melhor a sobrinha.

— Estou morto de fome — disse Cooper, fazendo beicinho e encostando-se na perna de Cara.

Ela olhou para baixo e deu com a carinha morena e carrancuda.

— Está mesmo? — indagou, fazendo beicinho também. O menino anuiu, sério, e ela sentiu areia arranhar-lhe coxa. O pobre pequeno estava coberto de sal e areia da cabeça aos pés. Sentiu um profundo afeto por ele. Ambos os cabelos escuros e molhados, pele morena, olhos castanho fixo uns nos outros, poderiam passar por mãe e filho, pois a semelhança era grande.

— Eu também estou faminto — disse Brett a Cooper esfregando a cabeça dele com a mão.

Colocou a outra num ombro de Cara e o menino ergue mais a cabeça para olhar aquele homem alto.

Cara sentiu-se parte do estranho quadro que sempre olhara com ironia: uma família americana festejando um feriado americano. Nunca acreditara naquela visão, nem na sensação de doçura e contentamento que tomava conta dela agora,

— Sim, sim, meus senhores! — replicou para os dois. — Temos uma montanha de comida esperando por nós em casa. Se cada um de nós pegar uma coisa para carregar, logo estaremos de banho tomado, roupas limpas e, então, o banquete! Linnea está pronta, meu bem? Cooper, você pode ir à frente.

Enquanto eles tomavam banho e se vestiam, as mesas foram forradas por galinha frita caranguejos e camarões cozidos, milho cozido no sabugo, pickles, toda espécie de saladas verdes, salada de batata, biscoitos, quatro tortas e dois bolos. Lovie é quem organizara o banquete, desde os pratos até a decoração. O cabelo fino e ralo estava recolhido atrás da cabeça e ela aplicara cuidadosamente o batom vermelho preferido, que combinava com o vestido, também vermelho.

Na luminosidade das muitas lâmpadas Cara a via como a anfitriã vibrante e atenciosa que sempre fora. Lembrou-se das inúmeras vezes que observara a mãe nas festas que seus pais davam na casa de Charleston. Garçons de preto carregavam bandejas com salgadinhos apetitosos e taças de champanhe, enquanto Lovie andava pelas salas conversando com os convidados, fazendo apresentações,

depois voando para a cozinha a fim de supervisionar o serviço. As grandes festas davam muito trabalho. Porém por mais que se sentisse cansada, Lovie agia de um modo que não revelava todo seu esforço.

James e John Peterson, filhos de Emmi, chegaram quando iam começar a servir-se. Cara cumprimentou-os com calor, procurando pô-los à vontade, mas eles andavam pela casa com a cara e o jeito de condenados. Seus movimentos desajeitados e bruscos falavam claramente da pressa em cumprir logo o dever imposto pela mãe e da vontade de ir embora o mais rápido que pudessem. Os rapazes de Emmi eram altos como ela, tinham o mesmo cabelo ruivo, basto, e seus olhos verdes. James, o mais velho, era conservador no modo de vestir e nas maneiras. Era evidente que passava mais tempo na biblioteca do que na praia porque estava vermelho como uma lagosta fervida. Em contraste, a pele de John era bronzeada e seus cabelos tinham reflexos dourados.

— Aí estão vocês! — gritou Emmi e correu para cumprimentá-los com beijos e abraços que os deixaram embaraçados. — Toy, venha cá.

— emendou, agitando a mão para chamar a jovem. — Quero que conheça dois garotos da sua idade.

Cara teve pena da moça quando ela enterrou a cabeça entre os ombros, com o rosto em chamas, e aproximou-se arrastando os pés. Os rapazes giraram para ficar de frente menearam a cabeça e resmungaram muito prazer em conhecê-la, mas seus olhos a examinavam. Toy não os encarou e murmurou um quase audível "oi".

Será que eles não vêm como ela é bonita? Perguntou-se Cara, enquanto Emmi se esforçava para iniciar uma conversa. Sem aquela maquiagem pesada nos olhos todo mundo podia ver, quando ela sorria, a meiguice surgir neles como o sol em um céu azul. Mas os dois irmãos não conseguiam ver mais nada a não ser o ventre intumescido. Mantiveram os olhos nas paredes, no teto, em qualquer lugar menos em Toy que ali estava de ombros caídos e dedos nervosos re puxando o vestido de musselina, como que tentando fazer desaparecer a barriga por baixo dele.

Cara voltou ao passado e lembrou-se de que com a idade de Toy sentia-se sem jeito e esnobada por rapazes bonitos como James e John... como Brett. A dor por dentro ainda era aguda o bastante só ao testemunhar o fato. Desejou poder sussurrar ao ouvido de Toy que tudo estava bem, que algum dia iria ser diferente. Mas sabia que a jovem não acreditaria nela. Os irrigadores giravam lá atrás, enfatizando o silêncio que pesava entre o grupinho depois de esgotado o assunto fogos de artifício.

— Creio que está na hora de comermos — Lovie anunciou em voz alta, acabando piedosamente com o torturante encontro.

Cara levou os rapazes para uma mesa longe da de Toy, da qual removeu as tampas das travessas, colocando nelas colheres ou garfos para que as pessoas se servissem. Depois de fazerem seus pratos, os dois rapazes saíram para a varanda onde passaram a enfiar o máximo possível de comida na boca, o mais rápido possível.

Andando pela sala, Cara viu Toy e Linnea sentadas juntas nos degraus da varanda dos fundos — que era o mais longe que ela podia ficar dos rapazes. Deu um agradecimento mental para a sobrinha, impressionada por ela ter percebido uma

alma triste e pela bondade de seu coração em fazer companhia a Toy.

Florence, Lovie e Miranda estavam na varanda da frente.

Brett conversou com elas por algum tempo, depois foi para junto de Cara, que se achava com Emmi e Júlia na mesa lá fora.

Como esperado, os dois irmãos foram embora logo depois de comerem. Uma disposição alegre e descontraída tomou conta do pequeno grupo, apesar de Palmer estar ausente do encontro familiar. Ninguém falou no assunto, porém Cara sabia que Lovie estava sentida com isso. Havia acontecido algo durante a breve visita do irmão e ela ansiava por saber o quê. Ao voltar da praia haviam encontrado Lovie sentada na varanda, olhando o mar. Se bem que se animasse ao vê-los e fizesse grandes manifestações para os netos, Cara alarmara-se ao ver que tinha os olhos vermelhos, como se houvesse chorado.

Júlia, por outro lado, parecia não notar, ou não se importar, por Palmer não ter ficado.

— Oh! Ele nunca está presente — respondera tranquilamente quando Cara perguntara pelo irmão.

Linnea parecia não ligar que o pai estivesse ou não e Cooper não perguntou por ele. Sentou-se ao lado de Brett e permitiu que apenas aquele homem grande e alto quebrasse as patas de caranguejo para ele. Era evidente que o pequeno estava à procura de um homem para modelo.

Ela perguntou-se se Palmer teria alguma idéia do que estava perdendo.

E Brett?

Emmi, Júlia e Cara acabaram de recolher a última travessa e traziam café quando Florence chegou à varanda, muito preocupada.

— Alguém viu minha mãe?

Depois de percorrer a sala com o olhar, Cara indagou:

— Ela não estava na varanda de trás, com vocês?

— Pensei que ela tivesse entrado, já há algum tempo. — Com a testa franzida, Fio foi até o corredor que levava aos quartos e chamou:

— Mamãe!

Todo mundo começou a procurar Miranda e não levou muito tempo para terem certeza de que ela não estava na casa. Cara sentiu a tensão crescer quando todos compreenderam que a velha senhora poderia estar vagando na noite escura, em qualquer lugar. Miranda não era senil, mas de vez em quando ficava muito confusa.

— Vou ver na minha casa — avisou Fio, já lá fora. Pode ser que ela tenha ido para lá.

Brett acompanhou-a e voltaram depois de alguns minutos, sem sequer tentar esconder o nervosismo.

— Ela não está lá — anunciou Fio. — Vocês têm certeza de que não está aqui? Viram em todo canto?

— Eu olhei no jardim e no quintal, com as crianças — respondeu Cara. —

Não está lá.

— Talvez seja melhor chamar a polícia — sugeriu Emmi. Cara ouviu exclamações e olhou para os pequenos. Ao ouvir a palavra *polícia* seus olhos haviam se tornado redondos como luas cheias.

— Esperem, deixem-me pensar um momento — pediu, injetando uma dose de calma em todos. — Quanto tempo faz da última vez que alguém a viu?

— Uma meia hora, mais ou menos — determinou Fio. — Estávamos apreciando o pôr-do-sol.

— Sim e conversando sobre a eclosão dos ovos das tartarugas

— acrescentou Lovie. — Lembro-me de ter-lhe dito que o nascimento costuma começar uma hora depois do sol desaparecer.

— E depois?

— Entramos para fazer café — lembrou Fio. — Conversei com ela sobre que a cafeína pode dificultar o sono, mas mamãe insistiu em tomar porque queria ficar acordada para ver os fogos. Lovie e eu fomos para a cozinha e ficamos conversando enquanto o café passava... Não demorou muito. Quando voltamos ao terraço com a caneca para ela, havia desaparecido.

— Quer dizer que não a viu entrar em casa? — indagou Cara.

— Há algum ninho com possibilidade de eclodir hoje? — perguntou Emmi. — Ela adora apreciar a saída dos bebês-tartaruga dos ninhos.

O rosto de Fio descontraiu-se.

— Claro! É para lá que ela foi. Tenho vontade de dar-lhe umas palmadas por não ter avisado ninguém. Meu Deus, só espero que não tenha se perdido no caminho.

Girou nos calcanhares e correu para a porta.

— Onde é, na Sexta Avenida ou na Rua 27? — quis saber Emmi, correndo atrás dela.

— Ela só se importa com os ninhos no nosso trecho de praia, portanto deve ter ido para a Sexta Avenida — explicou Lovie, acompanhando as duas até a porta.

Cara aproximou-se, cautelosa.

— Mamãe, tem certeza de que quer sair? Foi um dia agitado e você está bem cansada.

— Pode apostar que tenho certeza, sim — declarou Lovie, Com os olhos reluzindo. — Miranda tem um sexto sentido para essas coisas. Se ela foi para o ninho, posso apostar que vai haver uma eclosão esta noite. Nada pode me impedir de ir! Vou ficar bem. Não se preocupe comigo.

A porta de tela bateu, enquanto ela seguia as amigas escada abaixo e desaparecia.

Dentro da casa, Júlia segurava as crianças.

— Oh! não! Vocês não vão sem vestir um abrigo, os mosquitos vão comê-los vivos. — Quando os dois abriram a boca para discutir, ela repetiu, firme: — Sem abrigo, não.

Cooper e Linnea não perderam tempo insistindo. Foram vestir os abrigos, depois saíram correndo da casa, com a mãe atrás.

Cara ouviu a porta de tela bater de novo e sentiu um arrepio de excitação diante da idéia de que os ovos começariam a eclodir naquela noite. Rápida, pegou duas mantas, o boné e o indispensável balde vermelho.

— Você vai, Toy? — perguntou.

— Não, pode ir. Acho que já tive bastante praia por hoje. Fico vigiando o forte.

— Tem certeza? — insistiu Cara, solícita, ao passar por ela a caminho da porta. — Não se importa de ficar sozinha?

Toy corou de prazer por tanta atenção e balançou a cabeça.

— Não, estou bem. Só um pouco cansada.

Brett encontrou-se com Cara na varanda e, ao pegar as mantas, deu-lhe um beijo tão possessivo que a cabeça dela girou, deixando-a sem palavras.

— Passei o dia inteiro querendo fazer isto — murmurou ele, rouco, quando a soltou.

Então, deu-lhe a mão. Juntos, desceram a escada corre do, como crianças que vão se reunir ao restante da turma

Cara e Brett encontraram todos em pé, com Miranda, justo ao ninho da Sexta Avenida. A maior parte das pessoas q estava na ilha achava-se na praia, olhando na direção do por onde iam soltar os fogos. Fio, de dedo em riste, repreendi mãe por ter saído sem dizer nada. As crianças saltavam ponta dos pés, fascinadas com a perspectiva de ver os bebês tartaruga. Lovie estava ajoelhada junto ao ninho, examina dando à fantástica luz vermelha da sua lanterna.

— Qual é o veredicto? — perguntou Cara, ajoelhando-na areia ao lado dela.

— Está vendo esta depressão? — indagou Lovie, aumentando o foco de luz de maneira a realçar um leve afundamento no meio do ninho. — Ela indica que alguma coisa acontece aí embaixo. Linnea e Cooper parem de pular redor do ninho. Elas nunca vão sair se vocês continuarem com isso.

Miranda chegou mais perto para observar também.

— Por que não enfia os dedos no ninho para ver se tartaruguinhas já estão em cima?

Lovie fez que não com a cabeça.

— Vamos deixá-las em paz. Elas sairão quando for o momento certo.

— Ah, não pode apressar um pouco as coisas? — indagou Júlia, chegando mais perto. — Muitas vezes você as ajudou As crianças estão nervosas.

— Isto não é um espetáculo infantil — replicou Lovie para um coro de resmungos. — Fiz muita coisa que não deve ter feito, mas aprendi a não fazê-las. Lembra-se de quando elas saíram do ninho ainda com o saco de comida pendurado? Mesmo agora me sinto mal quando me lembro.

— Você só as fez sair antes do tempo uma vez... — argumentou Fio, com voz ressentida porque tudo acontecera e sua presença. — Nós as trouxemos logo de volta.

— Mais do que uma vez... — replicou Lovie.

— O que é saco de comida? — perguntou Cooper. Brett bateu ao seu lado sobre a manta onde se encontrava sentado junto de Cara, que pôde sentir o professor nascendo nele. Cooper não perdeu tempo e acomodou-se onde ele indicara.

— Muito bem — começou Brett, com sua fala arrastada —, o saco de comida é a gema que dá ao filhote a energia que ele precisa para chegar até a Corrente do Golfo. Se ele sair do ninho antes de comer toda a gema, está perdido. Uma vez que as tartaruguinhas nascem e correm para o mar são dominadas pelo que chamamos de frenesi de nadar. Nadam durante vinte e quatro horas, sem comer.

Quer dizer, se tiverem sorte bastante de não serem comidas por caranguejos, na praia, ou por gaivotas, no mar.

— E como estar numa prisão — explicou Emmi às crianças. — Os bebês-tartaruga estão lá embaixo, na areia, esperando pelo sinal, enquanto a turminha de cima cavuca a areia. De repente fica tudo claro... Bum! Os filhotes atropelam-se no túnel e saem correndo para chegar ao mar antes de serem apanhados pelos caranguejos.

— Quer dizer que os caranguejos comem tartarugas? — horrorizou-se Cooper.

Brett as sentiu.

— Filhotes recém-nascidos são um manjar dos deuses para eles. Sentem na areia a movimentação e aproximam-se na pontinha das patas. Então, o caranguejo caça o filhotinho e corta-lhe os tendões das pernas com a pinça...

Com dois dedos, Brett cutucou as pernas de Cooper, que gritou de terror e divertimento, tentando escapar. Mas foi seguro pelo rapaz que, rindo, continuou a contar, acompanhando o que dizia com gestos.

— Ele segura o pobre bebê-tartaruga e o arrasta para sua toca. A primeira coisa que ele come são os olhos.

Cooper gritou mais alto quando Cooper fingiu pinçar-lhe os olhos.

— Muito obrigada, Brett! — disse Júlia, com exagero. — Agora vou ter de lidar com pesadelos.

— Não há perigo — interveio Lovie. — Esta noite eles vão estar cansados demais até para sonhar.

— Ouvi isso o tempo todo durante o Primeiro Grau...

— riu Cara, dando um soco fingido nas costelas de Brett. — Diga-me, Cooper, você quer pegar esses caranguejos no pulo?

— Sim! — respondeu o menino, furioso, saltando em pé.

— Eu também — disse Linnea.

Brett juntou-se a eles. Mostraram às crianças como tapar as entradas das tocas dos caranguejos com algas e areia, menino empreendeu a tarefa como o pirata que era de coração, manejando gravetos como se fossem espadas e gritando

— Tome esta! E mais esta!

Linnea movimentava-se como uma bailarina pela praia catando algas e tapando os buracos dos caranguejos.

— E assim, tia Cara? — perguntou ansiosa por agrada

— Isso mesmo, benzinho. Você está fazendo certo. Logo acharam que estava tudo pronto para a corrida das tartaruguinhas até o mar. Reuniram-se de novo junto ao ninho sentaram-se e ficaram esperando em silêncio, enquanto a lua subia mais alto no céu, o luar pondo brilhos prateados no ma

Toy parou diante do pequeno espelho sobre a cômoda escovou os cabelos, com movimentos firmes e lentos. Vendo apenas a parte de cima de seu corpo — cabeça, pescoço ombros — não era diferente das garotas ricas que tinha casas na ilha. Seus cabelos agora haviam voltado à cor natural, que era de um castanho-dourado, e gostava da leveza com que ele lhe descia até os ombros, num bom corte.

Pôs a escova sobre a cômoda, olhou para baixo e passou a mão pela curva do abdome. Aquilo fora tudo que os dois rapazes tinham visto, ela sabia. Aos olhos deles não era mais uma adolescente. Tudo que viam era uma mulher grávida usada e descartada.

— Você acha que sou especial? — perguntou ao filhinho, esfregando a barriga.

Odiava as lágrimas que lhe desciam pelas faces e enxugou-as bruscamente. O que adiantaria chorar? Ela mesma se metera naquela encrenca. Tinha mais é que tentar safar-se.

Sobre a cama estavam os livros e cadernos. Poucas semanas antes, Cara batera à porta do quarto e entrara trazendo-os, juntamente com um programa sobre os exames de Madureza. Desde então sentara-se com Toy todas as noites na mesa da sala e dava-lhe aulas, enquanto Lovie ficava deitada no sofá, ouvindo. Quando Toy passara no primeiro exame Cara delirara de alegria.

— Agora que terminou o Segundo Grau, fazer o Terceiro também pelo Madureza e, depois, entrar numa faculdade!

Dissera isso realmente acreditando, não por querer agradar.

Toy esticou-se na cama e abriu o livro de álgebra. Nada dissera a Cara, porém nunca sequer sonhara com a faculdade. Faculdade não era coisa para moças como ela. Além disso, teria que cuidar do filho. Precisaria arranjar um emprego.

Estava cansada depois dos preparativos da festa e do sol que tomara na praia, mas não estudara muito nos últimos dois dias, então achara melhor "dar uma espiada", como Cara costumava dizer. Ela aprendera uma porção dos ditos de Cara. Coisas como "esfregar o nariz no erro" e "não procrastinar". Riu, dizendo a palavra em voz alta. Procrastinar. Era uma daquelas palavras imponentes que sempre quisera usar e que se pareciam exatamente com o que se queria dizer. Sempre pensara que essas palavras existiam para serem exibidas, mas agora sabia que apenas uma palavra certa podia dizer mais do que cinco ou seis inadequadas. E esse pensamento ajudou-a a erguer o astral.

Um pouco mais tarde, quando estava resolvendo equações, a atenção de Toy foi chamada por um carro rodando pelo cascalho da entrada. Ficou imóvel, com os ouvidos atentos, porém não ouviu mais nada. Sentia-se segura no seu pequeno

quarto e não teve medo. Havia uma porção de gente andando lá fora para ver os fogos no píer. Voltou ao estudo, mastigando o lábio e desejando que Cara estivesse ali para ajudá-la com aquele problema. Estudou um pouco mais, até que ouviu as inconfundíveis explosões de fogos de artifício.

Parou de estudar para ouvir melhor. Pareciam tão perto! Talvez poderia vê-los, se fosse até a varanda.

No momento em que saiu da casa soou uma série de explosões e o céu encheu-se de cores. Apoiou-se na grade, ergueu-se na ponta dos pés e inclinou-se de lado para ver melhor. Os fogos já estavam sendo soltos na Ilha Sullivan. Mais duas baterias se seguiram em rápida sucessão.

— Oh! Meu amor — disse, entusiasmada —, se você pudesse ver isto!

— Tudo que preciso é ver você.

Toy assustou-se com a voz vinda da escuridão. Seu coração batia com tanta força e tão rapidamente que tinha impressão de fogos explodindo no seu cérebro. Não precisava de luz para ver quem era.

— Darryl!

Ouviu rumor de passos na areia, depois no cascalho e ali estava ele. Ficou parado junto da escada para a varanda, com as mãos nos bolsos e um pé no primeiro degrau. Ela sabia que deveria estar com medo ou zangada, mas tudo que sentia era o mesmo arrepio de envolvente prazer que sempre a dominava quando olhava para aqueles olhos azuis que pareciam de um menino.

Fazia muito tempo que não o via, que um homem não olhava como ele a estava olhando. Não com desprezo ou rancor, como aqueles rapazes Peterson a haviam olhado, mas de um modo que a convencia de ser uma mulher querida.

Ele estava bem. Limpo. Os cabelos castanho-escuros tinham sido cortados e se enrolavam ao redor do pescoço e da gola da camisa de um modo sexy. Os jeans eram azul-marinho sem manchas nem furos e, olhando a bota no degrau, podia se ver que fora muito bem engraxada.

— Você mudou seu cabelo — comentou Darryl. Inconscientemente Toy levou uma das mãos ao cabelo e corou, compreendendo que ele a observara com a mesma intensidade.

— Achei que ia parecer... Um pouco mais madura.

Ela quase dissera "adulta", mas escolhera uma imagem melhor.

— Bem, que ficou diferente, ficou. Está... Não sei... Muito bonita.

O orgulho de Toy a embalou. Lembrou-se de como ela podia ser bom e descontraiu-se.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, com um gesto de desagrado. — Eu disse para não vir.

— Não quero lhe causar nenhuma complicação — respondeu ele.

— Vim tocar no Windjammer e achei que podei ir passar para ver como vai

você. Só isso, Toy, juro.

Havia algo no olhar dele que a fez acreditar. Um olhar de menino perdido que lhe dava vontade de ser como mar para ele. Pensou em palavras como *perdido* e *achado*, acreditando que sempre havia um alguém para todos.

— No Windjammer sempre tocam um bom jazz... Ele subiu alguns degraus, muito devagar.

— E. Os rapazes e eu achamos que era uma boa chance. Nunca se sabe quem pode estar assistindo. Às vezes um entendido pode reconhecer o valor da gente...

Agora ele estava à frente dela, com as mãos nos quadris, fitando-a. Darryl não era muito alto, pelo menos, não mais alto do que Cara, mas ela o via muito grande. Sentiu o perfume da colônia dele e teve um arrepio de desejo.

— Não parei de pensar um instante em que você estava aqui, Toy, mesmo a apresentação sendo tão importante para mim. Minha pequena feiticeira...

A neblina os envolvia suave. Toy mal conseguia respirar.

— Seja minha esta noite, garota.

Ela fechou os olhos e deu um passo para ele. Seu ventre foi que primeiro tocou Darryl. Toy abriu os olhos, olhou para o obstáculo que se interpunha entre os dois e riu nervosa. Acalmou-se ao ouvir, no escuro, que ele também ria.

— Eu não lhe disse que esse carinho iria se interpuser entre nós?

Ela deu apenas um sorriso trêmulo, porque não percebeu em sua voz nenhuma da má vontade que ele antes demonstrara pelo filho.

— Nosso filho está crescendo.

— Vai ser um garotão.

Era engraçado eles falando sobre o bebê — o filho deles — como se soubessem que ia ser um menino. Mas de repente ela percebeu que era porque via nele um pequeno Darryl. Colocou a mão no ventre e acariciou-o. Esquisito, também, estar ali, com seu bebê e o pai tão perto. Era quase como estar formando uma família.

— Quando ele vai nascer?

— Em setembro, ali pelo dia quinze. Vai ser de Virgem.

— Isso é bom?

— Todos os signos são bons, seu bobo. O virginiano é inteligente. Eu sou geminiana: sensitiva.

— Já ouvi isso. — Ele se aproximou mais e quando falou sua voz soou áspera. — E eu, o que sou?

Toy passou a língua pelos lábios.

— Leonino... De Leão.

Sem qualquer motivo, isso lhe pareceu terrivelmente sexy

— Tive saudade, Toy. Nada é a mesma coisa sem você. Ele apenas tocou os braços dela com a ponta dos dedos

Toy sentiu as calosidades da guitarra arranharem a pele e uma onda de lembranças passou-lhe pela mente, como a melodia de uma canção querida.

— Também tive saudade... — falou baixinho, com reverência.

Darryl abaixou a cabeça e puxou-a para si com força, abriu-lhe os lábios com os seus e pressionou suavemente. E T só soube de uma coisa naquele momento: Darryl a amava.

— Quer ir me ouvir tocar? — perguntou ele, quando separaram.

O convite era tentador. Sair. Ir a um clube, como antes. Uma chance de não ser velha antes do tempo.

— Me dê um minuto. Toy correu para seu quarto, escovou os cabelos e passou batom. Pegou a bolsa e correu de volta para Darryl. O livro de álgebra ficou aberto sobre a cama. Esquecido

As tartarugas macho e fêmea são semelhantes, porém o macho tem rabo mais longo e grandes unhas nas nadadeiras para segurar as parceiras enquanto acasalam. A corte é tempestuosa com machos brigando entre si por uma fêmea. Quando receptiva, ela aceita o pretendente.

CAPITULO XVII

Alua pairava, majestosa, no céu perpassado por névoa e nuvens. Foi uma noite longa na praia. Os fogos de artifício haviam sido lindíssimos e tinham emocionado também os adultos, fazendo-os prender a respiração, como as crianças.

Ainda bem que as tartarugas eram espertas o suficiente para continuarem no ninho até a multidão que andava pelas praias ter ido embora. As nuvens de vez em quando encobriam a lua e a fumaça dos fogos ainda pairava no ar quando aconteceu. Mal dava para ver as tartaruguinhas se arrastando pela praia em busca do mar.

Ajoelhada ao lado do ninho Cara contou oitenta vigorosos bebês-tartaruga saírem correndo. Era quase meia-noite, estava cansada, mas assim mesmo vibrou.

— Caretta?

Cara virou a cabeça e observou atentamente a escuridão divisando um vulto escuro que se aproximava. Quando chegou mais perto, reconheceu os traços cinzelados do rosto de Brett.

— Aquelas foram as últimas? — ela perguntou. Ele parou ao seu lado.

— Acho que sim. — Olhou para o mar; mesmo com as nuvens percebia-se a franja branca da rebentação. — São tão lindas!...

Ela sorriu. Ergueu-se e os dois caminharam para a beira da água.

— "Lindas" é uma palavra um tanto curiosa para um naturista relacionar com bebês-tartaruga.

— *Bebês* também, mas as duas palavras se aplicam bem. Brett jamais pontificava, com ares de professor, e Cara gostava disso.

— Estava pensando na noite em que mamãe e eu vimos a tartaruga desovar na areia. A lua estava cheia e brilhante. Podíamos ver tudo na noite branca. A mãe-tartaruga era imensa e os filhotes são tão pequenos! Mas serão enormes um dia.

— Se sobreviverem. Apenas um em mil fica adulto.

— Tão poucos? Que pena.

— Caminhos da natureza.

— Pois é... — disse ela abraçando a si mesma. — A natureza parece cruel às vezes.

Ambos sabiam que Cara pensava na doença da mãe mas nenhum deles queria falar do assunto. Em silêncio, ficaram olhando o mar. A maré subia e a água, deliciosamente quente, começou a lambê-los os pés.

— Vamos andar um pouco ? — convidou Brett.

Cara olhou para o local onde ficava o ninho. Júlia, Miranda e as crianças já tinham ido embora. Forçando a vista pôde ver sua mãe e Fio já quase no alto da duna e perdidas no escuro. A noite era leve, úmida e convidativa, não sentia vontade de ir para casa. Mas hesitava. Brett era um enigma. Quando sentira o primeiro calor de desejo ela pensara que iria ser o padrão de sempre: sexo casual e um rápido adeus. Mas ele evitara que o sexo acontecesse e quando achara que ia sumir Brett a surpreendera permanecendo. Isso a intrigara. Sem levar em conta que era o único homem que conhecera capaz de conseguir comida com um pedaço de corda e um anzol.

— Vamos — respondeu.

De mãos dadas, saíram andando junto ao mar. Em pouco tempo Cara sincronizou os passos com os dele, numa cadência agradável. A distância, na escuridão aveludada, as fileiras de luzes do píer faziam pensar em estrelas baixas.

Tudo era incrivelmente romântico, como um cartão-postal com dois amantes passeando pela praia, exceto que, claro, não eram amantes. Compaixão e silêncio, ela pensou, são uma mistura erótica. Sentia profundamente a presença dele através de suas mãos unidas, como se todos seus neurônios se tivessem ligado àquela pequena superfície de pele. Cada movimento dos quadris provocava um calor que subia pela espinha. Cada sopro da brisa era uma carícia.

— Costuma caminhar por aqui? A noite, quero dizer — perguntou, sentindo-se imediatamente boba pela pergunta. Acrescentou, depressa: — Claro que sim, você mora aqui.

— Bem, na verdade, justamente por morar aqui não costumo fazer isso. Acho que me sinto tão perto do oceano que não preciso sair. Olhe...

— apontou para um correr de casas acima da praia, ainda iluminadas apesar da hora. — Veja como as luzes mudam de cor: todos estão assistindo tevê em vez de caminhar na praia. Não sou o único que faz isso.

— Meu apartamento dá para o lago Michigan e devo admitir que nunca olho pela janela. Mas sei que está lá, sinto sua presença. Toda vez que meu olhar vai além da janela reconheço sua imagem. A beleza do lago sempre me surpreende. É como um presente que aprecio e naquele instante minha vida fica melhor. Acho que acontece o mesmo com essas pessoas.

— Saudade de Chicago?

Teve que pensar para responder. Desde a conversa com a dele não havia mais se lembrado de Chicago. Era como se tivesse fechado a porta que dava para aquela parte da sua vida e aberto a da vida na ilha.

— Não diria isso — respondeu honestamente. — Acho que irei sentir falta da cidade, da animação, da variedade e do ritmo acelerado...

— Sorriu. — Realmente desacelerei. Tenho muito que fazer, mas não estou com pressa

— Nem precisa. É melhor curtir a vida devagar.

— Não diga! — brincou ela.

— Por que a ironia?

— Por sua aparência, pelos trabalhos que escolhe. O jeito que lida com o sexo.

Ele parou de andar de repente.

— O quê?

Cara teve vontade de morder a língua. Puxou-o para continuarem andando, mas Brett não se mexeu. Então, soltou a mão dele e ficou olhando para os próprios pés que remexiam a areia. Ele esperava a resposta.

— Bom, as coisas entre nós não estão indo exatamente rápido, não é?

— Imaginei que estivessem indo muito bem — contrapôs ele, ressentido.

— Quer dizer — concluiu Cara, que estamos virando bons amigos. Excelentes *a-m-i-g-o-s*.

Silêncio.

— Agora pouco eu estava pensando se iremos ser algo mais que isso

— continuou ela.

— Pensou nisso, mesmo?

O dele não era um tom de briga, daí ela criou coragem « falou, arrastando as palavras:

— Bem, temos nos encontrado bastante e tem sido muito agradável. Então, pensei se não poderia se tornar ainda melhor.

— Interessante.

Brett também abaixou os olhos, pensativo. Cara ficou olhando para o topo da sua cabeça e observou que o cabelo em tão grosso e abundante que parecia-lhe impossível passai os dedos entre eles. Quando Brett levantou o rosto seus olhares se encontraram.

— Por acaso, pensou que eu não estava querendo isso? Eliminando o menor indício de brincadeira da voz, Caia

respondeu, um tanto tímida, com honestidade:

— Não tinha certeza. Imaginava se você me achava atraente. Perguntava-me se não estava sendo muito afoita. Sei que às vezes sou brusca e tive medo de tê-lo magoado.

— Medo de ter me magoado? — Brett parecia muito surpreso. — Por quê?

— A gente nunca sabe... Quero dizer...

Como era difícil! Pensou Cara, sentindo-se corar. E como era idiota. Já tivera vários amantes e imaginava-se adulta, madura. Mas ali estava, corando ridiculamente como uma menina.

— Você me beijou algumas vezes... Nada mais do que isso — ela deixou escapar e em seguida quis sumir.

Na escuridão, estavam tão próximos que pôde ver os lábios dele curvarem-se de leve em aprovação.

— Cara...

Brett ajeitou-lhe uma mecha de cabelo atrás da orelha

Depois deslizou a ponta dos dedos pelo rosto, até chegarem ao queixo.

— Estou cortejando você... — disse por fim.

Ela não conseguiu sustentar-lhe o olhar. *Cortejando?* Tinha ouvido direito? Homens ainda cortejavam mulheres? Hoje em dia? Era algo sedutor que a fez ferver por dentro. Estava encantada e, incrível, sorria de orelha a orelha.

— Você está me cortejando?

— Algum problema?

— Não! E que... Eu não entendi — Então, querendo esconder o embaraço, provocou meiga: — E mais uma das suas regras? Um cavalheiro do Sul deve cortejar a dama?

— Depende da dama.

O sorriso dela aumentou. Adorou a resposta.

— O que você vai fazer amanhã? — ele perguntou.

— Por quê?

— Gostaria de acampar? Ela olhou-o atentamente.

— Onde?

— Faz diferença?

— Talvez. Há quem não se importe, mas eu não gostaria de dormir com crocodilos e cobras.

Ele riu alto.

— Pensei em algo melhor. Diga que vai.

Cara estava nervosa, mas o jeito com que ele mexeu a cabeça, os olhos

brilhando como os de um garoto foi tão cativante que ela não pôde resistir.

Na manhã seguinte, quando Brett desencostava o bote do pontão, Cara perguntou:

— Para que lado vamos?

Desta vez o pequeno barco estava mais carregado do que da outra vez.

— A Ilha Capers — respondeu.

Cara sorriu. Ilha Capers. Era para lá que haviam ido na primeira vez em que se haviam falado. Ela gostara tanto que desde aquele passeio se perguntava se um dia voltaria.

A corrente estava a favor e o tempo, quente e claro. Sentada imóvel no bote, começou a sentir o calor do sol em seus ombros e rosto. Seguiram pelas águas familiares em direção à pequena e deserta ilha incrustada na costa da Carolina. A reluzente praia à frente deles era visitada apenas por algumas aves marítimas. Brett carregou as coisas para cima da grande e achatada duna que formava como que um platô sobre a praia Boneyard. Juntos, armaram a barraca num lugar alto, protegido de ventos fortes por pinheiros, mas que ainda era alcançado pela brisa do mar.

Nenhum dos dois estava a fim de conversar, então p.i saram o dia lado a lado e em paz, deitados ao sol, recarregando as baterias. Quando dava vontade, nadavam nas águas sedosas do mar e voltavam a deitar na areia, deixando o s cuidar deles. Ela sentia que o calor derretia seus ossos e cérebro, tornando impossível pensar em algo por muito tempo ou com muito empenho.

— Tudo é tão simples aqui — comentou Cara, virando-s< de bruços e apoiando o queixo nos braços — Sem grande decisões a tomar, ninguém precisando de mim para algo ou pedindo para resolver algum problema. Sem dinheiro pari ser ganho. Apenas total e completa felicidade. Não podíamos ficar aqui para sempre como as duas crianças naquele filme? Um filme em que eles crescem deliciosamente juntos, fazendo objetos com conchas e se tornam amantes...

— Não assisti. Parece filme para meninas. Ela se esticou para beliscar o braço dele.

— Que preconceito! É o mesmo que eu afirmar que homens só vêem filme de espião, com muito sangue e entranhas a mostra.

— É... E daí?

— Você não tem jeito!

— E *Tarzan*?

— Bom filme.

— Esse eu vi. E de um garoto que sobrevive sozinho na floresta — disse convencido.

— Sim. Mas na verdade ele não *viveu* até Jane aparecer. Brett riu com gosto e levantou-se, pegando na mão dela

e puxando-a para que ficasse de pé também.

— Jane vir. Tarzan com fome.

O agudo da risada dela fez os pássaros levantarem vôo na encosta.

Foram até um riacho que atravessava a ilha. Cara ficou olhando enquanto Brett desembaraçava uma rede com as mãos e os dentes. Quando ela ficou pronta, lançou-a para o alto com um impulso elegante do corpo inteiro. A rede abriu-se como uma flor sobre as águas brilhantes e desceu como um suspiro para dentro do riacho. Era poesia pura. Enquanto ele repetia arremessos ela comparou a capacidade atlética que o levava a ganhar prêmios, louvores e bolsas de estudo com a capacidade de pescar camarões com redes.

Era realmente como *Tarzan*, pensou. O porte físico, a afinidade com a natureza, a inabalável paciência. E ela, seria como Jane? Não, respondeu a si mesma, mas gostava de imaginar que podia ser pura e corajosa como Jane e estava aprendendo algumas coisas da vida natural. Afinal, fora acampar, não? Mas ficar com um homem simples, levando uma vida "natural" para sempre... Não sabia se agüentaria. Era mulher da cidade, não poderia abrir mão para sempre do mundo civilizado dos e-mails, cinemas, teatros e restaurantes após o trabalho.

Entretanto, divertiu-se a valer quando jogou no rio um pescoço nojento de galinha amarrado a uma linha, como Brett ensinara. Depois de várias tentativas, alguns caranguejos emergiram agarrados ao pescoço pelas pinças. Era um espetáculo lamentável comparado com o que Brett fazia com a rede, porém sentiu-se satisfeita em contribuir com provisões para o banquete.

Quando o sol estava baixo eles andaram pela praia como caranguejos gigantes pegando gravetos para a fogueira do acampamento. Depois de acendê-la, cozinham os camarões, os caranguejos e comeram, tomando vinho gelado. Depois de terem comido e a lua ter assumido seu lugar entre as estrelas, Brett pegou a mão de Cara convidando-a a ficar de pé.

— O que vai fazer? — perguntou ela.

— Dançar.

— Está brincando, eu não sei dançar! — reclamou, recuando. — Tenho dois pés esquerdos.

— Venha.

— Não danço desde a faculdade!

— E como andar de bicicleta, a gente nunca esquece.

— Mas acontece que nunca aprendi.

— Então, eu ensino.

Ele inclinou-se para ligar o toca-fitas que tinha trazido. Ouviu-se um sonoro clique e o silêncio da ilha foi invadido pelo inconfundível som do CD "Beach Music": "I Love Beach Music", "My Girl", "What Kind of Fool Do You Think I Am?" e "Sweet Carolina Girls".

— Eu nunca dancei com você quando estávamos no Terceiro Grau...

— comentou ele. — Pensei em fazer isso esta noite.

Ela deu uma descontraída risada.

— Parece que tenho dezesseis anos de novo.

— Ainda bem que não nos aproximamos quando estávamos na escola. Você não teria gostado muito de mim naquele tempo.

— E você é uma graça quando fica sério — ela provocou. Brett ergueu a mão e afastou uma mecha do cabelo dela

que caía na testa.

— Falo sério. Estou contente por só nos conhecermos de verdade agora, Caretta.

Olhou dentro dos olhos dela por um longo tempo e Cara sentiu um medo momentâneo de que ele pudesse perceber que se sentia vulnerável e insegura por trás da fachada brincalhona. De repente, soube que havia procurado o amor nos lugares errados: era novamente uma colegial e estava com um homem maravilhoso, como sempre tinha sonhado e esperado a vida inteira.

Ele pegou a mão dela de novo e guiou-a nos complicados passos da dança. Brett era bastante ágil para um homem do seu tamanho e levou-a pela areia, cantarolando a canção.

— Agora vire. Para o outro lado! Assim! — incentivava, com entusiasmo. — Quem disse que você não é uma boa parceira de dança?

Ela sorriu e cada vez mais se sentia à vontade. "Beach Music" é um tipo diferente de "Rhythm and Blues" e da "pop music", fazia seus pés movimentarem-se, rápidos, no compasso, meneando os quadris. Entre a marcação forte da música e os elogios dele, tornou-se meio inconsciente e deixou a música levá-la. Dançando, iam e lembravam-se de passos que tinham aprendido na adolescência e agora davam juntos. Começaram a lembrar-se dos nomes de bandas da época: os "Tames", os "Embers" os "Clovers" os "Zodiacs" e os "Catalinas". Então, citaram nomes de velhos amigos, comentaram passos de dança favoritos, lembraram-se de fofocas e riram das seis frases básicas para travar conhecimento com um rapaz. Cara ainda ouvia a voz da mãe ecoando na mente: *De onde você é?* Dançando, contavam histórias, iam traçando seus passados separados, mas com histórias parecidas, fazendo ficar mais perfeita a noite com lua e estrelas.

Quando, finalmente, Brett parou de dançar e fitou os olhos dela transmitindo a mensagem do desejo, não precisou falar nada. Bastou que a guiasse para o topo da duna onde a barraca estava aninhada entre os pinheiros.

As tartaruguinhas recém-nascidas se orientam por luzes brilhantes. Na natureza essas luzes são a lua e estrelas refletindo-se no mar. A luz artificial pode confundi-las e levá-las à morte no emaranhado da vegetação praieira ou em ruas movimentadas.

CAPÍTULO XVIII

Vai comer as batatas fritas? Toy olhou para o saco de batatas fritas com molho de tomate. O bebê crescia rápido nesse dia e sua barriga estava dura e inchada. Vivia o tempo todo com fome, beliscando algo, pois não podia comer muito de uma só vez. Empurrou as batatas para Darryl, por cima da mesa.

— Está bem, pode comer.

Era uma noite de sexta-feira e o Burger King estava lotado de gente depois da sessão de cinema, com turistas os filhos cansados e irritados. Toy observava o molho de tomate escorrer pelo queixo de Darryl.

— O que você está olhando?

— O ketchup escorrendo — disse apontando —, desse lado. Enquanto o rapaz limpava o molho com os dedos ela lembrou dos sanduíches que sua mãe fazia naqueles tempos difíceis em que não podiam comprá-los nas lanchonetes, inventara uma brincadeira: colocava bolas de molho de tomate no pão branco e chamava-os de sanduíche de boi; Toy achava-os muito especiais por isso e não percebia a dificuldade financeira que estavam vivendo.

— Acho que iremos embora dia vinte de setembro — disse Darryl, colocando outra batata na boca.

Toy reparou que ele falava de boca cheia e que sua camiseta estava descosturada num ombro, porém não disse nada pois ele ficava bravo. Estava sendo um doce com ela como da primeira vez que haviam ficado juntos, dizendo coisas de amor e coisas do gênero. Só que nunca mais dissera que ela era linda. Tudo bem. Sabia que não o dizia porque ela estava grávida.

— Você acha que podemos ir depois?

Ela olhou para seu copo de milkshake de chocolate, mas sabia que ele se referia ao nascimento do bebê e se poderiam viajar depois. Apesar de ele não se mostrar mais mal-humorado sobre sua gravidez, ainda dizia que não queria a criança. Achava que o bebê iria atrapalhá-los. A banda de Darryl acabara de gravar seu primeiro CD. Partiriam para uma turnê na Califórnia e esperavam começar a fazer sucesso.

Ela não mentia para Darryl ao dizer que iria deixar o bebê e ir para a Califórnia. Queria, apenas, dar um tempo para ele se acostumar com a ideia de ser pai e ter uma família. Também não mentira para Cara e dona Lovie. Desde o Quatro de Julho ela lhes dissera muitas vezes que ia ao cinema, só não especificara que ia com Darryl. Eram apenas pequenas mentiras que não iriam machucar ninguém.

Entretanto, não sabia o que faria. Ia dar à luz, Cara ia voltar para Chicago, a dona Lovie estava morrendo e Darryl ia para a Califórnia. Tinha que ficar com alguém! Estava tudo uma grande confusão e quando pensava sentia-se insegura, lágrimas subiam-lhe aos olhos. O que sabia era que amava seu bebê e esperaria até ele nascer. Ia dar certo. Tinha que dar.

— Ei, alô! — Darryl atirou uma batata nela. — O que é que você tem? Eu faço perguntas e você fica aí parada.

— Estava pensando. — Ela esfregou o peito onde a batata batera.

— Ainda não é nem agosto, como posso saber de setembro?

— Já estamos no fim de julho, não é? Setembro está aí, tenho que fazer planos.

— O médico disse que a criança pode chegar duas semanas antes ou depois da data prevista. Marcar para irmos embora no dia vinte é um pouco cedo e não posso simplesmente dar à luz e entrar num carro para viajar. Precisaria de uns dias de descanso.

— Pode descansar no carro. Ficaria sentada por uns mil e quinhentos quilômetros, por Deus! — praguejou Darryl.

— Não use o nome de Deus em vão.

Fora automático, falara sem pensar. Olhou nervosa para ele, que a olhava sem acreditar no que ouvira. Então, riu e balançou a cabeça.

— Ouvi dizer que mulheres grávidas agem de forma estranha e acho agora que é verdade.

Ela sentiu profundo desânimo e inclinou a cabeça para tomar um gole do milkshake.

— Não sei não, querida — continuou Darryl, com um meneio de cabeça. Um cacho do cabelo castanho caiu sobre sua testa. — Os rapazes estão ansiosos e prontos para zarpar,

— Deixe-os ir — ela murmurou.

— Não posso. É para irmos todos juntos na perua de Hal Mas tudo bem, Hal tem que acertar as coisas com a mulher dele também.

— Amber está grávida?

— Diabos, não! — zangou-se ele e olhou-a como se fosse louca. — Ela não é tão idiota!

Toy sentiu uma dor aguda no peito e abraçou a barriga,

— Droga, vai ser um alívio quando essa história de bebê tiver terminado. — Darryl afastou a cadeira e espreguiçou se. Apertou os olhos e perguntou — Qual o problema agora?

— Nada — Toy se afastou da mesa. Ele suspirou.

— Desculpe, falei bobagem. E que sinto sua falta, é isso, Quero estar com você — seu olhar turvou-se. — Um homem não pode apenas comer batatas fritas.

Ela riu baixinho e chutou levemente a perna dele debaixo da mesa.

— Sinto sua falta também. Muito. O médico disse que podemos estar juntos... Sabe o que quero dizer?... Até unia semana antes do parto.

— Sabe o que realmente odeio? Detesto deixá-la na casa dos outros durante a noite. Fico pensando se não era melhor irmos embora agora.

— Não posso, quero dizer, não seria justo deixar dona Lovie sozinha. E falta menos que um mês para o bebê chegar. De qualquer jeito você odeia me ver grávida, já me disse isso tantas vezes! Ainda vou ficar maior e mais gorda. Isso vai

deixar você louco.

— Tem razão — concordou Darryl com um sorriso torcido

— Mais algumas semanas e poderemos estar juntos de novo. Nós dois e... — sua voz sumiu e ela conteve a respiração.

Darryl entendeu a intenção e mudou de expressão, passando os braços por cima da mesa, inclinando-se para ela.

— Nós dois, ponto — disse com calor na voz. — Como sempre foi e sempre será só nós dois.

Toy sentiu o choro subir pela garganta e teve que fazer muita força para não deixá-lo sair.

Na casa da praia, Cara e a mãe estavam na varanda, sentadas em cadeiras de balanço, de mãos dadas e assistindo a um pôr-de-sol particularmente espetacular. Cara bebericou o vinho branco. A mãe balançava-se levemente, tomando chá. Toy tinha ido para o Towne Center ver outro filme. Estavam sozinhas.

Assistiam ao sol mergulhar lentamente no horizonte enquanto a cantoria dos pássaros ia silenciando. A paisagem, como o morrer dos dias costumava fazer, trouxe introspecção para Cara. Que estranho sentar confortavelmente com sua mãe e sentir a paz dessa quietude. E como era bom.

Olhou para Lovie com o canto dos olhos. As maçãs salientes do rosto, nas sombras do lusco-fusco, davam-lhe uma realce serena. O que será que passa na cabeça dela agora? Perguntou-se. O que uma mulher que já viveu tudo isso tantas vezes pensa vendo o pôr-do-sol? Cara sabia que um dia sua própria morte ia estar próxima. Como iria lidar com a situação? A incerteza a fez tremer.

— Está com frio? — Lovie perguntou.

— Não — respondeu ternamente.

— A temperatura caiu.

— Parece, mãe. Estava abafado e quente. Os mosquitos estavam um inferno lá na praia.

— Queria estar aqui quando as borboletas aparecessem

— suspirou Lovie.

— Hum...

Cara murmurou sem saber o que dizer. Elas balançaram mais um pouco, enquanto as ondas estouravam a distância.

— No que está pensando? — Cara perguntou, finalmente.

— Eu? Nada muito sério, garanto. Nada especial. Só olho e noto como a barra rosada do dia está demorando a sumir hoje. Vê? Alonga-se por toda a beirada, abraçando o céu — Lovie suspirou, balançando-se

— dando conforto.

— Como assim, conforto?

— É que me faz sentir Deus, querida.

Cara observou enquanto o rosa ia se transformando em roxo, depois ficava

azul-escuro até sobrar a fina linha preta do horizonte.

— Não estou segura de que existe um Deus — disse.

— Como você pode dizer isso? Foi criada para acreditar em Deus.

— Era mais simples dizer "Sim, acredito" quando alguém perguntava. Mas lá no fundo sempre questionava essa existência.

— Se eu questionasse teria medo, filha.

— Acho que pensar no Inferno é assustador. Esse é o problema.

— Fácil de resolver, querida. E só amar mais a Deus que ter medo do Inferno. A fé tem sido meu consolo nos momentos difíceis. Não tenho podido ir à igreja nestes últimos tempos, mas acho que trabalhar no jardim é uma forma de rezar. Como ouvir música, arranjar flores, costurar ou simplesmente cantarolar.

— E se a gente não tiver fé?

— Fé não é algo que se espera para ter, Cara. Nem algo que se pode estudar para adquirir, nem trabalhar ou negociar num balcão. Paulo escreveu que fé não se adquire é um dom de Deus.

— Cá estamos de volta ao começo. Como pode ter tanta certeza de que Deus existe?

Lovie ofereceu-lhe um sorriso de meiga compreensão.

— Cara, querida, olhe para o céu! Os crepúsculos são provas diárias de que Deus existe.

A lua de agosto subiu alto e o oceano refletia sua luz de prata. Na costa as luzes de algumas casas brilhavam como estrelas piscantes no horizonte.

E as Damas das Tartarugas estavam revoltadas.

— Vou reclamar com as pessoas que têm luzes tão fortes nas suas varandas — rosnou Fio.

O Grupo das Tartarugas estava cuidando de outro ninho. A brisa do mar soprava firme e os mosquitos também.

Estavam sendo picadas nos tornozelos e o frasco de repelente passava de mão em mão.

— E a mesma casa a que fui outra noite. — Fio passava furiosamente o repelente nas pernas. — Sorri e pedi gentilmente, do jeito que tão bem sei fazer, para não deixarem acesas as luzes que atingem a praia. E olhe só para isso! Parece uma árvore de Natal!

— As tartaruguinhas irão direto para lá.

— De quem é aquela casa? — Emmi quis saber.

— Está alugada.

Agora Emmi passava repelente.

— Muitas das pessoas que alugam para temporada com que falei adoraram a chance de ver tartarugas nestas férias. Costumam gostar de ajudar. E só avisá-las.

— Estou irada desde ontem! — explodiu Cara.

— As tartarugas realmente sobem a praia? — quis saber Emmi.

— Outra noite foi um desastre. Às cinco da manhã a polícia recebeu uma ligação de alguém que avisou que pequenas tartarugas estavam sendo esmagadas por carros, na rua. Então, ligaram para Lovie que acordou Fio e eu. Saímos correndo. Foi triste. Procuramos por quatro horas nas dunas e relva perto da rua. Achamos quinze mortas e pouco mais de vinte vivas.

— Vinte quase mortas você quer dizer — falou Fio chateada. — Os pobres bichinhos se arrastaram por horas quando já deveriam estar nadando. Levamos os vivos para o mar, mas duvido que tenham sobrevivido, estavam muito cansados. Odeio pensar quantos deles foram comidos por siris ou simplesmente não agüentaram e morreram.

— Peço desculpas por estar tão brava! — Cara matou um mosquito.

— Então, vou lá de novo pedir para que apaguem as luzes. — Fio suspirou e se pôs em pé. — Não queremos parecer agressivas com os desconhecidos. Mãe, fique aqui e olhe o ninho. Voltarei já.

— Pode deixar, não vou a lugar nenhum — assegurou Miranda.

Cara sorriu da tenacidade da idosa senhora. Aquele cm quarto ninho na "rua" dela e até então não perdera nenhum

— As estrelas estão super brilhantes essa noite, tia Ca — Linnea pousou a cabeça no ombro da tia. — Acho que tartaruguinhas vão encontrar o caminho de qualquer joi não acha?

Cara sorriu diante do olhar doce e cheio de expectativas. Linnea tinha vindo várias vezes e um vínculo se formara entre elas. Cooper sentira-se enfadado de sentar-se ao redor de u ninho com mulheres e ficara em casa, mas Linnea adorava com a tia. Elas também iam juntas às compras, pintavam unhas, faziam biscoitos e sentavam-se, à noite, com Lovie sofá, cada qual lendo seu livro favorito. Cara até então n sabia que segurar uma criança nos braços era uma das melhores sensações do mundo. E nunca tinha suspeitado que poderia gostar tanto de uma menina como gostava dela.

— Acha que elas vão nascer esta noite?

Cara divertiu-se ouvindo a pergunta pela décima vez.

— Talvez sim. Talvez não. Temos que ver para saber respondeu, acariciando os cabelos de seda da menina.

Agachando-se, Linnea se arrastou até perto do ninho. Deitou o rosto na areia.

— Saíam tartaruguinhas. Tudo está pronto para vocês. *Por favor*, saíam! — Levantando a cabeça, perguntou: — que horas você acha que elas vão sair?

— Não tenho idéia... Hoje ou amanhã.

— Se saírem está tudo certo — disse a menina para ninho, com segurança.

Então, voltou para junto da tia, sentou-se e esticou o blusão de moletom por cima das pernas dobradas para evitar os mosquitos endiabrados.

— Tia, como você aprendeu tanto sobre tartarugas?

— Aprendi muito com vovó Lovie. Ela ensinou a quase todos nós o que sabemos.

A expressão de Linnea ficou séria e ela traçou rabisco na areia com o indicador.

— A vovó Lovie vai morrer?

A pergunta pegou Cara de surpresa e ela ficou sem saber o que dizer. Não tinha experiência com esse tipo de coisa. Olhou em volta procurando ajuda, mas todos olhavam para outro lado. Parecia que ninguém queria enfrentar esse tipo de problema com uma criança. Daí, ela olhou para a menina, puxou-a gentilmente para perto e pôs o braço ao redor de seus ombros.

— Sim — respondeu com honestidade —, vovó Lovie vai morrer.

— Foi o que pensei. Ouvi minha mãe e meu pai falando disso. Mas papai acha que não. Tem certeza que vai?

— Infelizmente sim, querida, desculpe. Linnea ficou quieta por um momento, pensando.

— Então, por que meu pai diz que não? Cara suspirou pensando ela mesma no por que.

— Algumas pessoas têm dificuldade em aceitar uma coisa dessas.

— Ah — ela esperou. — Por que ela está morrendo?

— Vovó tem câncer.

— E isso dói?

— Algumas vezes, mas não muito... *Ainda*, pensou com um calafrio.

— Quando ela vai morrer?

— Não sei com certeza. E como um ninho de tartaruga. Acontece quando tem que acontecer.

— Ah.

— Querida, sua mãe não falou disso com você?

— Não.

— Certo...

Júlia aparentemente estava evitando falar no assunto com os filhos. Cara não queria se intrometer na vida delas, mas a menina precisava das respostas para as perguntas que rondavam sua cabecinha.

Cara voltou a falar:

— Você sabe o que quer dizer morrer?

— Claro que sei — disse a pequena, com indignação pré-adolescente.

— Quer dizer que ela vai para o Paraíso.

Como Linnea ia toda semana à igreja, Cara presumiu que ela, aos nove anos, tivesse uma boa idéia do que fosse Paraíso e Deus. Mas a morte era sempre uma

questão obscura na cabeça das crianças. E na dos adultos também.

— E — disse por fim —, mas Paraíso é uma coisa bem estranha de entender. Eu, mesmo na minha idade, não estou bem certa do que seja.

— Não é difícil — discordou a sobrinha. — E onde a gente vai depois de morrer, todos sabem disso. Claro que ninguém tem uma idéia *exata* de como ele é. Mas sei que é legal. Mamãe disse que Deus está lá em cima nas nuvens, que esta tem lindas casas para morarmos nelas. Se tivermos sido bons na Terra, teremos uma casa maior porque merecemos. Acho que minha vó vai ter uma incrível e grande mansão.

— Com certeza — respondeu Cara, invejando a fé da garota

— Você acha que tartarugas vão para o Paraíso quando morrem?

Cara olhou para Emmi e Miranda pedindo socorro, mas elas apenas sorriram como os adultos fazem quando crianças falavam coisas desse tipo.

— Não sei, eu nunca estive lá.

— Acho que vão. Vovó se sentiria sozinha sem elas. Notando o aperto na voz da menina, Cara ficou alerta.

— Você vai sentir falta da vovó quando ela for não vai — perguntou com cuidado.

Linnea abaixou a cabeça e fez que sim. Cara sentiu uma onda de amor pela menina.

— Ah, meu doce, eu também! — disse, com voz embargada e abraçou Linnea.

Aconchegou-a a si e beijou-lhe a cabeça. — Nós temos que estar juntas, você e eu. Seremos Tico e Teco. Você pode entrar no nosso Clube das Tartarugas. O que acha?

— Eu posso? — já havia outro tom na voz da menina.

— Claro que pode, vamos precisar de você no Clube!

Cara olhou para Emmi e Miranda, percebendo que as duas dividiam o mesmo pensamento e que a garota iria ocupar o lugar da avó no grupo. Cara ia passar a tradição para a sobrinha. Lovie a ensinara sobre tartarugas e agora seria a vez dela ensinar Linnea.

A menina começou a repetir de memória as coisas que tinha aprendido nesse verão e se achou capaz de fazer tudo sozinha. A tia prestava mais atenção no entusiasmo da pequena, no olhar animado do que no que ela dizia. Quanta confiança! E como as emoções dela mudavam rápido. Nove anos era uma idade gloriosa.

De súbito, a luz avermelhada de uma lanterna ao longe, na escuridão, chamou a atenção de Cara. Pela cor da luz sabia que era alguém do Grupo das Tartarugas. Emmi apressou-se em pegar sua própria lanterna na bolsa de praia para sinalizar aos colegas o lugar onde estavam fazendo pequenas ondulações com a luz vermelha. A outra lanterna respondeu com uma onda. Todos os olhos estavam nos dois vultos escuros que se aproximavam, um muito alto e o outro bem pequeno.

— São Toy e Brett — disse Emmi, cutucando Cara. Ela sorriu com pouco

caso, mas no íntimo adorou. Brett

estava trabalhando muito naqueles dias, ocupado com turistas no ápice da alta temporada e eles quase não se encontravam.

Receberam efusivamente os recém-chegados, abriram a roda na duna para dar-lhes espaço e ofereceram repelente. Linnea, cativante, pulou nos braços de Brett que a rodou no ar como uma boneca de pano, arrancando-lhe um grito agudo de satisfação. A seguinte foi Miranda, que se insinuou como uma colegial enquanto ele a cumprimentava. Cara notou como crianças e adultos sentiam-se atraídos por ele.

Enfim, Brett foi sentar na areia do lado dela. Pousou a mão em seu joelho e olhou-a com profundo calor, fazendo com que se sentisse desejada e deixando claro que tinha ido lá para estar ao seu lado. Conseguiu demonstrar-lhe o que sentia sem nenhum beijo ou grande abraço em público. Isso foi tudo e mais do que suficiente para deixar seu coração acelerado e excitá-la como se ele também a tivesse rodado no ar.

— Alguma novidade? — Toy perguntou fazendo uma manobra divertida para se sentar no chão.

Sua barriga estava tão grande que ela aterrissou com um grunhido e suspirou.

Cara gostou de ver Toy de volta. Ela não tinha ido na vigília dos ninhos anteriores, fazendo-a pensar que perdera o interesse pelas tartarugas por causa do bebê que logo iria nascer.

— Há uma pequena depressão na areia, mas não mexeu até agora.

Linnea rastejou para perto do ninho, examinando-o pela centésima vez.

— Venha ver de novo. *Por favor!*

Cara atendeu a sobrinha e iluminou o ninho com luz vermelha. A surpresa foi grande quando verificou que a pequena depressão tinha ficado maior. Todos acorreram para ver. Eu quanto olhavam, grãos de areia pulavam em pequenos flocos.

— Venham, saiam, saiam! — a menina exclamou excitada juntando as mãos em oração.

— Parece que elas vêm esta noite mesmo — comentou Emmi.

— Vêm — afirmou Miranda assentindo com a cabeça branca como a neve.

— Meu Deusinho! — exclamou Linnea emanando excitação pelos poros.

As luzes da varanda que poderiam atrapalhar a ninhada de repente se apagaram.

Um murmúrio de aprovação percorreu o grupo.

— Viva a Fio! — sussurrou Emmi. — Bem na hora.

— Quantas acha que têm aí, tia Cara? — quis saber a garota.

— Nós movemos este ninho. São exatamente cento e seis ovos.

— Como pode a mamãe-tartaruga ir embora? — condoeu se a menina.

— Tartarugas fazem isso há milhões de anos.

— Mas parece tão triste — suspirou a pequena. — Larga r todos esses pequenos bebê sozinhos.

Toy se aproximou.

— E *realmente* triste pensar nisso. Quero dizer, não apenas pelos bebês mas pela mãe também. Têm que deixar as crias para sempre.

— Francamente, duvido que elas pensem nisso — Emmi argumentou. — Apenas seguem o antigo caminho da vida selvagem.

— Não é natural mães largarem filhos — prosseguiu Toy.

— É perfeitamente natural — interveio Brett com sua voz mansa.

— Existem dois tipos de reprodutores na natureza. Um investe o máximo no grupo, porque muito tempo e esforço precisam ser aplicados num pequeno número de crias. Como elefantes e golfinhos. O outro grupo faz o mini mo de investimento porque dá um grande número de crias.

Então, vão embora. São os chamados "empanturradores de predador". O princípio é saciar os predadores e a espécie sobrevive. Sapos, peixes e tartarugas estão nesse grupo. Na Biologia os indivíduos pouco importam, o que conta são as espécies.

— Não posso largá-lo por aí — brincou Cara, dando um tapa no braço dele.

— Quê? Estou só respondendo uma pergunta. Todos riram.

— Que foi? — indagou Brett que continuava ingenuamente, não entendendo a graça.

— E os humanos? — insistiu Toy.

— Os humanos se encaixam nas duas formas, é uma questão de escolha.

— Não foi por isso que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso?

— ironizou Emmi.

Toy não achou graça. Olhou para baixo apertando um punhado de areia com a mão. Mordeu os lábios e disse:

— Acho que é melhor a mãe ficar com os filhos, não? Cara olhou para a moça percebendo a nota de tensão na voz dela. Voltou-se para Brett.

— Não poderia afirmar isso — ele continuou sem se dar conta.

— Tartarugas vivem assim há muito tempo.

Relaxando a mão, Toy jogou a areia fora com um gesto brusco.

— Existe um antigo mito que diz que a Terra repousa no dorso de uma velha tartaruga — contou Emmi — que cuida de seus ovos enquanto a outra mãe-tartaruga vai embora. Acho lindo!

— Parece que a mãe-tartaruga deixa os ovos para as Damas das Tartarugas cuidarem... — comentou Toy atenta à idéia. — Parece que elas sabem que alguém vai cuidar de seus bebês depois que se forem.

Cara olhou para longe na noite úmida. Ficou preocupada com aquela

preocupação da jovem.

O ciclo das tartarugas estava chegando ao fim. Cara podia dormir até mais tarde de manhã já que ninguém telefonava pedindo por relatórios sobre as desovas. Ao todo, contando os ninhos da Ilha de Palmas e Ilha Sullivan, somavam quarenta.

As manhãs eram tranquilas, mas as noites bastante agitadas. O Grupo das Tartarugas cuidava dos ninhos durante a noite, procurando buracos de siris, gerenciando grupos de turistas interessados, dividindo-os entre vários ninhos para que não se aglomerassem sobre um só. Mesmo assim algumas tartarugas mais espertas passavam despercebidas, algumas vezes saindo dos ninhos após uma chuva cedo de manhã ou, em outros casos, esperando as pessoas se entediarem e irem para casa dormir e só então deixavam a segurança do ninho em massa para sua epopéia no mar. Apenas leves rastros na areia — dúzias delas haviam cruzado a praia — deixavam mostras de que tinham iniciado sua jornada na vida.

Este era o verão que Cara sempre tinha sonhado. Adorava acordar com o canto dos pássaros e seus afazeres na praia. Olhavam para o oceano, sentindo a solidão frente a seu tamanho, como que procurando vestígios das tartarugas. Nunca tinha se sentido tão em paz na vida. Gostava também da camaradagem entre as Damas que se sentavam na areia fria, nas diferentes fases da lua e conversavam sobre alguma coisa ou sobre todas as coisas. As tartarugas marinhas davam direção e objetivo para o grupo — havia regras para seguir e problemas a resolver — mas o espírito do grupo era norteado pela amizade, respeito e carinho que crescia entre elas. Sentada sob a luz do luar ao redor de um ninho fazia-a sentir que não estava sozinha.

Mas o que mais gostava era dos momentos com Brett. Nos últimos meses ele a ensinara a ser espontânea. Ele: dava a mão e caía no mar quando dava vontade. Riam até chorar. Cantavam altas músicas que gostavam. E algumas vezes, enquanto andavam pela praia, os olhos dele brilhavam à luz da lua e então a levava atrás das dunas em lugares escondidos. E lá cobria o seu corpo com o dele sob o céu aberto.

Quando não estava com ele, pensava nele. Enquanto falava ao telefone muitas vezes notou que tinha escrito mais que uma dúzia de vezes o nome dele no caderno de recados. Um dia na praia ele tinha emprestado para ela uma „camiseta que ela levou para casa e dormiu com ela, sentindo o cheiro dele na roupa e sonhando com ele. Quando ouvia uma música de amor no rádio tinha certeza que fora escrita para eles. Eram sentimentos novos para ela e consumiam um bocado de energia.

— Querida, você está apaixonada — Emmi disse uma noite quando estavam sentadas junto a um ninho prestes a eclodir, depois que contou que estavam acontecendo essas coisas à amiga.

— Não estou, é só um namoro de praia que nunca mais tive desde a adolescência. Estou tendo um caso.

— Não tem essa coisa de *namoro de praia*. Sei disso. Casei com o meu namoro de praia.

— Não quer dizer nada. Seu caso virou um namoro de um ano. Por definição, um namoro de praia dura até o fim das férias.

— Ah, então agora isso tem definição?

— Com certeza. Foi escrito em alguma canção. Alguma coisa sobre quando os ventos de outono começam a soprar. Como é mesmo? Você conhece!

— Está bom, deixe-me entender — falou Emmi esticando as pernas e levantando a mão para contar. — Você tem um enunciado para descrever caso de verão e eu te darei o mesmo. Primeiro você tem a lua.

— Não uma lua qualquer, mas a lua de Carolina e ela brilha sobre as águas. Tem que deixar esses detalhes bem claros.

— Está certo, concordo — disse levantando o segundo e terceiro dedos. — Tem o pôr-do-sol e o barco.

— O barco é um brinde, é dispensável.

— Tiramos da conta. O que mais? Hum... Os beijos!

— Isso, os beijos! Que beijos, meu Deus...

— Pare! Você está me matando, não quero nem saber.

— Desculpa. Continue.

— Recapitulando: A lua e a água, pôr-do-sol, o barco, os beijos. O que falta?

— O amigo, o confidente ou seja lá como chame. E paro por aqui. Mamãe me espera e eu tenho quarenta anos. Dá para acreditar?

Emmi jogou a cabeça para trás e riu solto.

— Está certo, você ganhou. Não está apaixonada. É um *namoro de praia*. Está satisfeita?

Estava satisfeita? Pensando sobre isso Cara gostaria de dizer que sim. Estavam no meio de agosto e os turistas já estavam indo embora, as aulas começando. As delícias do verão estavam passando rápido e começava a se preocupado com o que o outono poderia trazer.

Cara percebeu que o fim do seu verão tinha chegado na manhã que acordou e sua mãe não estava em casa. O pânico invadiu seu peito vendo que o Besouro Dourado estava parado na frente da casa. Correu para o jardim, mas nem sinal da mãe. Tirou o cabelo do rosto e tentou clarear a mente ainda adormecida. Lovie não era confusa como Miranda, tu do era programado em sua vida, não conseguia imaginar onde ela estava.

Até que notou que nem o buquê vermelho estava lá. Meteu-se dentro de um short, um top e sandálias. A porta da tela assobiou quando ela saiu correndo para o jardim de nove Os pássaros cantavam e a areia da praia ainda estava úmida da noite. Chegou à beira-mar enquanto o sol se levantava.

Encontrou a mãe parada na beira da praia, uma débil e solitária figura com o buquê vermelho pendendo das mãos Sua velha e longa camisola balançava com a brisa, dando-lhe um ar fantasmagórico na bruma rosada do alvorecer.

Aproximou-se dela com cuidado, querendo não atrapalhar o que lhe parecia

um momento íntimo de profunda contemplação.

— Mãe?

Lovie virou a cabeça lentamente para a filha que se acomodou em ver lágrimas correndo pela face dela.

— Qual o problema, mãe?

— Elas se foram — disse com a voz emocionada e fraca

— Quem se foram?

— As tartarugas marinhas, as mães. Partiram agora seja lá para onde. Posso sentir isso. Acabou e já sinto falta delas — seus lábios tremeram enquanto levava as mãos para boca tentando conter a emoção. — Oh! Cara...

A filha não encontrou o que dizer. O que fazer? Dizer que elas voltarão no próximo ano? Não havia conforto nisso. Sabia que a mãe sentia dor em reconhecer que essa era sua última apreciação da desova. Para ela as tartarugas marinhas tinham ido para sempre.

E em pouco tempo também sua mãe iria. Cara sentiu lágrimas quentes saindo de seus olhos. Nos últimos dois meses tinha evitado pensar no que realmente significava o final do verão. Forçara esses pensamentos para o fundo da sua mente ignorando o frio inverno que estava à frente.

— Eu queria poder ir com elas — falou Lovie olhando para além das ondas. — Queria seguir meu instinto e nadar para sempre. Deixar tudo para trás. Não seria lindo?

— Não ainda — disse Cara abraçando apertado sua mãe. — Por favor, mãe, não vá ainda.

Lovie mexeu no cabelo da filha.

— Minha querida Caretta. *Você ainda* está aqui! E o meu maior conforto.

Enquanto sua mãe chorava nos braços dela, Cara sentiu uma estranha inversão de papéis com se fosse ela a mãe, Corte e capaz, e Lovie a criança, desprotegida e insegura, lira tão tocante como assustador.

Mãe e filha ficaram assim na praia enquanto o dia seguiu ganhando o céu. A maré descia fazendo a praia maior. Juntas choraram por todas as mães que já partiram e por aquelas que iriam partir em breve.

Depois que as tartarugas saíram pelo oceano em sua longa jornada, a saúde de Lovie declinou rapidamente. Era como se, em espírito, ela tivesse ido além mar com seus amados animais. Ela havia sido tão impassível com sua doença que Cara, Toy e os outros acharam que ela iria durar para sempre. Agora, porém, sua energia se fora com o seu otimismo. Estava quieta e introvertida. Mesmo que a chamassem para sentar ao redor de um ninho, Lovie dizia que a tosse tirara seu sono durante a noite e estava muito cansada. Quando a filha expunha algum problema dos ninhos que ainda restavam a mãe dava de ombros e ia sentar na cadeira de balanço da varanda e ficava olhando para o mar.

Virava-se para dentro, submergindo em sua própria corrente e nada podia tirá-la de lá.

Enquanto Lovie perdia peso e ficava menor, Toy estava imensa nas últimas

semanas de gravidez. Esta fazia todas as comidas que Lovie gostava, mas a velha comia como um passarinho e se justificava.

— A tosse me tira o apetite.

— Se não fosse pelos líquidos que você toma, já estaria debilitada

— Toy respondia com lágrimas nos olhos. — Veja dona Lovie, eu fiz um suflê de queijo. E leve e gostoso, tente comer.

— Vou tentar — respondia sem convicção.

E sua tosse era de fato horrível. Uma noite as duas moças foram correndo ao seu quarto pensando que ela ia morrer de tanto tossir. Depois daquela noite Cara decidiu que iriam ver o médico dela.

— Não, ele é muito ocupado — Lovie argumentou. — Não vamos incomodá-lo.

— Mãe, é o trabalho dele. E como podemos te ajudar se não incomodá-lo de vez em quando?

— Ele não vai dizer nada de novo.

Cara só ficava olhando. Elas estavam indo para o escuro, para um território desconhecido e precisavam de alguma ajuda.

O caminho entre o ninho e o mar após a eclosão dos ovos é muito perigoso na vida das tartarugas. Siris pulam na ponta dos pés para atacá-las. Apenas uma em mil tartarugas fica adulta.

CAPÍTULO XIX

Três dias mais tarde Cara estava sentada na sala de espera do oncologista no centro hospitalar. A sua volta estavam pessoas de idade, todas com ar deprimido, lendo uma revista velha, alguns ligados a um tubo de oxigênio que retinia enquanto andavam e ainda outros com aquela feia camisola de paciente hospitalar. Ela não tocou nas revistas, nem no braço da cadeira. Não queria tocar em nada. Ficou ali encolhida, olhando para as próprias mãos, concentrada na sua própria miséria.

Desprezava hospitais. São todos iguais pensou, mexendo-se na desconfortável cadeira de metal. Frios e estéreis com seus corredores de linóleo, longos e cheios de portas, parecendo um labirinto. O pior era que estavam cheios de doentes. Não se sentia a vontade rodeada de doenças. Quando andava de avião tinha uma sensação parecida, como se estivesse trancada num imenso banco de germes. Quando uma pessoa tossia no teatro ela virava-se para o outro lado. No elevador prendia a respiração até sair. Por isso pensava que o estado da mãe, com sua tosse interminável e essas incômodas visitas ao hospital, era obra de Deus fazendo-a pagar por seus pecados do passado.

Mas isso não era uma reclamação. Seu amor pela mãe estava maior que qualquer nojo de doenças. Apenas esperava quieta enquanto Lovie fazia seus exames. Enquanto isso pensava no que a santa Toy vinha fazendo por sua mãe, sentada como ela agora, grávida, tendo que ir fazer xixi a cada dez minutos. Cara realmente acreditava que havia um lugar especial no Paraíso para acompanhantes

de necessitados.

Depois de duas horas e meia uma enfermeira chamou-a dizendo que o Dr. Pittman queria lhe falar. Chegando à sala de exames encontrou sua mãe sentada na mesa de trabalho, vestida com um avental de papel azulado e falando com uma adorabilidade incomum.

— Olha só quem chegou! — disse com os olhos brilhantes.

Lovie fazia força para manter o humor e a filha logo percebeu isso. Olhou para o médico, um jovem homem de livros, com uns óculos pesados e um rosto longo e sério. Ele escrevia algo, mas levantou o olhar para cumprimentá-la com um sorriso. Já tinham falado ao telefone desde o início da doença, mas era a primeira vez que se encontravam.

— Sente-se senhorita Rutledge — falou indicando uma cadeira.

— Obrigada, mas ficarei em pé — respondeu indo em direção à mãe.

— Então, qual é o veredicto? — Lovie falou, forçando otimismo.

Pittman permaneceu em silêncio, o que acabou tornando Lovie sombria.

— Não gosto do que encontramos hoje.

Quando sua mãe virou a cabeça para olhá-la, Cara percebeu o medo dela.

— O tumor cresceu mais do que esperávamos. Invadiu a traquéia, o que explica a tosse constante.

— Fazer uma cirurgia ajudaria? — Cara perguntou.

— Não podemos operar a traquéia, o tumor se espalha... por todo o corpo.

O estômago da moça se contraiu, mas se manteve firme.

— E o que podemos fazer doutor?

— Devemos considerar outras sessões de radioterapia.

— Não — disse Lovie. O médico olhou-a e sorriu amarelo. Virando-se para Cara continuou.

— Estamos entrando na fase final da doença.

Ela olhou-o com firmeza, agradecendo a honestidade dele

— Entendo...

— Sua mãe quer que simplesmente usemos paliativos para as conseqüências.

— Ele quer dizer que não há nada a fazer — Lovie falou pegando na mão de filha.

— Está certo. Mas podemos fazer muito para que possa se sentir bem, senhora Rutledge. Não existe razão nenhuma para que a senhora sofra. Se preferir ficar em casa, arranjam-se para que uma enfermeira vá visitá-la e para que tenha um balão de oxigênio lá. Isso apenas a ajudará quando tiver a sensação de falta de ar. Use-o. Não se incomode com isso. Temos que conversar sobre o uso de morfina também. Mas não há necessidade de começar com isso hoje.

Continuou, dirigindo-se a Cara.

— O processo tem que ser entendido para que você possa ajudar sua mãe. Primeiro de tudo você tem que saber o que você pode fazer sozinha e quais os momentos em que precisará de ajuda. A senhora Sooner tem ajudado?

— Sim, muito.

— Ótimo. Mas ela dará à luz em breve, não?

— E esperado por volta de quinze de setembro.

— Hum.

— Cara pode ajudar — disse a enferma —, ela é muito competente, asseguro.

Sentiu o orgulho na voz da mãe e também uma nota de medo.

— Então — prosseguiu o doutor —, não faça tudo sozinha. Com frequência vejo parentes querendo dar conta de tudo e acabam sofrendo demais, mais que o necessário. Uma boa enfermeira pode ajudar muito. Mas precisamos de outros dois procedimentos. O primeiro será oferecido por nós. Vocês estarão na lista de visitas de assistentes sociais, que vão agendar encontros em casa. O segundo, ao encargo de vocês é encontrar um grupo especial com o qual possam conversar e que esteja próximo para casos de necessidade.

As duas trocaram o olhar.

— O Clube das Tartarugas — disseram juntas.

Quando se espalhou a notícia do estado de Lovie, o telefone não parava de tocar. Voluntários queriam trazer sopa, doces ou ajudar de alguma forma. Brett fazia todo o trabalho do jardim. Toda vez que Emmi saía de casa ligava para saber se precisavam de algo da rua. Miranda vinha com frequência para ficar sentada ao lado da cama de Lovie, fazendo companhia. Fio aparecia duas vezes por dia enchendo a casa de entusiasmo com sua energia, falando alto e sempre trazendo algo interessante ou engraçado que tinha lido por aí.

— Temos que manter o otimismo — falava para Cara todo vez que estava de saída.

Cara não podia acreditar em toda a parafernália sobre tartarugas que chegavam várias vezes por dia. Bijuterias, de tartarugas, camisetas, velas, mobiles, bonés, canecas, bandeiras, sinos — ela não podia imaginar onde o povo encontrava tanta coisa tendo tartarugas como tema. Lovie sentia-se tocada pelas gentilezas se mostrando sempre disposta a conversar ao telefone ou a receber em casa. Uma visita uma vez começou a chorar comovida e foi a doente quem prestou consolo. Após uma semana a filha notou como a mãe perdera rápido o vigor e teve que começar a restringir as visitas. Explicava que a mãe necessitava descanso e a casa foi voltando à paz.

O quarto de Lovie parecia um quarto de hospital com o tanque de oxigênio ao lado da cama e, na mesa, uma enorme quantidade de frascos de remédios diferentes. A TV e a estante tinham sido mudadas de lugar. Cara quis alugar uma cama hospitalar, ajudaria a sentar, mas Lovie não concordou e nem quis discutir o assunto. Quis ficar na cama em que sua mãe tinha dormido e a mãe desta última também.

A casa, de certa forma, virou uma confusão. Lovie descansava muito, lia, via televisão e organizava os álbuns de fotografias quase que obsessivamente. Tentava manter-se envolvida nas decisões da casa e das tartarugas mas era esforço demais.

Cara era quem preparava as refeições. Toy ajudava pouco já que ficava cada vez mais difícil se mover e precisava com frequência pôr os pés para cima pelo inchaço nos tornozelos.

Vária noite por semana ficava ansiosa e irritada e saía da casa. Cada vez mais ia assistir a filmes no cinema.

Foi assim que Cara passou a cuidar de tudo, desde lavar as roupas até guiar o carro. Ficava atenta às medicações e alimentação da mãe. Cuidava da agenda médica, das compras e das contas. Não queria aceitar a ajuda que ofereciam. Não gostava de incomodar amigos com seus problemas. Dentro dela era mais simples se resolvesse o máximo sozinha. Havia uma pessoa, porém, que ela *sempre* esperava estar por perto.

Palmer abriu a porta de casa e também um sorriso. Mas logo no momento seguinte o sorriso tornou-se polido e a surpresa foi controlada.

— Olá, Cara.

— Oi, Palmer.

Ele estava saudável em sua camisa azul-claro que ressaltava seus olhos na pele queimada de sol. Ela imaginou se ele tinha jogado golfe ou andado de barco, ou ambos. Estava vestida com roupa de algodão que a fazia parecer uma menina perto da roupa sofisticada dele. Não quis se vestir melhor para a ocasião.

— O que a traz aqui?

— Pensei que pudéssemos conversar um pouco sobre mamãe.

O homem pensou um pouco e ela percebeu que aquilo não seria muito fácil.

— Entre — disse finalmente, abrindo a porta. Entrou determinada a controlar seu nervosismo. Era a segunda vez que visitava sua antiga casa desde que chegara. Não houvera mais convites para jantar nem visitas à casa da praia desde quatro de julho.

— Como estão as crianças?

— Saíram para brincar em algum lugar.

— Que pena — ficou desapontada, pois não iria vê-los. Mas era um bom começo de conversa. Ele a levou a uma cadeira fofa de tecido italiano e sentou-se em outra.

— São novas essas cadeiras? — ela perguntou com admiração.

— Não, essas são aquelas cadeiras que papai usava na biblioteca. Eles mesmos colocaram esse tecido, não lembra?

— Parecem diferentes — comentou sentando numa delas. — São lindas.

— Júlia cuida delas — continuou sem entusiasmo enquanto também se sentava.

— Como ela está? Faz tempo que não a vejo.

— Está em alguma reunião da escola. Sempre vai em algum encontro por lá.

As coisas estão esquentando no co meço das aulas.

— Na casa da praia também temos tido muito que fazei

— era um brecha para o assunto. Palmer assentiu sem se comprometer.

Cara inclinou-se para frente, terminando a conversa introdutória e dirigindo-se direto ao assunto.

— Duas semanas atrás telefonei para falar sobre mamãe

— fez uma pausa. — Achei que tinha sido clara sobre o que o médico disse sobre mamãe, mas penso que me enganei.

Então passei aqui para conversar.

— Eu entendi muito bem o que você disse, mas não concordo.

— Como assim não concorda? Como discordar? Mamãe tem câncer e está morrendo.

— Não acredito que esteja morrendo.

Ela recostou-se na cadeira. Não estava preparada para isso.

— Você está negando um fato, Palmer.

— É o que você acha. Conversei com médicos e nenhum deles me disse que ela estava morrendo. Disseram apenas que iria precisar ficar no hospital, se precisasse.

Cara olhou para ele sem saber no que acreditar. Ou os médicos estavam enganando o irmão ou ele não ouvia o que era dito.

— Mamãe não quer ir para o hospital, ela quer morrer em casa.

— Ela não está morrendo — disse o irmão.

— Palmer, ouça. A coisa está feia. Ela precisa te ver. Pergunta por ti o tempo todo. E por Cooper e Linnea também.

— Sei que deveríamos ir mais lá, mas veja como as coisas são. As crianças mantêm Júlia correndo o tempo todo por um motivo ou outro. E nós fomos lá na outra semana.

— Quer dizer, as crianças foram. Você não vê a mãe há mais de um mês — disse em tom acusador.

— Tenho estado ocupado — falou com voz fraca. — Você é quem tem tempo livre. E mamãe designou você para cuidar dela. Você e aquela moça.

O ressentimento dela cresceu.

— Não posso crer que você trata disso tão simplesmente. Dizendo que as crianças tomam tempo e que você está ocupado num momento como esse! — Sentiu sua fúria crescer sobre o irmão.

— De que tem tanto medo, afinal? Que a mamãe morra?

— Como disse...

— Ou está bravo com ela? — Cara interrompeu o irmão. Ele fechou a cara e ela notou que acertara na mosca. — Sei que tiveram uma discussão no quatro de julho. Você a provocou, Palmer — estava aliviada em ver culpa no olhar dele. —

Mas ela não vai falar comigo sobre isso e eu não estou perguntando nada. Não sei nem quero saber o que aconteceu. Não é problema meu. Mas você é homem o bastante para esquecer seja lá o que for enquanto sua mãe está morrendo.

Sua mandíbula apertou e seu olhar se encheu de raiva.

— Deixe-me em paz com meus problemas com minha própria mãe. Eu tenho cuidado dela por muito mais tempo que você.

— Ninguém está dizendo que não. Mas ela precisa de você agora. E eu preciso também.

— Você parece ter tudo sob controle por lá. Sim, madame, as coisas estão indo justamente do jeito que você quer.

— Não estou assim tão certa...

— Está fazendo um bom trabalho — disse irônico e se pôs em pé

— Tudo bem. Passarei por lá em breve. E me chame se houver alguma emergência, certo? Veja, eu tenho que sair.

Estava mandando-a embora! Não podia acreditar.

Levantou-se ofendida e seguiu-o até o hall de entrada.

— O que acontece com você, nem liga para sua própria mãe?

— Nem pense em questionar meu amor pela minha mãe! Quem diabos você pensa que é? Você nem tem idéia do que é amor. Quem você pensa que cuidou dela esses anos que você estava por Chicago? Eu, fui eu. Agora saia!

— Você está me expulsando!

— Isso porque você criou caso com o velho.

Eles pararam encarando-se a um palmo de distância e a lembrança daquela noite cruzou a mente dos dois.

Cara deu um passo atrás e segurou a frente. Sua mão tremia.

— Diabos — ele disse levando as mãos à cintura. — Fiquei orgulhoso de você aquela noite.

— Não vejo o porquê — respondeu. — Fico com vergonha quando penso naquilo.

— Odiei a mim mesmo por ter sido tão chato. E a você por me deixar para trás com aquele mala.

— Não tive escolha.

Ele tremeu com o peso daquela história. Percebendo o gesto dele e vendo o seu olhar lembrou-se dele na adolescência.

— Realmente acho que deveria ir vê-la. E, se fosse você, iria agora mesmo.

Palmer olhou para o chão.

— Ela não precisa de mim.

— Claro que precisa. Agora mais que nunca.

— Não se ela tem você. Você sempre foi a queridinha dela.

— Você que sempre foi o queridinho dela.

Os lábios dele se contraíram e ele falou num repente.

— Se é isso que você pensa, querida, você não sabe de nada — virou-se para abrir a porta. — Volte para ela naquela casa infernal da praia e, diabos, me deixe em paz.

No dia seguinte chegou um enorme buquê de flores com um cartão que dizia "Iremos em breve. Nós te amamos. Júlia e Palmer." Cara pegou as flores e desejou jogá-las no lixo. Era a resposta do irmão e ela achou o presente inconveniente. Lovie ia entender o que acontecera e ficar chateada.

Mas levou-o ao quarto da mãe.

— Veja o que Palmer mandou! — exclamou quando entrou com um sorriso.

— Ele mandou isso? — a velha perguntou sentando-se. Ela tossiu pelo esforço e levantou a mão em direção das flores. — Que lindo! Mas que extravagância! Ponha ali no canto, assim posso sentir o perfume.

Cara apertou os lábios e trouxe o buquê para perto da cama.

— Ele não é uma graça? Você pode me trazer papel e caneta? Quero escrever agradecendo — inclinou-se para cheirar as flores.

— Que atencioso! Acha que ele virá logo?

Cara saiu do quarto e encontrou Toy batendo as almofadas do sofá com vigor demais.

— Devagar, garota, por que essa fúria? — Cara perguntou enquanto cruzava a sala indo para o escritório.

— Eu ouvi! Não posso acreditar que ela acha o Palmer tão gentil. Ele nem se deu ao trabalho de vir até aqui! Seu próprio filho! E ainda manda flores.

— Acho que ela não quer nem pensar nisso. Ia doer muito. Vai encontrar seu caminho. E o que importa. Tem vivido dor suficiente.

— E você? Não fica brava com ele?

Pensando no acontecido do dia anterior com o irmão achou melhor acalmar a todos.

— Não posso gastar energia com isso agora, estou cansada.

— Claro que você está. Correndo o tempo todo por sua mãe enquanto ele apenas senta a bunda e manda flores.

No escritório pegou o papel de carta. Era o mesmo papel personalizado que Cara conhecia desde a infância. Lembrou-se de como sua mãe a obrigava, logo após receber qualquer presente, a sentar e escrever uma nota de agradecimento. Claro que Lovie estava ansiosa para escrever ao filho. Ela sempre fizera o mesmo com seus presentes e, agora, imagina com seu queridinho! Como ele podia achar que não era o preferido dela?

A moça pensava que jamais iria receber um agradecimento formal da mãe por tudo que estava fazendo a ela. Mas, também, como poderia agradecer a uma pessoa que estava o tempo todo falando para comer e lhe trazendo comida,

lembrando-se de seus remédios e a forçando ir ver o médico quando a única coisa que a mãe desejava era sossego? No fundo sabia que a mãe era grata a ela e estava totalmente dependente dela. Sentiu que não precisava nem queria um pedaço de papel para justificar seu esforço.

Mas, de qualquer modo, se sentia incomodada por ver o irmão receber tal atenção quando não ajudava em nada. Lembrava de quando eram crianças e a mãe adorava os feitos do ilho e mal notava os dela. Sempre fora mais condescendente o submissa aos atos masculinos e era o mesmo padrão que repetia agora.

Notou que sua mão tremia e ficou surpresa consigo mesma pela força do incômodo. Sentiu-se envergonhada por estar com ciúme do irmão aos quarenta anos!

Passando à sala, viu as almofadas no sofá e foi direto a elas, escolheu uma e esmurrou-a. E ouviu Toy rindo a seu lado.

— Isso, vai em frente!

Cara parou, levantou-se, pôs as mãos na cintura respirando fundo, sentindo-se mais aliviada.

— Tem razão. *Estou* brava. Com Palmer. E com mamãe. Mais ainda por estar nessa situação mais uma vez. Saí de casa para evitar isso e aqui estou de novo nessa ratoeira emocional.

— Você não está presa. Está fazendo o que devia fazer e muito bem-feito! Quando ela se for, você vai estar em paz, mas não sei como Palmer estará se sentindo.

— É, tem razão, mas isso é triste... Eu sei que ele gosta dela.

— Talvez ele não possa suportar a doença da mãe, tem gente que é assim.

— Ele tem sido mimado a vida toda, primeiro por mamãe e depois por Júlia. Sempre deixou as coisas difíceis para uma mulher.

— E um homem...

— Odeio estereótipos, mas a moça da assistência soei disse que quase sempre são as mulheres que se movem para ajudar os outros.

— Não me surpreende. Os homens parecem achar que isso é trabalho de mulher.

— Não devia ser. Quando crianças aprendemos, temos dever — não, melhor, a honra — de cuidar dos pais quando estão doentes.

— Eu nunca farei isso — comentou Toy com rebeldia.

— Nunca diga nunca. Na sua idade achava o mesmo. Olhe para mim agora, vinte anos depois... e agradeço a Deus por isso. Seria terrível não poder dizer para minha mãe que amo antes dela morrer.

Toy sentiu um baque.

— Oh! Toy, isso não quer dizer nada...

— Eu sei — disse balançando a cabeça. — É só que minha mãe teve que cuidar do pai dela até a morte. E ele um bêbado horrível, mas ela o amava. E minha tia ajudava com o pai delas.

— E eu tenho você.

— E que bela ajuda eu tenho sido nos últimos tempos — disse descontente consigo. — Não deveria sair tanto e te deixar sozinha.

— Você tem que ter tempo para você mesma. E jovem e precisa sair.

— Tenho tentado entender várias coisas estes tempos — continuou a moça um pouco culpada. — É um pouco confuso, estou para ser mãe, mas ainda sou uma garota — sua voz apertou. — Eu... Eu... O que vou fazer com um bebê? Como poderei cuidar dele?

Meu Deus, Cara pensou, sem saber como ajudá-la. Com tudo que estava vivendo acabara colocando de lado a situação de Toy, como se fosse algo menos importante. Sua mente disparou procurando um caminho para dar uma mão à jovem. Mas sentiu-se exaurida, não encontrando nada dentro de si.

Saiu do sofá e foi sentar ao lado da moça.

— O que você tem em mente? — esperando que a outra tivesse alguma idéia do que seria.

Toy respirou fundo.

— Vou fazer meu teste de GED. Em breve. Acho que irei bem. Então não sei. Acho que irei procurar emprego.

— *Acha que vai?* — Algo especial?

— Algo que pague o suficiente e eu possa ter um seguro-saúde. Não importa o quê.

— Você sabe fazer alguma coisa? Tem alguma experiência, algo que já fez e gostou? Quem vai olhar o bebê enquanto trabalha?

— Não sei... — murmurou quase inaudível.

— Toy — Cara continuou —, o que tem pensado?

A grávida pôs uma almofada nas costas para se apoiar melhor.

— Tinha pensado em tirar o GED primeiro.

Cara fechou os olhos. Estava tudo bem pior do que pensava. Toy não tinha planos. Como podia ser assim? Lembrou-se da sua mãe descrevendo os filhos aos dezoito anos.

Palmer como um garoto e a filha como alguém que já sabia o que queria. Isso era inato ou as pessoas aprendiam na vida? Mas era irônico como Toy cuidava tão bem da casa em detalhes e não tinha idéia do que fazer com sua vida. — Você sabe que não precisa sair daqui, não?

— Mas também sei que não posso ficar aqui para sempre. A senhora Lovie... Você sabe, seu tempo é curto e penso que você voltará para Chicago, não?

— É, penso que voltarei depois que... — não terminou a frase.

— Tenho que ter uma idéia para onde vou.

Cara não pôde ver o otimismo e a fé no rosto da moça como vira no começo do verão. Tudo se apresentava como uma grande escuridão.

Naquela noite Cara teve um desabafo com Brett.

— Eu não sou a mãe de Toy! — exclamou abraçando Brett.

— Não sou a mãe de mamãe nem de ninguém.

— Não, você é bruxa — brincou carinhoso.

Ela afastou-se recostando na cama e falou séria.

— Não estou agüentando, vou acabar explodindo. Brett aproximou-se deitando a cabeça sobre seu braço e

com a outra mão fez carinho no rosto dela. Ela olhou-o sentiu-se confortada como se admirasse uma paisagem com uma grande montanha ao fundo. Havia uma paz e quietude naquele homem. E mistérios.

— Ninguém pensa que é a mãe dela — disse em sua voz grave.

— Não precisam dizer, eu sinto isso. Detesto me senti como uma mãe para minha própria mãe — confessou. -Não é natural. Me faz sentir como um tipo de ogro. Às vezes ela age como uma criança. Esconde remédios na cama fingindo que os tomou. E tem o olhar infantil quando levo água. Só falta eu falar "olha o aviãozinho..." Droga! — Pegou o travesseiro e escondeu o rosto com ele. — Não quero mais isso, nem vê-la desse jeito.

O homem gentilmente tirou o travesseiro.

— E Toy. Vê-me como uma mãe. Imagina logo eu! Que piada.

— Piada?

— Olhe para mim! Sou uma mulher falida até no trabalho de relações públicas que só precisa cuidar da vida dos outros.

— E você acredita que Toy e sua mãe são "outros?"

— perguntou gentilmente.

Ela reconheceu em silêncio que ele estava mais perto da verdade.

— Mas a questão é: como posso tomar conta delas se não posso cuidar de mim? Estou falida. Me vejo correndo o dia todo e não realizando nada. Fico tão exausta que me pego olhando para uma parede, no final do dia, à beira das lágrimas.

— Você está carregando tudo sozinha, seria bom arrumar alguma ajuda.

Deu um sorriso amargo ainda sentida pela reação do irmão.

— Pedi ajuda ao meu irmão e ele mandou flores. Brett, as responsabilidades são intermináveis. Não suporto, nunca quis ser mãe de ninguém.

— E ser mãe te incomoda tanto por quê?

— Não me incomoda. Apenas não gosto de fazer um papel que não escolhi para fazer.

As palavras dela eram fortes como se estivesse querendo convencer mais a si que a ele. Puxou o lençol até cobrir a própria cabeça.

-*- Não quero mais falar desse assunto.

Ele, sentando-se na cama, pegou no ombro dela, virando-a para si, face a

face.

— Posso falar só mais uma coisa?

— Claro.

— Acho que você daria uma mãe incrível. Ela olhou-o mais fundo.

— E uma esposa ainda melhor.

Brett queria ter sorrido, mas estava tão vulnerável e entregue, quase que tremia e ela sentiu-o, sua respiração parou.

— Não, eu não — a moça falou, sentando e cobrindo-se com o lençol.

Brett estava desamparado e falou com a voz baixa.

— Por que não?

Tentou abraçá-la, mas ela estava rígida.

— Pela mesma razão que você. Pessoas como nós não são feitas para casamento, nem filhos. Somos solitários, não?

— Bem, eu não me lembro quando, alguma vez, tenha decidido que não casaria nem teria filhos. Apenas aconteceu assim. Talvez pessoas como nós demorem mais tempo para chegar a isso.

Ela não podia continuar com aquilo agora, não sabia mais o que falar. Levantou-se e começou a vestir a roupa íntima.

— Aonde você vai?

— Tenho que voltar. Toy quer ir ao cinema de novo.

— Eu queria...

— Tenho que correr.

Quando as pequenas tartarugas sentem o gosto do mar o instinto fala alto. As nadadeiras da frente começam a trabalhar sem parar. Nadam por aproximadamente vinte e quatro horas sem interrupção até alcançarem a Corrente do Golfo.

CAPÍTULO XX

Durante os meses de setembro e outubro quando o clima do oceano Atlântico começa a ficar turbulento, os habitantes da costa leste ligam os rádios e tevês com frequência.

Cara e Brett estavam voltando da pescaria para casa quando ouviram o boletim de tempo. Uma tempestade tropical e formara fora da costa africana e dirigia-se rapidamente para o Caribe. Fazia vinte anos que ela não se preocupava com furacões, mas o frio que subiu pela espinha dela era familiar.

— Você acha que vai formar um tornado? Brett não parecia preocupado.

— Quem sabe? — Respondeu dando de ombros. Olhando para ela enquanto guiava, perguntou.

— Por que, está preocupada?

— Não, não — mentiu.

— Certo.

— Apenas pensei em Toy fazendo tudo sozinha hoje. Não poderia ser em pior hora.

— Ouvimos esses boletins sempre, nesta estação do ano é comum. Exatamente agora centenas de pessoas estão correndo para a carta de caminhos de furacões e se divertindo. As transmissoras adoram movimentar essas pessoas. A maioria destas tempestades acaba no meio do oceano sem se aproximar da costa.

Cara mordeu o lábio e olhou para ele. Estava calmo e sereno e ela acalmou-se. Afinal ele conhecia bastante a natureza. Olhando pela janela do carro o dia estava limpo, ensolarado e com poucas nuvens.

— Mas não é má idéia se preparar — disse ele, tem suprimentos a mão. Nesta época do ano os furacões podem chegar aqui.

— Certo, vou anotar na minha lista.

A moça olhou para o relógio quando chegaram. Eram quinze para as cinco. Estava cansada e desalinhada após a tarde de pescaria. O cabelo saía para fora do elástico, seu short úmido e o bronzeador grudara poeira e areia no seu corpo. Mas se sentia melhor que nunca nesses últimos dias. Pescaram algumas trutas e pararam numa venda para comprar verduras e legumes para o jantar. Salivou pensando no peixe grelhado com limão.

— Eu limpo os peixes se você grelhá-los — ele disse com os pacotes no braço. Pescar nos riachos tornara-se o encontro favorito deles e ela era agora ávida nas pescarias.

— Combinado — disse ela pegando os dois últimos pacotes e fechando o porta-malas. Subiu as escadas para a casa atrás dele com os passos pesados. Não podia mais esperar por um banho.

— Espero que Toy tenha feito a sua deliciosa salada de repolho, estou morta de fome.

Ela parou de repente, quase batendo em Brett. Ele estava parado no topo da escada. Lovie estava em pé do outro lado com cara de que algo estava errado.

— Olha quem está aqui — a mãe falou.

Cara entrou na sala e ouviu algo a seu lado. Virando-se encontrou seu irmão Palmer e o namorado dela de muitos tempos, Richard.

Quase largando os pacotes, sentiu a sala ficar pequena. Fazia meses que ela nem pensava em Richard. Nem nunca imaginara que ele poderia aparecer por lá. Ficou sem fala.

Sempre com seu jeito fácil, Richard foi pegar os volumes que Cara carregava.

— Olá, querida, aposto que está surpresa em me ver. Pronto, já está livre de seu fardo — brincou quando pegou os pacotes.

Sentiu os joelhos travarem ao cheiro da colônia que o rapaz usava.

— Surpresa? — Richard perguntou.

— Surpresa não é nem um pingaço do que sinto. Olhando para Brett, percebeu-

o estático como uma rocha segurando o isopor e as sacolas. Então apresentou um ao outro.

— Brett, este é meu colega de trabalho Richard Selby. Richard este é meu grande amigo Brett Beauchamps.

Richard esboçou um sorriso.

— Um amigo da Cara é sempre meu amigo — e, segurando as sacolas numa só mão foi cumprimentar Brett.

Este apenas balançou a cabeça como cumprimento. Parecia querer quebrar o pescoço do outro.

Ficou aliviada de ele estar com as mãos ocupadas e não poder dar a mão. Tinham que encarar a boa educação agora.

Aparentemente Brett tinha muito que saber sobre Richard e o olhar insolente que esse último lhe dirigira.

— Estavam pescando? Ouvi dizer que vocês são bons nisso. Brett encarou o homem. Seus olhos azuis tornaram-se gelados.

Lovie falou, quebrando o incômodo:

— Vamos, podem pôr as coisas na cozinha. Seguiram-na sem muito entusiasmo. Cara olhou seu irmão que se divertia com a cena.

— Não olhe para mim desse jeito — disse para a irmã. —Ele apareceu lá em casa procurando por você, vindo de Chicago.

— Ah, sim — sibilou. — E você, pessoalmente, trouxe ele aqui.

— Era a única forma de ser gentil, uma vez que ele explicou a relação de vocês.

Ela ia perguntar qual era essa explicação quando o rapaz voltou à sala. Ele parecia ter saído do chuveiro, apesar do calor, em suas roupas finas, enquanto ela tinha certeza que cheirava a peixe cru.

— Que bom ver você de novo — Richard disse chegando perto dela.

Cara não respondeu e deu um passo atrás. Ele compreendeu o movimento e não tentou se aproximar novamente.

— Richard, o que está fazendo por aqui?

— Bom, me parece óbvio. Vim te ver.

— Não posso imaginar por quê.

Ele olhou por cima dos ombros dela e se deu conta de que os outros estavam escutando. Quando a olhou de novo, seus olhos demonstravam desconforto. Estavam acostumados a se comunicar com olhares durante reuniões de trabalho. Sabiam o que o outro pensava pelo olhar.

— Está meio cheio aqui, você não quer sair para jantar?

— Já tenho planos para o jantar.

— Tenho muito para conversar com você — seus olhos: suplicavam.

— Sinto muito.

— Cara, eu sei o que você pensa.

— Se soubesse o que penso não teria aparecido por aqui Olhou-a maliciosamente, sem nenhum traço de culpa. Isso incomodou-a muito.

— Justamente por isso gostaria de conversar com você a sós.

— Richard... — Cara balançou a cabeça.

— E só para te animar — ele continuou —, colocando de lado qualquer questão pessoal, eu vim te procurar por causa de trabalho.

O interesse dela se avivou. Olhou para Brett que tinha o cenho franzido e ouvia atentamente.

— Eu tinha planos para o jantar...

— Isto é mais importante.

— Vocês vão e arranjam os seus negócios — Palmer interveio.

— Esperava uma chance para vir visitar mamãe

Cara olhou para o irmão com irritação.

Os dois sabiam que ele viera para ver a confusão, não para visitar a mãe

— Brett, o que você acha de nos dois cozinarmos o q quer que você tenha trazido naquele isopor? — falou Palme

— Não dessa vez, Palmer — respondeu indo para a porta — Tenho muito a fazer. Mas aproveite o peixe, foi Cara que pescou quase todos. Senhora Lovie, é um prazer vê-la co tão boa aparência. Toy foi um prazer.

Passando por Cara, trocaram olhares antes que ele colocasse os óculos escuros.

Depois que ele saiu, ela dirigiu-se a Richard.

— Se você puder esperar eu vou me arrumar bem rápida

Parecia que a antiga vida dela estava retornando, penso segurando a taça de cristal com vinho na restaurante iluminado a luz de velas. Pela primeira vez desde o início do verão ela estava usando a roupa com que saíra de Chicago. O colar e os brincos de pérola saíram da penteadeira e o relógio Timex que usava na praia fora substituído pelo Cartier.

— Você está maravilhosa — falou Richard. — Está bronzeada e em forma. Tem jogado golfe?

Ela riu.

— Não, sou uma Dama das Tartarugas.

— O quê? — perguntou interessado.

Explicou-lhe rapidamente o que era, uma vez que ele não deveria se preocupar por tartarugas marinhas.

— Tenho andado bastante na praia, mexido no jardim, pescado e passeado de barco.

Foi Richard quem riu agora.

— Você? Detesta atividades a céu aberto!

Era estranho se ver descrita desta forma, mas era como ela era antes.

— Não, eu adoro. A vida aqui é bem diferente, você ia gostar.

— Como não gostar? A cidade é linda, o clima maravilhoso e tem campos internacionais de golfe. E ótimos restaurantes.

— Você ia se surpreender se eu dissesse que é a primeira vez que como na cidade desde que cheguei?

— Brincadeira! Coitada, deve estar esfomeada! Você nunca apreciou comida caseira!

Cara contou dos siris e camarões que Brett cozinhara para ela nos piqueniques na praia. Nas comidas saudáveis que Toy preparava e nas receitas familiares da sua mãe e sorriu pensando que nunca comeria melhor em toda a sua vida.

— Como está sua mãe?

— Está morrendo, Richard. Como pensa que ela está?

— Desculpe, estava querendo ser amigável — falou dando de ombros.

— Não se incomode. Veja, Richard, eu não posso sentar aqui e imaginar que estamos tendo um jantar de amigos. A última vez que nos vimos, você me deu um beijo de despedida e voou para Nova York. Me lembro, que me pedia desculpas por esquecer meu aniversário, mas o que você se esqueceu mesmo foi de dizer o que ia acontecer comigo no dia seguinte. Ou era uma surpresa de aniversário? — Seu sorriso era gelado.

— Eu tive que ir para Nova York. E não podia falar sobre| sua demissão. Era confidencial.

— Ora, não me venha com essa. Ele levantou a mão como que querendo se proteger.

— Por favor, Cara, deixe-me explicar. Eu nunca quis te machucar.

— Certo, mas machucou. Tomei a maior pancada da minha vida sem nenhum apoio dos amigos.

— Não imaginava que você deixaria a cidade! Fiquei louco imaginando todos esses meses por onde você andava e como você estava se sentindo. Liguei para sua casa e só dava ai secretária eletrônica. No seu celular. Não pegou os meus Recados? Porque não retornou minhas ligações? Deixou-me agonizado esses meses.

— Que delícia! Deixei-te em agonia!

— Se isso te faz bem, quero que saiba que sofri. Você me deixou um recado de que iria me ligar quando chegasse em casa. Esperei sua ligação por meses. Então comecei a te procurar. Ninguém sabia de você. Parecia que tinha sumido. E eu sabia o quanto o trabalho significava para você. E sabia que estava muito brava comigo — arriscou um olhar gracioso.

Ela não se iludiu com a conversa. Ele queria alguma coisa dela e era só esperar para saber. O pé dela balançava embaixo da mesa, mas sua. Expressão era

calma e controlada. Como a conhecia, estava preparado para a ira silenciosa dela e conservava o trunfo guardado.

— Isso tudo aconteceu já faz tempo — ela disse com frieza.

— É uma história passada.

— Certo você tem razão. Mas quando você sumiu eu fiquei assustado, pensando que tinha te perdido. Procurei muito, pensei até em contratar um detetive. Quer saber como te achei? Almocei com Adele, que me disse que você estava com sua mãe, mas não me deu seu telefone. Então procurei na lista telefônica de Charleston pelos Rutledge — você tem idéia de quantos há na lista? — e finalmente achei o seu irmão.

— Que história linda — falou irônica. — E por que tanto esforço?

O homem espalmou as mãos na mesa e deu de ombros.

— Querida, sei que está brava. Desculpe-me por não te avisar da demissão. Você tem que acreditar em mim. Planejei o tempo todo para você voltar. Era uma questão de tempo. E é por isso que estou aqui

— os olhos marrom-escuros dele brilharam. — Aquela campanha da rede de lanchonete que você estava trabalhando deu certo. A conta é nossa. E eles querem você para gerenciar a campanha publicitária. E nós também. Queremos e precisamos de você de volta... Como Vice-Presidente e Diretora da conta.

— Isso é brincadeira — disse observando-o. Ele encostou na cadeira e sorriu.

— Claro que não. Cara pensou um pouco.

— Quero isso por escrito.

— Cara...

— Quero um contrato especificando tudo o que você me disse e as outras coisas que não disse. Mande-me pelo correio. Sem fax, não tenho um.

Se eu gostar, você pode me mandar uma passagem de avião para Chicago e me apresentar na Quatro Estações e iremos conversar, entender como tudo isso funciona e então poderá me ter de volta.

Rindo um pouco amarelo, ele continuou.

— Você está brincando agora, não?

— Nunca brinquei sobre dinheiro em minha carreira. E eu não minto.

Ele riu alto e ela se perguntou como se sentira atraída por um tipo como aquele. Mas negócios eram assim e não importava nada o que ela sentia por ele. E a oferta deveria ser séria se ele fizera tudo aquilo para encontrá-la.

Ela pegou sua bolsa e ficou em pé.

— Aonde você vai?

— Nosso negócio está feito, não vejo razão nenhuma para continuar com isso. Foi um prazer te ver, Richard e espero encontrá-lo em breve no escritório em Chicago.

— Mas o jantar...

— Ouvi dizer que a comida, aqui, é maravilhosa. Tenha bom proveito. Mas

tenho umas trutas em casa e estou ansiosa por saboreá-las. E espero que você possa aproveitar um pouco dos campos de golfe enquanto estiver aqui. Você parece um pouco pálido, ia te fazer bem. Tchau.

Pôs a bolsa no ombro e teve certeza que o olhar dele i acompanhava enquanto saía do restaurante.

Cara se sentia tão bem que parecia estar voando pela ponte entre a ilha e o continente. Baixou a capota de seu Saab, aumentou o volume da música e curtiu guiar o carro O peso todo que sentia esses tempos tinha acabado. Queria gritar para o Universo "Estou de volta!" Não apenas o trabalho, mas uma grande promoção! Eles deveriam realmente querê-la de volta para mandarem o cara atrás dela e ele planejava negociar tudo em detalhes até firmar um contrato Como era doce ter trabalho e dinheiro de volta. E um futuro para olhar. Chegando ao topo da ponte, com aquela vista magnífica da ilha a sua frente, se sentiu poderosa.

Dentro da casa da praia tudo era silêncio.

— Olá! — ela chamou pondo a bolsa na mesa. A cozinha estava arrumada e, cheirando o ar, nada de peixe. — Onde estão todos?

Toy apareceu de seu quarto de pijama, apesar de ser sete e meia, amarrando seu robe.

— Oi Cara, como foi?

— Tudo certo. Onde está Palmer?

— Ele saiu logo depois de você.

— E mamãe?

— Estou aqui!

As duas moças foram para o quarto da dona da casa. A janela estava toda aberta e soprava uma brisa marítima, mas Cara pôde sentir o cheiro de remédios e doença. A máscara de oxigênio cobria parte do rosto da velha e a televisão estava ligada. Sorrindo, Cara dirigiu-se para a cama.

— Oi mãe, como se sente? — disse sentando na beira da cama e dando um beijo na mãe.

Lovie tirou a máscara e Toy apressou-se a desligar o oxigênio.

— Ah, estou bem. Apenas usava isso para me ajudar um pouco — ela usava aquilo cada vez mais, mas não queria admiti-lo. — Nossa, olhe para você! — Seus olhos brilhavam de orgulho e a filha sentiu prazer na aprovação da mãe.

— Como foi com Palmer? Parece que ele não ficou muito.

— E. Ele gosta de manter a leveza. Teve que ir e, sinceramente, foi melhor para mim. Não suporto mais muito tempo fora da cama

— sentou-se e tossiu um bocado. Então ajeitou a coberta até o pescoço.

— Toy, querida, por favor, desligue essa coisa — disse apontando a televisão. — E você, minha filha, o que e/le queria?

A moça sorriu e sentiu a excitação voltar.

— Você não vai acreditar! — falou ajeitando-se melhor para a conversa.

O olhar da mãe brilhava por antecipação.

— Ofereceu-me o trabalho de volta com uma promoção! Lembra da conta da rede de lanchonetes que eu estava tentando ganhar antes de deixar a agência? Bem, deu certo e eles me querem para gerenciar a conta deles.

— Uau, que demais! — Toy falou baixinho. Cara assentiu para a moça.

— Trabalhei duro por eles. Oh, mãe, isso é ótimo para mim...

Lovie olhou-a admirada.

— Quer dizer que aquele jovem voou até aqui só para falar de trabalho?

A filha parou de sorrir.

— Claro, o que você estava esperando?

— Bem, pensei que tivesse vindo aqui para te propor casamento.

— *Casamento?*

— Por que me olha desse jeito? Geralmente é por isso que homens aparecem de repente, sem avisar. Pelo menos na minha geração era assim... Mas com vocês, quem pode saber? Tudo é tão diferente. Ele não era seu namorado?

— Era nós tivemos bons momentos juntos, mas, me acredite, mãe, eu nunca serei a senhora Richard Selby.

— E por que diz isso?

— Porque sei hoje que nós não queremos a mesma coisa da vida.

— E ser a senhora Brett Beauchamps? — quis saber Toy.

— Tenho sonhado com isso algumas vezes — disse surpreendendo as duas.

— Mas quando Richard me ofereceu promoção eu vi o que queria e disse sim. Lovie prosseguiu.

— Brett é uma pessoa adorável e vocês parecem ter muito em comum. Você está certa do que quer?

— Tanto quanto qualquer um; acho que sim.

— Mas viver só é difícil, principalmente para uma mulher. Todas nós precisamos de um homem para nos amar. E você já não é mais tão jovem assim — a mãe balançou cabeça. — Se, pelo menos você encontrasse um bom marido.

Todo o ânimo e excitação de Cara caíram por terra. Senti o tradicional incômodo com a mãe e seu instinto quis levantar de novo o muro que sempre deixara entre elas durante sua vida adulta. Mas já tinha vivido demais esse padrão estava disposta a mudá-lo. Respirou fundo e olhou para sua mãe.

— Você não entende né?

— Não entendo o quê, filha?

— Como as coisas são para mulheres como eu. E com Toy. Você teve uma

vida privilegiada. Não é assim para nós. Não há ninguém que nos faça um cheque para cobrir nossa conta bancária, ou para pagar a gasolina do carro. Isso se tivermos um carro. Temos que cuidar de nós sozinhas. Sabe, às vezes acho que você não se dá conta de que eu sempre cuidei de mim sem ajuda de ninguém.

— O que você quer dizer?

— Papai e você não me colocaram na universidade e não ajudaram a montar minha primeira casa. Não me deram nem um dólar desde que saí de casa quando tinha dezoito anos. E eu trabalhei muito para poder ter uma proposta como a que acabaram de me fazer — prendeu a respiração — é um *grande* momento na minha vida.

Lovie olhou-a com os olhos bem abertos e sem compreendê-la.

A moça continuou.

— E tudo que você pode me dizer é que deseja que eu arrume um bom marido?

Cara levantou e foi olhar pela janela. O oceano continuava sua lida de sempre, lambendo interminavelmente a praia. Virou-se para a mãe abraçada a si mesma.

— Mãe, você pode imaginar o quanto me sinto desprezada por você?

— Eu nunca fiz isso! Apenas acho que seria muito bom para você ter alguém para te sustentar. E algo ruim para desejar a uma filha querida?

— Ah, mãe, não estou dizendo que não desejo uma relação com um homem, mesmo um casamento. Mas não quero isso para que me sustentem, para encontrar segurança. Eu conto comigo, não com outro alguém.

Lovie, em vez de dar de ombros e ficar indignada como Cara esperava, encostou-se no travesseiro e ficou olhando a filha com atenção, como se olhasse para alguém que não conhecia.

— Me desculpe querida — a mãe disse com ternura. — Eu não sabia... Você sempre nos escreveu cartas com alto astral, contando como tudo ia bem. E eu quis acreditar nisso. Você sempre foi tão competente, que era *fácil* acreditar nisso — seus olhos se encheram de lágrimas e ela pegou um lenço de papel ao lado da cama. — Eu não sabia.

Cara sentiu-se culpada pelas lágrimas da mãe. Para que isso agora? Sua mãe estava morrendo e já tinha problemas o bastante. E qual era o objetivo disso agora? Aproximou-se ^ da cama desejando que a conversa não tivesse ido para essa direção.

— Ah, mãe, não se preocupe, isso tudo já passou. Não quis que esta noite criasse problemas. Não devia ter falado nada.

Apenas imaginei que você ia dividir minha felicidade pela oferta de trabalho que tive. Só isso.

Lovie enxugou os olhos e assuou o nariz.

— Não, adorei que tenha me dito. Não queria que... Apenas sempre acreditei

que uma mulher é mais feliz com um marido.

— Me diga honestamente, você foi?

A mãe olhou para cima com os olhos úmidos e abriu a boca para falar, mas nada saiu. Parecia que um conflito prendia sua fala.

— Isso quer dizer que você estará indo para Chicago em breve?

— Toy quis saber.

Cara olhou para a moça que estava parada na porta.

— Não irei para nenhum lugar até que você tenha tido o bebê! — disse com entusiasmo na voz, apontando para a jovem. Pôde ver o alívio no olhar dela. — Mas, depois d eu provavelmente terei que ir para Chicago para uma SÉRIE de entrevistas. Deverá ser por poucos dias. Talvez um;, mana. Penso que poderá cuidar da casa se eu arrumar *alguém* para ajudá-la. E Fio prometeu estar por perto. Sabe mos que ela adoraria cuidar do bebê. Eu não perderei tempo, Voltarei assim que possível.

A filha sentou na cama de novo e pegou a mão da mão.

— Eu amo você e não irei abandoná-la, você sabe, não?

— Claro que sei — respondeu com um sorriso fraco. Cara sentiu todo o peso da sua responsabilidade por aquelas duas vidas, uma que partia e outra que traria um novo ser ao mundo.

— Você está bem? — perguntou a Lovie. Esta assentiu timidamente.

— Comeu o jantar? Não sinto cheiro de peixe.

— Não quisemos limpar o peixe — respondeu Toy pela velha —, então comemos a salada de atum de ontem e uma sopa de ervilha.

— E estava delicioso, querida — Lovie respondeu meio distraída.

— Você quer um pouco? — a moça perguntou à Cara. O estômago dela roncou.

— Não se preocupe. Vou arranjar algo para comer assim que colocar uma roupa mais confortável.

— Você está maravilhosa com essa roupa — a mãe falou querendo agradar.

— E sexy — Toy emendou. — Não me lembro da última vez que usou algo assim. E sapatos de salto.

— Nem eu — disse saindo do quarto.

Assim que tirou os sapatos de salto altos e vestiu uma camiseta e jeans, perguntou-se por Brett. Pegou o telefone e ligou. Mas, depois de muito tocar, ninguém respondeu. Era bem dele esquecer de ligar a secretária eletrônica. Estava, provavelmente, no quintal cozinhando um camarão. Seu estômago roncou de novo e ela decidiu ir. Amarrando o tênis pensou como queria vê-lo de novo depois de ter agüentado Richard.

— Mãe? — falou da porta, pegando a bolsa. — Estou indo ver o Brett. Não me espere acordada.

— Está bem — Toy respondeu por cima do som da televisão. Fechando a

porta, Cara ouviu o homem do tempo na televisão falando que a tempestade no Caribe se tornara um furacão.

Os filhotes de tartaruga nadam através das águas rasas e perigosas perto das praias onde nasceram para as águas profundas da Corrente do Golfo. Lá conseguem uma segurança razoável escondendo-se entre a imensa quantidade de sargaço e detritos que a corrente carrega.

CAPÍTULO XXI

Cara entrou na casa de Brett com o carro e encontrou-o com a jaqueta de couro preto parado ao lado de sua motocicleta Harley-Davidson também preta. A jaqueta fazia com que seus ombros parecessem maio res e lhe davam um ar perigoso.

— Não sabia que você tinha uma moto — ela disse adorando a máquina.

— Uso pouco, não tenho tempo.

Ela percebeu tensão na voz dele. E não teve sorriso de boas-vindas, nem beijo ou abraço.

— Estou morrendo de fome — a moça disse, você já comeu?

— Achei que ia jantar com aquele sujeito.

— Richard? Fui ao restaurante mas não comi. Nossos negócios acabaram logo e voltei para casa.

— Negócios? Que negócios?

— Ele me ofereceu trabalho.

Brett ficou em silêncio pensando. Olhou para a moto chocando os pneus.

Pela segunda vez na noite a animação dela se esvaiu. Ela esperava alguma palavra de felicitação, no mínimo.

Ela tentou de novo.

— Imaginava que você estivesse cozinhando um camarão

— Acabei de comer uma pizza congelada.

—Ah — comentou com desânimo. Tentou definir se ele estava bravo por não terem feito o jantar como haviam combinado ou se sentia ciúme. Escolheu a última opção e continuou.

— Estava saindo para um passeio de moto?

Sem olhar para ela. Entrou na garagem e voltou com um capacete preto.

Isso a deixou brava.

— Qual o problema?

— Problema? Não vejo nenhum.

— Não? Então por que tanta frieza?

Ele colocou o capacete no banco da moto e ficou olhando para ele por um momento.

— Desculpe você tem razão, não fez nada para merecer esse tratamento. Estou de mau humor esta noite.

— Por causa de Richard? Não respondeu nada.

— Brett, eu não sabia que ele vinha. E não o convidei. Não há nada entre nós, por Deus. Pelo menos do meu lado. E isso ficou completamente claro esta noite.

O homem olhou para ela e, nos seus olhos azuis que ferviam, não pôde decifrar seus pensamentos.

Ela se surpreendeu com o fato dele retornar para a garagem mas, desta vez, voltando com outro capacete. Era menor e branco. Aproximou-se e entregou-o a ela.

— Ponha isso.

Ela respirou aliviada. Ele subiu na moto e segurou o guidão enquanto ela observava a calça jeans dele e suas botas de cano alto, já velhas, que ela conhecia quando foram acampar na praia no começo do verão.

— Suba — Brett chamou.

Cara ficou curiosa em saber aonde iam, subiu na moto e abraçou-o.

— Segure firme.

— Aonde estamos indo?

— Quero te mostrar algo.

— Certo.

O braço dele se moveu e a máquina potente ganhou vida. O coração dela falhou uma batida e ela apertou a cintura dele com força. Não teve tempo de dizer a ele que era a primeira vez que subia numa moto de verdade. O medo transformou-se em emoção quando ela apoiou seu corpo no dele. Eles saíram com um estrondo gutural seguindo para a cidade. Cruzaram a ponte para o continente enquanto o sol, uma bola vermelha, submergia no pântano rosado. Apoiou seu queixo no ombro dele e abandonou-se na emoção. Ela já tinha viajado o mundo mas nenhum pôr-do-sol era como aquele no sul do país.

Era uma noite perfeita para um passeio de moto. A lua estava quase cheia e iluminava tudo. Ela sentiu-se como uma bala furando os ares e abraçou Brett com mais paixão que em qualquer abraço que já dera na vida. O motor vibrava abaixo deles e ela sentia cheiro da terra e do mar.

Cruzaram a ponte para James Island onde a estrada se abriu em curvas ladeada por água de um lado e, do outro, por imensos carvalhos. A luz da lua prateava reflexos entre as folhas, deixando uma impressão mágica no ar. Viajaram por quase uma hora quando chegaram a uma estrada pequena e cheia de curvas.

Brett diminuiu a marcha e logo parou a moto.

— Aqui estamos — disse desligando o motor.

Ela soltou-se dele e tirou o capacete. Ainda sentia o motor da moto e a sensação no corpo. Mas depois de poucos minutos em pé, seu ritmo interno

acalmou e ela começou a ouvir a música da noite, com sapos e grilos. Brett, depois de tirar o capacete e deixá-lo no moto, caminhou até uma pequena cruz branca erguida no chão. O homem ficou lá de cabeça baixa por um tempo e ela achou que deveria esperar.

Ela o observava, a cabeça inclinada, sendo iluminado pelos faróis de alguns carros que passavam fazendo a curva. Então endireitou-se, virou-se para o lado e chamou-a.

Aproximou-se dele e quando parou a seu lado ele enlaçou-a pela cintura, aconchegando-a.

— Seu nome era Ashley Carter — ele disse. — Nos conhecemos jovens numa aula introdutória de pescaria e vida na selva, e ficamos juntos por toda a faculdade. Era uma garota inteligente, como você. Queria ser guarda-florestal. Nossos encontros eram indo aos pântanos colher amostras biológicas.

Ele deu uma risada meio seca e ficou quieto. Cara respeitou o silêncio.

— Você não me conheceu naqueles tempos — recomeçou. — Eu era um garoto mais perigoso que mau. Gostava de forçar os limites. Não pensava duas vezes antes de pular de uma ponte. Não ligava em meter meu carro num rio ou derrapar na lama até parar numa árvore se isso fosse divertido. Foi esse meu lado que me trouxe as vitórias nas provas esportivas. Ia com meu barquinho tão perto desses navios imensos que era estúpido até para um adolescente. Podia ter sido sugado pelo movimento das águas desses navios várias vezes na juventude. Meu pai foi chamado por um piloto de navio por causa das minhas loucuras. Foi a única vez que ele levantou a mão para mim. E eu mereci. Tinha gente comigo no meu barco.

— Mas nem sempre tive esta sorte. Quebrei a perna uma vez. Duas vezes o mesmo braço e alguns dedos do pé e outros da mão. Mas isso me acalmou? Não. Apenas me sentia mais invencível ainda. Achava que era imortal. Não sei como sobrevivi no colegial e na faculdade ficava bêbado quase toda noite. Sinceramente eu achava que guiava *melhor* quando bebia. Achava que era dotado para isso. Esse tipo de personalidade me assusta hoje em dia, depois que a idade veio.

— Mas Ashley nunca viu esse meu lado perigoso. Quando estava com ela, eu era diferente. A ironia disso tudo era que eu não tinha bebido no dia do acidente. Voltávamos de uma pesquisa de campo para um laboratório. Era um dia bonito e não havia pressa alguma. Estava guiando tranqüilo, mas no meio da curva, um caminhão veio em cima da gente. Virei o guidão para desviar, mas a moto derrapou. As rodas saíram do asfalto e fui deslizando com ela pela grama. Ashley saiu voando.

— Se ela tivesse caído no chão, teria se machucado um bocado, mas estaria viva. Mas a sorte nos virou as costas. Ela foi direto para aquele grande carvalho ali. Disseram que morreu ali mesmo.

— Sinto muito, Brett.

Ele agradeceu o cumprimento e olhou para o carvalho. Sua mandíbula se contraiu.

— Não se culpe, foi um acidente — ela quis consolá-lo. — Você nem tinha bebido.

— Fácil falar. Culpei-me por vários anos e comecei a acreditar que minha cota

de sorte tinha sido toda usada. Forcei tantos limites e sempre saí inteiro, mas daquela vez, tive que pagar. Só que não fui eu quem pagou, foi ela. Sei que tive muita sorte em sair inteiro aquele dia, mas minha vida ficou marcada para sempre e a dela também. Foi no dia dois de setembro de 1984.

— Mas é hoje!

— E. Não estava tão incomodado de Richard apareceu, mas sim por ter aparecido *hoje*. Senti-me traído pelo destino. Achei que estava perdendo alguém nesse dia, de novo — respirou fundo e lentamente —, alguém que quero muito bem.

Cara abriu o zíper da jaqueta dele, meteu as mãos por dentro e abraçou-o com força. Ele passou os braços fortes no redor dela e retribuiu o abraço apertando-a contra seu corpo.

Ela sentiu-os como se fossem um só, os dois corações pulsando juntos.

Então passou um carro e no meio do barulho ela achou que ouviu "eu te amo."

Quando voltaram, colocaram roupa de banho e foram para o mar. Mergulharam, voltaram para a praia e se deitaram na areia sobre as toalhas. Ela pousou a cabeça no braço dele, passou uma perna por cima das dele e ficou acariciando os pêlos de seu peito com os dedos. Ficaram ouvindo o ruído dos caranguejos e das gaivotas.

— Cara, quando estávamos juntos lá na cruz — ele disse ajeitando o cabelo úmido dela —, não fui totalmente honesto com você.

— Como?

Pegou a mão dela sobre seu peito e começou a brincar com os dedos dela, com a face mostrando preocupação.

— Eu não quis ir lá por causa do aniversário do acidente. Fui lá para me despedir do meu passado. Tomei uma decisão importante e estava com medo. E ainda estou. E encontrei aquele Richard não ajudou. Tentei-te falar sobre isso uma vez, mas você não ajudou muito. Espero que possa me ouvir agora.

Sentindo o suspense o coração dela disparou. Ficou satisfeita que a escuridão escondia seu rosto.

— Brett...

Ele respirou fundo.

— Eu te amo, Cara — falou num repente. — É loucura sentir isso depois de tanto tempo achando que nunca mais iria acontecer. A única explicação que tenho para isso é que, aos dezesseis anos não estávamos preparados, então não aconteceu. Mas acontece agora aos quarenta.

Saiu assim de uma vez só, sem ensaio, vindo direto do coração. Mas depois que falou, olhou para ela inseguro, parecendo um garoto.

— É a bicicleta do Tolstói de novo — ele brincou mas logo tornou-se sério. — Eu te amo, Cara e quero casar com você.

O coração dela parou e não tinha palavras, apenas olhava para ele.

Ele bateu na própria cabeça.

— Está chocada?

— Totalmente.

— Você não percebeu isso chegando?

— Algumas vezes percebi, mas nunca levei a sério... Brett, você me disse tantas vezes que era um homem solitário!

— Estava enganado.

— Foi?

— Você falou o mesmo de si. Ela respirou fundo.

— Brett, eu estava certa sobre mim.

Ele demorou um pouco para digerir o que ouvira. A luz nos seus olhos se enevoou.

— O que está dizendo? Não quer se casar?

— Acho que não, quero dizer, não agora. Desculpe-me.

— Eu pensei que...

— Não é que não te ame. Eu te amo.

Ela sentou-se de pernas cruzadas ao lado dele. A brisa da noite arrepiou sua pele nua.

Ele virou-se, pegou a camiseta dela e cobriu suas costas. Eram pequenos gestos como esses que a faziam amá-lo — e tão difícil de falar o que ela estava por dizer. Mas seguiu em frente.

— Você não quer casar comigo. Sou uma pessoa difícil para se conviver. Sou mal-humorada antes do café da manhã. Gosto de trabalhar até tarde da noite. E não sou muito divertida, confesso. Tudo que sei fazer é trabalhar. E sou uma dona de casa horrível. Minha mãe pode te dizer como posso ser bagunceira. Sempre esqueço roupa na máquina. E cozinhar? Esquece. Só sei ferver água. Fuja enquanto pode Brett.

— Eu mesmo tenho limpado minha casa e feito a comida. Não procuro alguém para fazer isso por mim — disse ele enquanto se sentou pegando com cuidado na nuca dela e aproximando-os face a face.

— Por que você faz tudo pelo caminho mais difícil? Apenas diga sim.

Quando o lábio dele cobriu o dela, o contato foi quente, cheio de desejo e vontade. Ela se abandonou um pouco e logo recuou, meio rindo, meio chorando.

— Você não está deixando isso fácil.

— Ótimo.

Não era ótimo. Estava quebrando o desgraçado do coração dela. Ela colocou as mãos na nuca e fechou os punhos nos próprios cabelos. Como fazer para não quebrar o coração dele?

— Lembra quando eu disse que Richard tinha me oferecido um emprego? Fiquei surpresa que você não quis saber o que era.

O tom da voz dele mudou e se afastou pouco.

— Eu não queria saber.

— E, os seus instintos funcionam sempre bem — ela falou com cuidado. — Fiquei magoada que não perguntou nada.

Brett acomodou-se sentando melhor ao lado dela. O peito dele era iluminado pela luz da lua, tornando-o como uma escultura de mármore.

— Certo, pergunto agora, o que ele te ofereceu?

— Uma grande promoção. E usou como isca a conta em que eu estava trabalhando para entrar na empresa. *Minha* conta. E eles entram com a conta mas só se eu a administrar. Eles me querem!

— *Eu* quero você. A moça murchou.

— Eu disse sim para ele.

O homem se fechou e ele olhou para longe.

— Parabéns.

Ele foi o único que a parabenizou pelo esforço e vitória, mas foi chocho.

— Por que diabos isso tem que ser terrivelmente triste? — ela reclamou. — Não estamos nos separando. Podemos seguir assim como estamos. Estarei aqui sempre. E adorarei te receber em Chicago. O fato de não estarmos casados não nos impede em nada.

Brett balançou a cabeça tão convencido que ela sentiu medo.

— Não. Não é o suficiente para mim. Eu fui muito fundo com você até perceber o quanto e como te quero.

— Mas qual é o problema com o que tivemos até agora? Não vai deixar de me ter. Mas isso é o meu trabalho. Nós dois amamos nossa independência, gostamos de ter nosso próprio espaço.

Diga, com honestidade, qual a vantagem de nos casarmos? Certamente não serão os impostos. Casamentos são cobrados bem caro pelo governo. Pessoas como nós estão bem sozinhas.

— Então deixe-me fazer uma pergunta. Por que sempre nos compara com pares de filmes? Jane e Tarzan, Tico e Teco, aqueles jovens numa ilha. Eles estão um com o outro porque são mais felizes e fortes juntos do que separados.

— Mas são filmes, não vida real.

— Como pode saber que não é como na vida real se não experimentar? Deixa te falar algo sobre vida real. Animais ficam juntos para preservar a espécie. A maioria deles apenas no cio das fêmeas. Mas quando ficam juntos para ajudar o novo ser a crescer? Isso mexe com você porque é incrivelmente lindo.

— E raro.

— E o que faz isso mais precioso ainda.

— Mas você esqueceu que meu nome é Caretta. O nome das tartarugas marinhas, que são criaturas solitárias.

Ele se sentiu batido por tal argumento. Pegou suas roupas e ficou de pé. Vestiu-se enquanto ela olhava.

— Aonde você vai?

— Dormir sob as estrelas. — Pôs as sandálias e deu uns passos.

— Não vá — ela chamou-o. — Por que faz as coisas assim? Ele parou, ficando bravo.

— Assim como?

— Desse jeito teimoso.

— Cara, me desculpe se faço assim errado, mas você é e foi a única mulher na vida que eu pedi em casamento e acabou de me dizer que não. Se você não se importa, gostaria de ficar sozinho — e, apertando os olhos, continuou: — Não é isso que você diz que nós somos bons em fazer?

— Espere. Se eu disser sim — eu disse se — você iria para Chicago comigo?

— Chicago? Por que deveríamos ir para lá?

— Porque eu tenho um emprego lá.

— E eu tenho negócios aqui.

— Certo, entendo. Então a resposta é não.

— Cara...

— Por que está tudo certo se é você quem fala não e errado se sou eu? — Ela percebeu que ele se esforçava para achar uma resposta e apertou mais. — Brett, por que não podemos continuar do jeito que estávamos indo?

Ele pareceu tão desacorçoado e triste que ela quis chorar.

— Eu disse tudo que um homem pode dizer. E você respondeu minha pergunta. Boa noite, Caretta.

— Brett...

Ela ficou observando-o caminhar na noite até desaparecer. Ele estava certo. Não tinha mais nada a ser dito. Enrolou-se na toalha que ainda estava quente do corpo dele. O chão pareceu duro e áspero. A noite esfriava rápido.

Ouvia os sons da noite, insetos, aves, barulhos, tudo envolto no pulsar do mar.

Levantando devagar, pegou suas coisas e pôs as sandálias. Estava à beira da exaustão. O dia tinha sido longo, muitas coisas tinham acontecido. Suas pernas estavam fracas. Mas duvidou que conseguisse dormir. Ia ser a noite mais longa de sua vida, tinha certeza.

Os pequenos filhotes de tartaruga atravessam o oceano Atlântico norte carregado pela corrente marítima até as ilhas da costa oeste da África. Lá ficam por uma década ou mais comendo e crescendo. Quando voltam para o sul da costa norte-americana, atravessando novamente o oceano, já estão consideravelmente grandes e pesados.

CAPÍTULO XXII

O furacão foi chamado de Brendam. Imprevisíveis como sempre, o Brendam perdia força num dia e no outro ganhava, mudando de direção, deixando à população do sul da costa leste com os nervos a flor da pele. Na Ilha das Palmas o tempo continuava limpo, mas com um certo peso no ar úmido. Cara gastou horas em filas para comprar suprimentos e materiais como tábuas de compensado e pregos, caso Brendam chegasse. O trânsito de saída da região se tornou intenso com a volta da população para o continente.

— Pelo menos ele é categoria um — Emmi disse com a respiração entrecortada pelo esforço de carregar chapas de compensado para as janelas da casa de Lovie.

— E, mas essa categoria tem ventos de aproximadamente cento e vinte quilômetros por hora — Cara respondeu segurando o outro lado da prancha. — Se ele se aproximar na maré alta teremos uma inundação. E existe uma razão porque chamam essa ilha de uma das Ilhas da Barreira, não esqueça.

— Eu sei, eu sei e odeio isso.

— E o preço que se paga por se ter esse paraíso.

— Quais são as últimas notícias? Na loja de ferragens ouvi que ele se dirigia para o alto-mar.

— Mamãe e Toy estão ouvindo o rádio para saber as novas. Encostaram a prancha na parede.

— Graças a Deus esta é a última janela.

— E as janelas laterais?

— Só as fecharemos nos minutos finais se for necessário.

Senão será como viver num caixão lá dentro, sem luz Cara falou olhando pela centésima vez para o oceano. Tudo parecia sereno mas com um pálido cinza no horizonte. Ela sentia a aproximação da tempestade em seus ossos. Não havia nenhum outro sinal a não ser um peso no ar que dificultava sua respiração. E o silêncio dos pássaros. Mesmo os insetos tinham sumido. A quietude era assustadora.

Ela forçou a concentração, tinha muito o que fazer para ficar pensando.

— Vamos com isso — disse pegando novamente o compensado.

— Por que estamos fazendo isso agora? — Emmi reclamou olhando um longo arranhão no seu braço. — Se ele for embora teremos que tirar tudo isso!

— Mas se ele vier para cá... Pense como uma barganha com os deuses, eles podem considerar nosso esforço. Vamos, só mais essa. Levante quando eu contar três... Um... Dois... Três — elas suspenderam a madeira e Cara se apressou com o martelo, pregando os quatro cantos. Quando terminou, apoiou seu corpo sobre a janela tampada.

— Pronto, acabamos.

Largando o martelo no chão, ouvia as marteladas pela vizinhança. Muitos tinham abrigos para furacão, mas sempre protegiam as casas com compensado.

— Você *deveria* marcar encontros com Brett nessas ocasiões. Ele poderia ajudar muito com seus músculos — a amiga comentou, sentando-se para

descansar.

— Ele ligou oferecendo ajuda.

— E você recusou? Está louca?

— Eu não fiz isso. Mamãe fez. Foi ela quem falou com ele.

— Ah, sim

— Como aceitar sua ajuda depois de eu ter recusado seu pedido de casamento? Não seria correto.

— Acho que não.

— E ele tem também os mesmos problemas. Já deve ter tampado as janelas e levado o barco para águas seguras. Deve estar longe agora.

Cara entrou na casa para pegar dois copos de chá gelado muito mais para sair do desconforto com a amiga por causa do assunto que para matar a sede. Toy já tinha preparado o chá e o deixara sobre a bandeja. Cara sorriu ao ver tudo pronto. Ela estava se tornando uma mini-Lovie. Voltou para a varanda com a bandeja nas mãos.

— Beba um copo.

— Obrigada — Emmi tomou um copo. — Delícia... Nada como chá doce.

O chá estava tão doce que doeu nos dentes. Mas num dia quente como aquele e com tanto trabalho pesado, chá doce era perfeito.

— Está tudo certo? — Emmi perguntou.

— Acho que sim. Fechamos todas as janelas da frente e dos fundos. Só faltam as laterais. Suprimentos e medicamentos estão aqui. E mamãe pôs seu álbum de fotografias e documentos importantes numa sacola para que possamos sair rápido, em último caso.

— Eu não estou falando sobre furacões, sua idiota! Estou falando sobre você e Brett.

— Ah — começou a responder franzindo a testa e apoiando os cotovelos nos joelhos —, sobre não haver mais Brett e eu, é isso?

— Que absurdo! Qualquer um pode ver que vocês dois são loucos um pelo outro.

Cara olhou para o copo de chá e afundou um gelo com o dedo.

— Por Deus, sua mãe deve estar doida porque você recusou um pedido de casamento.

— Não, ela não deu nem uma palavra. Nem um suspiro.

— Verdade?

Cara pensou um pouco.

— Não é lindo que eu tenha me entendido com a minha mãe logo antes de ela partir?

Olharam uma para a outra e sorriram.

— Ainda bem — a amiga respondeu.

— Vou sentir muita falta dela.

— E de Brett. Querida, por que está fazendo isso com você? Você escapa de qualquer chance de felicidade.

— Por que todos acham que a felicidade de uma mulher só pode existir se ela se vestir de branco e caminhar lentamente por uma igreja? Apenas *sinto* que não quero me casar.

Talvez tenha medo de largar o que conheço e entrar no desconhecido. Quem sabe se eu tivesse conhecido ele aos trinta anos eu não seria mais maleável? Agora parece... Um pouco tarde.

— Céus, você não é um dinossauro. Quarenta anos é ainda ser jovem. Mulheres têm tido filhos aos quarenta, muitas delas.

— Por favor, não vamos falar de crianças, isso me arrasa.

— Você não quer filhos, nem nunca?

— E curioso, mas eu nunca tinha pensado muito sobre o assunto antes desse verão. Mas agora que pensei a resposta é não. Mas não me entenda mal, eu gosto de crianças. Adoro Linnea e Cooper. Mas não sinto necessidade de ter filhos.

— Verdade? — Emmi pensou um pouco.

— Mas o fato de você não querer filhos não te impede de casar.

— Brett ia querer ser pai.

— Conversou com ele sobre isso?

— Não.

— E por que não?

— Faz sentido falar em filhos se nem quero me casar? E ainda por cima tenho meu trabalho e uma casa em Chicago, uma vida que gosto.

— Parece que você já tinha essas respostas prontas.

— Não fui forjada para o casamento.

— O que você tem contra casamento? Seus pais foram casados por longos anos.

Cara fechou seus olhos. As duas tornaram-se mais íntimas nesse verão e Emmi mostrara-se um tanto ingênua quanto a seus próprios problemas com Tom. Não eram mais garotas querendo beijos. Eram mulheres com necessidades adultas. Não havia sentido em manter sua história em segredo já que se conheciam desde crianças. Abriu seus olhos e olhou para a amiga.

— Detesto te falar disso assim mas a relação dos meus pais é o motivo pelo qual não quero me casar.

— O que você quer dizer? Eles eram o casal mais feliz do bairro.

— Era só aparência. A vida deles era miserável.

— Que é isso? Você está brincando! — falou admirada. — E só me diz isso agora?

— Quis falar disso com você várias vezes. Mas lealdade com a família inclui

não falar de certas coisas com os outros — Cara tomou um gole de chá pensando o quanto devia revelar. — Não sei se eles sempre foram infelizes.

Não tenho lembranças de brigas deles na minha infância. Mas quando estava maior as coisas parecem ter mudado. Papai não vinha mais para cá conosco e começou a ser frio com mamãe. Ele não ouvia o que ela falava e sempre respondia a ela com impaciência, como se estivesse bravo ou incomodado. Então começou o abuso.

— Não! Não acredito. Os seus pais?

Pela primeira vez na vida Cara falou com alguém sobre isso e precisava fazê-lo ou iria explodir um dia.

— Não era abuso físico, era mais sutil. Ele quebrou o espírito dela. Sempre deixava claro que a achava lenta e estúpida, principalmente sobre dinheiro. E não apenas ela, mas as mulheres em geral. Era assim que ele pensava: homens dominavam e mulheres eram feitas para servir. Dá para acreditar? Sempre que ela arriscava uma opinião ele a destruía. Ou ele explodia se ela dissesse algo "errado". No fim ela passou a ficar em silêncio

— Mas ela sempre foi tão aberta e alegre.

— Só aqui na praia. Você nunca esteve com ela quando meu pai estava por perto. Ela era outra pessoa. Eu não sabia disso na época mas ele começou a pegar o dinheiro e as propriedades dela dizendo que isso não era coisa de mulher, esse tipo de absurdo. E ele era pão-duro com ela, dando sempre menos dinheiro que ela precisava, forçando-a a pedir sempre. Ele a controlava. Fazia coisas estranhas como checar a quilometragem do carro dela para saber quanto ela tinha andado.

— Odeio falar isso mas é o tipo de coisa que alguém faz quando suspeita que o parceiro está tendo um caso.

— Mamãe? Um caso? É ridículo pensar isso dela, mas mesmo assim, como poderia? Ela só saía de casa em eventos sociais ou de caridade que meu pai permitia. Ninguém imaginava que Olívia Rutledge era uma mulher isolada. Ela dava festas e era muito ativa na comunidade. Mas sempre para servir os interesses dele. Ela não tinha amigos de verdade a não ser Fio. Nem mesmo sua filha.

Cara fez uma pausa pensando, e continuou.

— Meu Deus, éramos infelizes! Acabei de me dar conta de que mesmo eu nunca tive amigos em Chicago. Sempre me isolei no trabalho.

— Por quê?

— Não sei. Um psicólogo ia adorar desvendar isso. Emmi continuava interessada.

— E por que ela suportava isso? Sua mãe tem um coração enorme, mas nunca imaginei que fosse submissa.

— Isso era uma questão de um milhão de dólares. Conforme papai foi envelhecendo, foi ficando uma pessoa mais difícil, principalmente quando bebia. Do andar de cima da casa a gente ouvia ele gritando para ela todos os tipos de palavras e ofensas. Sempre acidentalmente ou de propósito ela quebrava alguma coisa que ela gostava, nada sério, uma xícara de chá, um vaso ou algo que era da família dela. E eu achava que ela suportava isso porque o amava, mas ela me disse agora

que o odiava.

— Não posso acreditar.

— Acredite.

Emmi olhou desolada para a porta da casa.

— Lá vai mais um exemplo descendo pelo esgoto. Quando as coisas não vão bem entre Tom e mim, costumo pensar em seus pais. Pensava que eles eram o casal exemplar. A gente realmente nunca sabe o que acontece dentro de uma casa. Faz meus problemas com o Tom parecerem bem pequenos.

— Infidelidade nunca é um problema pequeno. Você devia conversar com ele antes que percam o quê têm juntos.

— Olha quem está falando! Vocês estão perdendo uma relação linda porque são dois cabeças-duras incapazes de pegar no telefone.

— Não é a mesma coisa. Não estamos comprometidos um com o outro como vocês dois.

— Compromisso? Ele está solto por aí. Que tipo de compromisso é esse?

— Você é casada com ele. Juraram ficar juntos. Têm filhos. Vocês cresceram juntos. São laços supostamente duradouros.

A moça olhou para suas mãos e mexeu nervosamente na aliança. Cara prosseguiu.

— Talvez seja isso que gosto em ser solteira. Sem compromissos, poder fazer o que quiser. — Então um pensamento ocorreu de sopetão.

— Merda — sussurrou.

— Deixe-me adivinhar — a outra disse. — Você não quer se casar porque não quer ficar encurralada como sua mãe não?

O silêncio de Cara falou mais que palavras.

— Querida, se alguém precisa conversar sobre algo, esses são você e Lovie. E é bom você fazer isso logo.

A umidade era grande e os mosquitos apareceram. Cara afastou um com a mão.

— Não queria incomodá-la. Não agora.

— Não se trata de incomodar sua mãe, Cara, mas sim de construir uma mudança em você.

— Não quero ser egoísta num momento como esse.

— Isso não é egoísmo. É a hora de acertar suas coisas. Você só leva a fundo o seu trabalho. E agora dá tudo pela sua mãe. Quando vai parar e olhar para si mesma para perceber o que realmente te fará bem? Alguma coisa não está certa por aqui e se não fizer nada agora não poderá fazer depois. Fale com sua mãe, será importante para vocês duas. E quando terminar de resolver com ela, vá falar com Brett.

Cara mexeu nos cabelos e respirou fundo várias vezes.

— Não posso respirar. É esse ar pesado da tempestade que vem vindo.

— Isso é ansiedade. Vá e resolva.

— Ah, Emmi — disse deitando a cabeça no ombro da amiga. — O que poderia fazer sem você?

— Minha querida, também não sei o que teria feito sem você nesse verão. Sentar nos ninhos com você durante as noites e conversar sobre minha relação com Tom me ajudou muito. Não poderia ter falado disso com mais ninguém por aqui.

— Guardar um segredo e não poder falar com ninguém deixa qualquer um sozinho na vida.

Elas trocaram um olhar compreendendo-se mutuamente. Sentiram-se seguras e com alguém com quem contar.

— Você é a irmã que eu nunca tive. — disse Emmi.

— Você também — Cara sorriu e brincou. — Mas Palmer iria te fazer desistir de ser minha irmã.

— Palmer... — a outra disse com um sorriso malicioso. Como passava todos os verões três casas abaixo da dele, conhecia-o muito bem.

As duas riram, quebrando a tensão.

Cara largou o copo e foi para a beira da varanda.

— Que venha a tempestade! — gritou para o mar.

— Nós temos uma a outra para resistir! — E virou-se para olhar a amiga.

Emmi fez uma careta meio risonha e falou.

— Estava esperando uma hora para te falar isso. Decidi fazer as malas e voltar para Atlanta antes da tempestade chegar.

A outra sentiu um baque.

— Vai partir agora? Não vai ficar até o Dia de Ação das Graças?

— Tom ligou na noite passada. Acabou o seu trabalho no Peru antes do esperado e daqui a duas semanas está de volta. Ele parecia querer me ver muito, estava com saudade. Me senti como uma adolescente, ansiosa e com desejo.

Cara não tinha o que dizer.

— Não olhe para mim desse jeito! Eu falei bastante em deixar o Tom, mas acho que nunca vou fazê-lo. Temos estado juntos por vinte anos e a maioria destes foram ótimos.

— E as outras mulheres?

A mulher evitou a pergunta. Cara continuou.

— Não pode fechar os olhos para isso.

— Não — concordou séria. — Você me ajudou a sair do escuro. Quando ele chegar, vou conversar com ele.

— Você vai?

— Tente me entender. Tom não é uma aventura de verão. Ele tem sido tudo para mim. E meu marido, fizemos juramentos: Como você disse, temos um compromisso e o amo demais para largá-lo. Nesse verão, sozinha, decidi que prefiro

sofrer com ele que sofrer sem ele. Não sou como você e temos filhos. Você é mais forte que eu, não suporto ficai' sozinha.

Cara olhou para sua melhor amiga. Todos estavam partindo da sua vida. Indo para seus maridos, trabalho, filhos ou mesmo para a morte. O verão glorioso estava no fim e isso era triste.

— Vou sentir sua falta.

A expressão de Emmi mudou vendo sua amiga de infância ficar sozinha para enfrentar a tempestade. Abraçou-a como mãe e amiga. Cara não queria ficar só e abraçou a amiga com força.

— Voltarei para o Dia de Ação das Graças, eu prometo — Emmi sussurrou.
— E é bom você estar aqui, certo? Almoço lá em casa às três horas em ponto, combinado?

— Combinado, estarei lá.

Soltando-se uma da outra, Cara olhou para a fina linha, agora escura, de nuvens no horizonte do mar. As duas trocaram o olhar conhecido dos habitantes daquele lugar quando viam esse panorama.

— Cuide para que nossas casas estejam aqui quando eu voltar.

Naquela tarde Toy, como a maioria das pessoas da região, olhou para o mar. O pôr-do-sol iluminava a frente da tempestade por trás. Parecia uma alucinação. As nuvens azuis se tornavam pretas para baixo e vermelho-alaranjadas para cima. Ela teve um arrepio, era imenso o que via, fora de proporção.

A moça respirou fundo e esfregou a barriga. Sua mente ia mais rápido que o furacão. Tinha que tomar uma decisão essa noite. Darryl ligava exasperado com medo do furacão e dizendo que os rapazes da banda tinham decidido partir ainda nesse dia.

— Aqueles filhos da puta não pensam em mais ninguém a não ser neles mesmos. Mas eu não sou assim. Estou preocupado com você e não quero você nem mais um minuto longe de mim. Eles que se fodam, mas quero você fora dessa maldita ilha antes dessa porra de furacão chegar. Faça suas malas! Vou te buscar e vamos ver se alguma velha senhora vai nos impedir de sair.

Toy respirou fundo novamente e sentiu um chute do bebê na barriga. A umidade era imensa e podia sentir a pressão da tempestade que chegava. Devia entrar no tempo previsto do parto em dois dias, mas as condições do clima pareciam afetar a criança dentro dela. O pequeno não tinha se mexido muito nesse dia, mas ela sentia como uma bola de boliche entre suas pernas. Ou seria apenas os seus nervos? Oh! Deus, e se tivesse o bebê no carro?

Sentiu as lágrimas subindo de novo. Tinha que ir com ele, não tinha mais ninguém com quem contar. Era o pai de seu filho e tinha que lhe dar uma chance mesmo que ela não mais o amasse. Não tinha outra escolha.

No quarto de Lovie ouviam o homem do tempo falando do furacão Brendam, como durante o dia todo. Estava castigando as Bahamas. Entrou no quarto a tempo de ouvir o que Cara falava para a senhora Lovie.

— Eles expediram uma ordem de evacuação de todas as Ilhas da Barreira.

— Não precisamos de pânico, temos tempo — ouviu a senhora Lovie falar. E sua voz era calma comparada à do homem do tempo, e à de Cara.

— É melhor partirmos amanhã de manhã — a filha disse.

Toy ficou parada. Era isso que Darryl temia, pensou. Estava apavorada por si, pelo bebê, por Cara e dona Lovie. Ela queria entrar no quarto, se juntar às duas na cama e ouvi-las dizer que todas iriam partir juntas e que tudo iria dar certo.

Mas não havia mais conversas entre elas. Nem no café da manhã ou à noite na varanda. A senhora Lovie não corrigia mais seus erros de fala com sua gentileza característica nem Cara a ajudava nos estudos. Elas sempre a ensinaram coisas de um jeito legal que não a fazia sentir-se estúpida.

A moça abaixou a cabeça e murmurou.

— Adeus senhora Lovie, adeus Caretta Caretta.

Ela queria dizer-lhes adeus de forma que a ouvissem como se faz em uma família saudável. Mas não podia fazer isso. Não eram a sua família e não iriam entender por que ela queria ir com Darryl tentar construir a sua própria família.

Pegou sua mala e seguiu casa afora. Parou na beira da rua e pôs a carga no chão, esperando. O vento era forte e ela podia sentir o cheiro de chuva vindo do oceano. E o barulho das ondas. Não esperou muito, logo avistou o Mustang branco de Darryl e acenou.

O rapaz, diminuindo a marcha do carro abriu a janela e gritou.

— Entre, quero sumir desse inferno já! — E olhou para a praia.

— Merda! Olhe aquele monstro lá! Parece esfomeado querendo vidas para se alimentar. Vamos sumir daqui!

Toy abriu a porta de trás e, com dificuldade, empurrou a mala para o banco. Assustada que alguém na casa desse por sua falta, apressou-se em sentar ao lado do motorista.

— Você parece uma casa de tão grande! — o homem disse olhando-a de rabo de olho.

A moça nada falou, nem pediu para que ele apagasse o cigarro que a deixava enjoada. Muda, olhou para trás para ver a casa pela última vez. Tinha deixado tudo arrumado lá dentro como as duas mulheres gostavam. E na sua cama feita estava um bilhete.

Enquanto seguiam o caminho ela se deu conta das consequências da sua decisão. A casa da praia, onde tinha sido feliz, estava agora de portas fechadas para ela. E fechadas para sempre.

Quando os ovos eclodem, as tartarugas recém-nascidas têm cinco centímetros de comprimento. Quando adultas pesam de 120 a 180 quilos e o casco mede aproximadamente um metro. São necessários de 20 a 30 anos até que fiquem adultas e ninguém sabe ao certo quanto vivem, mas estima-se que possam alcançar mais de 100 anos.

CAPÍTULO XXIII

O furacão Brendam ganhava mais força e velocidade enquanto se dirigia diretamente para a Ilha das Palmas. Cara teve uma noite agitada depois de passar o dia assistindo ao canal de tempo na televisão. Acordou meio atordoada e com um zumbido nos ouvidos. Olhou para o relógio e se assustou, eram quase nove horas. Como podia ter dormido tanto? Jogou as cobertas de lado e pulou da cama. Por que estava tão escuro? Será que havia terminado a energia elétrica?

Então, lembrou-se de que tapara as janelas. Pela primeira vez naquele verão não acordara ouvindo pássaros. Vestiu jeans e camiseta, pensando que poderiam ter que ir imediatamente embora da ilha. Ao pensar nisso sua determinação transformou-se em medo. Calçou meias e tênis, em vez de sandálias, e deixou um suéter ao lado da bolsa, em cima da cama.

A casa parecia agourenta, às escuras e com cheiro de abafado, não contribuindo em nada para melhorar o astral.

Abriu a porta que dava para a varanda e imediatamente uma rajada de vento e pingos de chuva bateram-lhe no rosto. O tempo tinha mudado de modo radical. O azul do céu fora substituído por uma neblina densa e amarelada. Sobre o oceano, agora muito próximas, as nuvens eram de um cinza-chumbo. As ondas do mar sucediam-se, altas e furiosas. Naquele momento Cara perdeu toda esperança de escapar. Deveria ter previsto aquilo, pois o furacão recebera nome de homem. O Brendam seria violento como o Hugo e o Andrew haviam sido.

Havia água por todo lado. A roseira da pérgola era impiedosamente sacudida e as pétalas de rosa voavam com o vento. As pequenas palmeiras que haviam plantado balançavam-se para todos os lados, de maneira impiedosa. O ar era uma estranha mistura de frio e calor, umidade e gelo. Ao contrário dos tornados do meio oeste americano, que apareciam sem dar aviso, rodopiando repentinamente no céu, os furacões da costa leste avisavam que estavam chegando pela destruição e inferno que iam causando em seu caminho.

— Mamãe! Toy! — gritou Cara, aflita. — Acordem! Temos que ir embora!

— Estou acordada — gritou Lovie do seu quarto.

Cara sentiu a adrenalina no sangue e saiu rápida, na varanda para pegar as cadeiras de balanço, as mesinhas e levá-las para dentro.

— Toy! — chamou de novo.

Estranhando não ter resposta, pensou de repente que a jovem poderia estar em trabalho de parto. Largou no chão a cesta com chapéus que trazia e foi direto ao quarto de Toy. Bateu na porta.

-Toy?

Bateu outra vez.

Como não houvesse resposta, abriu a porta um pouquinho e espiou para dentro.

Mesmo na penumbra, pôde perceber que a cama estava arrumada. Ninguém dormira lá. Entrou e acendeu a luz. O quarto mostrava-se impecavelmente arrumado. As roupas de gestante achavam-se arrumadas na cômoda, sobre a qual sobressaía o anel de topázio que Lovie dera à moça. Em cima da cama havia um

envelope branco.

Como o coração na garganta, Cara pegou-o e o abriu.

Querida dona Lovie e Caretta,

Fui embora com Darryl para constituir minha própria família. Desculpem-me por ter saído assim. Não pretendia fazer isso. Queria ter dito adeus, mas o furacão apressou as coisas. Darryl ia embora e eu lhe havia prometido que não criaria problemas.

Não tenho como agradecer o tanto que fizeram por mim. Sempre me lembrarei de vocês e das coisas que me ensinaram. Acima de tudo, sempre as amarei.

Por favor, não se preocupem comigo e me perdoem.

Procurem me entender.

Amor,

Toy Sooner

PS. Mandarei fotografias do bebê.

Cara ficou por um minuto olhando para o bilhete, sem conseguir acreditar. Como Toy pudera fazer aquilo? E ainda mais agora?

Seu coração saltava no peito enquanto se dirigia ao quarto da mãe. Encontrou-a pronta, com a mesma roupa que vestia no dia em que voltara para casa. Só que dessa vez a saia de tecido jeans e a blusa branca pendiam soltas no corpo esquelético.

— Mãe, Toy foi embora.

O alarme contraiu o rosto de Lovie.

— Como assim? Foi embora para onde? Para o hospital?

— Não. Com Darryl.

Lovie recuou e cambaleou, esticando os braços magros para recuperar o equilíbrio. Cara, assustada, correu a ampará-la.

— Toy, Toy, Toy... — lamentou-se Lovie. — E por que ela foi com ele? Por quê, Cara?

— Porque é jovem e pensa que o ama. Venha, sente-se aqui e leia o bilhete enquanto penso no que fazer.

Foi ao telefone chamar a polícia, mas não havia linha. Uma onda de medo apoderou-se dela. Sem telefone celular estavam isoladas do mundo lá fora.

— Estamos sem telefone — disse, voltando ao quarto. — E mesmo que tivéssemos, o que diríamos para a polícia? Não sabemos o sobrenome de Darryl, nem a marca do carro dele. Só sabemos que é um verme.

— Ela tomou sua decisão, minha filha — ponderou Lovie com calma triste. Pegou o bilhete que deixara cair no colo. — Temos que respeitá-la.

— Deve haver algo que possamos fazer.

— Toy sabe onde nos encontrar.

A porta da frente se abriu e elas ouviram a voz de Fio.

— Olá! Há alguém aqui?

— Estamos no quarto!

Fio entrou quase correndo, com um casaco impermeável amarelo. Estava transtornada.

— Ainda bem que vocês ainda estão aqui. Estou querendo ir embora, mas minha mãe...

Lovie levantou-se e jogou-se nos braços da amiga. Abraçaram-se, tentando encorajar-se mutuamente.

— O que aconteceu com Miranda? Ela sumiu de novo?

— Não, mas está doida. Não pára de chorar, não quer ir por causa do último ninho de tartarugas em frente da nossa casa. Diz que não podemos deixar os filhotes se afogarem por causa do furacão.

— Mas ainda há muitos ninhos por aí... — ponderou Cara.

— O que ela acha que devemos fazer?

— Quer mudar o ninho de lugar.

— *O quê?* Não podemos fazer isso. E contra o regulamento do Departamento de Recursos Naturais.

— Não completamente — interferiu Lovie e explicou. — As regras permitem a mudança de ninhos desde que seja feita por pessoal autorizado e quando eles correm o risco de ser destruídos pela maré alta.

— Apenas com permissão — retrucou Cara, que também conhecia as regras —, e nunca para fora da praia.

— Certo, então vamos ligar para Sally e pedir um conselho — sugeriu Fio.

— Estamos sem telefone.

— Tenho meu celular.

Esperaram em silêncio e com ansiedade enquanto Fio tentava falar com o escritório do DRN. Mas só atendia a secretária eletrônica.

— Ninguém atende — disse ela, desligando o telefone. — Todos estão indo embora. E é o que deveríamos fazer.

Pela mente de Cara passavam mil opções.

— Você acha que o ninho está condenado naquele local?

— perguntou.

— Sem dúvida — assentiu Fio. — Pelo menos aquele está. A maré deve subir muito com esse mar bravo e provavelmente irá erodir aquela duna. Os outros ninhos estão mais afastados. Nós só podemos torcer por ele e deixar que a natureza siga seu próprio curso.

Cara olhou para a mãe.

— Não podemos falar com Sally. O que quer fazer, mamãe?

— Não sei...

— Mãe, é sim ou não. Não temos alternativa. Lovie encheu-se de coragem e ergueu o queixo.

— Então, é sim. Mas só esse ninho. E sou eu quem vai removê-lo. A responsabilidade é minha — falou, com um lampejo incontestável nos olhos. — E vocês, fiquem fora disto.

Enquanto sua mãe ia mudar o ninho de lugar, Cara tomou as providências que faltavam para proteger a casa da praia. Enquanto trabalhava deixou a televisão com volume alto para saber sobre o tempo e o tráfego de saída da ilha. A sala parecia um armazém com os móveis da varanda empilhados no meio. Ela havia colocado as floreiras e ferramentas no vão embaixo da casa para que não virassem mísseis carregados pelo vento. As malas e sacolas de plástico, contendo fotografias e documentos, foram colocadas na varanda, junto à porta, para serem carregadas com facilidade para o carro, na hora de sair.

Uma buzina soou lá fora. Eram Fio e Miranda em seu Buick. Um gato malhado, amarelo e preto, achava-se deitado junto aos pára-brisas traseiro.

— Só viemos nos despedir e dar nossa rota de viagem — disse Fio. E, entregando um papel a Cara, acrescentou: — O nome e o telefone do hotel em que ficaremos estão aqui. E bom que nos dêem o de vocês.

Cara foi até seu carro e anotou o nome e telefone do hotel em Colúmbia, no qual tinha reserva, e o caminho que pretendia fazer.

— Aqui está. — Entregou o papel a Fio. — Telefonaremos assim que chegarmos.

— E o ninho? — Miranda quis saber.

A velha senhora inclinou-se para segurar o braço da filha com sua mão retorcida, que lembrava a pata de um pássaro, e fitou-a com os olhos enevoados cheios de ansiedade.

— Estamos cuidando dele, Miranda. Não se preocupe.

— Vocês vão sair agora? — indagou Fio.

— Daqui a pouco. Estou esperando mamãe voltar.

— Você o quê? — apavorou-se Fio. — Não me diga que ela ainda está na praia!

— Eu ia sair agora para ir buscá-la.

— Então, vá logo! O vento esta cada vez mais forte e vão fechar a ponte.

Fio olhou preocupada para a casa e Cara percebeu a ansiedade e o medo crescentes instalarem-se em seu rosto cansado.

— Fico pensando se veremos nossas casas de novo — disse, com voz triste.

— O Brendam ainda pode mudar de direção e nos poupar...

— consolou-a Cara, tentando parecer segura.

— Não estou gostando nada... — declarou Fio, desanimada. — Ele está vindo direto para cá.

— Ninguém está gostando, Fio... E melhor vocês irem logo. Dirija com cuidado, está bem?

Toy esperava no banco da frente do Mustang que Darryl arrumasse a bagagem na porta malas.

Haviam passado uma noite horrível num colchão inflável no apartamento vazio dele. Estava tão quente e úmido no continente que ela mal podia respirar, quem diria dormir. Como ele vendera o ar-condicionado junto com toda a mobília, o pouquíssimo alívio vinha de um pequeno ventilador de plástico, barulhento, que jogava o bafo quente ora para um lado ora para outro lado do quarto. Ela quase não acreditara ao sentir as mãos de Darryl acariciando-lhe o corpo. Até poucas semanas atrás teria cerrado os dentes e aceitado fazer amor, mas ele não a procurara. Na noite anterior, porém, quando ela estava grudenta de tanto suar e com o ventre tão volumoso que parecia um tambor, tivera que afastar as mãos dele.

Agora, Darryl jogava as coisas no porta-malas, resmungando como um garoto mal-humorado. Acima deles o céu parecia uma sopa grossa girando numa panela. Se quisessem sair da cidade, era melhor que se apressassem.

De repente, ela sentiu uma dor cortante «pie nascia na pelve e percorria a espinha. Era tão violenta e aguda que bloqueou-lhe a respiração. Sentira dores a noite toda, mas nada como *aquilo*. Quando passou, seus músculos relaxaram. Toy respirou fundo e olhou para o relógio de pulso. Tinha lido que deveria contar o tempo se tivesse dores de contração e achava que aquela fora uma. Virou-se de lado, apoiou a cabeça numa das mãos, tentou respirar com calma imaginando as ondas na praia, umas atrás das outras... Imaginou também que boiava sob o calor gostoso do sol quando outra dor a percorreu, mais forte e exigente do que a anterior. Não conseguiu evitar gemer e começou a chorar baixinho.

Darryl acomodou-se no assento do motorista, bateu a porta do carro e enxugou a testa.

— Deus, como está quente! — reclamou. — Vai ser um alívio deixar este buraco dos infernos! — Olhou para o lado dela. — Está chorando *de novo*? Toy — disse o nome dela separando bem cada vogal —, qual o problema agora?

— Estou tendo aquelas dores.

— O que está querendo dizer? Não vai ter o bebê agora, vai?

— Não sei. Nunca tive um bebê antes. — Mas as mulheres não deviam saber?

— Eu já disse, não sei!

— Vá com calma... — Ele ligou o motor do carro. — Talvez elas passem.

Toy perguntou-se como Darryl podia ser tão estúpido.

— Acho melhor você me levar para o hospital.

— Agora? Mas estamos indo embora! Merda.

Ela sentiu que seu rosto ficava vermelho pelo calor e pelo medo de outra dor que se aproximava atrás da anterior, como as ondas que havia imaginado. Gritou desesperada:

— Não quero ter meu filho neste carro!

Toy não sabia onde arrumara a força imensa que sentia, mas se ele não a levasse, sairia do carro e iria a pé para o hospital.

Darryl devia ter lido isso nos olhos dela porque apenas murmurou:

— Está bem.

O carro entrou numa curva e ela sentiu uma água quente escorrer entre suas pernas. Não podia mais se controlar. Amedrontada, começou a gritar.

— Que diabo! — gritou Darryl, assustado e olhando para ela. — O que foi?

— Aconteceu alguma coisa. Estou vazando — explicou Toy, tentando inutilmente secar o líquido com seu vestido

Então, lembrou-se de ter lido que uma água saía antes de o bebê começar a nascer e parou de gritar, menos apavorada. Sentia-se um pouco estúpida, mas feliz e animada.

— Ah, meu Deus! Está mesmo acontecendo. O bebê está mesmo nascendo, Darryl!

Ela voltou-se e tocou o braço dele e Darryl recuou.

— Que porra de hora ele resolveu nascer!

Pegou o maço de cigarros do painel com uma mão e tirou um com os dentes. Quando acionou o isqueiro, sua mão tremia tanto que não conseguia acender o cigarro.

Toy encostou-se no banco e colocou as mãos sobre o ventre, apoiando-o. As ruas sucediam-se por trás de uma cortina de lágrimas e, lá em cima, as nuvens da tempestade agitavam-se, ameaçadoras. Mas dentro do carro enfumaçado, Toy via seu mundo com a transparência do cristal. Estava sozinha nele. Não podia contar com Cara e com dona Lovie. Não podia contar com Darryl. Só podia contar consigo mesma.

Lovie curvou-se contra o vento e, com delicadeza, pôs o último ovo no balde. Tivera um cuidado especial em não sacudi-los naquele final de período de incubação. Forrara o fundo e os lados do balde com areia úmida e agora cobria os oitenta e dois ovos com mais areia úmida. Colocou uma toalha dobrada por cima. A idéia era imitar um ninho. O balde estava pesado e seu braço estremeceu quando passou a alça por ele, mas saiu andando com passos lentos, firmes, determinada a não balançar os ovos mais do que o necessário. Cantava cantigas de ninar que as mães entoam para adormecer seus filhos.

O vento brincava com ela como se fosse uma criança, erguendo-lhe a saia e empurrando-a para a frente com suas rajadas. Parou para equilibrar-se e não balançar o balde. Pelo menos a chuva parará, pensou, e disse:

— Obrigada, Senhor.

Não queria pedir mais nenhum favor a Deus, se bem que se visse tentada a cair de joelhos ali mesmo, na areia, e a fazer uma litania de pedidos. Uma voz em seu intimo dizia-lhe que permanecesse calma e aceitasse o que quer que acontecesse.

— Mamãe!

Lovie criou alma nova ao ouvir a voz de Cara, ergueu a cabeça e viu-a vindo pela trilha. Colocou o balde no chão, trêmula de cansaço.

— Onde você estava? Fiquei assustada — Cara teve que gritar para ser ouvida acima do ronco das ondas e do zunido do vento. — Está toda molhada!

— Fiquei muito tempo com as ondas chegando até mim... e esta minha tosse...

— Deixe-me levar o balde. Venha, apóie-se no meu braço.

— Não! Não toque no balde. Se tocar terá que responder pela mudança dos ovos, também.

— Diabos, você não está em condição de carregá-lo. E que eu queime no inferno se a deixar sozinha com isso! Para onde vai levá-lo?

— Para casa.

— Não pode fazer isso!

— Caretta, não tenho tempo para discutir. A maré está alcançando as dunas. Não há nenhum lugar seguro nesta praia para aninhar os ovos e não temos tempo para procurar um lugar melhor longe daqui. Não tenho escolha.

— Diabo! — desabafou Cara de novo.

Pegou o balde com uma das mãos e segurou um braço da mãe com a outra. Quando se virou o vento bateu-lhe no rosto, trazendo grossas gotas frias de chuva.

— Vamos, mãe, está começando a chover de novo. Depressa! Açoitadas pelo vento e pela chuva, caminharam curvadas

até em casa. Assim que deram a volta para entrar, Cara divisou um vulto em pé ao lado do seu carro.

Brett. Ele estava de jeans e um poncho cor de oliva. Mechas de cabelos esvoaçavam sobre o rosto preocupado. O coração dela parecia estar batendo na garganta. Sentia-se tão aliviada por vê-lo que teve vontade de largar o balde e correr para abraçá-lo.

Mas ele estava muito sério e seus calcanhares batiam duros no chão enquanto andava na direção delas.

— O que ainda estão fazendo aqui? — trovejou. Então, os olhos dele deram com o balde e seu rosto suavizou-se.

— Temos que mudá-los — gritou Cara, fitando-o com desafio. — A duna onde estavam está ruindo.

— Não quero nem saber disso — gritou ele de volta, mas deu o braço gentilmente a Lovie, como se a levasse para a pista de dança. — Já deviam estar longe daqui, dona Lovie.

— A culpa é minha — reconheceu Lovie, apoiando-se nele. — Estou muito lenta e fui eu quem decidiu trazer o ninho para a casa. Cara está pronta há horas.

— A senhora não tem que defendê-la de mim.

— Não tenho, mesmo?

Lovie olhou para o rosto dele, que estava tão fechado quanto o chalé. Dentro

da casa o barulho infernal lá de fora chegava agradavelmente abafado.

— Suponho que Florence e Miranda já tenham ido embora. Bati na casa delas, mas ninguém atendeu.

— Já foram sim — respondeu Cara.

Brett passou a verificar janela por janela, testando as pranchas de compensado e veneziano. ^v — Não se preocupe, enfiei bastantes pregos nelas — disse Cara e dirigiu-se a Lovie. — Mamãe, vou colocar os ovos num lugar seguro. Troque de roupa rápido. Você está ensopada.

Brett seguiu para a cozinha atrás da moça e encontrou-a esvaziando a parte de baixo de um armário, que era um lugar seguro, seco e quente.

— Durmam bem — disse ela fechando com cuidado as portas. Ergueu-se, tirando o cabelo molhado do rosto. — Sinto-me como uma criminosa.

— Você é uma criminosa.

— Pois é, quebramos algumas regias — retrucou Cara, na defensiva.

— Mas não tenho tempo para pensar nisso agora.

— Não me preocupei com vocês, até que vi seu carro parado aqui, à entrada da garagem... Nao. Na verdade, passei a me preocupar desde a última vez que nos vimos.

Estavam muito perto um do outro no pequeno espaço e ela notou que havia muito mais pressão entre os dois do que no furacão lá fora. Ergueu a cabeça e olhou-o, insegura. O cabelo de Brett ficou eriçado quando afastou-o do rosto. Gotas de chuva escorriam pela sua testa e uma delas parou sobre os longos cílios.

— Você está bem? — ele quis saber Ela encostou-se no armário.

— Toy foi embora, com Darryl. Achamos um bilhete esta manhã.

Nos olhos de Brett passou um clarão de ira, depois eles espelharam desprezo quando avaliou a situação. Começou a andar de um lado para outro na cozinha, pensando apenas em como proteger a jovem.

— Tem certeza que Toy foi embora com ele? Você chamou a polícia? Há quanto tempo eles saíram?

— Ela escreveu no bilhete que estava indo com ele. Podem ter saído a qualquer hora desde ontem à noite, não sabemos. E não temos como falar com a polícia, pois nem mesmo sabemos o sobrenome daquele homem. Eu também não saberia descrevê-lo, já que nunca o vi. Tudo que sei é que tem vinte e quatro anos, faz parte de uma banda de música e bate em mulheres grávidas... — Cara passou as mãos pelo rosto. — Deus do céu, a culpa é minha. Fiquei tão envolvida com meus próprios problemas que nem pensei em tranquilizá-la, dizendo-lhe que a levaríamos conosco. Claro que ela só poderia resolver ir com ele. Deve ter pensado que não tinha outra saída.

Quando chegou diante dela, Brett parou de andar, porém não a tocou.

— Não deve se culpar por nada.

— Se não eu, quem então? Sabia que Toy estava assustada. Sabia que precisava de apoio... Ela tentou falar comigo, porém mal a ouvi. Queria que ela

tomasse as decisões sobre sua própria vida. E me absorvi cuidando de mamãe, das providências a respeito dos ovos de tartaruga e contra o furacão. Ela deve estar desesperada, porque o bebê logo vai nascer. Pensei que ia dar tempo... Mas nunca devia tê-la abandonado!

Os olhos de Brett estreitaram-se e ele cerrou os punhos diante da impossibilidade de confortá-la.

— Vou encontrar Toy, Cara.

— Como vai achá-la? Não sabemos para onde ela foi.

— O trânsito está péssimo e nas condições dela duvido que tenham ido longe. Vou verificar em todos os abrigos e dar uns telefonemas, conheço muita gente. Para onde vocês vão?

Cara ficou sem jeito de tão agradecida e usou de ironia para esconder o que sentia.

— Essa é outra de suas regras? Um homem do sul jamais abandona uma dama em perigo?

Ele ficou quieto um momento e depois disse, com relutância:

— Algo parecido...

Pegando uma folha do bloco de compras, ela anotou o endereço, o telefone do hotel e o que iam fazer.

— Aqui está, Brett — disse, entregando-lhe o papel. — Mesmo que você não a encontre, muito obrigada. Significa muito para mim o fato de você tentar.

Brett pegou o papel.

— Estou indo. Desligue a luz e o gás antes de sair. E *saíam logo*. Não se permita nem mais um atraso. Ligo à noite para vocês.

Depois de um longo olhar de despedida ele saiu da casa da praia e sumiu na tempestade.

Cara ficou olhando para a porta, pensando se estava louca ou se tinha mesmo sentido uma poderosa ligação entre eles quando a mão de Brett esbarrara na sua ao pegar o papel.

Em pouco tempo Cara terminou de carregar o carro, enchendo cada espaço vazio e controlando o tempo no relógio. Eram duas da tarde e parecia noite. A tempestade crescia junto com seu medo. Havia se atrasado demais, o Brendam já se achava nos seus calcanhares. O rumor emitido pelas ondas enfurecidas era ensurdecedor e ela o sentia repercutindo em sua cabeça. O terror pôs um frio gelado ao longo de sua espinha enquanto ela lutava contra o vento para subir a escada da varanda e entrar em casa.

— Mãe! — chamou assim que entrou. — Temos que correr! Falava enquanto se dirigia para o quarto, onde encontrou

Lovie na cama, sentada, recostada nos travesseiros e com um cobertor sobre as pernas.

— Levante-se, mamãe. Temos que ir!

Lovie sacudiu a cabeça, e juntou os joelhos ao peito, rodeando-os com os

braços.

— Você vai. Cara assustou-se.

— O quê?

— Vou ficar.

— Você o quê? Não vai ficar, não! Isso é ridículo, mãe. Não temos tempo para discutir. Vamos!

— Eu não vou. Não vou abandonar a casa da praia de novo. Nunca mais! — A voz dela começou a ficar aguda e mais alta devido à emoção, mas Lovie acabou por controlar-se e manteve a dignidade. — Mas você vai. E rápido, por' favor — pediu, com um sorriso triste.

Cara só pôde ficar olhando para a mãe, enquanto o pânico se avolumava em seu peito. Desde muitos anos conhecia a expressão que havia nos olhos dela. Era um olhar desafiador e raivoso, como o de um cão encurralado, e se alguém tentasse se aproximar para pegá-lo seria mordido.

Aquela era a última gota. Cara largou a bolsa no chão, afastou o cabelo ainda úmido do rosto com um gesto de raiva e fitou a mãe com fúria contida.

— Certo, a escolha é sua — explodiu. — Se você não vai eu também não vou!

Lovie levou um choque ao ouvir aquilo e perdeu a postura.

— Mas... Mas você tem que ir!

— Não vou.

— Cara, não faça isso! — Lovie esbravejou. — Estarei bem aqui. Esta casa agüentou várias tempestades, inclusive o furacão Hugo. Vai agüentar esta também.

Mas Cara manteve-se irredutível diante da crescente histeria da mãe.

— Tenho que ficar — a senhora gritou, unindo as mãos. — Alguém tem que ficar com as tartarugas!

Cara cruzou os braços.

— Eu não vou.

De repente ouviu-se o barulho assustador do galho de uma árvore quebrando-se lá fora, seguido pelo horrível ranger da janela do banheiro, como se ela estivesse sendo arrancada das dobradiças. Seguiu o som de vidro quebrado acompanhado pelo bater do galho na janela.

— Vá, Cara, vá! — implorou Lovie. — Pelo amor de Deus, vá! Não quero ir. Quero morrer aqui. Não estou com medo por mim. Por favor, vá!

A moça sentiu suas defesas sendo despedaçadas como os vidros da janela. Era como se tivesse dezoito anos de novo e aquela dor profunda torturando seu peito. Palavras guardadas por tantos anos saíram do íntimo dela como que levadas por um rodamoinho, descontroladas como o vento lá fora.

— Uma vez — gritou —, apenas uma vez quero que pense em *mim*, pela primeira vez na minha vida! — Respirou fundo e ficou rígida como uma tábua de tão tensa. — Quer saber por que fui embora com dezoito anos, mãe? Quer saber?

Lovie agarrou o tecido de blusa, junto ao peito, com as duas mãos.

— Oh! Cara...

— Não foi por causa do papai. Eu sabia que ele não gostava de mim.

Mas foi por causa de você. Nunca pude perdoá-la por nem sequer haver tentado me proteger. Ou a Palmer. E nem a você mesma. Naquela noite fui embora porque ele me bateu. E você deixou que ele me batesse, mãe! Não fez nada. Você podia ter se colocado diante dele. Podia ter me defendido, podia ter defendido a nós dois. Mas ficou ali, parada, e deixou que ele me espancasse. Por quê?

Cara enxugou as lágrimas e continuou, soluçando:

— Sei o porquê. Para proteger a você mesma. E agora, neste momento, está pensando só em si mesma! Ou nas tartarugas! — A dor que Cara sentia no peito aumentou a ponto de fazê-la vacilar. — Por que nunca pensou em mim? Mãe, por que eu não tenho importância para você?

— Então a dor resolveu-se em lágrimas ardentes. — Por que você não se importa comigo?

— Não, Caretta, não! Não é como você está pensando! No mesmo momento em que dizia essas palavras, Lovie percebeu que não traduziam a verdade. Ela não havia protegido a filha, E Cara não conseguia ver *o porquê*.

De novo um barulho assustador invadiu o quarto quando outros galhos foram arremessados contra a janela. Lovie gritou e Cara jogou-se no chão, protegendo a cabeça com as mãos contra os estilhaços de vidro que se espalharam pelo quarto. E naqueles instantes sentiu um horror que lhe era familiar. Apenas uma vez na vida se sentira tão apavorada por sua segurança. E aquela lembrança surgiu em sua mente.

Havia acabado de fazer dezoito anos e estava encolhida num canto do hall de entrada de sua casa em Charleston. Com a cabeça protegida pelos braços ouvia o zunir do cinto que cruzava o ar e a atingia causando uma dor aguda. Doía horivelmente, porém a dor maior vinha do choque de estar sendo espancada pelo seu próprio pai. Enquanto gritava para ele parar, sentia uma vergonha profunda por aquilo estar acontecendo com ela. O rosto dele estava medonhamente contorcido pela raiva que sentia por Cara o haver desafiado e via que ele tinha imenso prazer em vê-la naquela situação. Ele gritava coisas que ela mal entendia como "é a última vez", "vou te ensinar" e "faça o que disse que vai fazer". Ela implorava para que o pai parasse de surrá-la e começara a entrar num estado de histerismo.

Até que vira a mãe. Por baixo do braço avistara Lovie agarrada ao batente da porta. Sua mãe não correria para fazê-lo parar ou interpôr-se entre os dois, não fora defender a filha, que via seu rosto pálido e os olhos cheios de horror. Então, Cara parará de chorar, erguera-se e ficara encarando o pai que a surrava. Permanecera imóvel, de cabeça erguida, até que ele sentira vergonha e parará. A dor íntima era tão intensa que fizera com que não sentisse a dor das cintadas.

E agora, enquanto o Brendam rugia lá fora, Cara achava-se encolhida num canto do quarto, gelada de medo, ouvindo o vento do furacão ulular como fantasmas. Foi quando sentiu a mão da mãe no seu ombro.

— Cara? — disse Lovie. Depois, com mais firmeza: — Cara olhe para mim!

Ela levantou a cabeça e viu a mãe. Apesar do vento que varria o quarto, entrando pelos vidros quebrados da janela, Lovie achava-se em pé, com os ombros retos, em atitude determinada.

— Sim, eu vi seu pai espancando-a naquela noite — murmurou a mãe. — E soube a partir daquele momento que você iria embora. Para sua própria segurança. Quando você se foi, meu coração partiu-se, mas não a impedi porque amava mais do que a mim mesma. Eu conhecia bem o caminho que havia escolhido e não queria que você o seguisse. Talvez eu devesse tendo embora com você e não posso mudar o que fiz. Mas posso ir com você agora. Eu a amo, filha. E me *importo* muito com você.

— Mãe...

Cara chorou abraçada às pernas da mãe.

— Minha pequena andorinha-do-mar... — Lovie afagava os cabelos úmidos da filha. — Vamos, me dê a mão... — Segurou-a pela mão e a ajudou a se pôr em pé. — Tenho muito a explicar, mas agora não temos tempo. Precisamos ir.

De mãos dadas, saíram para a tempestade. A respiração furiosa de Brendam as atingia, mas o centro de força do monstro ainda estava longe. Cara segurou a mãe pela cintura e enfrentaram o vento até chegar ao carro. Assim que pegaram a estrada a chuva tornou-se grossa. Mesmo com os limpadores de pára-brisas no máximo, Cara não via direito a estrada. Inclinou-se para frente e, segurando o volante com força, chegou à Avenida das Palmeiras a passo de lesma.

A cidade estava deserta e parecia fantasmagórica com as janelas das casas tapadas com pranchas de madeira. Cara dirigia bem devagar, prestando atenção para não passar por cima de fios caídos e para evitar ruas alagadas. Estava preocupada com o vento na hora de passar pela ponte que levava ao continente.

— Deus do céu! Olhe só aquilo!

Cara freou o carro e forçou a vista através do espesso lençol de água que envolvia tudo. Um velho e imenso carvalho tinha caído atravessando-se no caminho para a ponte. Sua boca ficou seca. A imensa árvore ocupava a avenida de lado a lado. Ficou olhando, sem conseguir acreditar, enquanto o vento balançava o carro e a chuva batia com força na lataria e nos vidros.

— Não podemos dar a volta nele? — indagou Lovie, com voz apertada.

— Nem adianta tentar. Os fios de força estão pelo chão e as pequenas ruas paralelas já foram cobertas pela água.

— Então, não tente, filha. Se a água subir mais pode nos arrastar.

— Lovie tocou os lábios com os dedos trêmulos, quando tornou a falar.

— E a ponte Ben Sawyer? Será que dá para voltarmos e tentar por lá?

— Ouvi no rádio que essa ponte está fechada. Ela desabou na água durante o Hugo, lembra-se? — Olhando a rua através do vidro martelado pela chuva, Cara sentiu um frio na barriga. — Estamos numa ratoeira. O que vamos fazer?

— Cara — começou a mãe com tanta firmeza que distraiu a atenção dela na

rua. — Vamos para a casa da praia. Estaremos bem lá.

— Mas se o mar invadir...

— O terreno é bastante alto e a casa foi construída sobre *pilotis*.

Não podemos ficar aqui e não temos outro lugar para ir. Mas *precisamos* sair desse carro. Se acontecer a inundação ele será como um caixão de defunto.

Cara ficou abalada com a fúnebre imagem. Com as mãos trêmulas, engatou a ré e virou o carro para voltar. Puseram-se a caminho para a casa da praia. Apenas uma estação de rádio era audível entre o estralar da estática e o zunir do vento. Quando conseguiu sintonizá-la, ouviram a notícia de que o Brendam não ganhara mais força.

— Obrigada, meu Deus! — murmurou Cara. — Talvez a gente consiga sair desta.

— Estou rezando, minha filha. Estou rezando com todo meu fervor.

— Faça isso, mãe. Você tem melhor relacionamento com Deus do que eu.

— Não é hora de ser orgulhosa, filha. E o momento de se cair de joelhos.

— Farei isso, mas primeiro tenho que sair desse carro.

Enquanto Cara praticamente navegava pelas ruas açoiadas pela chuva, tomava cuidado para não ir depressa demais e também não parar. A situação era difícil e mal podia ver o caminho. Se o carro parasse de funcionar, teriam que abandoná-lo, sair dele e procurar um local alto para ficar. Suas mãos apertavam tanto a direção que as juntas dos dedos estavam brancas e seus dentes rangiam pela força com que cerrava as mandíbulas. Nunca estivera tão assustada em sua vida. Então teve a sensação de estar rodeada por aquela antiga e tão conhecida muralha que erigia para se defender da violência do mundo e que mantinha suas emoções sob controle. Ela a servira tão bem em momentos de emergência e estresse que contava com sua proteção agora. Elas precisavam enfrentar a tempestade e estar preparadas para o pior.

Quando chegaram à casa da praia viram que o mar já subira acima das dunas e lambia os *pilotis* da primeira fileira de casas. A água do mar espirrava alto e sua preocupação maior era uma inundação provocada pela subida da maré. Nesse caso, ficariam presas na casa e só poderiam subir no telhado. Mas lembrou-se, com certo alívio, de que se o centro do furacão chegasse, seria na maré baixa, como haviam dito no rádio. Estacionou o Saab ao lado do Besouro de Ouro. Se houvesse inundação, o motor estaria perdido. „ Pegou as sacolas de plástico com documentos importantes. Enfrentando o vento furioso, Cara disse:

— Juro que no próximo projeto de uma casa, se é que ainda o farei, vai estar incluído um abrigo para furacões no porão.

— Mais um cômodo para voar pelos ares — Lovie comentou com desânimo.

Cara abriu a porta do carro e ajudou a mãe a sair. Lovie agarrou-se ao braço dela para equilibrar-se e lutaram contra o vento uma última vez, percebendo o vulto das palmeiras dobrando-se quase até o chão, com as folhas agitadas por louco frenesi. Cara ergueu a cabeça, procurando ver algo através do vento e da chuva. O pequeno chalé continuava firme no alto da duna.

— Continue a nos proteger — murmurou para a casa da praia, enquanto

ajudava Lovie a subir a escada da varanda.

Dentro da casa estava úmido, escuro e silencioso. A frase *silenciosa como uma tumba* ecoou na mente de Cara, mas ela a afastou rápido.

— Vou acender os lampiões enquanto você veste roupas secas — disse para a mãe, forçando-se a parecer despreocupada.

Lovie tossiu e sorriu ao mesmo tempo.

— A essa altura eu já devia acreditar que consigo me trocar sozinha.

— Vou até o carro pegar o cilindro de oxigênio, antes que seja tarde

— disse Cara, indo para a porta.

Quando a abriu, uma rajada violentíssima de vento arrancou da sua mão a porta de tela que bateu contra a casa, fazendo saltar a dobradiça dupla do batente.

— Não vá, filha, deixe! — gritou Lovie, assustada. — Não preciso de oxigênio. E a proibido de sair de novo, é muito perigoso.

— Dá para eu ir pegá-lo — gritou Cara de volta e saiu.

Felizmente o cilindro estava num lugar de fácil acesso, no banco de trás. Arrancou-o de lá e correu de volta para a varanda.

— Menina louca! — murmurou Lovie, descontraído-se quando a viu retornar.

Cara sentiu-se triunfante. Fechou a porta de tela como pôde e foi buscar o martelo e pregos. Em poucos instantes a porta estava segura novamente.

— Está feito — disse apoiando-se na porta. — Agora estamos aqui dentro até o fim de tudo.

— Que Deus nos proteja — murmurou Lovie. Enquanto a mãe se trocava, a moça acendeu dois lampiões,

pôs um no balcão da cozinha e levou o outro ao quarto de Toy. Com as janelas tapadas por pranchas de compensado, a sala repleta dos móveis das varandas e provisões, a casa parecia uma loja de conveniência. Ela pregou uma prancha extra na janela do banheiro do quarto da mãe, que os galhos e o vento tinham destruído. Depois levou as caixas com garrafas de água e alimentos para o quarto de Toy. Por fim, levou o cilindro de oxigênio e começou a esvaziar o armário. Foi quando Lovie apareceu com a Bíblia na mão.

— Por que está trazendo tudo para cá? — perguntou.

— Porque é o lugar mais seguro. Se o vento ficar muito forte, vai forçar as janelas deste lado para dentro, mas as do outro lado serão forçadas para fora. E, se for preciso, poderemos nos abrigar dentro do armário embutido.

— Que Deus tenha piedade!

— Estaremos bem — afirmou Cara, com uma segurança que não sentia.

— Sim, estaremos — anuiu Lovie com bravura, mas parecendo perdida.

— Deite-se e descanse, mamãe. Vamos ficar neste quarto, daqui por diante. Vou trazer o rádio e alguns livros. Quer ler algo de especial?

— Tenho a minha Bíblia. Se não se importar, gostaria que você lesse alguns

versículos para mim.

Cara sorriu.

— Claro que sim.

As horas se passaram e se bem que o Brendam se voltara para o Norte, a casa de vez em quando era balançada sobre os *pilotis* sempre que ele se reaproximava. Dentro do pequeno quarto, entretanto, a luz amarela e confortante do lampião iluminava a Bíblia que Cara lia em voz alta. Sua voz era clara e suave, um calmo contraponto para a insanidade que grassava lá fora. Lovie escolhera o Antigo Testamento e as duas encontravam conforto na sabedoria do Rei Salomão. Quando uma rajada de vento mais forte rugia, fazendo tremer a casa, Lovie apertava a mão da filha.

— Descanse um pouco de falar e desligue o rádio, sim? Esse falatório sobre o furacão só serve para nos deixar mais nervosas. Acho que está na hora... — Lovie fez uma pausa e respirou fundo. Então, recomeçou: — Cara gostaria de lhe contar uma coisa que venho remoendo já faz muito tempo.

Os filhotes das tartarugas alimentam-se de pequenas lesmas, macroplâncton e invertebrados.

Quando adultos, com suas poderosas mandíbulas, podem triturar crustáceos com carapaças e criaturas que vivem nas pedras e recifes. As águas-vivas são como sobremesa para eles.

CAPÍTULO XXIV

Cara, lembra-se quando escrevi dizendo que eu precisava pôr a casa em ordem?

— Claro que lembro...

Cara fechou a Bíblia e virou-se para a mãe.

— Você deve ter pensado que eu falava das tralhas amontoadas na casa de Charleston.

— Já falamos sobre isso, mãe. Sei que se referia a nós.

— Pois é, mas o que conversamos não foi nem o começo. Oh! Caretta, não imagina o quanto me debati durante estes meses. Um dia tomava uma decisão, no seguinte ficava e dúvida. Só espero que não seja tarde demais e que Deus me ajude a manter esta decisão.

Lovie deu um olhar assustado para a janela. O vento continuava açoitando a casa e parecia procurar, por todos os cantos, um jeito de entrar. Lovie segurou a mão da filha com as duas mãos.

— Você me perguntou por que suportei o seu pai por todos aqueles anos.

— Mãe, você não precisa...

— Sim, preciso. Por favor, ouça até que eu termine. Tenho muito o que contar... — Passou a língua pelos lábios secos, pôs os pensamentos em ordem e começou: — Em primeiro lugar, você precisa compreender o que era ser uma esposa na minha geração. Não apenas para uma mulher sulista, mas para toda uma população de mulheres da minha era e de vários países. O papel que havíamos aceitado era diferente do de hoje e atrevo-me a afirmar que nossas atitudes também. Havia grande diferença entre trabalho de homem e de mulher. Cuidar do lar e dos filhos era o trabalho das mulheres. A casa era o nosso lugar.

Se uma mulher seguisse uma carreira profissional estaria comprovando a incapacidade de seu marido em prover a casa para ela e os filhos.

"Minha mãe me criou como a mãe dela a criou, acreditando que a palavra do marido é lei. Ensinaaram-me a jamais me recusar a satisfazer as necessidades dele. A me manter à sua sombra. — Lovie deu um sorriso amargo. — De preferência, pelo menos dois passos atrás... Meu dever era ajudá-lo a aumentar a própria auto-estima, acima de minhas aspirações e desejos, mesmo à custa de sufocar minhas aspirações e habilidades."

Cara inclinou-se para frente, ansiosa e querendo compreender.

— Quer dizer que permitia que ele a tratasse tão mal só porque era homem?

Lovie balançou a cabeça, perturbada.

— Não. Só estou tentando dar-lhe uma noção de como era a realidade naquele tempo, para que você compreenda o que tenho a lhe contar.

— Desculpe mamãe, não vou interromper de novo.

— Eu tinha trinta e nove anos naquele verão... Quase a sua idade. Stratton estava muito perto de alcançar o sucesso profissional. Ele ficava contente durante os verões, quando eu ia com você e Palmer para a casa da praia, enquanto ele ficava na cidade trabalhando ou viajava. Na época esforçava-se por expandir sua empresa, tentando abrir filiais em outros Estados e na Europa. Eu tinha desconfiança de que ele andava com outras mulheres, mas fazia de conta que não via nada. Naquela época não havia por aqui nenhum Grupo das Tartarugas, ninguém que cuidasse dos ninhos e fizesse anotações, a não ser eu.

Ela largou a mão da filha, recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos.

— E um homem chamado Russell Bennet.

Ela deu um leve sorriso, sentindo prazer em pronunciar em voz alta e para alguém aquele nome, depois de trinta anos. Ouvir sua própria voz dizê-lo fazia com que tudo revivesse, demonstrando que tudo fora real e não imaginário.

— Russell? Aquele da fotografia?

— Isso. Ele veio naquele verão para a Ilha das Palmas a fim de pesquisar as caretas. Russell era biólogo. Cuidava também dos negócios da família, porém o que mais gostava era de fazer pesquisa. Brett Beauchamps me lembra Russell. Não se parecem fisicamente. Russell era alto como Brett, só que mais magro e menos musculoso. Também era mais loiro. Era lindo o contraste entre a pele bronzeada e o cabelo quase branco. Mas sua personalidade era parecida com a de Brett. Quietos, porém intenso e brilhante. Dedicado ao meio ambiente. E eu o achei... muito

atraente.

"Nosso interesse comum por tartarugas foi o que nos aproximou. Eu era a única aqui interessada nisso, por mais estranho que pareça. Lia tudo que encontrava sobre o assunto, artigos, o livro de Archie Carr... tudo. E, olhando para trás, vejo que para a época até que fiz isso bastante bem. Corria pela ilha o comentário de que eu cuidava das tartarugas e um dia Russell veio me procurar. Quando ele leu as minhas anotações posso afirmar que ficou impressionado.

E, com toda honestidade, Cara, posso afirmar também que pela primeira vez na vida fiquei orgulhosa por algo que tinha feito totalmente sozinha.

"Naquele verão trabalhamos juntos. Ele me ensinou muita coisa sobre as caretas e mostrou-me como ajudá-las. Aprendi muito com Russell..."

Levantou a mão como que para dar ênfase a algo, mas em seguida deixou-a cair no colo num gesto de frustração.

— Não, não. Cara. Não era isso que eu queria lhe contar. Não se trata das tartarugas. Estou fugindo do assunto e quero lhe dizer a verdade.

Olhou para filha e viu medo refletido nos olhos dela. Hesitou nervosa e insegura de como prosseguir. Fechou os olhos e na escuridão invocou o rosto de Russel E lá, bem no fundo do seu coração, onde o amor por aquele homem ainda vivia, encontrou o caminho que buscava para continuar falando com a filha. Sentiu sua força crescer e abriu os olhos, seus sentimentos começaram a fluir.

— Você sabe como é encontrar alguém, olhar dentro de seus olhos e saber, sem sombra de dúvida, que essa pessoa é sua alma irmã? Foi assim comigo e Russell. Lembro-me como se fosse ontem. Um enorme grupo de pessoas estava reunido na praia para ouvir Russell falar sobre tartarugas. Era um dia quente, o sol estava forte e levantei uma das mãos para proteger os olhos da luz intensa. Esse gesto atraiu a atenção de Russell e nossos olhares se encontraram. Ao fitar aqueles olhos de um cinza-azulado senti como se estivesse sozinha com ele na praia. No universo. Lembro-me de que pensei *Por favor, Deus, não*. E que naquele momento percebi que iria amar aquele homem como jamais amara na minha vida.

"Éramos muito educados e alegres. Durante várias semanas encontrei-me com ele na praia, ao amanhecer, e sempre profissionalmente. Eu levava uma garrafa térmica com café quente e olhávamos o sol nascer. Depois, pegávamos as bicicletas e saíamos andando em volta da ilha, em busca de rastros de tartarugas. Cada momento que passava com ele era como um dom de Deus. Quando Russell falava eu ficava fascinada. No começo, fizemos força para não deixar nossos sentimentos aflorarem... — Lovie balançou a cabeça. — Conseguimos nos controlar até quando começamos a ficar junto dos ninhos durante a noite. Já então... — suspirou — estávamos desesperadamente apaixonados, Cara.

"Tornamos-nos amantes. Isso a deixa chocada, querida? É uma coisa estranha para uma mãe dizer à filha. Mas foi assim que aconteceu e desconfio que eu sabia que aquilo ia acontecer. Costumávamos nos encontrar quase todas as noites na duna, aí do outro lado da rua, no terreno que Palmer está desesperado para comprar. Você se lembra de como era antes de haver a rua? As dunas partiam daqui da nossa casa e iam se sucedendo até a praia... Era um lugar quieto e seguro. Um paraíso de amor."

Lovie sorriu de novo e lançou um olhar rápido para a filha.

— E eu pensava *que* você ia cuidar dos ninhos!

A expressão de Cara demonstrava que se sentia traída.

— E eu ia. De boa-fé. Não podia lhe dizer que também ia encontrar o homem que amava, não é? Você tinha apenas dez anos e eu sabia que o nosso caso não poderia durar mais do que aquele verão. Você tem que acreditar nisto, Cara.

— Mas por que deveria acabar se você o amava tanto?

— Essa é a parte mais difícil de compreender. Foi por isso que tentei explicar primeiro quem e como sou. Como fui educada. Eu era uma mulher casada. E Russell também. Nós dois nascemos em famílias para as quais o divórcio seria um escândalo. Era algo que simplesmente não acontecia na nossa sociedade. E mais, nós *tínhamos consciência* das nossas responsabilidades e compromissos. Eu não poderia deixar Stratton, assim como Russell não poderia deixar Eleanor. Pelo menos no começo...

Lovie não pôde evitar o acesso de tosse que se tornava cada dia mais constante. Algumas vezes achava que não iria sobreviver à próxima crise. Cara ligou o oxigênio, sua mãe colocou a máscara no rosto e respirou fundo algumas vezes. Enquanto ela inundava seu pulmão devastado com ar, ouvia o vento lá fora batendo nas janelas e uivando como um fantasma arrastando suas correntes. *Vá embora Stratton, seus uivos não resolverão nada. Esta história tem que ser contada.* Tirou a máscara e gesticulou para a filha desligar o cilindro. Então, soltando-se sobre os travesseiros, ignorou o mau humor do vento e continuou a narrativa.

— No final daquele verão nossos sentimentos se haviam tornado muito fortes. Russell tentava me convencer que devíamos enfrentar nossas famílias, nos divorciarmos e nos casarmos. Era um sonho maravilhoso que eu queria ver realizado. Oh! Cara, você não pode imaginar o quanto eu quis ter forças para me divorciar quando ele me pediu em casamento. Dizer adeus para Russell foi a coisa mais dura que eu jamais fiz na vida. No final de agosto nos encontramos pela última vez na nossa duna.

"Foi uma daquelas noites perfeitas, que ficam guardadas na memória <la gente. Ainda vejo a lua cheia banhando com sua luz prateada toda aquela areia, dando a impressão de que estávamos em outro mundo. Um mundo sereno, que tornava tudo mais doloroso. O ar estava parado como se a noite tivesse prendido a respiração, esperando para ver como seriam os últimos momentos do nosso verão. Apenas as ondas se moviam, acariciando a praia, e só ouvíamos as batidas do nosso coração. Abraçamo-nos apertado, chorando e jurando amor imortal. A nossa era mais trágica e emocionante que qualquer história de amor que eu já li em livros. Sentia-me como uma heroína que precisava renunciar ao amor verdadeiro pela honra e o dever. Mas, apesar das nossas boas intenções, parecia impossível que não fôssemos nos encontrar de novo.

"Então fizemos uma última e desesperada promessa. Esperaríamos seis meses. Se nesse tempo um de nós resolvesse terminar o próprio casamento, voltaria para a praia na ocasião combinada. Não haveria pressão nem recriminações. Se um de nós não viesse, o outro nunca mais tentaria entrar em contato. Marcamos a data do encontro.

Era um tênue fio de esperança que deixávamos em aberto e que nos deu co-

ragem para dizer adeus.

"Enquanto voltava para a casa da praia, sentia-me como que boiando no mar. Eu sabia... *sabia...* que iria comparecer ao encontro marcado. Iria acertar tudo com Stratton, sem pedir nada a não ser minha liberdade, e voltar para Russell sem impedimentos. Meu coração estava tão límpido como a lua daquele dia, esbanjando luz. Sentia-me radiante, vinha sorrindo e quase que dançando pelo caminho. Tinha tomado minha decisão. Achava que o pior já tinha ficado para trás.

"Mas não sabia o que estava por vir. Quando entrei aqui, encontrei Stratton à minha espera. Neste momento posso vê-lo tão claramente como se tudo tivesse acontecido ontem. Achava-se parado no meio da sala, ainda com o terno escuro de trabalho. Seu rosto estava pálido pela fúria contida e seus braços, caídos ao longo do corpo, com os punhos fechados. Ele nunca vinha aqui e apanhou-me de surpresa. Encostei-me no batente da porta, um pouco pelo susto e um pouco para evitar sair correndo, como era a minha vontade. Milhões de pensamentos cruzaram minha mente em poucos segundos e eu só conseguia dar graças a Deus por ter voltado sozinha para o chalé. Não podia imaginar como ele soubera do meu caso, mas tinha certeza que sabia. O jeito que me olhava, com os dentes à mostra, era o de um cão de caça quando sente o cheiro da presa. Uma vez vimos um desses cachorros pegar um coelho com seus dentes afiados e os olhos de Stratton ficaram injetados e demonstrando sede de sangue quando viu a cena. E naquela noite era essa a expressão dele me olhando. Fiquei com medo.

"— Onde você estava? — perguntou-me Stratton.

"Ajeitei os cabelos, querendo parecer despreocupada, e respondi:

"— Estava num ninho. — Minha voz soou estranha. — Sempre vou vê-los de noite.

"Os olhos escuros dele, cintilantes, não se desviavam dos meus.

"— Sozinha? Até essa hora?

"— Claro, aqui é seguro.

"Tirei as sandálias e entrei em casa, batendo a areia do meu short. Foi então que gelei. Vi que estava sem a aliança. Meus olhos pararam na minha mão e, no mesmo instante, procuraram os dele. Stratton também notara. Seu olhar penetrou as minhas defesas. Eu deveria ter ficado quieta mas, como uma idiota culpada, desandei a falar:

— Nunca uso a aliança e o anel de diamante na praia. Eles se desgastam... ainda mais se eu tiver que cavar na areia para mudar um ninho...

— Quem é ele?"A voz de Stratton soou como um trovão e seus olhos pareciam emitir raios.

Eu estremeci e, então, menti.

— Quem? — perguntei, sabendo que não adiantaria me esquivar.

Só agora, lembrando aqueles momentos, vejo que perdi minha única chance de salvação. Se eu tivesse sido sincera desde o começo, confiando no meu amor e no de Russell, se tivesse sido forte o suficiente para dizer a verdade, tudo o que se seguiu poderia ter sido evitado, Mas tive medo e fui covarde.

Deixei-me levar pela mentira, o que me condenou.

"Até hoje não descobri como Stratton soube. Não sei se nos viu juntos, se alguém contou ou se deixei alguma pista em casa.. Talvez o instinto de caçador dele fosse tão aguçado que sentiu o cheiro de outro homem em mim. Mas o fato é que ele sabia. E quando perguntou de novo o nome do meu amante, neguei-me a dizê-lo.

"Aquela foi a primeira vez que seu pai me bateu. Quebrou-me duas costelas, meu pulso e a minha alma. Um pedaço de mim morreu naquela noite. Mas eu nunca disse o nome. Nunca. Nem para ninguém. Até hoje."

Cara sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Segurou a mão da mãe muito mais para seu conforto do que para o dela.

— Eu não sabia — disse quase num murmúrio. — Sempre me perguntava se papai batia em você.

— Naquela noite você e Palmer estavam na casa de amigos... Ainda bem. Tive tempo para inventar a história de um tombo e, assim, justificar meus machucados.

— Lembro-me disso, mãe. Como pude ser tão ingênua?

— Você era uma criança. Como poderia adivinhar? Stratton nunca tinha me batido antes e nem bateu depois, mas fiquei sabendo até que ponto ele podia ser violento. Aprendi, então, como ele era e passei a viver com medo de que me agredisse de novo. O que mais me assustava era você, Cara. Sabia que era corajosa e determinada, por isso tinha certeza de que era uma questão de tempo que fizesse seu pai perder a cabeça.

— Você devia ter dado parte na polícia.

— Minha querida, não. Você não entende. Eu achava que merecia ter apanhado.

— Não é possível!

— Acho que não cheguei a partir o coração de Stratton, mas quebrei meus juramentos e menti. Como sabia que tinha agido errado, Cara, carreguei a culpa por todos esses anos. E a vergonha me empurrou cada vez mais para o silêncio.

— Mas por que você continuou com ele, mamãe?

— Stratton me disse que nunca iria me conceder o divórcio e que tomaria você e Palmer de mim se eu tentasse deixá-lo. Iria mostrar a todos a péssima esposa e a prostituta que eu era. Sei que se tratou de uma chantagem, mas foi eficiente principalmente porque eu o achava capaz de fazer isso. Stratton era um cidadão importante, com muitos contatos, e naquela época as mulheres tinham poucos recursos, mais ainda as que perdessem a reputação. Minha própria mãe me aconselhou a obedecer meu marido e a manter a dignidade. Tendo consciência de quanto minha atitude poderia atingir as pessoas que amava, tomei a única decisão que me restava. E, Cara — disse Lovie com segurança, sabendo bem como seu pai era jamais teria coragem de deixar meus filhos nas mãos dele.

Cara fitou a mãe com intensidade e apertou-lhe a mão, enquanto o vento não parava de açoitá-la. Tantas perguntas não respondidas agitavam-se em sua mente!

— Depois de seis meses, na data marcada — continuou Lovie —, não voltei

aqui. Era um dia chuvoso de março, deprimente e frio. Ah, me lembro tão bem! Tive que me trancar no quarto naquele dia. Não confiei em que seria capaz de dominar o impulso de sair correndo e me atirar nos braços de Russell.

"Então, me dediquei a vocês. Você e Palmer eram a única felicidade da minha vida, o meu tesouro. Tentei esconder-lhes a verdade, mas as crianças têm um instinto muito forte para essas coisas. Não adianta grandes quantidades de balões e papel de seda coloridos para criar a felicidade se ela não existir por si. Eu podia ver a dolorosa dúvida nos seus olhos, Cara. Mas você não podia imaginar o *que* era e eu não podia lhe contar."

Os olhos da moça encheram-se de lágrimas.

— Gostaria tanto de ter sabido! Todo esse tempo achei que você era uma mulher fraca e papai um homem cruel. Por que não me disse nada? Tudo isso virou uma confusão imensa...

— A maioria das vidas são confusas se a gente viver por muitos anos, querida.

— Fiquei zangada com você por tanto tempo, mamãe! Fiquei longe de casa não porque não gostasse de você, mas, ao contrário, porque gostava demais.

— Não fique mais zangada, filha! O câncer come meu corpo, mas a ira pode comer sua alma. Não deixe a raiva destruir sua possibilidade de ser feliz. Levou anos, mas encontrei meu caminho para ficar em paz novamente. Só aqui na casa da praia é que consegui me sentir livre do desespero e da tristeza.

Seu olhar passeou pelo quarto mal iluminado e atulhado de suprimentos.

— Esta casa foi meu oásis. Stratton sabia disso e também o porquê. Tentou me tirá-la de mim, como tirou tudo mais, porém o chalé está no meu nome e não houve nada que ele pudesse fazer. Seu pai nunca mais voltou aqui e eu não queria ficar longe daqui. Então, como num acordo nunca posto em palavras, no verão eu vinha para cá com vocês e ele ficava na cidade, livre de mim. Afinal de contas, este era um arranjo socialmente aceitável.

— Mas papai não achava que você iria ver Russell de novo? Estou surpresa por ele ter deixado você vir para cá.

— Ele sabia que tinha me vencido. Naquela noite viu algo morrer no meu olhar.

— Não entendo. Você nunca mais se encontrou com Russell? Lovie balançou a cabeça, negando.

— E nenhum de vocês veio ao encontro marcado?

— No mês de maio seguinte li sobre a morte de Russell no jornal. Ele estava voando no seu avião pela costa, como sempre fazia no começo da temporada de desova das tartarugas, quando aconteceu o desastre. Era um artigo com a fotografia dele, da mulher e dos dois filhos. Tive vontade de me matar. Fiquei inconsolável por meses. Foi no verão que sua avó Linnea veio ficar conosco aqui na praia.

Você lembra? Acredito que ela achava que eu estava ficando louca, porque perambulava pela praia o tempo todo. Todas as noites imaginava que Russell ia aparecer para ficarmos juntos... — Lágrimas escaparam dos seus olhos. — Eu vivia

assombrada pela idéia de que ele sofrerá achando que eu não o amava o suficiente.

Sobreveio mais um acesso de tosse. Cara segurou Lovie pelos ombros, batendo-lhe de leve nas costas para ajudá-la, enquanto pensava em que não conhecia aquela mulher que era sua mãe. Como tinha sido injusta no seu julgamento! Eram mãe e filha, sim, mas de muitas maneiras eram também desconhecidas uma para a outra.

Quando a tosse diminuiu, Cara perguntou:

— Não quer descansar um pouco?

Lovie pôs a mão no peito, respirou fundo e fez que não com a cabeça.

— Preciso terminar isso — disse, com voz rascante. — Venha, deite comigo...

As duas se ajeitaram lado a lado, na cama.

— Naquele outono — prosseguiu a mãe —, um senhor desconhecido veio me procurar quando eu estava fechando a casa da praia para voltar à cidade. Chamava-se Phillip Wentworth e era do escritório da Morgan Grenfell Trust Limited, nas Ilhas do Canal. Eu não podia imaginar o que ele queria de mim, mas convidei-o a entrar e lhe ofereci chá. Era inglês, muito educado e objetivo. Porém, mesmo com ele se expressando tão claramente tive dificuldade em entender o que me dizia.

"Foi o seguinte... Russell vinha de uma família rica da Virgínia que se interessava pela preservação do meio ambiente. O Sr. Wentworth informou-me que ele era dono de três lotes de terreno aqui, de frente para a praia e deixara dois para preservação. Russell e eu tínhamos conversado muito sobre isso naquele nosso verão e fiquei emocionada por ver que levava a sério o nosso sonho. Russell percebeu o que estava acontecendo com a ilha e já havia observado o desenvolvimento de várias cidades costeiras onde nunca ninguém se preocupara com o impacto ambiental ou a com a preservação da fauna marinha. As terras eram poucas, pensando-se na extensão costeira da ilha, mas imagino que ele queria dar um exemplo a todos.

"No entanto, eu não sabia que ele havia legado o terceiro terreno, este quase em frente à nossa casa, para mim, no seu testamento. O sr. Wentworth informou-me que Russell tinha deixado dinheiro com instruções para que as taxas de transferência e impostos da terra fossem pagos de forma que não houvesse necessidade de eu ter que pagar nada... levantando alguma suspeita sobre mim, se o fizesse. Pela lei das Ilhas do Canal, a Prefeitura não pode revelar o nome de proprietários de terra. Aquele senhor havia sido instruído para me procurar e revelar-me tudo, caso Russell falecesse.

Cara quase engasgou.

— Você é a dona daquele terreno?

— Sou, querida, há bastante tempo. A mais moça sorriu.

— Palmer vai querer morrer se um dia souber.

— Ele *nunca* vai saber Cara — disse Lovie.

Havia tanta determinação em seu olhar que a filha calou-se e esperou que a mãe continuasse.

— Ninguém nunca vai saber. E isso que quero. Oh! Caretta, você não entendeu ainda? O valor da terra não quer dizer nada para mim, como também não ligo para o valor deste chalé. Apesar da insistência constante de Palmer, jamais venderei a casa da praia e o terreno porque são o meu refúgio. Você pode achar engraçado, mas sempre vou até a duna para falar com Russell. Lá eu o sinto perto de mim. Quando o avião dele caiu no Atlântico, não encontraram o seu corpo. Gosto de pensar que Russell está aí fora, com as tartarugas, esperando por mim.

Ela fungou e procurou seus lenços de papel.

— E assim será. Agora você sabe por que amo tanto esta casa e esta terra.

— Claro que sei, mamãe. E deve ter sido terrível imaginar que teria que deixá-las.

— Hoje sei que fui abençoada por conhecer esse tipo de amor.

Lovie viu as lágrimas brotando nos olhos da filha, mas não queria entregar-se a sentimentalismos até chegar ao ponto que queria em toda aquela história. Lá fora a chuva redobrou sua fúria. Podiam ouvir os pingos contínuos e pesados repercutindo no telhado.

— Vamos ligar o rádio — sugeriu Cara.

Olhou preocupada para o teto. No canto do quarto começara a alastrar-se uma mancha de umidade e havia som de goteiras em outras partes da casa.

— Espere um pouco — pediu Lovie segurando a filha. — Cara, este é o meu dilema. Já pensei tanto sem poder resolver! O que vai acontecer com a casa da praia e a terra depois que eu me for? Já decidi, mas quero o seu conselho. Naturalmente, pensei em deixá-las para meus filhos e para meus netos. Algumas vezes acho que devo dá-las a você pelo tanto que falhei ao criá-la, filha.

"Mas, se eu fizer isso, há vários pontos que me incomodam. Em primeiro lugar vão perguntar de onde a terra veio. Uma vez eu li a história sobre uma mulher que guardara as cartas do amante dentro do colchão durante anos. Ri comigo mesma ao imaginar aquela situação. Imagine só. Ela dormia com o marido sobre todas aquelas declarações apaixonadas. Fechava os olhos «pensava no amante, enquanto o marido... Bem, deixe para lá. Mas o ponto principal é que, depois que ela morreu as cartas foram descobertas e seu segredo revelado.

"Isto não pode acontecer comigo. A vida é minha e este é o meu segredo. A confiança de muita gente ia ser abalada. Já paguei caro demais para manter este segredo até agora. Não posso deixar que tudo se revele depois da minha morte. Estou sendo muito egoísta?"

— Não, claro que não. Você já pagou muito mais do que devia por esse segredo.

— Mas há você. E Palmer.

— Você não nos deve nada, mãe. O que *quer* fazer com as terras?

O rosto da senhora se tornou melancólico.

— Russell me deixou a terra para que eu pudesse ter a liberdade que ele achava que eu necessitava.

E de certo modo ela me trouxe essa liberdade. Porém não vou mais precisar

dela... — Lovie pegou a mão da filha e fitou-a dentro dos olhos, como que implorando. — Eu gostaria de deixá-la para preservação, como foi a minha intenção no começo. Mas também gostaria de saber que meus filhos, meus netos e os outros netos que deverão vir irão ter o privilégio de ser felizes nesta pequena parte de praia com dunas, como eu tive. E, claro, gostaria de partir sabendo que este pedaço da Ilha das Palmas vai ser sempre um refúgio seguro para as tartarugas virem fazer seus ninhos.

— Então, deve fazer o que acha que precisa ser feito para ter essa certeza.

— Você acha, mesmo?

Cara sorriu, fitando a mãe com sinceridade, e assegurou:

— Com toda a certeza.

— Eu esperava, mesmo, que você concordasse. Jamais poderia fazer isso sozinha, sem uma pessoa a quem pudesse confiar meu segredo. Alguém determinado e de confiança que pudesse notificar a Morgan Grenfell Trust sobre a minha decisão. Você poderia fazer isso depois que eu morrer, Caretta?

— Será uma honra.

Lovie suspirou cansadamente, sentindo que suas forças se esvaíam.

— Obrigada. Você vai encontrar um papel na caixa em que guardei os álbuns de fotografias. Tem o nome de Phillip, seu telefone e nada mais. Porém, roce sabe de quem e do que se trata. Ele não trabalha mais lá, mas a encaminhará e seja quem for que esteja no seu cargo irá agir com a maior discrição, tenha certeza. Trata-se de um escritório de advocacia bom nesse tipo de coisa. Não tenho palavras para lhe dizer o conforto que sinto por ter tomado a decisão! Era um peso imenso.

— Não se preocupe mais, mãe. Cuidarei de tudo.

— Ah, mais uma coisa. Há um pouco de dinheiro com eles, que Russell me deixou... Não muito, mas irá ajudar na transferência das propriedades e pagamento dos impostos do terreno e da casa da praia.

— Da casa da praia?

— Claro. Estou deixando-a para você. Cara assustou-se.

— Mas eu pensei... Bom, não sei o que pensar. Isso jamais me passou pela cabeça... Supus... Imaginei que seria para Palmer.

— Palmer? Cara, você quer dizer que todo esse tempo... — Lovie suspirou e abriu os braços para a filha. — Venha, dê um abraço na sua mãe...

Lovie sentiu-se imensamente feliz com a cabeça da filha em seu peito e seus braços envolvendo-a.

— Como você é engraçada, Cara! Sempre foi. De uma inteligência brilhante para umas coisas e tão cega em outras. Mas nunca egoísta. Esta é uma das suas grandes qualidades. E força. Sempre admirei sua capacidade de ir em frente, apesar de qualquer obstáculo. Mostra que você tem boa índole, Cara, que tem bom caráter e que o segue. Preocupei-me muito com você quando estava em Chicago. Trabalhava tão duramente e com tanta determinação! Não tinha amigos que pudessem alterar o equilíbrio da sua vida.

Mas eu achava que talvez você não pudesse ouvir sua voz interior no barulho

da cidade. Contudo, quando se opôs a Palmer quando ele quis vender a casa da praia, quando fez tudo para recuperá-la para eu não ter que ir para o hospital, quando cuidou de mim e de Toy, eu soube que sua voz interior ainda estava ativa e forte.

— Só fiz isso porque a amo.

— Exatamente. Quando os pais passam para os filhos o mínimo que seja de suas posses, pode ser um simples relógio de pulso, eles o fazem com amor. O pai ou a mãe tentam descobrir qual filho vai cuidar melhor daquilo em particular. Palmer parece pensar apenas no valor das coisas, mas eu não funciono assim. Não sou boa em números, mas tento ser justa. Amo vocês dois e procuro pensar o que vai fazer cada um feliz. Quando dei a casa de Charleston para Palmer pensei em dar a casa da praia para você. Já havia pensado nisso há muitos anos, muito antes dessas terras valerem tanto. Simplesmente, sabia que Palmer adorava a cidade, seu tipo de vida e sabia que você não era feliz na cidade. Lovie fez uma pausa, cansada, mas logo prosseguiu:

— Cara, você é minha filha querida. — Seu rosto abatido iluminou-se de ternura. — Você tem que saber que durante todo o tempo em que ficou longe, na verdade continuava aqui, sempre presente na minha mente. Sempre esteve aqui — acrescentou, apontando a cabeça —, e aqui

— indicou o coração.

Uma profunda emoção fez com que os olhos de Cara ficassem brilhantes de lágrimas.

— É tudo que eu sempre quis, mãe... saber que não fui esquecida. Era a única coisa que me importava.

— Sua boba! Minha filha querida — sorriu Lovie com amor.

— A casa da praia já é sua, Caretta. Já providenciei tudo com Bobby Lee. Foi o que eu disse a Palmer no Dia Quatro de Julho.

— Foi por isso que ele ficou tão bravo!

— Não o deixe fazer beicinho por muito tempo. Na verdade ele tem bom coração quando sua cabeça não está contando dinheiro. Ele precisa da casa da praia mais do que imagina, mas ela é sua porque você percebe a magia que existe aqui, até mesmo melhor do que eu. Isto tudo é mais um estado de espírito do que um lugar. Ouça-me, Cara. A praia, o mar e a solidão são apenas um caminho para encontrar a paz e a verdade dentro de você. Deve carregar essa magia para qualquer lugar que vá. Tivemos um verão adorável, não? E quantos outros maravilhosos... Espero que você tenha muito mais desses verões aqui. Mas se achar melhor vender a casa da praia, faça-o. A vida é sua, Cara. Não deixe nunca que nada e ninguém a mantenham presa e a impeçam de realizar seu desejo.

— Oh! Mãe... Como vou saber o que de fato desejo?

A senhora segurou o rosto da filha com as duas mãos e viu a criança na mulher que ela era.

— Você saberá, minha jóia. Um dia vai olhar para frente e verá... Então, saberá.

As caretas são répteis e respiram ar. Conseguem dormir por várias horas em baixo da água, mas o estresse e a atividade encurtam de modo notável o tempo que podem prender a respiração. Por isso afogam-se quando presas em redes de pesca para peixes.

CAPÍTULO XXV

Cara acordou com o violento espasmo de tosse da sua mãe, que dormia a seu lado. Estava preto como piche dentro do quarto. O lampião havia se apagado e a casa tremia. Enxugou o suor da testa sem conseguir enxergar a mão. Tudo estava molhado. A umidade parecia um lençol encharcado sobre seus pulmões.

— Vou ligar o oxigênio — sussurrou, com a voz rouca. Com sono, sentou-se na beira da cama e pôs os pés no chão.

A água chegou até os tornozelos.

— Meu Deus! — assustada, ergueu as pernas de novo. Seu corpo inteiro estremeceu quando começou a dar-se

conta do que estava acontecendo. Tentou pensar no que fazer. Juntou as pernas ao peito, abraçou-as, e ficou ali, de olhos arregalados e o coração disparado, sentindo calafrios. A sua volta ouvia o som de água se movimentando e de coisas que boiavam, batendo nas paredes. A casa rangia com o movimento da água e a força do vento. Iam morrer, pensou entorpecida.

Estavam presas no inferno.

— Mãe! Mãe, acorde!

— O quê? Que foi?

— Água. Tem água na casa.

— Água? — espantou-se Lovie.

— Não saia da cama.

A escuridão fez o medo dela tornar-se quase que sólido. Precisava de uma lanterna. Sua mão tremia quando bateu na cabeceira. De súbito houve um estrondo lá fora. Parecia que algo na casa estava se rompendo. Lovie chorava baixinho. Cara continuou procurando no escuro, aterrorizada e com a > mão trêmula. Por fim, encontrou a lanterna. Acendeu a luz e sentiu-se confortada por vencer a escuridão e enxergar.

Passou a luz pelo quarto. A cama era uma ilha na água escura do mar, que se agitava lá dentro. Ficou olhando a cena de boca aberta, quase em pânico. Os sapatos, as sacolas de plástico, roupas e cadeiras, tudo boiava como brinquedos de criança em uma banheira.

Sentiu a mãe agarrar-lhe o braço.

— Deve ser a inundação da tempestade — disse. — Estamos na maré alta ou na baixa?

Cara passou a língua pelos lábios ressecados, sem saber a resposta. A  gua

ainda não estava muito alta, mas podia perceber que subia centímetro a centímetro.

— Temos que sair daqui, mamãe.

— E ir para onde?

— Para o sótão.

— Não temos sótão, apenas um espaço entre o forro e o telhado, que dá para rastejar.

— Então, vamos rastejar! Mãe, não sabemos até que ponto a água vai chegar. É bom rezarmos para não ter que subir no telhado. Deixe-me pensar...

Procurou avaliar a condição dos suprimentos e da bagagem. A inala boiava e, com sorte, conseguiriam algumas roupas ainda secas. Ficou de quatro para alcançar a mala e trazê-la para a cama que se tornara uma ilha. Em seguida pegou outra lanterna e deu-a para a mãe.

— Veja se ainda temos roupas secas aí dentro, mamãe. Vou ver o que posso pegar para levar conosco lá para cima. Rápido!

— Os ovos. Cara, os ovos da tartaruga!

— Está certo, vou pegá-los.

Olhou para a água escura e quase perdeu o equilíbrio ao pôr os pés no chão. Numa loucura momentânea, imaginou que podia ser eletrocutada ou picada por uma cobra. Veio-lhe à mentto aviso de Brett. Graças a Deus lembrara de seguir o conselho dele e desligara a chave geral da energia da casa.

Mas o restante de suas sugestões... Bem, não podia fazer nada agora.

— Tenha cuidado, Cara — pediu Lovie.

Assentiu com a cabeça e, prendendo a respiração, começou a andar no escuro. A água estava quente. Chegava até metade das canelas e dava para ela sentir a força do movimento do mar.

— Espere aqui — disse à mãe quando chegou à porta do quarto.

A visão da casa inundada pela maré a havia apavorado, mas fazendo uma oração rápida, conseguiu controlar-se e seguiu em frente. Percebia a água agitar-se ao redor das pernas, mas não havia nenhuma onda, graças a Deus. O hall parecia um túnel escuro e inundado. Enquanto andava por ele sentia-se como se estivesse num daqueles terríveis brinquedos de parque de diversões, à espera que alguma coisa pegajosa e nojenta saltasse sobre ela a qualquer momento. Quase chorou de alívio quando achou a corda do alçapão que levava ao teto e puxou-a, baixando a escada. Voltou para buscar a mãe.

Subiram apressadas e se acomodaram no exíguo espaço. Ao lado delas estava o balde vermelho com os ovos de tartaruga, um rádio de pilha, roupas secas, as sacolas de plástico com os documentos, ferramentas e a caixa de primeiros socorros; tudo que ela pudera carregar para o forro até que a água chegasse aos seus joelhos. Acima delas o vento parecia uma mulher enlouquecida, debatendo-se e chorando em cima do telhado. Abaixo, a água subia como uma besta ameaçadora.

Quando Cara chegou pela enésima vez ao alçapão e olhou para a água escura, orou pedindo, simplesmente, para ver o sol nascer mais uma vez. Para andar pela praia, ouvir sua mãe e Toy conversando sobre receitas, rir com Emmi.

Ser abraçada por Brett. Pediu apenas para ainda ter os simples prazeres do Aqui e Agora, que sempre achara que tinha de sobra. Só queria mais uma chance.

A enfermeira é muito legal, pensou Toy bebericando o chá doce e quente.

Estava deitada numa maca no hall da ala de emergência do hospital. Haviam sido obrigados a levar todos para o subsolo do prédio a fim de prevenir-se contra os estragos da tempestade e a enfermeira dissera, com voz doce e calma, que logo voltariam para seus quartos, lá em cima. Então, ficariam em camas de verdade e poderiam comer comida, mesmo. As enfermeiras corriam de um lado para o outro, atendendo os pacientes amontoados. Não havia enfermeiras suficientes pois várias mulheres tinham dado à luz naquele dia. Parecia que tinha algo a ver com a pressão baixa do furacão.

Toy não reclamava. Sentia uma estranha paz interior, sem falar no grande alívio que sobreviera após o bebê ter saído de dentro dela. Deus, duvidava que iria sentir novamente na vida uma sensação de tão grande conforto como a que sentira naquele momento. Fora uma paz profunda como a que sentia quando olhava, lá longe, no oceano tranqüilo. Começara a ter essa sensação no momento em que olhara para o rostinho da filha. Tivera, então, absoluta certeza de que esse sentimento iria durar pelo resto de sua vida.

E sua filhinha era, de fato, algo de especial. Uma menina, não o menino que tinha tanta certeza que seria. Havia se enganado em muitas coisas, podia ver agora. Quando a haviam posto no seu colo ela estava vermelha e chorava, como que reclamando de ter saído de um lugar tão gostoso como aquele em que estava. Mas a pequenina não continuara chorando, como os demais bebês ao seu redor. Sua pequena garota abriu dois olhos enormes e depois piscara lentamente, várias vezes, como se quisesse dar uma olhada naquele lugar aonde tinha chegado.

Toy estava se lembrando daqueles momentos e sorria quando viu Darryl chegando pelo corredor, passando entre macas e cadeiras de rodas cheias de gente. Estava pálido e com o cabelo amassado de um lado. Parecia que havia dormido no chão, o que provavelmente acontecera. Quando ele chegou perto, ela sentiu uma coisa estranha no coração vendi os olhos dele cheios de preocupação.

— Oi, querida — disse Darryl, aproximando-se.

Inclinou-se sobre a maca para dar-lhe um beijo, mas ela deslizou sobre as rodas e ele pulou para trás, assustado.

— Opa!

Ela riu e comentou:

— Ainda não temos uma cama de verdade.

Darryl controlou-se e pôs as mãos nos bolsos de trás da calça. Ficou ali, com os magros e angulosos braços em evidência.

— Você a viu? — perguntou Toy.

— Quem?

— Nossa filha, seu bobo.

— Ah, sim. Quero dizer, não. Não vi ainda.

— Ela é linda. Tem um cabelo macio e loiro, parece um pintinho, e olhos grandes. Acho que tem o seu nariz. Temos que lhe dar um nome.

— Dê o nome que você quiser.

— Não quer fazer alguma sugestão?

— Não me importo com isso...

Ele virou a cabeça, e olhou para o hall, com os ombros erguidos e tensos como os de um homem pronto para sair correndo. Quando tornou a voltar-se para ela demonstrava impaciência.

— Diga, quanto tempo você ainda tem que ficar aqui? Este inferno está muito quente.

— Não sei. Não por muito tempo. Mas tenho que descansar um pouco. Eles deram uns pontos em mim. Sabe aqui em baixo. Não imagina como coca!

— Mas quando poderemos ir? O homem do tempo disse que está tudo liberado. As pessoas estão voltando para casa.

Casa. A palavra bateu fundo nela.

— Adoraria ir, Darryl. O pediatra está cuidando dela agora. Logo que eles disserem que está tudo bem nós podemos...

— Por que temos que esperar? Eles não têm assistentes sociais para cuidar disso?

Toy sentiu o pânico crescer dentro dela quando ouviu Darryl chamar a filha de *isso*.

— Darryl, vá lá e dê uma espiada nela.

— Mas por quê?

— Vá, por favor. Quando você a vir, irá amá-la.

— Esqueça.

— Darryl, vá ver nossa filha! — disse Toy em voz muito alta.

— Não quero vê-la! — gritou ele de volta.

A mulher da maçã ao lado olhou-os, aflita, e uma enfermeira apareceu no corredor.

— Não podemos aturar isso — censurou-os, olhando de um para o outro.

— Não vai acontecer de novo, dona — afirmou Darryl. — Estamos um pouco nervosos, só isso.

Toy viu que a braveza da mulher se derretia diante do sorriso de Darryl.

— Certo, mantenham a calma, então — recomendou a enfermeira.

E seguiu seu caminho, tinha muita coisa para fazer para se preocupar com o problema deles.

Quando ele se voltou, Toy esperava que estivesse furioso e surpreendeu-se

com seu controle.

— Desculpe-me, Toy, mas não quero ver o bebê — disse, cocando o queixo e se aproximando da maçã.

Ficou perto o suficiente para falar baixinho, de modo que as mulheres que estavam perto não ouvissem.

— Eu já disse — falou em tom defensivo — mais de cem vezes: não estou pronto para ser o pai de ninguém.

— Você vai mesmo deixar nossa filha sem nem mesmo vê-la?

— Vou. Se eu olhar para ela pode ser que não tenha coragem de ir embora... e preciso ir. É a grande chance da minha vida. Você sabe o quanto trabalhei para isto acontecer. Sabe o quanto esperei. Se eu não for agora, vou me arrepender pelo resto da vida. E outra coisa: não quero viver aqui.

Lentamente a compreensão de Toy foi entrando em foco.

Acatara de abrir os olhos e viu que o emaranhado de sonhos que criara e alimentara estava virando fumaça. Abriu a boca, sentiu que a língua se movia, tocando seus dentes, que os lábios se movimentavam e o ar saía juntamente com as palavras.

— Então, vá — ouviu-se dizer. Ele hesitou.

— Você não vem comigo? Como pode me dizer isso só agora?

Ela fechou os olhos e sentiu lágrimas quentes descendo-lhe pelas faces.

— Darryl, não posso fazer tudo isto virar o sonho que eu queria que acontecesse. O tempo todo que fiquei deitada aqui, esperando você vir me ver, imaginei o que iria me dizer. Queria que me dissesse que tinha visto nossa filha e que a amara no mesmo instante. Queria tanto ouvi-lo dizer que íamos formar uma família porque agora você descobrira que é pai...

Toy abriu os olhos e deu com o rosto aborrecido e irritado de Darryl a poucos centímetros do seu, mas continuou.

— Sonhei com isso por muito tempo, mas hoje de manhã, quando o vi chegando aqui, tive certeza de que nunca ouviria isso de você. Eu não deveria nem ter esperado que fosse assim. Você sempre foi honesto comigo, sempre me disse que não participava do meu sonho e que não queria ser pai. Fui eu quem menti durante todo esse tempo. Menti para Cara, para dona Lovie e para mim mesma. Acho até que para o bebê também. Mas quer saber de uma coisa engraçada, Darryl? Vejo as coisas muito claras agora. Quando peguei minha filha nos braços soube com clareza qual era a verdade. Eu sou a mãe dela e nunca a abandonarei. Ela é tudo para mim agora. Eu dependi de outras pessoas durante toda a minha vida, mas de hoje em diante não mais. Não sei o que vou fazer, mas tenho certeza que darei uma vida decente para ela. Minha filha não terá muitas coisas, inclusive não terá um pai, mas terá a mim e eu a ela. Isso será suficiente.

Às duas horas da madrugada o rádio noticiou que o furacão que havia beirado a costa da Carolina do Sul estava indo em direção norte, para Wilmington, na Carolina do Norte. Ao amanhecer a água havia se escoado da casa e as duas puderam descer.

Cara ajudou a mãe a andar pelo chão ensopado da sala. Estavam exaustas, molhadas e ainda sentiam calafrios, apesar do calor forte. A filha achava-se ansiosa para abrir e arejar a casa que ficara úmida e cheirava a mofo. Acomodou a mãe numa cadeira da sala de jantar e encaminhou-se para a porta da frente, desimpediua da barricada que construía e escancarou-a.

O ar ainda recendia a tempestade e o oceano, cor de chumbo, continuava chicoteando a praia com ondas imensas. Mas o vento tinha acalmado. Alguns pássaros se aventuravam no ar e as palmeiras, apesar de maltratadas, ainda estavam em pé. Uma pálida luz rósea coloria a manhã etérea e cinzenta.

O furacão se fora.

Mas Brendan havia deixado danos atrás de si. Caída na duna em frente, enroscada nos galhos da roseira e misturada com alguns pedaços do telhado, estava a pérgola.

A escada da varanda ficara danificada, as telas das janelas pareciam ter sido retalhadas por facadas e a porta de tela estava caída no meio do caminho para a casa de Fio. Os carros haviam ficado em baixo da água. Mas poderia ter sido pior. A casa da praia suportara o impacto e elas haviam sobrevivido sem se machucar.

Lovie caminhou lentamente até a filha, pálida e magra até os ossos. Seus olhos cintilavam de gratidão por estar assistindo a outro alvorecer. Ela pegou a mão de Cara e, olhando para o céu, recitou um salmo em agradecimento.

"Então, o inverno passou a chuva que veio se foi;

As flores apareceram na terra;

Voltou o tempo dos pássaros com seus cantos

E a voz das tartarugas é ouvida na nossa terra.

Agora toda preocupação de Cara era pela mãe. Não gostou da palidez e da respiração curta da senhora. Sentada na cadeira de balanço, com os ombros caídos e desanimada, Lovie parecia descer a ladeira com rapidez e a filha, com uma ponta de desespero crescente, queria encontrar algo para impedir a descida que sabia inevitável.

A exaustão pesava em seus ombros como um grosso casaco de inverno usado em pleno verão, mas tinha tanto a fazer que não se permitiu descansar. Tudo estava molhado, dentro e fora da casa. Levantou-se da cadeira onde se sentara, espreguiçou-se, levantando os braços, bocejando alto e arregaçou as mangas.

Primeiro, arrancou as pranchas de compensado que cobriam as janelas e, abriu-as, deixando a luz entrar e o ar circular. Depois, esfregou o quarto e a cama de Lovie com sabão e a água limpa que tinha cuidadosamente guardado na banheira e em baldes antes da tempestade chegar. Tirou os cacos de vidro do banheiro, lavou os lençóis e pendurou-os para secar. A cama de Lovie era antiga, de quatro colunas e tão alta que ela usava uma escadinha de três degraus para deitar-se, o que foi a sorte, pois evitou que a enchente atingisse o colchão. Depois de algumas horas o quarto de Lovie estava livre do cheiro de mofo que ainda persistia na casa toda. Por fim pôde acomodar a mãe confortavelmente. Lovie precisou de ajuda para deitar-se na cama. Quando Cara ajeitou a cabeça de Lovie sobre os travesseiros notou que ela parecia pequena e delicada como uma criança. E muito vulnerável.

O sol ajudou, aparecendo no meio da manhã e secando a terra, a casa e a roupa que Cara pusera no arame que havia estendido entre duas palmeiras. Tirou os tapetes de lã e colocou-os no parapeito da varanda, depois lavou o chão de madeira, mas percebeu que ele demoraria alguns dias para secar. Não se esforçou muito para tirar a lama que se acumulara embaixo da casa, depois de ter encontrado um pé de sapato. Havia cachorro morto no fim da rua e um gato miando desesperadamente na varanda de uma casa. Levou um pouco de atum enlatado para o gato, deixou-o a uma distância razoável, mas o gato de olhos meigos seguiu-a até o chalé.

Estava tirando vestígios da tormenta da varanda quando ouviu um carro parando atrás da casa, uma porta batendo e uma voz de homem.

— Cara! Caretta Rutledge!

Reconheceu a voz de Brett e ouviu a sua, como se saísse da garganta como que por vontade própria.

— Aqui!

Ele apareceu ao virar o canto da casa e subiu a escada da varanda saltando degraus. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, tomou-a nos braços e beijou-a. Surpreendida, deixou-se erguer, ficando apenas com a ponta de um dos pés no chão. Brett abraçou-a e beijou-a até que ela largou a vassoura no chão, passou os braços no pescoço dele e correspondeu com ardor ao beijo dele.

Quando, por fim, ele a afastou de si, pôde ver que sua expressão era quase selvagem.

— Nunca mais me apavore desse jeito. Liguei para o hotel ontem à noite e eles disseram que você não tinha chegado. Não a encontrei em nenhum dos hotéis, motéis ou pousadas da redondeza. Sei porque liguei e fui pessoalmente procurar em todos eles!

O rosto de Brett não tinha cor e demonstrava uma profunda fadiga, própria de quem não dormira nada. O cabelo estava em desalinho e as roupas, amassadas.

Cara imaginou que também deveria estar assim.

— Eu não tinha como entrar em contato com você — disse, com simplicidade. Completou, emocionada: — Fiquei apavorada.

— Imagino. Arriscou sua vida!

A voz dele se acalmou enquanto ela percebia em seu olhar preocupação, alívio e algo mais que não se atrevia a mencionar.

Fitando-a intensamente, Brett continuou:

— E arriscou a minha vida também, sabia disso? Foi tudo uma maldita loucura! Cara, não precisamos nos casar. Vou embora com você para Chicago. Não ligo mais para isso... E só uma questão geográfica. Esta noite foi a mais longa da minha vida. Não tive paz pensando se ia vê-la de novo, se ia abraçá-la mais uma vez. Eu a amo, Cara! Não posso viver sem você.

— Eu também o amo — deixou escapar ela.

Os braços fortes de Brett a mantinham apertada contra ele e, por fim, Cara compreendeu que podia ser ela mesma, sem temores. Sentia-se segura naqueles

braços, protegida de qualquer coisa que pudesse um dia bater à sua porta.

Quando se separaram Brett sorria.

— Eu trouxe alguém para ver você.

— Fio?

— Espere aqui.

Ele a soltou desceu a escada e virou o canto da casa. Ela ouviu a porta do carro bater, em seguida passos junto com suave murmúrio de vozes. Abaixou-se para pegar a vassoura e quando endireitou-se, batendo a areia das mãos, viu Toy aparecer ao lado da casa com uma criança no colo.

Cara iria depois culpar sua fadiga, a tensão do furacão e a situação da mãe do que ocorreu em seguida. Havia sido forte e corajosa por horas, semanas e meses, de fato.

Fosse qual fosse sua desculpa, o fato é que ela cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. Chorava e soluçava, por mais embaraçada que pudesse sentir-se diante das pessoas para as quais queria parecer forte. E não conseguia parar.

Toy e Brett chegaram junto dela e confortaram-na. Cara sentiu braços ao redor de seus ombros e, através das lágrimas que inundavam seus olhos, pôde divisar o rosto sorridente de Toy e a carinha linda e tranqüila do bebê que dormia no colo da mãe.

Então, uma buzina soou do outro lado da casa.

O bebê acordou e começou a reclamar. Cara explodiu em gargalhadas. Limpava as lágrimas com as costas das mãos e um sorriso expandiu-se de lado a lado do rosto quando viu Fio e Miranda subindo a escada. As duas foram em direção de Toy, emitindo exclamações de surpresa e admiração pela criança. Um minuto depois apareceu Lovie, andando devagar apesar de toda a sua fraqueza, mas com o olhar brilhante e feliz como o de todos que estavam lá. Quando Toy a viu, correu em direção dela que a recebeu, e ao bebê, de braços abertos. A menininha continuava a chorar, como se reclamasse de toda aquela confusão e barulho, mas todos continuavam a falar e a se admirar diante da pequena.

— Venham todos, vamos nos sentar — disse Cara, levando-os para as cadeiras que já estavam na varanda. — Devem estar exaustos. Teremos que sentar por aqui na varanda. Lá dentro tudo está molhado e sujo. Venha, Toy, a cadeira de balanço é para você, Pequena Mãe. — Em seguida pegou o braço de sua mãe e a levou para sentar-se ao lado de Toy. — Acho que Toy, agora, a transformou na Grande Mãe!

Cara falava com um sorriso que escondia sua preocupação por ver que sua mãe tornara-se mais frágil do que Miranda. Brett apressou-se a ir buscar cadeiras para Fio e Miranda.

— Apenas uns minutos de conversa e depois as duas mães irão para a cama, descansar — anunciou Cara.

— Certamente — confirmou Fio. — Temos que abrir nossa casa também. Daqui ela não parece estar tão ruim, mas dá para ver que algumas coisas desabaram...

— Eu vou ajudá-las — ofereceu-se Brett. — Não queremos ninguém

machucado depois da tempestade.

— Oh! Brett — disse Lovie, muito triste —, a pérgola...

— Eu vi — respondeu ele. — Posso construir outra. Você e Cara estão em segurança, assim como Fio, Miranda, Toy e o bebê. Ei estamos todos bem! É o que importa.

— Amém — Fio concordou. — E quase tive um ataque cardíaco quando soube que vocês duas não haviam aparecido no hotel.

— E o ninho? — quis saber Miranda. — Está bem? Todos olharam para a velha senhora.

— São e salvo — Lovie respondeu, inclinando-se para acariciar a mão de Miranda. Então olhou para a filha, com ansiedade. — Temos que devolvê-lo à areia assim que possível.

— À areia? — Fio arqueou as sobrancelhas.

— Não pergunte mais nada! — ordenou Cara, erguendo uma das mãos. Em seguida, voltou-se para a mãe. — Pode deixar que eu cuido disso.

— Nós o levaremos hoje — prometeu Brett.

— Ah, não! — afligiu-se Lovie. — Você não pode se envolver com isso.

— Preocupada porque vou me tornar cúmplice? Cara disse, divertida:

— Isso vai nos tornar os modernos Bonnie e Clyde. Brett sorriu, aceitando a brincadeira já conhecida de Cara ele.

— Você se lembra do que aconteceu com esses dois, não?

— Estou falando sério, Brett! — repreendeu-os Lovie.

— E eu também, dona Lovie.

— Vou preparar algo para bebermos — anunciou Cara, indo para a cozinha.

Brett a seguiu para ajudar e assim que ficaram longe da vista dos demais, ela o segurou.

— Muito bem, conte-me tudo, já! — falou baixo, mas ansiosamente, ao ouvido dele. — Onde encontrou Toy?

— Num hospital. Procurei em vários hotéis e pousadas, e alguém me disse que se ela estava para ter um bebê, com certeza a teriam levado para um hospital, mesmo com a proibição de circular pelas ruas por causa do furacão. Então, comecei a procurar nos hospitais. Encontrei-a na terceira tentativa, bem quando ela tinha acabado de dar à luz.

— Coitada. E tudo sozinha!

— Toy não estava sozinha. Darryl estava com ela. Parece que ficou a seu lado até a criança nascer. Acho que foi a única coisa decente que ele fez na vida.

— Ah, por favor! Será que ele ainda está por aqui, para atormentar Toy?

— Ela não falou muito, mas suponho que ele tenha ido para a Califórnia nesta manhã. Alguma coisa sobre um compromisso da banda por lá.

— Sim, certo. Ele e centenas de outras bandas. Pelo menos, foi embora. Não precisamos mais nos preocupar com ele.

— E verdade, por enquanto, não. Eles costumam voltar cedo ou tarde.

— Ele não a machucou?

— Não. Por mais estranho que pareça, acho que foi ao contrário. Ele queria que ela fosse com ele, mas sem a criança. Toy recusou. Não iria deixar seu bebê para trás.

— Verdade? Melhor para ela. Pobre garota! Tenho certeza que foi uma decisão difícil.

Brett fez um carinho no cabelo dela.

— Não sei... Toy não parecia estar de coração partido quando a vi. Tomava um café da manhã gigantesco e tinha um sorriso de orelha a orelha.

Cara divertiu-se imaginando a cena.

— Sabe, cheguei a imaginar que Toy estava pensando em deixar o bebê comigo... Houve umas pistas, uns olhares e perguntas estranhas. Quando juntei tudo numa idéia só, cheguei a desconfiar disso.

— Você iria querer a criança, Cara? Ela viu a ansiedade no olhar dele e levou em conta que

sua resposta seria levada a sério.

— De uma forma estranha, sim. Fantasiei que seria como ser mãe. Nunca imaginei ser mãe um dia, mas a idéia de uma criança... qualquer uma mas *esta* que ajudei a cuidar antes de nascer... que me seria confiada chegou a me tentar. Mas, com certeza estou feliz por Toy ter resolvido ficar com ela. Foi a melhor decisão para ela e o bebê. Mas sei que não foi fácil para chegar nisso. Toda a vida dela vai mudar.

— Como será que ela vai fazer?

— Ela não precisa se preocupar com isso por enquanto. Tudo que tem a fazer agora é cuidar da filhinha. Esta casa é também dela. Mais adiante eu a ajudarei a tomar outras decisões. Não a deixarei só.

— Sempre acreditei que você não a abandonaria.

Cara olhou-o grata, pois ele sempre via seu melhor lado. Da cozinha ouviram Fio gritar.

— Precisam de alguma ajuda aí dentro?

Cara estava relutante em voltar para a varanda. Queria continuar abraçada a ele e contar-lhe os milhões de pensamentos que haviam cruzado sua mente enquanto estava refugiada no forro, enquanto a água subia lá embaixo.

— E melhor eu levar os refrescos para a varanda — disse Brett, pegando várias garrafas.

— Sim. Estão esperando — concordou Cara, erguendo-se na ponta dos pés e segurando o rosto dele com ambas as mãos para beijar-lhe suavemente a boca.

Perplexo, Brett ficou olhando para ela, depois perguntou:

— O que isto quer dizer?

— É pelo Aqui... E pelo Agora.

Ele olhou-a ternamente e se inclinou para mais um beijo, que foi mais longo, ardente e cheio de esperanças. Quando suas bocas se separaram, um suspiro delicado escapou por entre os lábios dela.

— Melhor irmos enquanto dá para ir — disse Brett, mas seus olhos demonstravam que havia sido tocado profundamente por aqueles instantes íntimos tanto quanto ela.

Cara pegou os copos de plástico e foi com ele para a varanda onde brindaram, com água e suco de fruta engarrafado, à volta da nova mãe.

— Você já deu um nome a essa preciosidade, Toy? — quis saber Fio.

Todos ficaram calados e olharam para a jovem mãe.

O rosto de Toy brilhou e, apesar da desordem e estragos feitos pelo furacão, inclinou-se para pôr cuidadosamente o copo vazio de plástico na mesa e olhou para Lovie com os olhos brilhando.

— Se não for problema para a senhora, eu queria chamá-la de Olívia.

Lovie abriu-se num sorriso radiante.

— O que ela disse? — perguntou Fio. — Olívia? Oh! Que lindo! Parece-me perfeito.

Cara sorriu em aprovação e lançou um olhar de gratidão à jovem mãe.

— Tome, segure-a...

Sorrindo, a moça pôs a criança adormecida nos braços magros de Lovie e retirou as mãos devagar, quando sentiu que o bebê estava firme no colo da outra.

Depois ficou parada, olhando para as duas, como um bicho preocupada com sua cria.

Miranda sorriu.

— Pequena Lovie — disse, com aquele seu jeito sério, aprovando o nome e já estabelecendo o apelido para sempre.

Todos observaram as duas Olívias com sorrisos. E parecia tudo certo, como a vida é sempre se completando em ciclos.

Lovie conseguia dormir apenas algumas horas, antes de ser acordada pelas crises de tosse. Estava fraca e exausta pela noite difícil que passara por isso Cara se surpreendeu quando ela quis ir assistir à devolução dos ovos para a praia.

— Eu tenho que ir — insistiu Lovie, com doçura.

— Mãe, posso fazer isso sozinha. Você me treinou muito bem.

— Não se trata de uma mudança de ninho comum — insistiu ela.

— Tudo tem que ser feito com perfeição e a responsabilidade é minha.

— Mas a tosse... Você está exausta, mamãe.

— Caretta — começou Lovie e sua voz era um leve murmúrio, mas cheia de firmeza ao pronunciar o nome inteiro da filha —, eu *quero* fazer isso. — Então, seu rosto suavizou-se. — Você me entende?

A doente estava pálida, mas seus olhos brilhavam, febris. Cara balançou a cabeça e olhou para Brett procurando apoio. Eles trocaram um olhar doloroso.

Seguiram pela trilha que levava à praia. Brett sustentava Lovie, enquanto Cara levava o balde vermelho com os ovos. O caminho estava cheio de restos da tempestade e andavam devagar por isso, por Lovie e para não balançar os ovos. Quando chegaram à praia pararam em silêncio sobre a areia branca, observando com espanto *como* ela havia sido modificada pela fúria da tempestade.

— O que aconteceu com os outros ninhos? — perguntou ansiosa.

— Provavelmente foram destruídos — respondeu Lovie. — E este também não deverá sobreviver. A natureza pode ser severa. Mas nós fizemos o que podíamos, não?

— Fizemos.

A velha senhora andou lentamente pela praia, procurando o melhor lugar para refazer o ninho. Seu robe cor-de-rosa esvoaçava na brisa da tarde e, como seus passos eram curtos, Cara imaginou ver uma pequena gueixa japonesa. Lovie parou em frente de uma pequena duna.

A filha se aproximou.

— Mamãe?

— Minha duna se foi — disse ela, com o lábio inferior tremendo.

Cara observou o trecho quase em frente da casa da praia. A grande duna que fora outrora o refúgio de sua mãe e Russell havia sido severamente desgastada pelo mar, tornando-se muito pequena. Passou um braço pelos ombros de Lovie. Havia sobrado tão pouco dela... estava indo embora, assim como a sua duna.

— Você não precisa mais da sua duna, mãe. Lembra-se do que me disse? A magia é o que carregamos conosco.

A mãe virou-se para a filha, que viu nos olhos dela um lampejo de esperança.

— Você está certa. Que boba fui de me esquecer disso. Cara segurou os cabelos e olhou pela praia, à procura de um lugar seguro para o ninho.

— Eu não sei mamãe... Onde você acha que podemos repor os ovos?

Lovie olhou para a duna novamente e respondeu, com um meio sorriso.

— É impossível saber. Minha duna era muito alta para um ninho, mas agora parece um bom lugar. E longe o suficiente do mar e desce suavemente até lá. Este é o lugar.

Lovie cedeu ao cansaço causado pelo esforço exagerado. Sob sua supervisão Cara e Brett cavaram uma câmara, do tamanho e forma originais, para os ovos. Colocaram um a um no buraco e depois que estavam todos lá Cara os cobriu cuidadosamente com areia. Depois marcou o local com estacas e Lovie pôs o sinal cor de laranja na estaca mais alta para sinalizar seu último ninho.

Imediatamente depois ela foi acometida por outro violento ataque de tosse

que abalou seu frágil corpo e a deixou ofegante por ar. Cara e Brett nada puderam fazer a não ser ampará-la até que o acesso passasse.

Cara já não suportava ver a mãe sofrendo tanto. A velha senhora parecia estar se encolhendo para dentro do próprio corpo. Erguendo o queixo, ela fitou o mar com olhos angustiados e, do fundo do coração, chamou silenciosamente por Russell que, tinha certeza, estava esperando por Lovie naquela elevação do terreno.

O que você está esperando? O verão acabou. Por favor, não permita que ela sofra mais. Se você a ama, venha buscá-la!

Por fim a tosse abrandou e, exausta, Lovie apoiou-se no peito de Brett, respirando aos arrancos.

— Desculpe... Mas acho que não conseguirei voltar sozinha. Cara tapou com as mãos seus lábios trêmulos.

— Será uma honra levá-la — respondeu Brett. Galantemente, pegou a senhora no colo, como se ela não pesasse mais que uma criança.

— Agora, dona Lovie — disse sorrindo enquanto se dirigia para a casa, alguma vez Cara contou como ela atravessou um lodaçal nas costas de alguém?

Os olhos de Lovie cintilavam e Cara pôde perceber que a mãe gostava da novidade de estar sendo carregada nos braços de um homem tão bonito.

— Não — respondeu ela com voz fraca. — Mas você vai me contar!

E ele contou, enquanto seguiam para casa. Cara foi atrás, balançando o balde vermelho, deleitando-se com o som leve das risadas da mãe que era levado pela brisa.

As caretas têm poucos inimigos naturais.

Às vezes são atacadas por tubarões, porém seu principal predador é o ser humano. O progresso nas orlas marinhas e a erosão sofrida pelas praias resultam na diminuição de seus ninhos. Um número significativo de mortes é causado por afogamento devido a redes de pesca de peixe e camarão, assim como a ferimentos devidos a hélices de barcos e a sucatas que flutuam no mar.

CAPÍTULO XXVI

Por fim, uma ondulante brisa pós-tempestade passara a acariciar a Ilha das Palmas e durante mais esse dia ouvira-se som de martelos e serrotes pelo bairro inteiro. Carros haviam se movimentado em todos os sentidos e tinha voltado a soar a música da risada das crianças, do cantar dos passarinhos e do latido dos cães.

Mas no começo daquela noite a ilha tornou-se quieta novamente. Na casa da praia lampiões e velas produziam luzes amareladas, tornando-a aconchegante depois dos dias de caos. Toy mudara-se temporariamente para a casa de Fio. Todos haviam concordado em que era melhor para ela e a criança estarem num lugar seco. Brett saíra para ir buscar seu barco e voltaria na manhã seguinte trazendo umas compras. O único hóspede presente era o gato, que se aninhara numa cadeira de vime.

Cara e Lovie estavam novamente sentadas na varanda, em paz, vendo o dia acabar como haviam feito tantas vezes. Não falavam. Nem era preciso. De mãos dadas, tudo que queriam dizer era dito com eloquência.

Cara observou a mãe. Lovie parecia calma, deleitando-se com a visão do mar e a faixa branca da bonita praia que ela tanto amava. Percebia, pelo olhar da frágil senhora, que sua mente estava mais no passado do que no presente.

Sabia, também, que as lembranças a chamavam. Apertou-lhe um pouco a mão.

— Mãe, está ficando frio... Quer ir para dentro?

Lovie balançou a cabeça, indicando que não, e retribuiu o aperto, de leve. Cara compreendeu.

— Vou pegar mais uma coberta para você lá dentro. Já volto.

— Caretta — chamou Lovie com a voz rascante.

— Sim, mãe?

— Você é uma boa moça.

— Obrigada, mãe... — respondeu ela, respirando fundo e fechando os olhos.

Não demorou muito tempo, apenas o bastante para ir ao quarto de Lovie e pegar a colcha da cama. Então, passou rapidamente pela cozinha para pegar outra garrafa de água. Desligou o rádio. Já haviam ouvido falar demais no furacão.

Assim que chegou à varanda soube, instintivamente, que algo tinha mudado. Parou na porta, com a colcha apertada ao peito, e olhou. Sua mãe achava-se imóvel na cadeira de balanço. A Bíblia estava caída no chão.

Cara percebia todos os detalhes. Um ponto da cadeira de balanço em que a madeira se lascara e faltava verniz, o pequeno buraco na tela da porta, uma página da Bíblia sacudida pelo vento, a curva delicada da mão da mãe, meio aberta e pousada no colo. Caminhou devagar e foi ajoelhar-se junto de Lovie. A mão dela ainda estava quente. A brisa balançava de leve um papel amarelado, com marcas de dobras, preso entre seus dedos. Pegou o papel e aproximou-o da luz do lampião. Era uma carta, escrita com letra elegante.

Minha querida Olívia,

Não a culpo por não ter vindo me encontrar. Sei muito bem as complicadas barreiras que nos prendem às nossas obrigações. Sim, confesso que desejei que você tivesse vindo. Esperei na casa da praia a noite toda, escondido na escuridão como o ladrão que sou, desejando tanto ir buscá-la e levá-la comigo!

Não duvido um só instante de que você tenha me amado e que ainda me ama. Mas tomou sua decisão. Como foi prometido, irei respeitá-la.

Mas se, por algum motivo, mudar de idéia ou se a sua vida se tornar insustentável, quero que tenha a liberdade de sair da sua casa, mesmo que não escolha vir me procurar.

Meu imenso amor está com você. Não passará um só amanhecer ou pôr-do-sol sem que eu esteja pensando em você. Aceito o que a mente impõe ao coração, mas acredito que o coração é o verdadeiro guia.

Então, se no decorrer dos acontecimentos resolver vir ficar comigo, não hesite. Saiba que estarei sempre esperando por você. Meu coração e o meu amor serão sempre seus.

Eternamente,

Russell.

Cara dobrou a carta e recolocou-a entre as páginas da pequena Bíblia. Então, apertando-a ao peito, olhou para o mar. Uma bruma cinza pairava sobre as águas e, vindo do ancoradouro, ouvia o baixo e sonoro aviso de neblina, como se fosse o soar de um sino.

— Vá para ele, mamãe — disse, com lágrimas descendo pelo rosto. — Você está livre! Não se preocupe mais conosco. Estaremos bem. Cuidarei de Toy. Cuidarei de Palmer. E passarei o bastão para Linnea e Cooper. Vá! Não deixe ninguém nem nada ficar no caminho do que o seu coração quer.

A igreja estava repleta de pessoas de negro no funeral de Olívia Rutledge, que todos conheciam como Lovie. Seu lado da família era muito grande e raramente comparecia às festas familiares, mas nos funerais sempre se fazia presente em peso. Brett e Toy haviam ficado o tempo todo ao lado de Cara, enquanto Fio e Miranda tinham se unido ao pessoal do Grupo das Tartarugas. Emmi e Tom Peterson, chegados de avião de Atlanta, estavam com os dois filhos. Gerações de voluntários para a salvação das tartarugas, jovens e velhos, tinham vindo prestar seus respeitos e última homenagem à mulher que trabalhara incansavelmente pelos adoráveis animais. Havia comparecido conhecidos de Olívia do tempo da escola e famílias que se tinham tornado amigas através dos anos. Charleston era uma cidade pequena a seu modo.

Depois do funeral, Cara ficara em pé à entrada da igreja, ao lado de Júlia, recebendo condolências com sinceridade. Mas tratava de não perder o irmão de vista. Palmer sentara-se, encurvado, no banco da frente e, inconsolável, não tirava os olhos vermelhos do caixão. Parecia um homem que fora atingido por uma bala, porém que ainda não havia caído.

Ele estava assim desde que ela ligara avisando do falecimento. Cara esperara que lhe dissesse palavras duras sobre ter apressado a morte da mãe por haver ficado com ela na casa da praia durante o furacão. Preparara-se para isso. Mas ele, ao contrário, ficara inerte, sem palavras, chocado e inconsolável.

Quando todos já haviam saído da igreja, Júlia virou-se e Cara viu que havia pânico em seus olhos.

— Cara, estou com medo que ele faça uma cena no enterro. Você tem de fazer algo. Palmer está enlouquecendo de tanto sofrimento. As crianças estão ficando assustadas.

— Ele não será o primeiro a chorar num sepultamento. Aliás, quase não falou comigo.

— Você é a única pessoa com quem ele vai querer falar. Está devastado, Cara! E seu irmão e precisa de você. Tenho que ir para casa organizar o almoço. A cada momento chega mais comida. Juro que com o que já temos poderíamos ali-

mentar multidões.

Cara suspirou e fez que sim com a cabeça.

— Está bem, leve as crianças. Verei o que posso fazer. O cheiro de incenso ficava mais forte conforme ela andava

pela nave da igreja na direção de Palmer. O caixão já tinha sido retirado para ser levado ao cemitério, mas ele continuava olhando para o espaço vazio circundado por dúzias de arranjos de flores. Cara reparou que um imenso arranjo havia sido mandado pela sua agência de publicidade.

— Palmer...

Ele não se moveu e Cara pôs a mão no seu ombro.

— Venha, temos que ir... Estão nos esperando. Palmer respirou lenta e profundamente, depois ergueu-se muito devagar, trêmulo como se fosse um velho. Júlia tinha feito sua obrigação, cuidando para que o terno preto estivesse bem limpo e bem passado, mas mesmo assim Palmer parecia desarrumado. Seu cabelo estava desgrenhado de tanto que passara as mãos por ele e a gravata, torta, desalinhada. Quando o irmão voltou-se e fitou-a, seus olhos vermelhos eram iguais aos do menino com que se sentara na escada naquela distante noite e que se agarrava a ela enquanto ouviam apavorados, o pai gritando lá embaixo.

Abriu os braços e o coração para ele, como sua mãe sempre costumava fazer. Quando Palmer se aproximou e a abraçou, chorando, dissolveu-se a fria e dura muralha que as más palavras haviam construído entre eles.

— Eu não disse adeus para ela! — chorava ele, desalentado. — Não fui dizer a mamãe que a amava. Achei que havia mais tempo!

Nesse momento Cara percebeu a sorte que tivera. Se não tivesse atendido à carta da mãe, se não tivesse vindo cuidar dela e conversado sobre tantas coisas não ditas por todos aqueles anos, nesse momento também estaria angustiada e sofrendo de arrependimento, como agora seu irmão sofria.

A gratidão tornou-a mais generosa e naquele momento começou a esquecer o que houvera de ruim, a se reconciliar com o irmão.

Apenas uma pequena porcentagem de filhotes sobrevive para completar o ciclo de reprodução. Pesquisas indicam que a população desses animais, que existem na Terra há milhões de anos, continua diminuindo. Só o tempo poderá dizer se os esforços dos profissionais e voluntários envolvidos salvarão a careta da extinção.

CAPÍTULO XXVII

Cara ficou na pequena duna vendo o sol descer sobre o Atlântico. A lua era apenas uma sombra prateada no céu púrpuro. Aquele era o local dos encontros amorosos de Lovie e Russell e agora seria, permanentemente, uma área verde para as gerações que estavam por vir. Ela se sentia mais próxima de sua mãe ali do que

no jazigo da família, onde a haviam enterrado ao lado do marido. Era lá que seu corpo jazia, mas tinha certeza de que o espírito dela estava ali naquela duna onde passara tantos anos olhando para o mar.

E na casa da praia.

Lentamente, Cara fora emergindo da dor nas várias semanas anteriores. Havia um diminuir e recrudescer no sofrimento da perda. Mas como passara a dormir no quarto da mãe, na cama alta, às vezes sentia a presença de Lovie flutuando na brisa suave que lhe acariciava a fronte.

Mas sua mãe tinha ido embora e agora, depois da sua morte, estava livre para seguir sua vida. Outra temporada de tartarugas tinha acabado. A maioria dos turistas já tinha voltado para a cidade. Os voluntários das tartarugas haviam-se dispersado até a próxima temporada. Os ninhos que haviam ficado à mercê do furacão não tinham gerado filhotes e o que elas haviam removido provavelmente também não geraria, pois já passara da época.

Era o mês de outubro. Cara sempre achara esse o mês mais lindo da ilha. Com as noites frias e os dias mais curtos, uma espécie diferente de flores silvestres desabrochava. Os pássaros migratórios percorriam o seu caminho, passando por ali na viagem para o sul.

Cara ia para o norte. Vestida com roupas da cidade, sentia-se já fora de lugar, como havia acontecido quando chegara lá. Naquela manhã, bem cedo, colocara as roupas que ia vestir sobre a cama de um modo ritual, como que se preparando para a mudança no estilo de vida. Dali a algumas horas Brett chegaria para levá-la ao aeroporto.

Quando recebera a passagem e o itinerário da viagem mandado pela sua agência, ficara meio incerta. Praticamente não saíra da Ilha das Palmas naqueles quatro meses que lá passara. Ela, que viajara freqüentemente para Nova York ou Los Angeles a serviço, durante anos, dessa vez sentia-se apreensiva por ter de pegar um avião e enfrentar o ajuntamento de gente das cidades grandes. Sua vida ali na ilha havia sido muito isolada por um lado, mas por outro curiosamente estabelecera mais fortes laços de amizade naqueles quatro meses do que nos últimos vinte anos.

Vestida com sua armadura de executiva, de cerimonial da cidade grande, fora olhar a praia pela última vez.

Ao seu redor os carvalhos costeiros estalavam os galhos aos movimentos da brisa, como se estalassem dedos. Cara sentia-se apreensiva sobre o que o futuro lhe reservava. Perguntava a si mesma por que questionava suas resoluções no último instante. A própria falta de determinação a incomodava. Tudo havia sido preparado. As malas estavam feitas e postas ao lado da porta. Fora decidido que Toy continuaria vivendo na casa da praia com a pequena Lovie. Brett concordara em esperar que Cara se adaptasse às novas funções de trabalho antes de ir encontrar-se com ela no norte. Ela ficara em paz com o passado, o futuro na agência parecia-lhe brilhante e seus relacionamentos eram sólidos. Deveria estar contente.

Mas a verdade era que odiava ter de partir. Tinha se acostumado com a vida a passos mais lentos. Adorava acordar e saber que o dia seria inteiramente seu. Sua mãe uma vez dissera que um verão poderia fazer muita diferença na vida de uma

pessoa e agora entendia o quanto isso era verdade.

Virou-se de costas para o mar e olhou a pequena casa da praia, amarela. A sua casa. Apesar de um pouco abalada pelo furacão ainda estava ali, orgulhosa e forte, acima das dunas. Flores silvestres, rosadas e amarelas, que se espalhavam sobre as dunas rivalizavam em beleza com as da primavera, que a haviam recebido quando chegara. Aliás, parecia-lhe ter chegado ali havia anos. Aquela pequena e adorável casa da praia na Ilha das Palmas era sua. Aquela ilha da barreira era onde as pessoas que amava moravam. *Pertencia* àquele pedaço de terra.

No entanto, estava por ir embora de novo. E no íntimo sentia que existia uma contradição naquilo tudo. As palavras de Russell para Lovie surgiram na sua mente. *Aceito o que a mente impõe ao coração. Mas acredito que o coração é o verdadeiro guia.* Será que ia repetir o erro da sua mãe? Será que estava fazendo o que parecia certo porque todos os motivos eram errados?

O céu começava a escurecer. Olhou o relógio de pulso e viu que era hora de ir. Com um suspiro pesado começou a voltar. De súbito uma brisa a envolveu, fresca e perfumada. Olhou para cima e não havia nuvens. Era uma noite boa para viajar, pensou. Seus olhos passaram pelo ninho de tartaruga, o mesmo que devolvera à areia depois do furacão. Um sentimento forte a impeliu a ir até lá para se despedir da temporada das tartarugas que trouxera a reconciliação com sua mãe.

Na duna batida pelo vento, o ninho solitário parecia um posto avançado abandonado, apenas um pequeno triângulo de estacas unidas por fitas e uma bandeirola de plástico alaranjado. Apoiou um joelho na areia para retirar a estaca com a marca e dar por encerrada, oficialmente, a estação das tartarugas. Mas ao abaixar-se pôde notar uma pequena depressão côncava no meio do ninho. Piscou várias vezes, sem acreditar no que via. Abaixou-se para olhar mais de perto. Não havia dúvida. O ninho estava vivo e os filhotes começavam a sair dele!

Seu coração disparou de felicidade e ela levantou-se, rápida.

— Mamãe, elas estão nascendo!

Gritou e saiu correndo para a casa. Chegou lá sem fôlego.

— Toy! — chamou, entrando no chalé como um pé de vento.

— Toy!

— O que foi?

A jovem apareceu à porta da cozinha com um pano de prato na mão. Voltara a ser esbelta e parecia uma menina de noivo, vestida com short e camiseta, o cabelo preso num rabo-de-cavalo.

— Você não vai acreditar. O ninho. O ninho de Lovie. Estão nascendo!

Toy soltou um grito e virou-se para sair correndo para a praia, mas conteve-se ao ouvir Cara dizer:

— Vou telefonar para Fio. Não, nada disso. Para o Brett.

— Ligue para o Brett — confirmou Toy —, que vou avisar a Fio.

Os dedos de Cara tremiam de excitação enquanto discava o número de Brett.

— Querido, corra. As tartarugas estão nascendo.

— Você está brincando? Pelo jeito chegou o perdão no último instante! Talvez ganhemos uma condecoração por bom comportamento.

— Venha para cá, rápido!

Desligou o telefone e ia correr para fora quando uma voz interior lhe disse que avisasse Palmer. A mãe tinha dito que ele precisava da casa da praia. E esta era uma ótima ocasião para os dois se aproximarem. Pegou o telefone e discou. Logo depois ouviu a voz áspera dele.

— Palmer! O ninho da mamãe está nascendo. Silêncio.

— Ei, irmãozão, é o último ninho da nossa mãe! Aquele que ela salvou pessoalmente. Linnea iria adorar ver a tartaruguinhas nascer. E Cooper também. Mais que tudo, acho que você deveria estar aqui. Você vem?

— Diabo, claro que sim!

Um sorriso iluminou o rosto dela.

— Ótimo! Então, mexa essa bunda mole e corra até aqui. Os bebês não vão esperar!

A lua subiu alto no céu. A maré estava baixa e a praia tinha suave ondulações deixadas pela água. Nas dunas, as flores espalhavam suas sementes com a brisa. Cara, Brett, Toy e seu nenê, Fio, Miranda, Palmer, Júlia e as crianças agachavam-se junto ao pequeno buraco que aumentava no meio do ninho. Olharam com mais atenção quando o pequeno buraquinho do meio ameaçou desmoronar. Uma pequena nadadeira de tartaruga apareceu e logo depois sua cabecinha. Assim que deu a primeira respirada do ar da noite, ela sacudiu-se, livrando-se da areia e começou a caminhada para o mar, agitando freneticamente as nadadeiras.

— E só isso? — perguntou Palmer, desapontado.

— Essa é só a primeira — ensinou Linnea, como uma especialista no assunto. E repreendeu-o. — Agora, silêncio, papai.

Cara e Brett trocaram um olhar divertido.

Logo depois o círculo de areia parecia estar sendo empurrado de baixo para cima. A areia irrompeu com oitenta e poucos filhotes se agitando. Nadadeiras se moviam na noite e corpos se balançavam enquanto elas com subiam umas em cima das outras. Era uma ferveção!

A luz da lua refletida sobre o mar e o branco das ondas que se quebravam atraíam as tartaruguinhas para o lar.

Elas corriam desajeitadamente, de um jeito engraçado, descendo a ladeira em direção da água. Subiam e desciam pela vegetação, raízes e pedras, correndo para o raso espelho de água deixado pela maré, obedecendo a um poderoso instinto que conta mais de cento e vinte milhões de anos. A praia prateada parecia viva com aquele monte de pequenas tartarugas-do-mar fervilhando através dela.

Cara contava os bichinhos enquanto os outros acompanhavam o caminho pela praia, mantendo os caranguejos salteadores afastados. Quando pareceu-lhe que a última tartaruga tinha saído, ela levantou-se, cruzou os braços sobre o peito e olhou para a praia.

Toy andava com calma atrás de um filhotinho, com a pequena Lovie em segurança no seu colo. Perto delas, Fio e Miranda de braços dados, cuidavam de alguns que tinham se distanciado na praia. Linnea, agachada sobre os calcanhares, guiava um filhote perdido na direção do mar. Palmer achava-se de pé ao lado de Cooper, uma das mãos no ombro do garoto e a outra apontando para uma careta. A calça do terno do irmão estava suja de areia até os joelhos, os pés descalços, e ele inclinou-se para falar algo no ouvido do filho. Na linha em que as ondas acariciavam a praia, percebeu a silhueta de Brett, em sua típica posição, com as mãos na cintura.

Caia ficou parada no alto da pequena duna e sentiu a presença da mãe a seu lado. Ouviu-lhe a voz bem junto ao ouvido: *Um dia vai olhar para frente, verá e então saberá.*

Olhou para a cena se desdobrando a sua frente e soube.

Não voltaria mais para Chicago. Ela amava aquele homem do sul e não iria obrigá-lo a abandonar o lugar ao qual os dois pertenciam. Iria ficar na casa da praia com Toy e sua filha, ajudando-as a construir sua vida. Ficaria em paz com Palmer e estaria lá para conviver com os filhos dele. Iria proteger o relacionamento com as pessoas de que gostava do mesmo modo que protegera centenas de pequenas caretas naquele verão. Seria um tipo de esposa, mãe, avó, tia e irmã. Não seria uma família tradicional, mas desde quando ela era tradicionalista?

Com o coração inundado pela luz prateada, desceu a duna. Brett virou a cabeça e acompanhou a solitária travessia dela pela praia em sua direção. Quando chegou perto, estendeu-lhe a mão e ela a pegou.

Eles todos fizeram um semicírculo atrás do último filhote em seu caminho para as ondas. Cara observou o bichinho sentir o gosto do mar pela primeira vez quando uma marola veio acariciá-lo. A areia foi lavada do pequeno casco, revelando a cor marrom-avermelhada. O pequeno animal esticou o pescoço para cima parecendo cheirar o caminho para casa ou ouvir o antigo chamado da grande mãe-tartaruga. Com energia redobrada, foi em frente. Mas foi de novo empurrado para trás por uma segunda onda. Audaciosa, a pequena tartaruga insistiu, impulsionando-se outra vez para adiante.

Outra onda com crista branca apareceu. Cara apertou a mão de Brett. A onda engolfou a tartaruguinha, levando-a para trás em cambalhotas. Dessa vez o instinto dela falou mais alto. Endireitando-se na água, pôs-se a nadar com frenesi para dentro do mar.

Cara deu um silencioso adeus para o último vestígio de uma gloriosa temporada. Avistou a pequenina careta ser levada pela força da maré vazante, depois mergulhar e desaparecer na vastidão do oceano. Então, sorriu.

Dali a vinte anos, quando aquela tartaruga voltasse, e Cara sabia que ela voltaria se Deus quisesse, estaria lá para dar-lhe boas-vindas no retorno ao lar.